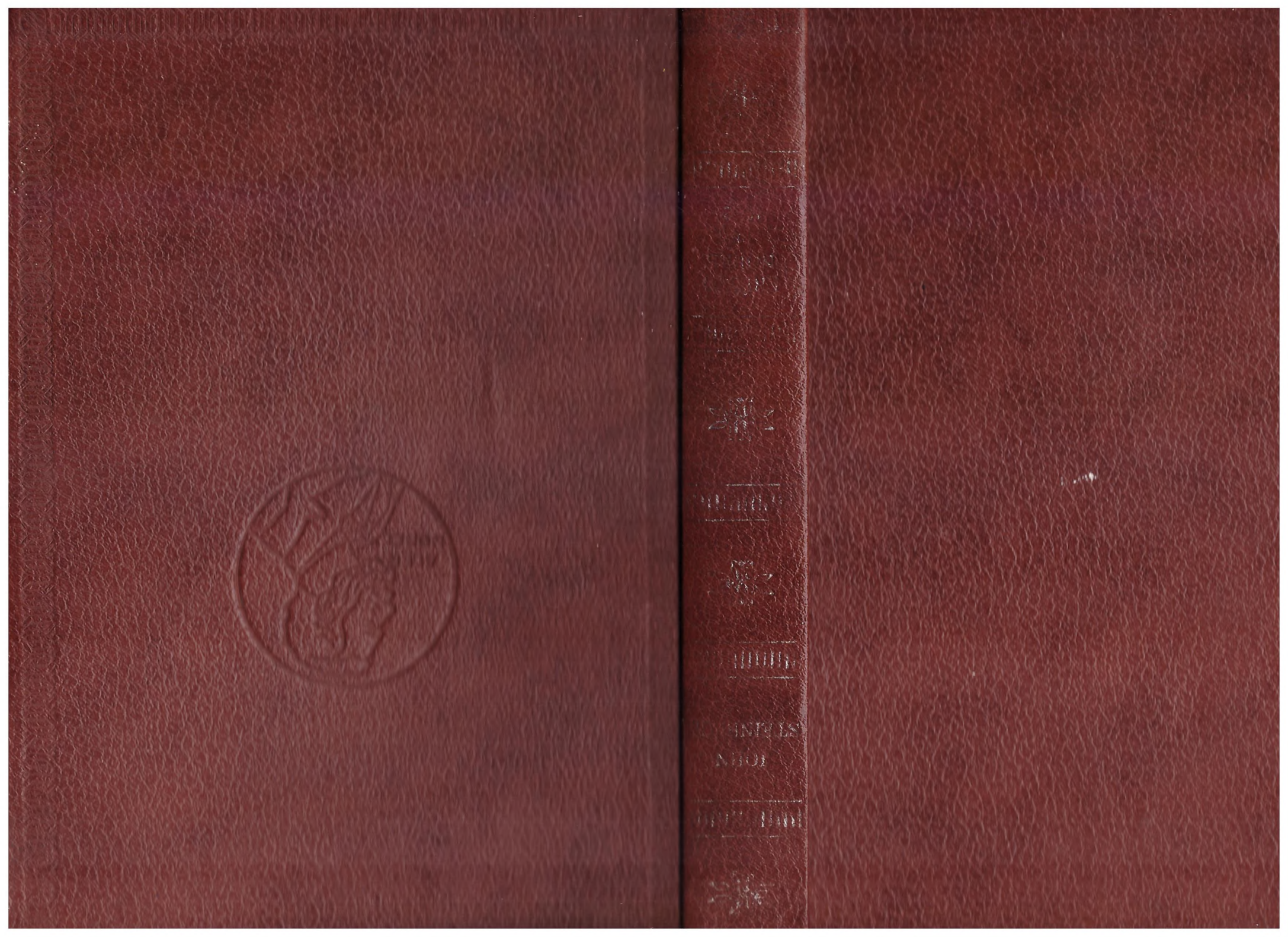


BIBLIOTECA

DOS

PRÊMIOS NOBEL

DE

LITERATURA

patrocinada pela

ACADEMIA SUECA

e pela

FUNDAÇÃO NOBEL

BIBLIOTECA DOS PRÊMIOS NOBEL DE LITERATURA
PATROCINADA PELA ACADEMIA SUECA
E PELA FUNDAÇÃO NOBEL

Prêmio de 1962

JOHN STEINBECK

(ESTADOS UNIDOS)

EDITORA OPERA MUNDI
Rio de Janeiro
1973

JOHN
STEINBECK

BOÊMIOS ERRANTES

Tradução de
EDISON CARNEIRO

Estudo introdutivo de
BROM WEBER

Ilustrações de
FONTANAROSA

EDITORA OPERA MUNDI
Rio de Janeiro
1973

Título do original inglês:

"TORTILLA FLAT"

Todos os direitos desta edição
(introdução, prefácios, notas, tradução,
ilustrações e demais características)
pertencem a
EDITORA OPERA MUNDI

"PEQUENA HISTÓRIA"
DA ATRIBUIÇÃO DO PRÊMIO NOBEL A JOHN STEINBECK

Pelo DR. KJELL STRÖMBERG

Antigo Conselheiro Cultural
da Embaixada da Suécia em Paris

John Steinbeck é o sexto escritor americano distinguido com o Prêmio Nobel. Desde a década de quarenta, havia sido proposto para esta alta recompensa, ao mesmo tempo que dois outros grandes prosadores americanos: William Faulkner e Ernest Hemingway — que deveriam, aliás, obter o prêmio antes dele, o primeiro em 1949, e o segundo em 1954. Já em 1954, se haviam feito ouvir vozes críticas que, sem dúvida, achavam perfeitamente justificado que se honrasse uma vez a nova escola americana, particularmente na pessoa de William Faulkner, pioneiro, com John dos Passos, do romance *modern style*, mas julgavam que seria mostrar demasiada generosidade buscando de novo um laureado no seio dessa mesma escola. Ao lado de Faulkner, verdadeiro artista, Hemingway faria antes o papel de brilhante repórter a serviço das novidades do dia.

A candidatura de John Steinbeck encontrou oposições do mesmo gênero, ainda mais acentuadas. Não obstante, de ano para ano, seu nome era colocado à frente, até pelos próprios membros do alto areópago. Em 1962, malgrado uma concorrência maciça, chegou enfim o dia de glória: a 25 de outubro, a Academia sueca decidiu atribuir o Prêmio Nobel de literatura a John Steinbeck, "por seu estilo literário, simultaneamente realista e de rica imaginação, caracterizado por humor benévolo e clarividência social".

Nada menos de sessenta e seis candidatos disputavam o prêmio e a competição parecia bem intensa. Ora, havia seis anos que a honra vinha pertencendo exclusivamente às literaturas latinas e eslavas — com o espanhol Jimenez, os franceses Albert Camus e Saint-John Perse, o italiano Quasimodo, o russo Bóris Pasternak e o iugoslavo Ivo Andritch. Dado o cuidado que sempre tivera o júri de repartir as oportunidades equitativamente entre as nações, admitir-se-ia como razoável, então, que naquele ano as literaturas anglo-saxônicas retivessem particularmente a atenção dos acadêmicos suecos, tanto mais que os candidatos de valor não faltavam nessa parte do mundo.

Do lado inglês os nomes de Graham Greene, Aldous Huxley e sobretudo de Robert Graves tinham sido apresentados havia muito tempo. A esses três nomes se juntava agora o de Laurence Durrell, autor do famoso ciclo de romances chamado *Quarteto de Alexandria*, que ele concluíra então, e que lhe valera ser aclamado em quase todo mundo — especialmente na Suécia, onde os superlativos fazem parte do estilo habitual da crítica literária — como o romancista mais notável de nossa época.

Nos Estados Unidos havia igualmente embaraço na escolha: se Steinbeck foi preferido a romancistas eminentes como Dos Passos e Thomas Wolfe, ou a poetas líricos, tais, como Ezra Pound, Robert Frost e Carl Sandburg, pode-se supor que não era tanto por seus romances sociais, *best-sellers* no continente americano, mas também e sobretudo porque ele gozava nos países escandinavos de um conceito extremamente favorável, isto depois de haver prestado em seu pequeno romance do ano de 1942, *Noite sem Lua*, uma bela homenagem à Noruega ocupada. Esse romance foi publicado simultaneamente em Estocolmo, Londres e Nova Iorque.

Já no ano seguinte, em 1943, Steinbeck foi proposto pela primeira vez para o Prêmio Nobel, eclipsando assim seus dois confrades e compatriotas, coroados, entretanto, antes dele. Como para Hemingway, o relatório destinado a esclarecer os juízes foi confiado ao velho acadêmico Per Hallström — talvez por ter este passado na América do Norte alguns anos de aperfeiçoamento quando jovem engenheiro recém-formado. De resto sua estada ali coincidiu com o grande êxodo forçado dos camponeses de Oklahoma para a Califórnia, onde os esperava a mais humilhante

escravidão no serviço dos grandes proprietários fruticultores — etapa trágica no processo de industrialização das vastas pradarias das regiões do Oeste, e que causou grande celeuma ao fim do século passado. Esse drama econômico e social é o tema do mais célebre romance de Steinbeck, *As Vinhas da Ira*, aparecido em 1939 e geralmente chamado pela crítica da época *A Cabana do Pai Tomás* do século vinte. Hallström tem muita consideração por esta obra, que submete a uma análise aprofundada. Porém, se reconhece nela a autenticidade dos fatos e a veracidade das descrições, de um realismo muitas vezes cru, acha, por outro lado, a sua psicologia bastante superficial, e a composição geral carece, segundo ele, de um desenvolvimento monumental. Todavia, o conjunto lhe parece "tipicamente americano" e a impressão que domina após a leitura é a "da força e da coragem extraordinárias de uma raça ainda jovem".

O relator ficou bem menos impressionado com os dois primeiros sucessos de livraria de Steinbeck. Nos pândegos mendigos de *Boêmios Errantes*, de 1933, ele não reconheceu os famosos cavalheiros decaídos, mas bons meninos, de Selma Lagerlöf, companheiros de Gösta Berling convertidos em cidadãos americanos. Em *Ratos e Homens*, de 1937, ele não compreende o simbolismo artificial e o fim sentimental o desgosta. Tampouco está inclinado a atribuir uma nota muito alta à reportagem romanesca da guerra na Noruega, *Noite sem Lua*, livro de propaganda feito de encomenda, escrito certamente sem paixão — o ocupante é tratado nele com a mesma indulgência como em *O Silêncio do Mar*, de Vercors — mas também sem vida. Por outro lado Hallström foi tomado de admiração pelos contos apresentados em *O Grande Vale* e sobretudo pela "pequena obra-prima" chamada *A Fuga*, história de um jovem mestiço mexicano em luta com rapazes brancos de má índole — "cume da arte atingida até então por Steinbeck". Em suma, este não estaria ainda amadurecido para uma distinção tal como o Prêmio Nobel, mas suas últimas narrativas — conclui o relator — "permitem esperar, talvez, muito do futuro".

Num segundo relatório, datado de 1949, Hallström exprime uma certa decepção, ainda que constatando que, diante de tantas qualidades assim variadas, uma atitude de expectativa seria sempre justificada. Ora, depois dessa data, Steinbeck produziu muitos

romances que foram bem vendidos, mas nada — segundo o parecer geral — que fosse comparável a suas obras da década de trinta. Seu último romance, *O Inverno de Nossa Desesperança,* publicado em 1961, teria — como disse o Sr. Anders Österling em sua apresentação do laureado no rádio sueco — incitado a Academia a abandonar sua atitude de expectativa e pôr fim a suas hesitações. Entretanto, os receios manifestados além do Atlântico — em seguida a uma intensa campanha da imprensa levada a efeito na Suécia e em outros países — de que as preferências da Academia se voltassem nesse ano para o poeta chileno Pablo Neruda, eram sem dúvida destituídos de fundamento. Não se tinha este, comunista militante, colocado deliberadamente em posição delicada, gabando-se publicamente, no mais forte da crise cubana que opunha de maneira aguda Washington a Moscou, de haver pedido às Nações Unidas que mandassem submeter o Presidente Kennedy a um exame psiquiátrico?

Se a Academia sueca supusera contentar a opinião pública anglo-americana com a escolha de seu laureado, cedo deveria perder suas ilusões, e na Suécia a grita foi geral na imprensa. "Uma escolha pouco interessante", assim o *Svenska Dagbladet,* grande órgão conservador, resume suas considerações sobre um prêmio que teria sido mais defensável vinte anos antes: "um dos erros mais graves que já teria cometido a Academia sueca e que ameaçaria comprometer definitivamente seu prestígio", escreveu o Sr. Artur Lundkvist — antigo Prêmio Stalin — no *Stockholms-Tidningen,* principal órgão socialista.

Entre os grandes diários dos Estados Unidos que se ocupam das coisas do espírito, o *New York Herald Tribune* é quase o único a elogiar sem reserva o laureado, na qualidade de bom filho de um país a que teria servido honrosamente com seus escritos. O *New York Times* lamenta uma escolha que provocaria movimentos diversos em todo o mundo e até mesmo no próprio país do laureado. "Steinbeck é um escritor", declara este jornal, sob a assinatura do professor Arthur Mizener, "cujo talento, real porém limitado, está, nos seus melhores livros, embebido de uma filosofia barata; nos piores, nela se submerge."

Depois da publicação de *As Vinhas da Ira,* afirma esse *high-brow* da crítica, Steinbeck perdeu, praticamente, seus leitores sé-

rios. Sua consagração poder-se-ia explicar de diversas maneiras: seja porque os acadêmicos suecos, como muitos europeus, ignorando tudo que se passou na América depois da década de trinta, se reguiam pelas normas desse tempo em seus julgamentos, especialmente atribuindo uma importância exagerada a toda obra imbuída de um "humanitarismo sentimental" e reconhecendo assim em Steinbeck o digno sucessor de um Jack London; seja porque simplesmente a qualidade de *best-seller,* como no caso de Sinclair Lewis (!), tenha exercido uma fascinação irresistível sobre o alto areópago.

A grande imprensa inglesa não se comove demasiadamente. O *Manchester Guardian* vê em John Steinbeck, "esse amável gigante californiano", o americano médio ideal que fez mais pelo bom nome de seu país, em época de provação, do que toda propaganda oficial. *The Times* toma atitude mais reservada. Sob a rubrica "Tempo da vindima", o grande jornal da metrópole londrina constata secamente que, depois de Faulkner e Hemingway, era inevitável que Steinbeck recebesse, ele também, o Prêmio Nobel. Mais surpreendente era o fato de que ele tivesse tido de esperar tanto tempo sua vez. De qualquer modo, ele desempenhava antes, o papel de último representante de um período já encerrado da história americana, do que o de pioneiro de uma nova era. Nem ele nem seus cinco predecessores americanos podiam pretender a imortalidade. Mas quantos laureados o poderiam, afinal de contas, na coleção disparatada que se havia formado depois daquele erro trágico que fez do *poetastro* Sully Prudhomme — em vez de Tolstoi — o primeiro titular do Prêmio Nobel?

Por outro lado, *The Times Literary Supplement* toma o Prêmio Nobel de Steinbeck como pretexto para um verdadeiro acerto de contas com os distribuidores do Prêmio Nobel de literatura, cujo prestígio desceria cada ano mais, enquanto se podia observar o contrário no que dizia respeito aos prêmios científicos. A dúvida desconcertante que o próprio Sr. Steinbeck exprimiu sobre seu talento seria talvez compartilhada por muitas pessoas, mas o valor do autor de *Vinhas da Ira* saberia se impor. Alguns precedentes — tanto de atribuições como de omissões — tocavam as raias do escândalo. Tornava-se difícil tomar a sério um prêmio literário internacional cujo júri ignorava — deliberadamente ou

não — escritores tais como Valery, Malraux e Brecht, para distinguir autores do gênero Pearl Buck ou Quasimodo. Poder-se-ia compreender, senão justificar, certas omissões: seria o caso por exemplo de Proust, Joyce e D. H. Lawrence, renovadores audaciosos e longamente controvertidos. Mas nem a deferência tantas vezes testemunhada para com as pequenas nações, nem as "manifestações políticas" que se permitira o júri de Estocolmo — preferindo, por exemplo, Pasternak, poeta medíocre, a Cholokhov, legítima glória literária da Rússia soviética — seriam recomendáveis, de acordo com este censor intransigente, que prevê que um dia o Prêmio Nobel não significará mais que uma "cerimônia pomposa, vazia de senitdo" (*hollow pomp*), se se continuar a negligenciar a literatura viva do presente.

A imprensa francesa fez ouvir nota inteiramente diferente. Em *Le Monde,* Marcel Brion, futuro acadêmico, não pôde senão felicitar a Academia sueca por sua escolha, ainda que o laureado tivesse tido por concorrentes na competição "um romancista magnífico como o japonês Kawabata; o inglês Robert Graves, cuja obra é considerável e cujos poemas, na minha opinião, são bem superiores aos romances, enfim, o mui grande Pablo Neruda". O articulista acha que o que se quis celebrar em Steinbeck "é antes de tudo uma obra muito variada, na qual o sentimento poético tem um papel tão importante como as preocupações sociais". Ainda que ele não tivesse "o sopro épico de Hemingway, nem essa aptidão quase visionária de Faulkner para criar um universo inteiro, um mundo em si próprio", Steinbeck seria ainda assim "um grande narrador e nisso reside certamente seu mérito mais extraordinário".

Em *Les Nouvelles Littéraires* o Sr. Raymond Las Vergnas não é menos indulgente: "Se Estocolmo tivesse querido honrar o maior romancista americano vivo, por que não pensaria primeiro em Dos Passos, cuja participação no plano literário e no plano humano foi bem mais notável? Mas de que serve fazer indagações? A escolha está feita: Steinbeck!" O amável comentador francês bem sabe que os *high-brows* americanos durante muito tempo o desprezaram considerando-o apenas um escritor regionalista e um escritor popular, sem mais. Sua opinião está estabelecida: "O que quer que Steinbeck possa vir a ser amanhã, é ele seguramente daqueles que desde agora terão dado o exemplo de uma cólera generosa, de

uma fertilidade de talento bastante rara, da permanência de um nomadismo suficientemente resoluto para estabelecer, sem sequer imaginá-lo, um liame perdurável entre os últimos peles-vermelhas e os primeiros *beatniks*."

Quanto ao próprio laureado, ele comentou seu prêmio e respondeu às críticas com um bom humor e uma serenidade imperturbáveis. "O Prêmio Nobel é uma espécie de *comeback* para mim", declara ele aos jornalistas que vieram colher suas impressões na Embaixada dos Estados Unidos, onde ele os recebeu depois de sua chegada a Estocolmo. À pergunta se se julgava digno do prêmio, ele respondeu formulando uma lista de cinco ou seis confrades e amigos que, a seu ver, seriam, pelo menos, tão dignos: Arthur Miller, Carl Sandburg, John Dos Passos, Erskine Caldwell, Robert Frost, Tennessee Williams... e conclui: "Nunca se obtém o que se merece, e nunca se merece o que se obtém. Recebi e naturalmente aceitei o Prêmio Nobel num estado de choque... Além do mais, teria sido ridículo recusar!"

Ninguém havia ainda dado o exemplo... O honesto Steinbeck não pensara provavelmente no acréscimo de publicidade que poderia assegurar semelhante recusa.

Instalado, com os cinco laureados científicos presentes — todos ingleses ou americanos — no estrado florido do Palácio de Concertos onde teve lugar, como de hábito, a entrega solene dos Prêmios Nobel, o amável gigante rude, muito à vontade no primeiro traje a rigor que jamais vestira e sorrindo com ar desembaraçado dentro de sua barba curta, atraía todos os olhares da elegante assistência.

Em seu discurso em honra de John Steinbeck, o Sr. Österling, secretário perpétuo da Academia sueca, fez questão de protestar contra as críticas da América e de outros lugares, que julgaram observar na produção do laureado sexagenário um enfraquecimento contínuo de sua veia criadora e sublinhou, ainda uma vez, o amor apaixonado por uma verdade sem disfarces e o humor acre que se encontravam em seu último romance, *O Inverno de Nossa Desesperança*, em dose tão forte quanto em *As Vinhas da Ira* e nas suas outras obras, universalmente admiradas, da década de trinta. Visivelmente comovido por esta homenagem tão pessoal, o bom gigante desceu com passo ligeiro a pequena escada para ser

demoradamente cumprimentado pelo rei Gustavo-Adolfo, sob os aplausos calorosos de toda a sala.

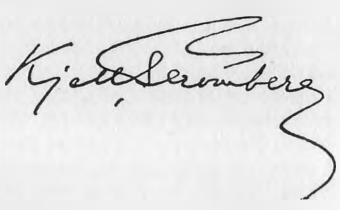
No grande banquete que se seguiu a essa cerimônia na Prefeitura, Steinbeck, tomando a palavra, recordou, com bom humor, uma velha tradição, geralmente respeitada, que quer que o laureado do Prêmio Nobel de literatura se declare indigno desse prêmio que tantos outros teriam merecido mais. Com efeito, em seu foro íntimo, ele tinha certas dúvidas sobre seu merecimento, lembrando-se de colegas que ele amava e respeitava. Por outro lado, exclamou ele, "tanto o Prêmio Nobel como o lugar em que me encontro gozam de tal renome que, em lugar de balbuciar como um humilde ratinho agradecido, sinto-me tentado a rugir como um leão, de orgulho pela minha profissão e pelos grandes homens que a exerceram antes de mim através dos séculos".

Assim entusiasmado, ele continuou: "Os escritores têm uma missão e uma responsabilidade especiais nessa época de medo universal que é a nossa. Esse medo universal, será preciso defini-lo e analisá-lo para o dissipar e, hoje, como sempre na história da humanidade, fazer a luz sobre nossos sonhos obscuros e perigosos, para fortificar-nos, para incitar-nos à luta sem fim, contra a fraqueza e o desespero."

E terminou, para bem definir a tarefa de escritor, parafraseando o começo do Evangelho segundo São João: "No fim é o Verbo e o Verbo está com os Homens e o Verbo é o próprio homem."

Ninguém mais duvidava, entre os talvez oitocentos convivas da festa, de que John Steinbeck, naquele lugar e em tal ocasião, fosse definitivamente *the right man in the right place.*

Tradução de Myriam C. M. Silva



DISCURSO DE RECEPÇÃO

PRONUNCIADO POR

ANDERS ÖSTERLING

POR OCASIÃO DA ENTREGA DO

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

A

JOHN STEINBECK

NO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 1962

Sire,

Excelências,

Minhas Senhoras,

Meus Senhores,

John Steinbeck, o autor que obteve este ano o Prêmio Nobel de Literatura, nasceu na pequena cidade de Salinas, na Califórnia, situada a alguns quilômetros da costa do Pacífico e perto do fértil vale de Salinas, região pitoresca que constitui a tela de fundo de suas numerosas descrições da vida quotidiana popular. Foi educado num meio de pequena burguesia, porém em pé de igualdade com as famílias dos trabalhadores. Teve muitas vezes de ganhar o pão, aceitando trabalhos temporários nas granjas, ao mesmo tempo que estudava na Universidade de Stanford onde, todavia, jamais se apresentou a qualquer exame. Em 1925, foi ter a Nova Iorque, onde tentou viver como escritor independente. Fracassou e, depois de alguns anos de lutas amargas, voltou à Califórnia onde encontrou um lar num cottage *solitário à beira do oceano e onde continuou a escrever.*

Havia já terminado vários livros, quando em 1935, com Boêmios Errantes, *conquistou sucesso popular pela primeira vez. O que ele oferecia a seus leitores eram contos leves e cômicos sobre um bando de* paisanos, *representando indivíduos insociais que, por seu alegre comportamento, se assemelham de maneira burlesca aos Cavaleiros da Távola Redonda do Rei Artur. Foi dito que nos Estados Unidos esse livro havia chegado como um antídoto salutar contra a tristeza que reinava então. De um só golpe Steinbeck colocou a seu lado os que amam rir.*

Mas ele não estava disposto a ser nem um consolador nem um inofensivo propiciador de entretenimento. Ao contrário, os assuntos que havia escolhido eram sérios e reveladores, como por exemplo as greves pungentes nos pomares e plantações de algodão da Califórnia, que descreveu em seu romance Luta Incerta. *Seu gênero literário ganhou constantemente em força no curso desses anos. A pequena obra-prima* Ratos e Homens, *a história de Lennie, o gigante imbecil que por pura ternura sufoca toda criatura viva que cai em suas mãos, foi seguida de novelas incomparáveis que ele reuniu em um volume,* O Grande Vale. *O caminho estava daí em diante traçado para a grande obra que é particularmente associada ao nome de Steinbeck, essa crônica épica,* As Vinhas da Ira, *que conta a emigração forçada de um grupo de pessoas de Oklahoma para a Califórnia, em conseqüência de falta de trabalho e do abuso de poder. Esse episódio trágico da história social dos Estados Unidos inspirou a Steinbeck uma descrição impressionante da vida tal como foi vivida por um homem do povo relatando as aventuras de um fazendeiro e de sua família, no decurso de uma viagem interminável e extenuante em direção a um novo lar.*

Não é possível, nesta breve apresentação, demorarmo-nos longamente sobre cada obra da recente produção de Steinbeck. Se, às vezes, os críticos pareceram notar alguns sinais de enfraquecimento ou de repetição, anunciando um declínio de vitalidade, Steinbeck infligiu forte desmentido a esses receios com O Inverno de Nossa Desesperança, *romance publicado no ano passado, em que atinge o grau de potência alcançado em* As Vinhas da Ira *e, ao mesmo tempo, retoma sua posição de fiel intérprete da ver-*

dade, com uma objetividade instintiva para o que é tipicamente americano, seja bom ou mau.

O personagem central é aqui um chefe de família meio decaído. Depois da guerra ele afunda — por falta de melhor — num emprego de caixeiro de um armazém da cidade de seus antepassados, na Nova Inglaterra. É um homem honesto e que não se queixa sem uma razão válida. Mas, tendo descoberto os meios pelos quais o sucesso material deve ser alcançado, ele fica então sujeito a experimentar uma ausência de escrúpulos e um endurecimento moral, que ameaçam atentar contra a integridade de sua personalidade íntima.

Em sua consciência sensível, tal como um prisma exposto à luz, refletem-se com acuidade os problemas concernentes ao bem-estar da nação, expressos independentemente de qualquer teoria, pela descrição de situações concretas quotidianas, algumas banais, poder-se-ia dizer, porém muito convincentes desde que descritas com toda a inspiração vigorosa e realista de Steinbeck.

A última obra do autor é o relatório de suas experiências no decurso de uma viagem de três meses através de quarenta Estados americanos. O meio de transporte era uma camioneta com uma cabina onde ele dormia e conservava seus mantimentos; viajava incógnito, tendo por companheiro único um caniche *negro. Por aí verificamos a que ponto ele é observador e argumentador experimentado; em uma série de minuciosos estudos do meio, redescobre, por assim dizer, o país e os indivíduos. Sob sua forma desprovida de afetação, esse livro é, ao mesmo tempo, uma crítica violenta à sociedade. O cavaleiro do Rocinante — é assim que êle chama seu carro — tem talvez uma ligeira tendência a louvar o antigo estado de coisas em detrimento do novo, se bem que ele desconfie, evidentemente, desta tentação. "Eu me pergunto por que o progresso se assemelha tão freqüentemente à destruição" diz ele em dado momento, quando vê os* bulldozers *arrasarem as florestas verdejantes de Seattle para dar lugar aos espaços residenciais e aos arranha-céus que proliferam sem cessar. É sobretudo uma reflexão das mais atuais, válida igualmente fora da América.*

Entre os mestres da literatura americana moderna que já obtiveram esse Prêmio — de Sinclair Lewis e Ernest Hemingway — Steinbeck, mais que nenhum outro, continua ele mesmo independente por sua posição e por sua obra. Há nele uma tendência a um humor macabro que, até certo ponto, compensa seus temas muitas vezes cruéis. Sua simpatia se dirige sempre para o oprimido, o inadaptado, o infeliz; gosta de opor a alegria simples da vida à sede brutal e cínica do dinheiro. Porém nele encontramos o temperamento americano expresso também em seu intenso amor da natureza, do solo cultivado, das vastas planícies, das montanhas e das costas oceânicas, toda uma fonte de inspiração inesgotável, misturada ao mundo dos humanos e lhes servindo de fundo.

A exposição de motivos da Academia sueca ao conceder o prêmio a John Steinbeck é a seguinte: "Por seus escritos ao mesmo tempo realistas e imaginosos, notáveis por seu humor benévolo e seu alcance social."

Caro Senhor Steinbeck

Não sois um estranho para o público sueco. Não mais que para o vasto público que conquistastes em vosso próprio país e no mundo. Por vossas obras mais características, tornastes-vos um apóstolo de boa vontade e de caridade, um defensor dos valores humanos, o que corresponde plenamente ao desígnio do fundador do Prêmio Nobel. Exprimindo-vos as felicitações da Academia sueca, rogo-vos agora que vos digneis de receber o Prêmio Nobel de Literatura deste ano, das mãos de Sua Majestade o Rei.

Tradução de Myriam C. M. Silva

VIDA
E OBRA
DE
JOHN STEINBECK

POR

BROM WEBER
Professor da Universidade de Minnesota

JOHN STEINBECK

A vida e a obra de John Steinbeck são por demais proteiformes para se deixarem encerrar em qualquer quadro prematuramente delineado.

Se bem que indubitavelmente americano sob muitos pontos de vista, especialmente o enraizamento de seus antepassados, Steinbeck não está menos inextricavelmente ligado à Europa por suas afinidades estéticas e suas experiências pessoais e mesmo pela reputação que lhe adveio no decurso dos vinte últimos anos. Nem sua obra literária nem sua opinião sobre o papel do escritor são marcadas por uma progressão contínua que seguisse um caminho bem traçado. Steinbeck fez experiências sem limitações, no domínio da forma e do estilo, bem como no dos assuntos tratados. É essencialmente o membro de uma comunidade que ele vê em seu leitor, para cuja consciência individual ele igualmente apela; procurou o anonimato mas ao mesmo tempo se empenhou diretamente na vida pública de seu país natal e nas questões mundiais. Seu humor facilmente mutável e sua conduta imprevisível o cercam de mistério. A confiança fundamental que tem nos valores humanos construtivos ficou, porém, intacta, sua habilidade de escritor não se desmente e os desafios propostos pelo estudo do comportamento dos homens continuam a apaixoná-lo. Contando agora pouco mais de sessenta anos, Steinbeck é, paradoxalmente, um jo-

vem escritor de difícil classificação, cujo passado e futuro têm uma grande importância para a cultura da América e da Europa.

Mocidade e entrada na idade adulta

John Steinbeck nasceu a 27 de fevereiro de 1902, em Salinas, pequena cidade da Califórnia situada num vale do interior. As origens de seus antepassados encontram-se na Alemanha e na Irlanda, bem como na Inglaterra, além de ramificações na Nova Inglaterra. Seu avô paterno, cujo nome de família era originariamente Grossteinbeck, havia emigrado da Alemanha para os Estados Unidos em meados do século dezenove. Antes mesmo de sua chegada à América, havia desposado em Jerusalém uma americana de Massachusetts.

O pai de Steinbeck, John Ernst Steinbeck, nascera na Flórida e vivera depois algum tempo em Massachusetts. Em 1874, de acordo com um tradicional fenômeno da evolução americana, ele partiu para o Oeste, a fim de se estabelecer na Califórnia, à beira do Pacífico. Alguns membros da família iriam imitá-lo tempos depois e deixar também Massachusetts pela Califórnia.

Foi no condado de Monterey, onde nasceu o escritor que ali situaria um bom número de seus romances e novelas, que John Ernst Steinbeck desposou uma professora, Olive Hamilton, cujo pai — por conseguinte o avô materno de Steinbeck — havia emigrado da Irlanda para se instalar em 1851, na Califórnia, onde organizou uma granja. Depois de ter sido moleiro por alguns anos, John Ernst Steinbeck acabou por se tornar tesoureiro do condado de Monterey. A mansão familiar erguia-se em Salinas, sede do governo do condado. Como Steinbeck deveria precisar em 1952, a fim de acabar com a lenda que o fazia filho de operário, sua família pertencia à classe média, antes remediada que pobre.

Se bem que o primeiro livro que Steinbeck publicou, *A Copa de Ouro* (1921), tenha sido um romance histórico cujo herói era um aventureiro inglês imaginário do século dezessete, suas obras

ulteriores deveriam incluir muitas experiências vividas, familiares e pessoais. A história de sua família tem um importante papel em *Ao Deus Desconhecido* (1933) e em *A Leste do Éden* (1952). Seus anos de juventude no vale de Salinas, que uma cadeia de montanhas a oeste separa do oceano e outra cadeia a leste separa do vale central da Califórnia, forneceram ao escritor grande parte de seus dados humanos e sociais, assim como a cor local de certos livros seus, tais como *O Grande Vale* (1938). E acima de tudo, as recordações de infância de Steinbeck, nos campos, nas pastagens e nas colinas, bem como nas praias e nos promontórios do vizinho Pacífico, fizeram nascer nele uma profunda sensibilidade diante dos fenômenos da natureza e um grande amor por seu solo natal.

Em 1919, Steinbeck terminou seus estudos secundários no Ginásio de Salinas, onde, no ano da formatura, foi eleito presidente do grêmio. Desde tenra idade ele satisfazia seu gosto pelos exercícios físicos com a prática de esportes; tomava parte em equipes de basquete e de corrida, salto e lançamento de peso. Completava os estudos devorando os livros da biblioteca bem fornida de seus pais, onde predominavam os grandes autores ingleses e onde ele se imbuiu das duas grandes obras que deveriam influenciá-lo fortemente, tanto pelo espírito como pela forma: a monumental *A Morte de Artur*, de Sir Malory, e a Bíblia, na tradução do rei Jaime.

Estudante pouco assíduo

Assim como um grande número de jovens escritores do período entre as duas guerras, desencorajados pela afetação e pelo conformismo tradicionalista da América de então, Steinbeck não apreciava absolutamente, ao que parece, o ensino oficial. Foi, de 1920 a 1925, estudante de letras pouco assíduo na Universidade de Stanford, que abandonou sem receber seu diploma de licenciado. Entretanto inscrevera-se em cursos que o interessavam, especialmente os de literatura grega e latina, de literatura inglesa e de zoologia elementar. Durante seus anos de estudante, devorou livros americanos e europeus, com preferência pelos romancistas

e poetas ingleses do século dezenove. Mergulhou igualmente nas obras de autores contemporâneos tais como James Branch Cabell, D. H. Lawrence, Robinson Jeffers e Sherwood Anderson, que ele admirava. Nas horas de lazer, escrevia novelas e poemas, que apareciam nos jornais estudantis da Universidade. Para ganhar a vida, ocupou diversos empregos de escritório e trabalhou também como simples operário.

Um começo de vida difícil

Da mesma forma que muitos jovens escritores das gerações de 1910 a 1920, Steinbeck sentia-se muito atraído por Nova Iorque, que era então, como agora, o grande centro da edição americana e um porto de abrigo para os jovens escritores da província, que ali vinham forjar suas primeiras armas. Após ter aí passado, em 1925 e 1926, alguns meses decepcionantes trabalhando como operário de construção, a um dólar por hora, e como repórter do *New York American,* Steinbeck voltou para a Califórnia em 1926. Durante os anos que se seguiram, foi levado a viver em diversas cidades desse Estado, especialmente em São Francisco e perto do lago Tahoe, na Serra Nevada. Foi, a princípio, gerente de chalés de montanha na Serra Alta e depois empregado de uma empresa de piscicultura. Foi durante esses anos que escreveu vários de seus livros, entre os quais *A Copa de Ouro.* Com a publicação deste em 1929, teve início sua carreira de escritor.

Os primeiros romances

A Copa de Ouro apareceu muito oportunamente, em 1929, ano da quebra da Bolsa de Wall Street, que serviria de prelúdio à grande crise econômica e social dos anos de 30. Steinbeck tinha a intenção evidente de apresentar sob a forma de apólogo irônico a futilidade do materialismo avassalador e da economia em expansão, cheia de sua própria importância, características da década de 20. Porém virou-se para o passado, para aí buscar seus personagens, os ambientes e as situações, fazendo de um pequeno gaulês

do século dezessete o personagem central do romance. Os sonhos de glória e de amor de Henry Morgan o levam a uma vida de pirataria e de altas funções e se findam em uma morte ensombrecida pela revelação de que seus sucessos materiais eram sem valor e que sua concepção da glória era uma pobre ilusão. Henry Morgan foi incapaz de aceitar a opção de Merlin, esse poeta e visionário que sabe que os sonhos são apanágios da infância; o homem deve saber se acomodar à realidade da derrota, nobre destino dentro da civilização moderna.

O primeiro romance de Steinbeck não é, literariamente, uma obra-prima. É a obra de um jovem escritor cheio de imaginação e de dons, a que falta, todavia, coerência na construção da intriga e no comportamento dos personagens. *A Copa de Ouro* oscila entre o ódio à rapacidade inumana e uma queda irresistível pelo melodrama exagerado e amoral. As críticas literárias fizeram ressaltar a falta de unidade do estilo, que vai de um maneirismo rococó, no vocabulário e na sintaxe, ao realismo idiomático do naturalismo americano contemporâneo.

Os ecos das abundantes leituras de Steinbeck pululam em *A Copa de Ouro,* sob forma de referências ao mito da Demanda do Santo Graal do Rei Artur, às narrações da guerra de Tróia e à lenda de Fausto. Desde o início de sua carreira, Steinbeck nos aparece como um amador da poesia simbolista e um moralista que recorre a alegorias e busca dispor seus elementos de acordo com os esquemas dos mitos da literatura clássica. Muitas imagens simbólicas e personagens que reaparecerão em sua obra, especialmente o vale e a santa prostituta, fazem sua primeira aparição nesta obra da juventude.

Em Monterey conhece bom número de seus personagens

Em 1930, ano que se seguiu à publicação de *A Copa de Ouro*, o escritor casou-se com Carol Henning e se instalou em Pacific Grove, cidade da costa do Pacífico, situada a oeste de Salinas e ao sul de São Francisco. Os Steinbeck viveram em Pacific

Grove até 1936, ano em que compraram uma granja em Los Gatos, na Califórnia. Foi em Pacific Grove e Monterey, pequena cidade costeira vizinha, que Steinbeck travou conhecimento com um grande número de personagens chamados a figurar em *Boêmios Errantes* e *Caravana de Destinos**.

A mais importante das amizades que o escritor travou durante aqueles anos foi a que o ligou a Edward Ricketts, natural de Chicago, licenciado em ciências pela Universidade de Chicago, que se havia instalado a princípio em Pacific Grove, depois em Monterey, onde morreu de acidente de automóvel, em 1948. Ricketts era proprietário de um laboratório particular de biologia, que fornecia a diversos estabelecimentos escolares e laboratórios de pesquisas peças anatômicas preparadas para a dissecção e lâminas para o estudo ao microscópio. Foi sua grande admiração por Ricketts que Steinbeck exprimiu na homenagem afetuosa que serve de apresentação a *Diário de Bordo do Mar de Cortez* (1951). Parece que Ricketts vivia animado por uma enorme e alegre necessidade de música, mulheres, álcool e aventuras, assim como de devaneios filosóficos sobre a natureza da vida humana e do cosmos. Ele aparece em uma novela de Steinbeck, *A Serpente*, assim como em três romances: *Luta Incerta*, *Caravana de Destinos* e *Doce Quinta-feira*.

"Ao Deus desconhecido", um dos seus mais poderosos romances

A tendência mítico-poética de Steinbeck deu os melhores resultados quando ele escreveu *Ao Deus Desconhecido* (1933), romance que havia começado antes de *As Pastagens do Céu* (1932). Em *Ao Deus Desconhecido*, a aventura americana de expansão para o oeste e a prosperidade material é examinada à luz da mitologia bíblica e européia. Joseph Wayne e seus irmãos chegam à Califórnia vindos da Nova-Inglaterra. Patriarcal, místico e pagão, Joseph domina seus irmãos e também os índios mexicanos que

* Os romances são citados pelos títulos das traduções publicadas no Brasil. (Veja-se a Bibliografia do fim do volume.)

vivem no fértil vale. Tem um amor apaixonado pela terra, um amor ao mesmo tempo místico e carnal que o faz descobrir mensagens nas árvores e nas rochas. Essa beatitude panteísta se quebra quando a seca se abate sobre o vale; a morte se torna a sorte comum dos homens, dos animais e das plantas. Sob a influência de um velho que vive numa falésia a cavaleiro do Pacífico, da qual ele vê o sol morrer todos os dias, e onde assegura seu próprio rejuvenescimento e o do cosmos por meio de sacrifícios de animais, Joseph oferece-se a si mesmo em holocausto. Seu suicídio é seguido de chuvas, que salvam o vale que morria. *Ao Deus Desconhecido* é um dos mais poderosos romances de Steinbeck, sem trechos supérfluos e admiravelmente escrito. Esse cântico à Natureza, mãe nutriz e força destruidora a um só tempo, tem uma intensidade que faz lembrar a prosa ardente de Jean Giono.

A ironia de Steinbeck é pálida e diluída

A força que anima *Ao Deus Desconhecido* parece ter-se moderado em Steinbeck pois *As Pastagens do Céu* é, em comparação, uma obra menor. O título é irônico; o vale onde vivem os habitantes dessas "pastagens celestes" se tornou estéril por causa das fraquezas humanas e dos falsos valores que destroem a vida. Consumidos por seus sonhos derrisórios, seus desejos e fraquezas, esses habitantes são atormentados e destruídos, deixando atrás de si uma carnagem de loucura, de frustração e de vergonha. Ao contrário do Joseph Wayne de *Ao Deus Desconhecido*, eles são destituídos de lirismo e de toda paixão pela natureza. A natureza, eles a aprisionam e desvitalizam; ignoram os ritmos orgânicos da vida e da morte. Mas essa morte em vida é apresentada sem grande convicção, sem cólera para estigmatizá-la. O malogro do livro salta aos olhos quando se o compara a *Winesburg, Ohio* de Sherwood Anderson, ao qual ele se assemelha, tanto pela construção como pela representação caricatural dos personagens. A ironia dos esboços de Anderson vai longe porque as fraquezas dos títeres descritos são as fraquezas do próprio narrador, cuja compaixão e horror não são suscitados unicamente pelos habitantes de Winesburg, mas também por uma fugaz intuição de suas

próprias falhas. A ironia de Steinbeck é, assim, pálida e diluída, pois a única explicação que ele propõe para as aberrações, nas pastagens celestes, é uma maldição que teria sido lançada contra uma granja abandonada desse miserável jardim do Eden. A conquista mais notável do romance é, sem dúvida, a maneira que tem Steinbeck de manejar os homens e os eventos do mundo contemporâneo, etapa de sua evolução que também é manifesta nas novelas que ele escreveu a partir de 1930 e que foram reunidas em volume em 1938, sob o título de *O Grande Vale*.

"Boêmios Errantes", impregnado de um humor dos mais divertidos

O escritor era ainda pouco conhecido em 1935, quando foi lançado *Boêmios Errantes*, romance que lhe valeu excelentes críticas na imprensa, e se vendeu bastante bem. O leitor poderá formar uma opinião sobre este romance nas páginas que se seguem ao presente estudo. Ainda hoje há grandes divergências sobre a significação e a construção do livro. Os primeiros críticos que a ele se referiram tinham a impressão de que Steinbeck se libertara de uma alternativa, glorificando o primitivismo e a bestialidade, opostos aos terrores psíquicos e sociais da vida moderna. Donde lhe adveio, em conseqüência, ser chamado de espírito irrefletido. Porém todos os críticos estão de acordo, e o autor destas linhas lhes dá razão, em ver nesse livro uma obra de humor muito divertido. Entretanto *Boêmios Errantes*, entrecortado de incidentes cômicos e respirando a alegria de uma vida simples, é, no fundo, uma sátira aos conceitos burgueses dos Estados Unidos, que transformaram as pastagens celestes em uma comunidade sem alma. Os *paisanos* de *Boêmios Errantes* apenas extraem da derrota uma vitória passageira, pela sua habilidade em levar às últimas e extremas conseqüências os valores que os degradaram. Seu parasitismo surge assim como uma conseqüência lógica e o julgamento que sofrem da parte de Steinbeck — um julgamento risonho e pleno de simpatia — é uma condenação moral dos *paisanos* em particular e da cultura americana em geral.

"Luta Incerta", obra trágica

Aqueles que leram rindo *Boêmios Errantes* foram brutalmente desiludidos pelo livro seguinte, cujo tema trágico os atingiu em cheio. *Luta Incerta* (1936) relata a história de uma greve de colhedores ambulantes de frutas, conduzida por um comunista, no Vale central da Califórnia. O estilo de Steinbeck aparecia, enfim, despojado de seus ornamentos. De uma forma rigorosa, sem sentimentalismo, limitando-se a dar — salvo nas últimas páginas — o ponto de vista do personagem cuja aventura constitui a trama do romance, Steinbeck mergulhou no furacão da ação política mais profundamente que qualquer outro escritor americano antes ou depois dele. As simpatias de Steinbeck voltavam-se para os operários agrícolas dissidentes, porém, com uma notável independência literária, ele conseguiu mostrar, nessa greve, um campo de batalha microcósmico, onde se defrontam as tendências antagônicas dos homens.

Seus personagens são bem plantados, com detalhes que dão a cada um sua individualidade e, todavia, suas interações permitem a Steinbeck estudar as relações entre o homem e a sociedade, relações que ele estudará mais sistematicamente em *O Mar de Cortez* (1941). Levado a suas conseqüências mais gerais, *Luta Incerta* mostrou a incapacidade do homem de dirigir seu destino individual e social, uma vez que está dividido entre as exigências contraditórias da razão e da emotividade e é incapaz de criar sua própria unidade. A credulidade ingênua dos grevistas, o antiintelectualismo amoral dos comunistas de um lado, e dos proprietários dos grandes pomares, de outro, assim como a compreensão intelectual e objetiva do Dr. Burton, ilustram a desintegração do homem moderno em período de crise.

Subitamente, torna-se "best-seller"

Com *Ratos e Homens* (1937), Steinbeck se tornou um personagem em evidência no mundo literário americano. Escolhido pelo Clube do Livro do Mês para uma de suas edições de grande

difusão, o romance tornou-se *best-seller* e assegurou a Steinbeck uma situação econômica confortável. Antes do fim do ano, 150.000 exemplares estavam já vendidos. Pouco antes da publicação, o autor havia dito a seu amigo Laurence Clark Powell que esperava jamais se tornar um escritor de grandes tiragens: "Um só *best-seller* pode destruir para sempre um escritor". Expôs-lhe, então, as razões que o faziam preferir um pequeno público de 20.000 leitores fiéis, que asseguram a um autor a possibilidade de continuar a escrever sem fazer concessões, inevitáveis quando se é levado a dirigir-nos a um público mais vasto. Porém o sucesso do livro, bem como sua adaptação para o teatro, fizeram-no passar, inelutavelmente, à categoria dos romancistas de sucesso. A peça, apresentada na Broadway, foi a primeira experiência teatral de Steinbeck. Ele fizera a adaptação em colaboração com George S. Kaufman, autor dramático experimentado e muito conhecido. A peça foi designada pelo *New York Drama-Critics Circle* como a melhor da temporada 1937-1938 e Hollywood dela extraiu um filme.

Steinbeck tinha a intenção de fazer uma peça de teatro em forma de romance, com *Ratos e Homens*. Conseguiu-o, começando cada capítulo por uma espécie de introdução que situa o ambiente, passando logo rapidamente a diálogos apenas entrecortados de passagens narrativas. A textura da obra é antes delgada que sutil. A compaixão de Steinbeck pelos homens desfavorecidos, quer no plano social quer fisicamente, comove no primeiro momento, mas as qualidades líricas de seus sentimentos são seriamente prejudicadas pelo sentimentalismo subjacente.

Consagrado grande romancista por "As Vinhas da Ira"

A profundidade e densidade da trama de *Luta Incerta* reaparecem em *As Vinhas da Ira* (1939), que encerra o ciclo de livros em que o escritor se inclina sobre a vida dos trabalhadores agrícolas ambulantes da Califórnia. *As Vinhas da Ira* consolidaram a sua situação como grande romancista americano. Trabalhou durante muito tempo nesse livro, ao qual incorporou elementos de

estudo que havia começado em 1936 sobre a economia rural da Califórnia, acrescidos dos resultados de estudos posteriores. Da mesma forma que, no seu tempo, *A Jângal* de Upton Sinclair havia concentrado a atenção do país inteiro sobre a indústria de conservas de carne e suscitara uma nova legislação de âmbito federal, *As Vinhas da Ira* constituíram um elemento de escândalo. O romance despertou o interesse de todos os americanos sobre as condições de vida dos trabalhadores agrícolas ambulantes da Califórnia, e contribuiu para provocar um inquérito do Congresso sobre os campos de trabalho. Ele trouxe também para o seu autor uma extraordinária publicidade, pois seu nome era discutido em toda parte, arrastado na lama por uns, exaltado por outros. O próprio livro foi freqüentes vezes colocado no Índex, e por vezes destruído, o que contribuía a elevar o número de vendas. Na Califórnia, o Conselho de Administração do condado de Kern decidiu interditar o livro em todas as bibliotecas públicas e escolares, alegando tratar-se de "propaganda obscena e mentirosa". Fizeram-se igualmente esforços para excluir a obra de todos os estabelecimentos de ensino e de todas as bibliotecas do Estado.

Os anos de guerra

Em março e abril de 1940, Steinbeck participou com seu amigo Ricketts de uma expedição marítima pelo golfo da Califórnia. Os resultados da expedição, tanto científicos como filosóficos, foram publicados em 1941, em uma obra em colaboração, *O Mar de Cortez*. Fora artigos para jornais e alusões feitas em introduções e prefácios, *O Mar de Cortez* é a única obra onde se encontra uma exposição sistemática das idéias de Steinbeck, tais como ele as formulara, ao cabo de dez anos da atividade literária. Muitos conceitos que preocuparam os críticos de sua obra, inclusive as teorias sobre o pensamento não teológico, a coletividade e a unidade cósmica, são desenvolvidos neste livro. Para ser justo, é preciso acrescentar que, de um modo geral, a exposição de Steinbeck dá suas tomadas de posição por volta do ano de 1940, e que não convém a ela recorrer automaticamente para nos guiarmos

na concepção do mundo que aparece como base de sua obra posterior, notadamente em seus livros aparecidos depois de 1950. Além disso, toda pessoa que lê o livro atentamente pode constatar que Steinbeck — malgrado seu esforço para dar um fundamento racional a seus romances e novelas — oferece um pensamento filosófico tão impreciso como o de Hemingway em *Morte na Tarde*.

Colaborador dos serviços oficiais americanos

Os outros escritos que Steinbeck produziu durante os anos de guerra representam a contribuição de sua situação pessoal e de seu talento de jornalista à causa dos Estados Unidos e de seus aliados. A pedido da *Army Air-Force*, escreveu *Larguem as Bombas* (1942), destinado a fazer conhecer aos americanos as condições reais do treinamento e da formação dos diversos membros da equipagem de um avião de bombardeio, chamados a executar missões coletivas.

Ainda a pedido de uma repartição oficial, o *Office of Strategic Services*, Steinbeck escreveu *Noite sem Lua* (1942), que a princípio era romance, depois se transformou em peça e afinal num filme rodado em Hollywood. *Noite sem Lua* foi acolhido com reservas, tanto nos Estados Unidos como no estrangeiro. De um modo geral, todos concordavam com os sentimentos antifascistas expressos pelo autor. As restrições eram feitas à qualidade literária da obra e à maneira como Steinbeck apelava para o sentimentalismo; acharam alguns que os personagens eram apenas abstrações desprovidas de qualquer complexidade humana, tanto no que se refere aos fascistas como aos antifascistas descritos.

Correspondente de guerra

Ao fim da primavera de 1943, embarcou para a Europa como correspondente de guerra do *New York Herald Tribune*. De junho até dezembro, enviou artigos da Inglaterra, África e Itália. Mas

foi apenas em 1958 que ele reuniu esses artigos, sob o título *Era uma vez uma Guerra.*

Em 1941, o escritor e sua primeira mulher, Carol Steinbeck, separaram-se. Um ano mais tarde, a Sra. Steinbeck obteve o divórcio, alegando que o marido a deixava só com muita freqüência. Steinbeck casou-se, novamente, em março de 1943, com Gwyn Conger, de Los Angeles. Dois filhos, os únicos de Steinbeck, nasceram desse segundo casamento, que coincidiu com outro grande acontecimento em sua vida: após ter vivido na Califórnia desde seu nascimento, em 1902, atravessou o continente e foi instalar-se em Nova Iorque.

O segundo casamento de Steinbeck encerrou-se também com um divórcio, em 1948. Em dezembro de 1950, ele desposou Elaine Scott, ex-esposa de Zachary Scott, ator de teatro e cinema. Steinbeck consagrou páginas comovidas a sua vida com a mulher e o filho. A esposa o acompanhou em suas viagens fora das fronteiras americanas. Faz agora muitos anos que os Steinbeck vivem em Manhattan. Moraram também, sobretudo durante os penosos verões nova-iorquinos, numa casa em Sag Harbour, Long Island, onde Steinbeck pôde pescar, velejar e escrever. O ambiente e os habitantes de Sag Harbour forneceram-lhe os elementos de *O Inverno da Nossa Desesperança* (1961).

As obras de após-guerra

Entre 1945 e 1961, o escritor publicou oito romances, muito diferentes uns dos outros no estilo, na construção e no espírito. A maior parte desses romances alcançou grandes tiragens; vários deles apareceram, em publicação prévia, em periódicos de grande difusão; de alguns Hollywood extraiu filmes. Porém, se os livros do escritor continuavam a ter numerosíssimos leitores, os críticos, que haviam tido em tão grande conta seus romances de antes da guerra, mostravam-se bem mais reservados.

Injustiça da crítica

No conjunto, pode-se dizer que os críticos se mostraram decepcionados com seus romances posteriores à guerra porque, a seu ver, Steinbeck não mais produzia verdadeira literatura. Um romance como *A Pérola* (1947) foi qualificado como um encorajamento ao derrotismo e à aceitação do *statu quo*; *A Leste do Éden* (1942) foi taxado de intelectualismo superficial e de confusão moral; censurou-se *O Destino Viaja de Ônibus* (1947) por sentimentalizar os seres primários e fazer alarde de religiosidade; *Caravana de Destinos* (1945) e *Doce Quinta-feira* (1945) foram considerados como diluições que exploravam o filão de *Boêmios Errantes*, porém sem o vigor satírico do original. A decepção dos críticos chegou ao ponto de torná-los incapazes de fazer justiça à alta qualidade da sátira humorística do *Reino Efêmero de Pepino IV* (1957).

Propuseram-se as mais diversas explicações para os alegados fracassos de Steinbeck. Deixando a Califórnia em 1943, êle se teria desligado do meio e do povo que haviam despertado seus dotes de criação. Sua concepção do homem, considerado como entidade biológica, o teria levado a desumanizar seus personagens. Suas idéias sobre a moral seriam de espírito vitoriano, o que o deixava despreparado para enfrentar o caos moral dos Estados Unidos contemporâneos. Sua fidelidade às formas tradicionais do romance e aos mitos tradicionais teriam tornado sua sensibilidade impermeável às experiências novas. A acusação mais grave era a que se fazia à atitude de Steinbeck diante do materialismo e do enriquecimento, que ele continuava a estigmatizar sem descanso em seus romances. Disseram que o sucesso financeiro o havia feito esquecer seu antigo desgosto pelo prestígio pessoal e pelo dinheiro, e que ele havia se tornado um desses escritores que trabalham em estreita colaboração com os diretores de jornais, os produtores de cinema, os editores e agentes literários e que já não escrevia para responder a um apelo profundo e para afirmar suas grandes convicções pessoais.

Malgrado os ataques, conserva o seu equilíbrio diante do sucesso

A meu ver, é mais construtivo reconhecer que o futuro de Steinbeck como escritor é prometedor, que se dizer em acordo ou desacordo com as críticas que lhe são feitas. *O Inverno da Nossa Desesperança* (1961) prova que ele foi muito clarividente no que diz respeito ao prêmio cuja repercussão precisaria talvez pagar caro. De mais a mais, este romance revolve os problemas morais de seu herói com uma profundidade, uma perspicácia e uma riqueza de estilo muito superiores a tudo que se pode encontrar em qualquer dos romances publicados por Steinbeck desde 1949. Em *Viagens com Charley* (1962), o romancista admitia ter perdido contato com as realidades da vida americana depois de um quarto de século. Viajando pelo país em companhia de seu cão, começou a interrogar a si mesmo sobre os problemas da comunicação. "É possível", perguntava ele, "que um homem que não tem ninguém a quem dizer alguma coisa não encontre palavras, na medida em que ele não tem necessidade de palavras?" As viagens de Steinbeck e o fato de se propor ele tais questões contêm uma promessa de renascimento de seu espírito criador.

Honrarias

Malgrado os ataques dos críticos, Steinbeck recebeu nos Estados Unidos numerosas distinções que atestam sua importância como artista e como personalidade em evidência. Bem cedo, em 1935, recebera a Medalha de ouro do Commonwealth Club de São Francisco, por *Boêmios Errantes*. Novamente recebeu a mesma honraria no ano seguinte, por *Luta Incerta*. Em janeiro de 1939, antes da publicação de *As Vinhas da Ira*, foi eleito membro do *National Institute of Arts and Letters*, juntamente com William Faulkner.

Em 1940 a união de editores da América concedeu sua recompensa anual a Steinbeck "por ter escrito o melhor livro da temporada". O periódico *Social Work Today* concedeu-lhe sua pri-

meira recompensa anual, destinada a honrar aquele que fosse o melhor intérprete de uma necessidade social ou econômica insatisfeita. Em maio, o escritor recebeu a mais célebre recompensa literária da América, o Prêmio Pulitzer, concedida ao melhor romance americano do ano. Ainda em 1940, foi felicitado pela Sra. Roosevelt, que fazia então uma viagem de estudo nos campos de trabalho dos operários errantes, acampados no vale de São Joaquim, na Califórnia, pela justeza e o tom de *As Vinhas da Ira*. Em setembro do mesmo ano, foi recebido na Casa Branca a convite do Presidente Roosevelt.

Em 1948, o prestígio que continuava a manter na literatura americana o fez eleger para a *American Academy of Arts and Letters*, uma vez mais juntamente com William Faulkner. O número de membros da *American Academy* é limitado a 50, escolhidos entre os 250 membros do *National Institute of Arts and Letters*.

Ingresso no cenário político

No início da década de 50, quando os liberais e seus adversários se defrontavam violentamente no cenário político americano, Steinbeck encontrou-se mergulhado na ação política. Sua família pertencia, por tradição, ao Partido Republicano; como ele escreveria em *Viagens com Charley* (1962), suas irmãs, que haviam ficado na Califórnia, sustentavam com ardor a candidatura do republicano Richard Nixon, em 1960, malgrado as tomadas de posição de Steinbeck em favor de John F. Kennedy. O interesse de Steinbeck pela política tornou-se publicamente notório em 1952, no decorrer da campanha presidencial de Adlai Stevenson, candidato do Partido Democrata. Com Herman Wouk, o romancista popular, Steinbeck assinou um apelo aos eleitores, pedindo-lhes que votassem em Stevenson e não em Dwight D. Eisenhower, candidato dos Republicanos. Foi também um dos noventa e dois escritores célebres, entre os quais Pearl Buck, John Hersey e Carl Sandburg, que acusaram os jornais e periódicos americanos de terem ludibriado seus leitores por meio de reportagens e relatórios

falsificados, para prejudicar a campanha de Stevenson. Além disso prestou ainda seu concurso a Stevenson de várias maneiras durante a campanha presidencial. Sua contribuição mais notável foi a preparação dos discursos que o candidato deveria pronunciar. Em 1957, Steinbeck declarou em Copenhague, a um jornalista que o entrevistava a esse respeito, que havia aceito a tarefa de escrever como mero auxiliar porque Stevenson, ainda que bom escritor, tinha uma tendência a se exprimir de maneira por demais intelectual para ser compreendida pela massa de eleitores. Acrescentou que além da redação de alocuções num estilo "popular", para apresentar os argumentos do candidato, havia tomado parte na elaboração do programa político exposto por Stevenson.

Malgrado o fracasso das duas campanhas presidenciais de Stevenson, em 1952 e 1956, Steinbeck associou-se a Archibald Mac Leish, a Reinhold Niebur e a outras personalidades, para uma terceira candidatura de Stevenson, em 1960, enquanto que o partido democrático inclinava-se para a designação de John F. Kennedy.

A repercussão internacional de suas viagens

Enquanto as viagens que Steinbeck fizera ao exterior, anteriormente a 1945, haviam sido, ainda que prolongadas, viagens sobretudo particulares, com exceção de suas reportagens de correspondente de guerra, as que ele fez em seguida tiveram muitas vezes repercussão internacional. Durante o fim do verão e o começo do outono de 1947, Steinbeck e o fotógrafo Robert Capa fizeram juntos uma viagem à U.R.S.S., como enviados especiais do *New York Herald Tribune*. Os artigos do escritor foram, mais tarde, reunidos em volume, sob o título de *Diário Russo* (1948), ilustrados com as notáveis fotografias de Robert Capa. Em março de 1948, foi feita grande publicidade em torno de um artigo do *Izvestia*, o grande jornal de Moscou, que acusava Steinbeck de haver deturpado os fatos em sua reportagem. Dois anos mais tarde, Steinbeck se viu "associado" a Gide, Malraux, Upton Sinclair e

Sartre, pelo compositor soviético Dimitri Chostakovitch, que os acusava a todos de "fazedores de guerras".

À medida que se desenvolvia seu interesse pelas questões internacionais, Steinbeck falava cada vez com mais liberdade, mesmo no estrangeiro, dos graves problemas do mundo. Em 1952, durante uma estada na Itália, lançou-se numa espetacular polêmica de imprensa contra os comunistas italianos, que acusava de caluniar gratuitamente a moral e o comportamento dos jovens americanos que prestavam serviço militar na Europa. Afirmava outrossim que a acusação, lançada contra a América, de fazer guerra bacteriológica na Coréia, era sem fundamento. Os únicos "germens" lançados pela aviação americana, assegurava ele, eram os germens da verdade, que se encontravam nos folhetos de propaganda.

Prestígio de sua obra na Europa

Durante os anos de após-guerra, Steinbeck adquiriu grande prestígio, na Europa e no resto do mundo, como escritor e pensador. Começou-se a traduzir e a discutir suas obras, sobretudo aquelas que, como *As Vinhas da Ira*, propunham uma visão "do interior" da vida americana, e aquelas que, como *Noite sem Lua*, refletiam a atitude de um americano típico diante da vida e dos problemas da Europa. Naqueles países que começavam a se dar conta de que uma literatura americana havia estado em gestação no período entre as duas guerras, a obra de Steinbeck assumiu um lugar importante. Foi colocado à altura de grandes romancistas como Ernest Hemingway, William Faulkner, John Dos Passos e Erskine Caldwell. Estudava-se-lhe a obra, na qual se via a revelação da maturidade da literatura americana, e de sua nova contribuição; críticos literários de prestígio louvavam-lhe a profundidade e a realização. Como as obras de outros escritores americanos contemporâneos, seus livros foram propostos como modelos e sua influência é reconhecível nos romances de vários escritores europeus.

Desde 1945, correu a notícia de que Steinbeck era um dos mais prováveis laureados do próximo Prêmio Nobel de Literatura, sendo os outros "possíveis" C. F. Ramuz, Jules Romains e Gabriela Mistral. Steinbeck não foi coroado em 1945 mas, em 1946, foi condecorado com a Cruz da Liberdade pelo rei Haakon da Noruega. Rendia-lhe assim a Noruega uma homenagem pela descrição feita, em *Noite sem Lua*, dos movimentos de resistência norueguesa sob a ocupação alemã, durante a segunda guerra mundial.

Seus livros publicados em 37 países

É inegável a popularidade extraordinária de Steinbeck fora dos Estados Unidos, pois um grande número de suas obras tem sido traduzido, publicado e vendido em países de língua não inglesa. Entre 1948 e 1962, seus livros foram traduzidos e publicados em trinta e sete países. O número total de línguas para as quais Steinbeck foi traduzido é de trinta e três. Em primeiro lugar, nessas traduções, vem a Turquia, seguida da Dinamarca, Alemanha, Japão e França. O livro mais traduzido é *A Pérola*, seguido de perto por *As Vinhas da Ira. Boêmios Errantes* vem em quinto lugar entre os livros de Steinbeck publicados em tradução. O livro menos publicado é *Diário Russo*. Para terminar, é preciso notar que os únicos países nos quais *Diário de Bordo do Mar de Cortez* apareceu em tradução, entre 1951 e 1962, foram a Suécia, a Noruega e a Dinamarca. Lembremos que esse livro, editado em 1951, representa o pensamento filosófico de Steinbeck formulado dez anos antes.

Suprema consagração: O Prêmio Nobel de Literatura

Em 1962, com a idade de 60 anos, John Steinbeck recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, juntando-se assim a Ernest Hemingway e William Faulkner, os dois outros grandes escritores americanos que, como ele, haviam encetado a carreira das letras no período entre as duas guerras. Na época em que recebeu o prêmio, Steinbeck gozava de vasta popularidade como escritor, tanto

nos Estados Unidos como no resto do mundo. Em seu país natal, dezessete de seus livros estavam à venda nas livrarias; doze em edições encadernadas e quinze em brochuras. 10.500.000 exemplares de seus livros haviam sido vendidos, somente em "livros de bolso", em 1962.

As honras continuaram a afluir para Steinbeck após o recebimento do Prêmio Nobel. Em maio de 1963, foi nomeado "consultor honorário" de literatura americana, pelo período de três anos, da Biblioteca do Congresso em Washington. Entre outros escritores com as mesmas funções, na mesma época, estava a romancista Katherine Anne Porter, o dramaturgo Elmer Rice e o poeta Richard Eberhart, seus contemporâneos, bem como o romancista Saul Bellow, da geração mais jovem.

Pelo fim do outono de 1963, o nosso autor emprendeu uma viagem de nove semanas pela Europa, visitando a Finlândia, Rússia, Polônia, Áustria, Hungria, Tchecoslováquia e Alemanha. Essa viagem foi organizada em execução de um programa de intercâmbio cultural do Departamento de Estado Norte-americano, destinado a permitir aos intelectuais americanos visitar a Europa e aos intelectuais europeus irem aos Estados Unidos. O fim dessas viagens era aumentar as trocas de idéias diretas entre escritores e estudantes que, sem isso, corriam o risco de não apreciar devidamente o pensamento de seus contemporâneos de outras nações. Steinbeck discutiu livremente com escritores e estudantes nos países que visitou. Os jornalistas ressaltaram que sua ausência de pretensão, unida à franqueza brutal com a qual ele exprimia suas opiniões, lhe ganhou a estima até mesmo daqueles que dele discordavam.

Alvo das mais altas distinções

Em julho de 1964, Steinbeck foi um dos vinte e cinco americanos que receberam a medalha da Liberdade das mãos do presidente Lyndon B. Johnson. Criada em 1945 para recompensar os méritos excepcionais de civis, durante a segunda guerra mundial,

essa condecoração, a partir de 1952, tem-se destinado a premiar a contribuição de civis à segurança nacional em tempo de paz. Por iniciativa do presidente John Kennedy, a medalha da Liberdade constitui, desde 1963, uma distinção anualmente concedida pela Casa Branca aos que tenham contribuído de maneira importante para o prestígio dos Estados Unidos.

Antes de receber a Medalha da Liberdade, Steinbeck havia sido nomeado co-administrador da Biblioteca do Memorial de John F. Kennedy, destinada a perpetuar a lembrança do Presidente assassinado. Entre os nomes de outros administradores distinguem-se os de personalidades como o ministro Earl Warren, da Côrte Suprema, o general Douglas Mac Arthur, o cardeal Cushing, o antigo secretário de Estado Dean Acheson, e representantes de diversos ramos de atividade do país.

O futuro literário de Steinbeck

Depois da publicação de *Viagens com Charley* (1962), Steinbeck não produziu nenhum texto importante, de ficção ou outro qualquer. O que o futuro reserva a seus leitores e à crítica, só ele sabe. O conteúdo de suas declarações aos escritores russos que o interrogaram em Moscou, durante sua viagem de 1963, mostra que John Steinbeck guardou intacto seu vigor espiritual, sob todos os pontos de vista. À pergunta sobre se preferia ser compreendido pelos leitores contemporâneos, ou daqui a 3.000 anos, não hesitou em estabelecer sua preferência pela comunicação com seus contemporâneos. Ao mesmo tempo, malgrado seu desejo de ser compreendido em vida, Steinbeck insistiu, paradoxalmente, em sua necessidade de escrever de modo experimental. "Não há dois romances iguais em minha obra", sublinhou. Seria fútil, nessas condições, esperar-se um romance semelhante aos que ele escreveu na década de 30; e, pela lógica, não devemos tampouco esperar dele réplicas daqueles que escreveu entre 1940 e 1960. A atitude mais sensata é, pois, prepararmo-nos para uma surpresa. Temos, porém, o di-

reito de esperar que seja a obra de um escritor que terá explorado a vida humana com simpatia e integridade, em profundidade, e a apresentará em um estilo — ornamentado ou simples — que terá sido cuidadosamente polido. John Steinbeck mostrou-se capaz de atingir esse alto nível no passado, portanto nossa esperança exprime tanto nossa confiança como nossos desejos.

Tradução de Myriam C. M. Silva

JOHN
STEINBECK

BOÊMIOS ERRANTES

NOTA

Quando este livro foi escrito, não me ocorreu que os "paisanos" fossem curiosos ou singulares, desanimados ou desconsolados. São gente que eu conheço e amo, gente que se funde perfeitamente bem no seu *habitat*. Nos homens isto é chamado filosofia — e é uma bela coisa.

Tivesse eu sabido que estas histórias e esta gente seriam consideradas singulares, acho que jamais as teria escrito.

Lembro-me de um garoto, um amigo de escola. Chamávamo-lo "piojo". Era moreno, belo, gentil. Não tinha pai nem mãe — tinha apenas uma irmã mais velha, que amávamos e admirávamos. Nós a chamávamos, com muito respeito, uma mulher-que-recebia-visitas. Tinha as faces mais rosadas da cidade e fazia sanduíches de tomate para nós, algumas vezes. Ora, na pequena casa em que ela e o "piojo" viviam, a torneira da pia estava quebrada. Um pedaço de pau fora enfiado no encanamento para que a água não se escapasse. A água para cozinhar e para beber era retirada da privada. Havia, no chão, uma panela de estanho, com um longo cabo, para retirar água. Quando a água estava no fim, bastava puxar a descarga e encher novamente a privada. Ninguém tinha permissão para usar a privada como privada. Uma vez, quando atiramos uma turma de rãs dentro da privada, a mulher-que-

-recebia-visitas pintou o diabo conosco e, depois, abriu a descarga, afogando os nossos bichos no esgoto.

Talvez isto seja chocante. Mas não me parece chocante. Talvez seja curioso — que Deus nos ajude! Estive submetido à decência por muito tempo e ainda não posso pensar na mulher-que-recebia-visitas como (oh, a mais terrível de todas as palavras!) uma prostituta, nem nos inúmeros "tios" do "piojo", esses homens alegres que por vezes nos davam níqueis, como seus fregueses.

Tudo isso vem à baila para dizer que isto não é uma introdução, mas uma conclusão. Escrevi estas histórias porque eram histórias verdadeiras e porque me agradavam. Mas os literatos receberam esta gente com a vulgaridade de duquesas que se divertem e se lamentam por causa dos camponeses. Estas histórias estão na rua — e nada posso fazer. Mas nunca mais submeterei ao contato vulgar das pessoas "decentes" essa boa gente da alegria e da bondade, dos desejos honestos e dos olhares diretos, da cortesia para além da polidez. Se lhes causei algum mal, contando algumas das suas histórias, que me perdoem. Isso não acontecerá novamente.

Adiós, Monte.

JOHN STEINBECK.

Junho de 1937.

Prefácio

Esta é a história de Danny, dos amigos de Danny, da casa de Danny. É a história de como essas três coisas se tornaram uma coisa só, de modo que se, em Tortilla Flat, você falasse da casa de Danny, não estaria pensando numa estrutura de madeira com uma antiga roseira não aparada de Castela. Não, quando você fala da casa de Danny entende-se que se refere a uma unidade cujas partes são homens, de onde vieram doçura e alegria, filantropia e, por fim, um místico pesar. Sim, a casa de Danny não deixava de se parecer com a Távola Redonda e os amigos de Danny não deixavam de se parecer com os seus cavaleiros. E esta é a história de como esse grupo chegou à existência, de como floresceu e cresceu até se transformar numa bela e sábia organização. Esta história conta as aventuras dos amigos de Danny, o bem que fizeram, os seus pensamentos e os seus esforços. Por fim, esta história conta como se perdeu o talismã e como o grupo se desintegrou.

Em Monterey, a velha cidade da costa da Califórnia, estas coisas são bem conhecidas e repetidas e por vezes exageradas. É de utilidade que elas sejam postas em letra de forma, da maneira que, no futuro, os *scholars*, ouvindo as lendas, não possam dizer como dizem de Artur, de Orlando e de Robin Hood: "Não houve

Danny, nem nenhum grupo de amigos de Danny, nem nenhuma casa. Danny é uma divindade natural e os seus amigos são símbolos primitivos do vento, do céu, do sol". Esta história tem por fim afastar, agora e sempre, dos lábios carrancudos dos *scholars*, os ritos de desprezo.

Monterey fica nas faldas de uma colina, com uma baía azul abaixo e uma floresta de altos e negros pinheiros atrás. As partes baixas da cidade são habitadas por americanos, italianos, pescadores e enlatadores de peixe. Mas, na colina, onde a floresta e a cidade se misturam, onde as ruas estão inocentes do asfalto e as esquinas livres de iluminação pública, os velhos habitantes de Monterey estão entrincheirados, como os antigos bretões estão em Gales. Estes são os "paisanos".

Vivem em velhas casas de madeira dentro de cercados cobertos pelo mato, e os pinheiros da floresta se propagam na direção das casas. Os "paisanos" estão limpos de comercialismo, livres dos complicados sistemas de negócios americanos e, nada possuindo para ser roubado, explorado ou hipotecado, esse sistema não os atacou muito vigorosamente.

Que é um "paisano"? É uma mistura de espanhol, índio, mexicano e várias espécies de sangue caucásico. Os seus antepassados viveram na Califórnia por cem ou duzentos anos. Fala inglês com sotaque de "paisano" — e espanhol com sotaque de "paisano". Quando interpelado a respeito da sua raça, indignadamente fala do seu puro sangue espanhol e levanta a manga do paletó para mostrar que a pele do seu braço é quase branca. A sua cor, tal como a de um cachimbo bem escuro de sépia, ele a atribui ao sol. É um "paisano" e vive nesse distrito da colina, acima da cidade de Monterey, que se chama Tortilla Flat, embora nada tenha de uma planície.

Danny era um "paisano", criado em Tortilla Flat. Todos gostavam dele, mas ele não podia suportar, particularmente, a gritaria das crianças de Tortilla Flat. Era parente de quase todo mundo no Flat, pelo sangue ou pelo amor. O avô era um homem importante, que possuía duas pequenas casas em Tortilla Flat e era respeitado pela sua riqueza. Se o adolescente Danny preferia dormir na floresta a trabalhar nos "ranchos" e arrancar o seu pão e o seu vinho de um mundo pouco amável, não era porque não

tivesse parentes influentes. Danny era pequeno, escuro e esperto. Aos 25 anos, as suas pernas se inclinavam com a exata curvatura dos flancos de um cavalo.

Ora, quando Danny estava nos 25 anos, foi declarada a guerra com a Alemanha. Danny e o seu amigo Pilón (Pilón, por sinal, é qualquer coisa que se oferece quando um tratado é concluído — um cigarro, um gole) possuíam dois galões de vinho ao ter notícia da guerra. Big Joe Portagee viu o brilho das garrafas entre os pinheiros e se reuniu a Danny e a Pilón.

À medida que o vinho desaparecia das garrafas, o patriotismo surgia nos três homens. E, quando o vinho desapareceu, desceram a colina, de braço dado, por camaradagem e por segurança, e se encaminharam para Monterey. Diante de um posto de alistamento, ergueram vivas, em altas vozes, à América, e desafiaram a Alemanha. Lançaram ameaças ao Império Alemão até que o sargento do posto despertasse, vestisse o uniforme e saísse à rua para fazê-los calar. Ele ficou para alistá-los.

O sargento os alinhou em frente à sua mesa. Foram aprovados em tudo, menos na prova de sobriedade, e, depois, o sargento iniciou o interrogatório por Pilón.

— Para que arma deseja ir?

— Não me importa — disse Pilón, ousadamente.

— Acho que precisamos de homens como você na infantaria.

E Pilón foi aceito.

Ele se voltou então para Big Joe:

— Para onde quer ir?

— Quero ir para casa — disse, miseravelmente, Big Joe.

O sargento o pôs também na infantaria. Finalmente enfrentou Danny, que dormia em pé.

— Para onde quer ir?

— Ahn?

— Eu disse, para que arma?

— Que quer dizer essa história de arma?

— Que sabe fazer?

— Eu? Qualquer coisa!

— Que fazia antes?

— Eu? Sou um condutor de mulas.

— Oh, é? Quantas mulas pode conduzir?

Danny se inclinou para a frente, vaga e profissionalmente:

— Quantas temos?

— Cerca de trinta mil — disse o sargento.

Danny acenou com a mão e disse:

— É pra mim!

E, assim, Danny foi para o Texas e conduziu mulas durante a guerra. E Pilón marchou pelo Oregon com a infantaria, e Big Joe, como mais tarde se esclarecerá, foi para a cadeia.

I

De como Danny, de volta da guerra, se encontrou na situação de herdeiro, e de como jurou proteger os indefesos

Quando Danny voltou para casa, depois de servir no exército, soube que era herdeiro e dono de propriedades. O "viejo", isto é, o avô, morrera, deixando para Danny as duas pequenas casas de Tortilla Flat.

Quando Danny o soube, ficou um tanto inquieto com a responsabilidade da propriedade. Antes de dar uma olhadela nas propriedades, comprou um galão de vinho tinto e bebeu, sozinho, a maior parte. O peso da responsabilidade o deixou então e a sua pior natureza subiu à superfície. Gritou, quebrou algumas cadeiras num boteco da rua Alvarado. Sustentou duas curtas mas gloriosas batalhas. Ninguém deu muita atenção a Danny. Afinal, as suas pernas cambaleantes o levaram para o cais, onde, a essa hora da manhã, os pescadores italianos andavam com botas impermeáveis para enfrentar o mar.

A antipatia racial suplantou o bom senso de Danny e ele insultou os pescadores.

— Bastardos da Sicília! — Escória da ilha-presídio! Cães filhos de cães!

— *Chinga a tu madre, Piojo!*

Pôs os dedos no nariz e fez gestos obscenos com as mãos, abaixo do peito. Os pescadores apenas careteavam, arranjavam os remos e diziam:

— Alô, Danny! Quando chegou? Apareça esta noite. Temos vinho novo.

Danny se sentia ultrajado, e gritou:

— *Pon un condo en la cabeza.*

— Até logo, Danny. Estaremos juntos à noite.

E os pescadores tomaram os seus pequenos botes, remaram para as lanchas, fizeram funcionar os seus motores e se afastaram.

Danny se sentia insultado. Subiu novamente a rua Alvarado, quebrando as vidraças pelo caminho, mas, no segundo quarteirão, um policial o tomou pela mão. O grande respeito de Danny pela lei o fez marchar quieto. Se não tivesse sido dispensado do exército depois da vitória sobre a Alemanha, teria sido sentenciado a seis meses. Mas o juiz lhe deu apenas trinta dias.

E, assim, durante um mês, Danny ocupou um catre da cadeia da cidade de Monterey. Às vezes desenhava coisas obscenas nas paredes e às vezes pensava na sua carreira no exército. O tempo se pendurava, pesadamente, das mãos de Danny, na sua cela na cadeia da cidade. Uma ou outra vez, um bêbedo era atirado lá para passar a noite, mas, durante a maior parte do tempo, o crime em Monterey estava em estagnação — e Danny se via solitário. Os percevejos o aborreceram um pouco a princípio, mas, à medida que eles se acostumavam ao gosto do seu corpo e que ele se acostumava com as suas dentadas, viveram em paz.

Inventou um jogo satírico. Pegava um percevejo, achatava-o contra a parede, fazia um círculo em torno, com um lápis, e o chamava de prefeito Clough. Depois pegava outros e lhes ia dando os nomes do Conselho Municipal. Em pouco teve uma parede decorada com percevejos esmagados, cada qual com o nome de um dignitário local. Desenhou orelhas e rabos, deu-lhes grandes narizes, grandes bigodes. Tito Ralph, o carcereiro, estava escandalizado, mas não deu queixa porque Danny não havia incluído nem o juiz de paz que o sentenciara nem ninguém da força policial. Tinha profundo respeito à lei. Uma noite, quando a cadeia estava solitária, Tito Ralph veio para a cela de Danny trazendo duas garrafas de vinho. Uma hora mais tarde, saiu para buscar mais vinho — e Danny foi com ele. Não tinha graça na cadeia. Ficaram no bar de Torrelli, onde compraram o vinho, até que Torrelli os pôs para fora. Depois disso Danny se meteu entre os pinheiros e

adormeceu, enquanto Tito Ralph cambaleava de volta e dava parte da sua fuga.

Quando o sol brilhante despertou Danny, mais ou menos ao meio-dia, ele resolveu esconder-se durante todo o dia, para escapar à perseguição. Correu e se ocultou atrás de arbustos. Espiava através das folhas como uma raposa acuada. E, à noite, satisfeitas as regras, saiu para resolver os seus negócios.

Os negócios de Danny eram muito diretos. Seguiu para a porta dos fundos de um restaurante e perguntou ao cozinhoiro:

— Tem algum pedaço de pão velho que eu possa dar ao meu cão?

E, enquanto o pobre do homem enrolava a comida, Danny roubava duas fatias de presunto, quatro ovos, um lombo de carneiro e um papel pega-moscas.

— Algum dia lhe pagarei — disse ele.

— Não precisa pagar nada. Eu ia jogar fora, se você não pedisse.

Danny então se sentiu mais aliviado com o roubo. Se era assim, pelo menos à superfície não tinha culpa. Voltou ao bar de Torrelli, trocou os quatro ovos, o lombo de carneiro e o papel pega-moscas por um copo de garapa e voltou à floresta para cozinhar a sua ceia.

A noite estava escura e úmida. A névoa pendia como uma gaze entre os negros pinheiros que guardam os limites terrestres de Monterey. Danny abaixou a cabeça e procurou apressadamente o abrigo das árvores. À sua frente, notou outra figura apressada. E, à medida que diminuía a distância, reconheceu o andar cambaleante do seu velho amigo Pilón. Danny era um homem generoso, mas se lembrava de que havia vendido toda a sua comida, exceto as duas fatias de presunto e o embrulho de pão dormido.

— Vou passar adiante de Pilón — decidiu ele. — Ele anda como um sujeito que papou um belo peru assado ou outras coisas assim.

Subitamente, Danny notou que Pilón apertava o paletó, amorosamente, contra o peito.

— Ai, Pilón amigo! — gritou Danny.

Pilón cambaleou mais depressa e Danny começou a trotar:

— Pilón, meu querido amigo! Aonde vai tão depressa?

Pilón se resignou ao inevitável e esperou. Danny se aproximou com um ar guerreiro, mas o tom da sua voz era entusiástico:

— Procurei por você, o mais caro dos meus angélicos amigos, pois tenho aqui dois pedaços do próprio porquinho do Senhor e um saco de doce pão branco. Participe deste festim, Pilón.

Pilón sacudiu os ombros e murmurou, selvagemente:

— Está bem.

Andaram juntos, dentro da floresta. Pilón estava intrigado. Por fim, parou e fitou o amigo.

— Danny, — perguntou ele, tristemente — como soube você que eu tinha uma garrafa de cachaça debaixo do casaco?

— Cachaça! — gritou Danny. — Você tem cachaça? Talvez seja para a mamãe, que está doente — continuou ele, ingênuamente. — Talvez você a guarde para Nosso Senhor Jesus Cristo, quando Ele vier novamente. Quem sou eu, meu amigo, para julgar do destino dessa uca? Nem mesmo estou certo de que você a tenha. Ademais, não estou com sede. Não tocarei nessa abrideira. Está convidado a comer o belo assado de porco que eu tenho, mas o parati é somente para você.

Pilón lhe respondeu rudemente:

— Danny, não me importo de dividir a minha pinga com você, meio a meio. Mas é meu dever impedir que você a beba toda.

Danny então passou a outro assunto.

— Aqui, nesta clareira, cozinharei este porco e você tostará os pães de açúcar deste embrulho. Ponha a branquinha aqui, Pilón. É melhor aqui, porque podemos vê-la melhor.

Fizeram fogo, assaram o presunto e comeram o pão dormido. A aguardente desaparecia rapidamente da garrafa. Depois de comerem, se encolheram junto ao fogo e sugaram delicadamente a garrafa, como beija-flores. E a névoa desceu sobre eles e acinzentou os seus casacos, com a umidade. O vento suspirava tristemente nos pinheiros em torno.

E, depois de algum tempo, a solidão caiu sobre Danny e Pilón. Danny pensou nos amigos perdidos.

— Onde está Arthur Morales? — perguntou Danny, voltando as palmas das mãos para cima e atirando os braços para a frente. — Morto na França — respondeu para si mesmo, voltando as palmas das mãos para baixo e deixando cair os braços em

desespero. — Morto pelo seu país. Morto em terra estranha. Estranhos passeiam por perto da sua sepultura e não sabem que Arthur Morales jaz ali. — Levantou as palmas das mãos novamente. — Onde está Pablo, esse homem bom?

— Na cadeia — disse Pilón. — Pablo roubou um ganso e se escondeu no mato. E o ganso deu uma bicada em Pablo e Pablo gritou e foi pilhado. Agora está na cadeia por seis meses.

Danny suspirou e mudou de assunto, pois notara que havia esgotado prodigamente a única amizade de qualquer maneira conveniente para a oratória. Mas a solidão ainda estava nele e exigia uma saída.

— Aqui ficamos... — começou ele, afinal.

— ... de coração partido... — acrescentou Pilón, ritmicamente.

— Não, não estou fazendo um poema — disse Danny. — Aqui ficamos, sem lar. Demos a nossa vida pelo nosso país e, agora, não temos um telhado sobre as nossas cabeças.

— Nunca tivemos — ajudou Pilón.

Danny bebeu sonhadoramente, até que Pilón o puxou pelo cotovelo e tomou a garrafa.

— Isso me lembra — disse Danny — a história de um homem que possuía duas casas de tolerância...

Com a boca aberta, Danny gritou:

— Pilón! Pilón! Meu patinho, meu amigo! Eu me esqueci! Sou um herdeiro! Sou o dono de duas casas!

— Casas de tolerância? — interrogou Pilón, cheio de esperança. — És um bêbedo e um mentiroso, Danny — continuou ele.

— Não, Pilón, falo a verdade. O "viejo" morreu. Sou o herdeiro. Eu o neto mais querido.

— Você é o único neto — disse o realista Pilón. — Onde estão essas casas?

— Você conhece a casa do "viejo" em Tortilla Flat, Pilón?

— Aqui em Monterey?

— Sim, aqui em Tortilla Flat.

— São boas, essas casas?

Danny recuou, exausto pela emoção:

— Não sei. Esqueci que eram minhas.

Pilón se sentou, silencioso e absorto. O rosto se lhe tornou pesaroso. Atirou um punhado de galhos de pinheiro no fogo, olhando as chamas a subirem freneticamente por entre eles e morrerem. Por muito tempo olhou para o rosto de Danny com profunda ansiedade e, depois, suspirou ruidosamente.

— Está tudo acabado — disse ele, tristemente. — Os grandes tempos se foram. Os seus amigos lamentarão, mas nada sairá da sua lamentação.

Danny depôs a garrafa no chão e Pilón a apanhou e enfiou no bolso.

— Bem, que é que acabou? — perguntou Danny. — Que é que você quer dizer?

— Não é a primeira vez — continuou Pilón. — Quando somos pobres, pensamos: "Se eu tivesse dinheiro, eu o dividiria com os meus bons amigos". Mas, quando o dinheiro vem, a caridade desaparece. É o que acontece com você, meu ex-amigo. Você se ergueu acima dos amigos. Você é um homem de posses. Você esquecerá os amigos que dividiram tudo com você, até mesmo o seu "azeite".

Essas palavras sublevaram Danny.

— Eu, não! — gritou ele. — Jamais esquecerei você, Pilón!

— É o que você pensa agora — disse Pilón, friamente. — Mas, quando você tiver duas casas para morar, então veremos. Pilón será um pobre "paisano", enquanto você almoçará com o prefeito.

Danny se levantou sem firmeza nas pernas e se manteve de pé contra uma árvore:

— Pilón, juro que o que tenho pertence a você. Enquanto eu tiver uma casa, você terá uma casa. Me dá um gole.

— Preciso ver para crer — disse Pilón, em voz apagada. — Seria uma maravilha se fosse assim. Viria gente de milhares de milhas para ver o prodígio. E, ademais, a garrafa está vazia.

II

De como Pilón foi levado pela ambição a renunciar à hospitalidade de Danny.

O advogado os deixou à porta da segunda casa, subiu para o seu Ford e foi-se aos arrancos colina abaixo para Monterey.

Danny e Pilón ficaram diante da cerca de estacas e olharam com admiração para a propriedade, uma casa baixa com uma velha mão de cal e janelas sem cortinas, vazias e indiferentes. Mas uma grande roseira de Castela floria no pórtico e os gerânios do avô cresciam entre a grama, na frente da casa.

— Esta é a melhor das duas — disse Pilón. — É maior do que a outra.

Danny tinha uma nova chave na mão. Andou na pontinha dos pés pelo pórtico maltratado e abriu a porta da frente. A sala principal estava como fora quando o "viejo" ali vivia. O calendário da Rosa Vermelha para 1906, a bandeira de seda na parede, com Bob Evans a olhar por entre as superestruturas de um couraçado, o tufo de rosas de papel, os cachos de pimenta de cheiro e as réstias de cebola empoeiradas, o fogareiro, as cadeiras de balanço escangalhadas.

Pilón olhou pela porta.

— Três cômodos — disse ele, sem respiração — e uma cama e um fogão. Seremos felizes aqui, Danny.

Danny se movimentou cautelosamente pela casa. Tinha amargas recordações do "viejo". Pilón lhe passou a frente e entrou na cozinha.

— Uma pia com ralo — gritou ele.

Abriu a torneira:

— Não há água, Danny. Você precisa falar com a companhia.

Os dois pararam, sorrindo um para o outro. Pilón notou que as inquietações da propriedade se refletiam na face de Danny. Nunca mais, na vida, aquela face ficaria livre de inquietações. Nunca mais Danny quebraria vidraças, agora que tinha as suas próprias janelas para quebrar. Pilón tinha razão — fora criado entre os seus iguais. Os seus ombros se haviam endurecido para agüentar a complexidade da vida. Mas um grito de dor se escapou do seu peito, antes de que deixasse para sempre a sua velha e simples existência.

— Pilón — disse ele tristemente —, desejaria que você fosse o dono da casa e eu pudesse vir para morar com você.

Enquanto Danny ia a Monterey para ligar a água, Pilón deambulava por entre o mato do quintal. Havia ali árvores frutíferas, nodosas e negras pela idade, estragadas pelo descuido. Entre o mato havia alguns cercados de galinhas. Uma pilha de arcos de barril, um montão de cinzas, frutos podres e secos. Pilón olhou, por cima da cerca, para o galinheiro da Sra. Morales e, depois de um momento de hesitação, abriu pequenos buracos na cerca, para as galinhas. "Elas gostarão de fazer ninho neste mato crescido" — pensou ele, gentilmente. Estudou um jeito de colocar uma armadilha para o caso de os galos virem também importunar as galinhas e afastá-las dos ninhos. "Viveremos felizes" — pensou ele novamente.

Danny voltou indignado de Monterey:

— Essa tal companhia quer um depósito.

— Depósito?

— Sim. Eles querem três dólares, antes de ligar a água.

Pilón disse sério:

— Três dólares são três galões de vinho. E, quando acabar, arranjaremos uma moringa d'água com a Sra. Morales, a vizinha.

— Mas não temos três dólares para o vinho.

— Eu sei — concordou Pilón. — Talvez possamos arranjar um pouco de vinho com a Sra. Morales.

A tarde passou.

— Amanhã daremos um jeito nisto — anunciou Danny. — Amanhã limparemos e esfregaremos tudo. E você, Pilón, porá abaixo esse mato e jogará tudo no fosso.

— O mato? — gritou Pilón, horrorizado. — O mato, não!

E explicou a sua teoria sobre as galinhas da Sra. Morales.

Danny concordou imediatamente

— Meu amigo, estou contente por você ter vindo morar comigo. Bem, enquanto vou arranjar uns cavacos, você deve cavar alguma coisa para o jantar.

Pilón, lembrando a sua cachaça, considerou isso uma injustiça. "Estou ficando endividado com ele" — pensou com amargura. "Minha liberdade será esmagada. Em breve serei um escravo, nesta casa de judeu." — Mas saiu para procurar o que comer.

Dois quarteirões adiante, perto da orla da floresta de pinheiros, avistou um frango Plymouth Rock a ciscar na estrada. Chegara a essa época da adolescência em que a voz estala e as patas, o pescoço e o peito estão nus. Talvez porque estivesse pensando nas galinhas da Sra. Morales de maneira caridosa, aquele franguinho mereceu a simpatia de Pilón. Ele andou vagarosamente para a escura floresta de pinheiros, com o frango adiante, a correr:

Pilón ia dizendo a meia-voz:

— Pobre avezinha nua! Como deves sentir frio de manhãzinha, quando cai orvalho e o ar fica mais frio com a madrugada. O bom Deus nem sempre é tão bom para os pequeninos animais. Estás a brincar pela rua, franguinho. Algum dia um automóvel te atropelará. E, se te matar, será o menos que pode acontecer. Podes apenas quebrar a perna ou a asa. Depois, por toda a tua vida, te arrastarás miseravelmente. A vida é muito rude para ti, avezinha.

Ele se movia vagarosa e cautelosamente. Uma ou outra vez o frango tentava um recuo, mas sempre Pilón estava no ponto que a ave escolhia para andar. Afinal, desapareceu na floresta de pinheiros com Pilón atrás dele.

Para glória da sua alma, seja dito que nenhum grito de dor partiu da ave. O frango, que Pilón profetizara poderia viver peno-

samente, morreu em paz, ou, pelo menos, tranqüilamente. E este não é um pequeno tributo à técnica de Pilón.

Dez minutos depois ele saía da floresta e voltava para a casa de Danny. O franguinho, depenado e desmembrado, estava distribuído pelos seus bolsos. Se havia alguma regra de conduta mais forte do que qualquer outra para Pilón, era esta: jamais, em nenhuma circunstância, trazer penas, cabeça ou pés para casa, pois, sem isso, uma galinha não pode ser identificada.

À noite, fizeram fogo de carvão no fogareiro. As chamas rosnavam na chaminé. Danny e Pilón, bem alimentados, aquecidos e felizes, se sentaram nas cadeiras de balanço, movendo-se para a frente e para trás. No jantar haviam usado um pedaço de vela, mas agora somente a luz das chamas do fogareiro espantava a escuridão da sala. Para ser perfeito, a chuva começou a cantarolar no teto. A água pingava embaixo, não muito, e somente em lugares onde ninguém desejava sentar-se.

— É bom isto — disse Pilón. — Pense nas noites em que dormimos ao relento. Isto é que é viver.

— Sim, e é estranho — disse Danny. — Durante anos eu não tinha casa. Agora tenho duas. Não posso dormir em duas casas.

Pilón não gostava de perder tempo:

— Já pensei nisso. Por que você não aluga a outra casa? — sugeriu ele.

Os pés de Danny se abateram no chão.

— Pilón! — gritou ele. — Como é que não pensei nisso!

A idéia se tornava mais familiar.

— Eu alugarei — disse Pilón. — Pagarei dez dólares por mês de aluguel.

— Quinze — insistiu Danny. — É uma boa casa, vale quinze.

Pilón concordou, resmungando. Mas teria concordado se fosse mais, pois via a elevação de alma que chega a um homem que vive na sua própria casa. E Pilón desejava sentir essa elevação.

— Estamos de acordo, então — concluiu Danny. — Você alugará a minha casa. Oh, eu serei um bom senhorio, Pilón. Não chatearei você.

Pilón, exceto durante o ano que passara no exército, jamais possuíra 15 dólares em toda a sua vida. "Mas", pensou, "passará um mês antes de que eu deva o aluguel — e quem pode dizer o que acontecerá num mês?"

Balançaram-se nas cadeiras, contentes, junto ao fogo. Depois de algum tempo, Danny saiu por alguns momentos e voltou com algumas maçãs.

— A chuva as estragaria de qualquer maneira — desculpou-se ele.

Pilón, para não ficar por baixo, se levantou e acendeu a vela, andou para o quarto de dormir e, um momento depois, voltou com uma bacia de rosto e um jarro, dois vasos de vidro vermelho e um molho de penas de avestruz.

— Não é bom ter tantas coisas de quebrar por perto da gente — disse ele. — Quando se quebram, a gente fica triste. É muito melhor não as ter.

Tirou as rosas de papel da parede.

— Um presente para a Sra. Torrelli — explicou, desaparecendo pela porta.

Pouco depois voltou, molhado da chuva, mas com ares triunfantes, pois trazia na mão um galão de vinho tinto.

Discutiram amargamente depois, mas nenhum procurou saber quem vencera, pois estavam cansados da excitação do dia. O vinho lhes deu sono e eles se deitaram no chão para dormir. O fogo ia-se apagando e o fogareiro estalava, esfriando. A chama da vela crepitou e expirou na sua própria graxa, com ligeiros clarões azuis de protesto. A casa estava escura, quieta, pacífica.

III

De como o veneno
da posse corroeu Pilón
e de como o mal,
temporariamente,
nele triunfou.

No dia seguinte, Pilón foi morar na outra casa. Era exatamente igual à casa de Danny, embora menor. Tinha uma roseira de Castela sobre o pórtico, um quintal entupido pelo mato, antigas e cansadas árvores frutíferas, gerânios vermelhos — e o galinheiro da Sra. Soto era logo junto.

Danny se tornou um grande homem, por ter uma casa para alugar, e Pilón subiu na escala social por alugar uma casa.

É impossível dizer se Danny esperava qualquer aluguel — ou se Pilón esperava pagá-lo. Se o fizeram, ambos ficaram desapontados. Danny jamais o pediu, nem Pilón o ofereceu.

Os dois amigos estavam muitas vezes juntos. Se Pilón arranjava uma caneca de vinho ou um pedaço de carne, Danny ia, com certeza, visitá-lo. E se Danny tinha sorte ou astúcia no mesmo sentido, Pilón passava uma noite subversiva com ele. O pobre Pilón teria pago o dinheiro, se o tivesse, mas estava sempre a nenhum — pelo menos ao encontrar Danny. Pilón era um homem honesto. Aborrecia-o, por vezes, pensar na bondade de Danny e na sua própria pobreza.

Certa noite teve um dólar, adquirido de maneira tão surpreendente que tentou esquecê-lo imediatamente, com receio de

que a lembrança o pusesse maluco. Um homem, diante do Hotel San Carlos, pusera o dólar na sua mão, dizendo:

— Corra e me compre quatro garrafas de "ginger-ale". As do hotel acabaram.

Estas coisas eram quase milagres, pensava Pilón. Era preciso aceitá-las de boa-fé, sem se inquietar nem discutir. Trouxe o dólar, pela estrada, para dá-lo a Danny, mas, no caminho, comprou um galão de vinho e, com o vinho, atraiu duas pequenas gorduchas para a sua casa.

Danny, passeando por perto, ouviu o barulho e alegremente entrou. Pilón caiu nos seus braços e colocou tudo à disposição de Danny. E, mais tarde, depois que Danny ajudara o amigo, contentando uma das pequenas e bebendo a metade do vinho, houve uma verdadeira luta. Danny perdeu um dente e Pilón ficou com a camisa em farrapos. As pequenas gritavam e davam pontapés naquele que acontecesse ficar ao alcance dos seus pés. Afinal, Danny se levantou do chão e deu uma cabeçada no estômago de uma das pequenas, que saiu pela porta a coaxar como uma rã. A outra pequena roubou duas panelas e a acompanhou.

Durante algum tempo, Danny e Pilón choraram sobre a perfídia das mulheres.

— Você nem sabe que putas as mulheres são — disse Danny, sabiamente.

— Eu sei — disse Pilón.

— Não sabe.

— Eu sei.

— Mentiroso!

Houve outra luta, mas não muito boa.

Depois disso, Pilón se sentiu mais à vontade com o aluguel por pagar. Não já hospedara o seu senhor?

Muitos meses se passaram. Pilón começou novamente a se inquietar com o aluguel. E, à medida que o tempo passava, a sua inquietação se fazia intolerável. Afinal, desesperado, trabalhou todo um dia, areando anzóis para Chin Kee, e ganhou dois dólares. À noite, amarrou o lenço vermelho em torno do pescoço, enfiou na cabeça o chapéu de estimação do pai e subiu a colina para pagar a Danny os dois dólares por conta.

Mas, no caminho, comprou dois galões de vinho. "É melhor assim" — pensou. "Se eu pagar em moeda, isso não dirá quanto estimo o meu amigo. Mas levo um presente. E lhe direi que os dois galões custam cinco dólares." Isso era uma estupidez, e Pilón o sabia, mas se indultou a si mesmo. Ninguém, em Monterey, sabia melhor o preço do vinho do que Danny.

Pilón prosseguia, feliz. O espírito estava tranqüilo, o nariz apontava diretamente para a casa de Danny. Os pés se moviam, não rapidamente, mas com firmeza, na direção exata. Sob cada braço trazia um embrulho de papel — e, em cada embrulho, um galão de vinho.

O crepúsculo avermelhava o horizonte. Era essa hora doce em que acaba o sono do dia e a noite de prazer e de palestra ainda não começou. Os pinheiros se recortavam muito negros contra o céu e todos os objetos no solo estavam indistintos com a escuridão, mas o céu estava tão melancolicamente límpido como uma recordação. As gaivotas voavam preguiçosas para os seus ninhos nos penhascos, no mar, depois de uma visita de todo o dia às fábricas de peixes em conserva de Monterey.

Pilón era um amante da beleza, um místico. Levantou o rosto para o céu e a sua alma saiu de dentro dele para o clarão longínquo do sol. Este não muito perfeito Pilón, que conspirava e lutava, que bebia e praguejava, trotava vagarosamente para a frente, mas um engenhoso e brilhante Pilón era belo e os seus pensamentos nada tinham de egoístas. E os seus pensamentos valiam a pena ser conhecidos.

"Nosso Pai está na noite" — pensava ele. "Estes pássaros estão voando através da fronte do Pai. Queridos pássaros, queridas gaivotas, como vos amo, a todas vós! As vossas asas vagarosas batem no meu coração como a mão de um dono amável bate no estômago de um cão adormecido, ou a mão de Cristo bate na cabeça das criancinhas. Queridos pássaros, voai para Nossa Senhora dos Aflitos com todo o meu coração."

E, depois, ele disse as palavras mais belas que conhecia:

— "Ave Maria, gratia plena"...

Os pés do mau Pilón haviam parado. Em verdade, o mau Pilón, por enquanto, havia deixado de existir. (Ouvi isto, ó anjo dos relatórios!) Não havia, não há, jamais houve mais pura alma

do que a de Pilón nesse momento. O mau cachorro de Gálvez se aproximou das pernas desertas de Pilón, que se mantinham sozinhas na escuridão. E o cachorro de Gálvez rosnou e se afastou, sem morder as pernas.

Uma alma lavada e salva é uma alma duplamente em perigo, pois tudo no mundo conspira contra uma alma assim. "Até mesmo as palhas sob os meus joelhos" — diz Santo Agostinho — "gritam para me distrair da oração."

A alma de Pilón não era nem mesmo à prova de recordações, pois, enquanto olhava os pássaros, lembrou-se de que a Sra. Pastano usava gaivotas, por vezes, nos seus "tamales", e essa recordação lhe deu fome, e a fome arrancou a sua alma do céu. Pilón se movimentou, mais uma vez hábil mistura de bem e de mal. O mau cachorro de Gálvez voltou rosnando e recuou a grandes passos, pesaroso agora por haver deixado passar uma oportunidade tão perfeita contra as pernas de Pilón.

Pilón dobrou os braços para aliviar o peso das garrafas.

É um fato verificado e assinalado em várias histórias que a alma capaz do maior bem é também capaz do maior mal. Haverá alguém mais ímpio do que um sacerdote corrompido? Quem é mais carnal do que uma mulher que recentemente deixou de ser virgem? Isso, entretanto, pode ser questão de aparências.

Pilón, mal chegado do Céu, estava, embora não o soubesse, singularmente receptivo para todos os ventos rudes, para todas as más influências que povoavam a noite em torno dele. Em verdade, os seus pés ainda se movimentavam para a casa de Danny, mas não havia neles nem intenção nem convicção. Esperavam o mais ligeiro sinal para mudar de direção. Pilón já estava pensando em quão estupendamente se poderia embebedar com dois galões de vinho e, mais, por quanto tempo poderia ficar bêbedo.

Já era quase noite, agora. A estrada imunda não era mais visível, nem os valados laterais. Nenhuma conclusão moral se tira do fato de que, neste momento, quando os impulsos de Pilón se equilibravam, tão precariamente como uma pena, entre a generosidade e o egoísmo, neste momento Pablo Sánchez acontecesse estar sentado num dos valados ao lado da estrada, desejando ter um cigarro e um copo de vinho.

Ah, as orações de milhões de seres como se devem combater e destruir umas às outras na sua marcha até o trono de Deus!

Pablo a princípio ouviu passos, depois viu uma figura estranha, depois reconheceu Pilón.

— Aí, amigo! — disse ele, entusiasticamente. — Que grande peso é esse que você está carregando?

Pilón parou repentinamente e olhou para o valado.

— Pensava que você estivesse na cadeia — disse com severidade. — Soube de uma história de gansos.

— É, eu estava na chave, Pilón — disse Pablo, jocosamente. — Mas não fui bem recebido. O juiz disse que a sentença não me fez nenhum bem e a polícia disse que eu comia a bóia de três homens. E, assim — terminou com orgulho —, fui solto sob palavra.

Pilón foi salvo do seu egoísmo. Em verdade, não levou o vinho para a casa de Danny, mas instantaneamente convidou Pablo a participar dele na casa alugada. Se dois caminhos generosos partem da estrada da vida e somente um deles pode ser seguido, quem pode julgar qual o melhor?

Pilón e Pablo entraram na pequena casa alegremente. Pilón acendeu uma vela e trouxe dois cântaros por copos.

— À nossa! — disse Pablo.

— *Salud!* — disse Pilón.

Uns minutos depois:

— *Salud!* — disse Pablo.

— Lama nos seus olhos! — disse Pilón.

Descansaram um pouquinho.

— *Su servidor* — disse Pilón.

— Abaixo o buraco de ratos! — disse Pablo.

Dois galões são muito vinho, mesmo para dois "paisanos". Espiritualmente, as doses podem ser graduadas assim: logo abaixo do gargalo na primeira garrafa, conversação séria e concentrada. Duas polegadas mais para baixo, recordações docemente tristes. Mais três polegadas, pensamentos de velhos e satisfatórios amores. Fundo da primeira garrafa, tristeza geral e sem direção. Gargalo da segunda garrafa, negra e ímpia desesperança. Dois dedos abaixo, uma canção de morte ou de saudade. Um dedo mais, qualquer canção que se conheça. As graduações param aqui,

pois a linha se parte e já não há certeza. Deste ponto em diante, tudo pode acontecer.

Mas voltemos à primeira marca, à que diz conversação séria e concentrada, pois foi nesse ponto que Pilón começou o seu jogo.

— Pablo — disse ele —, você nunca se cansou de dormir em valados, molhado, sem lar, sem amigos, sozinho?

— Não — disse Pablo.

Pilón replicou, em voz melifluamente persuasiva:

— Assim também pensava eu, meu amigo, quando era um sujo vira-lata. Eu também estava contente, pois não sabia como é doce ter uma pequena casa, um teto, um jardim. Ah, Pablo, isto é que é viver!

— É bom, sim — concordou Pablo.

Pilón se aventurou:

— Olhe aqui, Pablo, você não gostaria de alugar parte da minha casa? Nunca mais você teria o chão duro e frio para dormir. Nunca mais você teria a areia incômoda do cais, com caranguejos a entrar pelos seus sapatos. Você não gostaria de vir morar aqui comigo?

— Claro — disse Pablo.

— Escute, você pagará somente 15 dólares por mês. E poderá usar toda a casa, menos a minha cama, e todo o jardim. Pense nisso, Pablo! E, se alguém quiser escrever uma carta para você, terá lugar para onde mandar.

— Claro — disse Pablo. — Está bem.

Pilón suspirou, aliviado. Não havia sentido como a dívida com Danny lhe pesava nos ombros. O fato de estar inteiramente seguro de que Pablo jamais lhe pagaria aluguel algum não diminuiu o seu triunfo. Se algum dia Danny lhe pedisse o dinheiro, Pilón poderia dizer:

— Pagarei quando Pablo me pagar.

Passaram para a graduação próxima — e Pilón se lembrou de como fora feliz, quando menino.

— Não tinha inquietações, Pablo. Não conhecia o pecado. Era muito feliz.

— Desde então jamais fomos felizes — concordou Pablo, tristemente.

IV

De como Jesus Maria Corcorán, um homem bom, se tornou involuntário veículo do mal.

A vida continuou, sem incidentes, para Pilón e Pablo. De manhã, quando o sol estava sobre os pinheiros e a baía azul resplandecia e brilhava mais abaixo, eles se levantavam vagarosa e pensativamente da cama.

É um momento de alegria tranqüila, a manhã de sol. Quando o orvalho está sobre as malvas, cada folha segura numa jóia que é bela, senão valiosa. Não é ocasião para pressa nem atropelo. Os pensamentos são vagarosos, profundos e dourados, pela manhã.

Pablo e Pilón, com calças de zuarte, andavam, como camaradas, para o barranco atrás da casa e, depois de algum tempo, voltavam para se sentar ao sol na varanda, para escutar a buzina dos pescadores nas ruas de Monterey, para discutir, em tom sonolento e hesitante, os acontecimentos de Tortilla Flat, pois há mil casos interessantes em Tortilla Flat a cada volta que a Terra faz em torno do seu eixo.

Estavam em paz no pórtico. Somente os seus pés se moviam nas tábuas quentes quando as moscas neles faziam pouso.

— Se todas as gotas de orvalho fossem diamantes — disse Pablo — estaríamos muito ricos. Tomaríamos bons porres durante toda a vida.

Mas Pilón, em quem a maldição do realismo estava presente, acrescentou:

— Todo mundo teria muitos diamantes. Não haveria preço para eles, mas o vinho sempre custa dinheiro. Se chovesse vinho um dia todo, tivéssemos um tanque para recolhê-lo...

— Mas vinho bom — interveio Pablo. — Não porcaria assim como o último que compraste.

— Eu não o comprei — disse Pilón. — Alguém o escondeu no mato, perto do clube de dança. Que se pode esperar de um vinho achado?

Eles se sentaram e abanaram as mãos, negligentemente, para espantar as moscas.

— Cornélia Ruiz navalhou o mexicano preto ontem — observou Pilón.

Pablo levantou os olhos, levemente interessado.

— Luta? — perguntou.

— Oh, não. O preto não sabia que Cornélia arranjou outro homem ontem e tentou entrar. E então Cornélia o navalhou.

— Ele devia saber — disse Pablo, virtuosamente.

— Bem, ele estava na cidade quando Cornélia arranjou outro homem. O preto tentou apenas entrar pela janela, quando Cornélia fechou a porta.

— O preto é um idiota — disse Pablo. — Morreu?

— Oh, não. Ela apenas o cortou um pouco nos braços. Cornélia não estava zangada. Sòmente não queria que o preto entrasse.

— Cornélia não é mulher muito firme — disse Pablo. — Mas ainda manda cantar missa por alma do pai, que morreu há dez anos.

— Ele precisa disso — observou Pilón. — Era um mau sujeito, e não deu com os ossos na cadeia, nem se confessou. Quando o velho Ruiz estava morrendo, o padre veio para lhe dar a unção e Ruiz se confessou. Cornélia diz que o padre estava branco como cera quando saiu do quarto do doente. Mas depois esse padre disse que não acreditava a metade do que Ruiz lhe tinha confessado.

Pablo, com um golpe de felino, matou uma mosca que pousara no seu joelho.

— Ruiz sempre foi um mentiroso — disse ele. — A alma dele deve precisar de muitas missas. Mas você acha que uma missa tenha valor, quando o dinheiro para essa missa sai dos bolsos dos homens enquanto eles dormem bêbedos na casa de Cornélia?

— Uma missa é uma missa — disse Pilón. — Onde você consegue os dois centavos, não interessa ao homem que lhe vende um copo de vinho. E de onde vem uma missa, não tem interesse para Deus. Ele apenas gosta de missas, como você gosta de vinho. O padre Murphy costumava pescar todo o tempo e, durante meses, o Santíssimo Sacramento tinha gosto de cavala, mas isso não o fazia menos santo. Estas coisas só os sacerdotes podem explicar. Não nos devem inquietar. Estou imaginando onde poderemos conseguir alguns ovos para comer. Seria bom comer um ovo agora.

Pablo arriou o chapéu sobre os olhos, para que o sol não o incomodasse.

— Charlie Meeler me disse que Danny está com Rosa Martín, a pequena do Portagee.

Pilón, alarmado, levantou o corpo.

— Talvez essa pequena queira se casar com Danny. Essas Portagees sempre querem casar — e gostam de dinheiro. Talvez, quando se casarem, Danny venha nos aborrecer por causa do aluguel. Essa Rosa quererá novos vestidos. Todas as mulheres são assim. Eu as conheço.

Pablo, também, parecia aborrecido.

— Talvez, se fossemos conversar com Danny... — sugeriu ele.

— Talvez Danny tenha alguns ovos — disse Pilón. — As galinhas da Sra. Morales são boas poedeiras.

Eles calçaram os sapatos e andaram devagar para a casa de Danny.

Pilón de repente parou, apanhou do chão uma garrafa de cerveja, soltou uma praga e atirou-a no chão.

— Algum sujeito de mau coração a deixou aí para enganar os outros — disse ele.

— Também fui na onda, a noite passada — disse Pablo.

Pablo olhou para um cercado onde o milho verde estava maduro e tomou nota, mentalmente, desse fato.

Encontraram Danny sentado na varanda, atrás das roseiras, movendo os pés para afastar as moscas.

— Ai, amigos! — saudou-os ele negligentemente.

Eles se sentaram ao seu lado e tiraram os sapatos e os chapéus. Danny tirou do bolso um bocado de fumo e algumas mortalhas e os entregou a Pilón. Pilón pareceu ligeiramente chocado, mas não fêz comentários.

— Cornélia Ruiz navalhou o preto mexicano — disse ele.

— Soube disso — disse Danny.

Pablo falou com acidez:

— Estas mulheres! Já não há virtude entre elas!

— É perigoso morar com elas — disse Pilón. — Soube que há uma jovem Portagee, aqui, no Flat, que pode fazer com que um homem se lembre dela, se ele cair na tolice de casar.

Pablo produziu ruídos de desaprovação com a língua, sacudindo as mãos para a frente:

— Que deve o homem fazer? — perguntou. — Não há ninguém em quem confiar?

Eles olharam para o rosto de Danny, mas não notaram sinais de alarme.

— O nome da pequena é Rosa — disse Pilón. — Não direi o seu último nome.

— Oh, você quer se referir a Rosa Martín — observou Danny, com muito pouco interesse. — Bem, que se pode esperar de uma Portagee?

Pablo e Pilón suspiraram, aliviados.

— Como vão as galinhas da Sra. Morales? — perguntou Pilón incidentalmente.

Danny sacudiu a cabeça com tristeza.

— Todas as galinhas morreram. A Sra. Morales pôs algumas favas em potes, e os potes racharam, e ela deu as favas às galinhas, e as galinhas morreram todas, uma por uma.

— Onde estão agora as galinhas? — perguntou Pablo.

Danny moveu dois dedos para a frente e para trás, negativamente:

— Alguém disse à Sra. Morales que não comesse essas galinhas, pois poderia ficar doente, mas limpamos bem as partes internas e as vendemos ao açougueiro.

— Morreu alguém? — perguntou Pablo.

— Não. Acho que as galinhas estavam boas.

— Talvez você tenha comprado um pouco de vinho com o dinheiro apurado com essas galinhas — sugeriu Pilón.

Danny sorriu cinicamente para ele:

— A Sra. Morales comprou e eu fui à sua casa a noite passada. Ela é uma bonita mulher, sob certos aspectos, e não é tão velha assim.

O alarme voltou à alma de Pilón e de Pablo.

— Meu primo Weelie diz que ela está nos 50 anos — disse Pilón, excitado.

Danny sacudiu as mãos:

— Que importa a sua idade? — observou filosoficamente. — Ela é interessante. Tem uma casa própria e duzentos dólares no banco.

Depois, Danny pareceu um tanto embaraçado.

— Gostaria de fazer um presente à Sra. Morales.

Pilón e Pablo olharam para os pés e tentaram, por meio de estrênuo esforço mental, evitar o que estava por vir. Mas o seu esforço de nada valeu.

— Se eu tivesse algum dinheiro — disse Danny — compraria uma caixa de confeitos para ela.

Olhou significativamente para os companheiros, mas nenhum deles lhe respondeu.

— Precisaria apenas de um dólar ou dois — sugeriu ele.

— Chin Kee está secando lulas — observou Pilón. — Talvez você possa ajudá-lo durante meio dia.

Danny falou pausadamente:

— Não seria direito para um homem que possui duas casas secar lulas. Entretanto, se um pequeno aluguel fosse pago...

Pilón se levantou, zangado.

— Sempre o aluguel! — gritou ele. — Você nos forçará a morar na rua, na sarjeta, enquanto você dorme na sua macia cama. Vamos embora, Pablo, arranjaremos dinheiro para este usurário, este judeu!

Os dois saíram.

— Onde arranjaremos o dinheiro? — perguntou Pablo.

— Não sei — disse Pilón. — Talvez ele não volte a pedir.

Mas o pedido inumano havia golpeado profundamente a sua paz mental.

— Chamá-lo-emos o Velho Judeu quando o encontrarmos — disse Pilón. — Temos sido amigos dele durante anos. Quando estava com fome, demos-lhe de comer. Quando estava com frio, nós o abrigamos.

— Quando foi isso? — perguntou Pablo.

— Bem, nós o faríamos, se ele precisasse alguma coisa e nós a tivéssemos. Era assim que éramos amigos dele. E agora ele esmaga a nossa amizade por uma caixa de confeitos para dar a essa velha gorda.

— Confeitos não fazem bem à gente — disse Pablo.

Pilón estava exausto de tanta emoção. Sentou-se no valado à beira da estrada e pôs o queixo nas mãos. Estava desconsolado.

Pablo se sentou também, mas fê-lo apenas para descansar, pois a sua amizade com Danny não era velha nem tão bela quanto a de Pilón.

O fundo do valado estava tapetado com folhas secas e arbustos. Pilón, olhando para baixo, no seu pesar e no seu ressentimento, viu um braço humano a sair de sob um arbusto. E, depois, ao lado do braço, uma garrafa de um galão de vinho, pela metade. Puxou o braço de Pablo e apontou. Pablo fixou o olhar:

— Talvez ele esteja morto, Pilón.

Pilón possuía novamente a sua respiração e a sua excelente visão:

— Se ele está morto, o vinho não lhe fará bem algum. Ele não pode ser enterrado com o vinho.

O braço se estirou, puxou para trás os arbustos e revelou o rosto decomposto e a barba vermelha e emaranhada de Jesus Maria Corcorán.

— Ai, Pilón! Ai, Pablo! — disse ele, rouco. — *Qué tomas*?

Pilón saltou sobre ele:

— Amigo Jesus Maria! Você não está bom!

Jesus Maria sorriu docemente:

— Somente bêbedo — murmurou, ajoelhando-se. — Venham tomar um gole, meus amigos. — Bebam à vontade. Há muito vinho.

Pilón levantou a garrafa e tomou quatro goles. Depois Pablo tomou dele a garrafa e com ela brincou como um gato com uma pena. Limpou a boca com a manga do paletó. Cheirou o vinho. Tomou três ou quatro goles preliminares e deixou que algumas gotas lhes escorressem pela boca, tantalizando-o.

— *Madre de Dios, qué vino*! — disse ele, afinal.

Levantou a garrafa e o vinho tinto grugulejou com felicidade pela sua garganta abaixo.

A mão de Pilón estava de fora muito antes de que Pablo respirasse novamente. Pilón fez um rasgado cumprimento ao seu amigo Jesus Maria:

— Terá você descoberto um tesouro na floresta? — perguntou ele. — Teria algum grande homem morrido e mencionado o seu nome no testamento, meu amiguinho?

Jesus Maria era um humanitário e a gentileza estava sempre presente nele.

— Me dá um gole — disse ele, pigarreando. — Minha garganta está seca. Contarei a vocês como foi.

Bebeu sonhadoramente, como um homem que tem tanto vinho que pode perder tempo em bebê-lo, pode mesmo entornar um pouco sem remorso.

— Eu estava dormindo na praia, anteontem à noite — contou ele. — Na praia perto de Seaside. Durante a noite, as ondas trouxeram um bote de remo para a costa. Oh, um belo botezinho de remo, com remos e tudo. Eu entrei no bote e remei para Monterey. Valia bem 20 dólares, mas a praça não estava boa e eu arranjei apenas 7.

— Ainda tem algum dinheiro? — perguntou Pilón, excitadamente.

— Estou contando como foi — disse Jesus Maria, com certa dignidade. — Comprei dois galões de vinho e os trouxe aqui para a floresta e depois fui passear com Arabella Gross. Comprei para ela um par de calças de seda em Monterey. Ela gostou — eram

lindas, cor-de-rosa. E depois comprei um pinto de uísque para Arabela e, depois de algum tempo, encontramos uns soldados e ela foi-se embora com eles.

— Oh, roubar o dinheiro de um bom homem! — gritou Pilón, horrorizado.

— Não — disse Jesus Maria, sonhadoramente. — Era a hora de ela ir embora. E depois eu vim para aqui e fui dormir.

— Então você não tem mais dinheiro?

— Não sei — disse Jesus Maria. — Vou ver.

Procurou nos bolsos e achou três notas enxovalhadas de um dólar e um níquel de dez centavos.

— Esta noite — disse ele — comprarei para Arabella Gross uma dessas coisas que as mulheres usam...

— Você quer dizer um porta-seios.

— Sim — disse Jesus Maria — e não tão pequeno como você pode pensar.

Ele pigarreou para limpar a garganta.

Instantaneamente, Pilón se fez solícito:

— É o ar da noite — disse ele. — Não é bom dormir no sereno. Venha, Pablo, levá-lo-emos para a nossa casa e curaremos o seu resfriado. A moléstia está bem avançada nos seus pulmões, mas nós curaremos.

— De que é que vocês estão falando? — disse Jesus Maria. — Estou bem.

— Assim pensa você — disse Pilón. — Assim pensava Rudolfo Kelling. E você mesmo foi ao enterro dele, há um mês. Assim pensava Angelina Vásquez. Ela morreu à semana passada.

Jesus Maria estava assustado:

— Que é que vocês pensam que seja?

— Dormir neste ar da noite... — disse Pilón, sàbiamente. — Os seus pulmões não agüentam isso.

Pablo envolveu a garrafa de vinho numa grande folha de árvore, disfarçando-a de tal maneira que quem quer que passasse se consumiria de curiosidade até que soubesse o que a folha continha.

Pilón andava ao lado de Jesus Maria, tocando-o uma ou outra vez no cotovelo, para lhe lembrar que não estava bem. Eles

o levaram para casa e o deitaram numa cama de lona e, embora o dia estivesse quente, o cobriram com um velho cobertor. Pablo falou, com volubilidade, dos pobrezinhos que penavam com a tuberculose. E, depois, Pilón pôs doçura na voz. Falou, reverentemente, da alegria de viver numa pequena casa. Quando a noite estivesse adiantada, e acabados o vinho e as conversas, e lá fora a névoa se pendurasse sobre a terra como um fantasma gigantesco, então não se teria de sair para dormir na umidade de um valado. Não. O sujeito se deitava num leito profundo, quente e amável, e dormia como uma criancinha.

Jesus Maria começou a dormir neste ponto. Pilón e Pablo tiveram de acordá-lo e dar-lhe um gole. Depois, Pilón falou, com volubilidade, das manhãs em que a gente fica no seu quente ninho até que o sol esteja bastante alto para valer alguma coisa. Não se saía a tremer, na madrugada, a esfregar as mãos para que não se congelassem.

Afinal, Pilón e Pablo avançaram sobre Jesus Maria como duas aves de rapina convergem para a sua presa. Alugaram o uso da casa a Jesus Maria por 15 dólares mensais. Ele aceitou alegremente. Apertaram-se as mãos. A garrafa saiu do seu invólucro de folhas. Pilón bebeu profundamente, pois sabia que o trabalho mais difícil estava por fazer. Ele disse, muito gentil e casualmente, enquanto Jesus Maria esvaziava a garrafa:

— E você pagará somente três dólares por conta, agora.

Jesus Maria arriou a garrafa e o olhou horrorizado:

— Não! — explodiu ele. — Prometi a Arabella Gross comprar-lhe uma dessas coisas... Pagarei o aluguel quando chegar a ocasião.

Pilón viu que havia errado.

— Quando você estava deitado na praia de Seaside, Deus fez o botezinho vogar para você. Acha você que o bom Deus fez isso para que você pudesse comprar meias de seda para uma vagabunda qualquer? Não! Deus o fez para que você não morresse dormindo ao relento. Acha você que Deus está interessado nos seios de Arabella? E, ademais, tomaremos um depósito de dois dólares. Por um dólar você poderá comprar um porta-seios bastante grande para conter os úberes de uma vaca.

Jesus Maria ainda protestou.

— Eu lhe digo — continuou Pilón. — A menos que paguemos a Danny dois dólares, seremos todos atirados à rua e isso por culpa de você. Se dormirmos nos valados, você ficará sempre com esse remorso.

Sob esse tiroteio, partido de várias direções, Jesus Maria Corcorán sucumbiu. Entregou as duas notas amarrotadas de um dólar a Pilón.

E agora o sentimento de tensão desertou a sala e a paz e a tranqüilidade e uma profunda camaradagem tomaram o seu lugar. Pilón relaxou os músculos. Pablo transferiu o velho cobertor novamente para a sua cama e a conversação se generalizou.

— Devemos levar este dinheiro a Danny.

Passado o apetite inicial, estavam bebericando o vinho, agora, em cântaros.

— Que grande necessidade é essa de Danny por dois dólares? — perguntou Jesus Maria.

Pilón se fez confidencial. As suas mãos entraram na conversa como duas mariposas gêmeas, que sòmente os seus braços impediam de voar porta afora:

— Danny, nosso amigo, está namorando a Sra. Morales. Oh, não pense que Danny seja um idiota. A Sra. Morales tem 200 dólares no banco. Danny deseja comprar uma caixa de confeitos para a Sra. Morales.

— Confeitos não fazem bem à gente — observou Pablo. — Dão dor de dentes.

— Isso é com Danny — disse Jesus Maria. — Se ele deseja que os dentes da Sra. Morales doam, que temos nós com isso? Que nos importam os dentes da Sra. Morales?

Uma nuvem de ansiedade descera sobre a face de Pilón.

— Mas — interveio ele, obstinadamente — se o nosso amigo Danny levar confeitos para a Sra. Morales, também comerá alguns. De maneira que os dentes do nosso amigo doerão.

Pablo sacudiu a cabeça, ansiosamente:

— Seria uma coisa horrível, se os amigos de Danny, de quem ele depende, produzissem dores nos seus dentes.

— Que faremos, então? — perguntou Jesus Maria, embora soubesse, como os outros dois, o que iriam fazer.

Esperaram, polidamente, um do outro, a sugestão inevitável. Reinou silêncio. Pilón e Pablo achavam que a sugestão não devia vir deles, pois, por certos motivos ponderosos, podiam ser considerados como parte interessada. Jesus Maria manteve silêncio por dever de hospitalidade, mas, quando o silêncio lhe revelou o que os dois requeriam dele, varou instantaneamente a brecha.

— Um galão de vinho é um lindo presente para uma senhora — sugeriu ele, num tom de voz musical.

Pilón e Pablo estavam surpreendidos com o seu brilhantismo.

— Podemos dizer a Danny que o vinho será melhor para os seus dentes.

— Mas talvez Danny não dê atenção ao nosso conselho. Se dermos dinheiro a Danny, ninguém pode dizer o que fará com ele. Pode comprar confeitos, de qualquer modo, e teremos perdido todo o nosso tempo e o nosso latim.

Haviam feito de Jesus Maria o seu inspirador, o seu alívio nas situações difíceis.

— Talvez não haja perigo, se nós mesmos comprarmos o vinho e o dermos a Danny — sugeriu ele.

— É isso mesmo — gritou Pilón. — Agora demos no vinte.

Jesus Maria sorriu modestamente com o seu triunfo, mas achou que, mais cedo ou mais tarde, este princípio teria sido promulgado por algum deles.

Pablo derramou o restinho de vinho no cântaro e eles bebêram cansadamente, depois do esforço. Foi motivo de orgulho para eles que essa idéia lhes tivesse chegado tão logicamente, numa causa tão filantrópica.

— Estou com fome — disse Pablo.

Pilón se levantou, foi até a porta e olhou para o sol.

— Já é de tarde — disse ele. — Eu e Pablo vamos ao bar de Torrelli comprar o vinho, enquanto você, Jesus Maria, irá a Monterey buscar alguma coisa para comer. Talvez a Sra. Bruno, do cais, lhe dê algum peixe. Talvez você possa conseguir um pouco de pão em algum lugar.

— Eu gostaria de ir com vocês — disse Jesus Maria, pois suspeitava que outra seqüência, igualmente inevitável, estava começando a se desenvolver na cabeça dos amigos.

— Não, Jesus Maria — disseram eles, com firmeza. — Já são duas horas, ou quase isso. Dentro de uma hora, serão três. Então encontraremos você aqui e comeremos alguma coisa. Talvez tenhamos um copo de vinho para molhar a goela.

Jesus Maria iniciou relutantemente a marcha para Monterey, enquanto Pablo e Pilón desceram alegremente a colina em direção ao bar de Torrelli.

V

De como São Francisco
mudou a maré
e brandamente puniu Pilón,
Pablo e Jesus Maria.

A tarde chegou tão imperceptivelmente como a idade chega a um homem feliz. Uma poeira dourada entrou na luz do sul. A baía se tornou mais azul e a brisa da terra encrespou ligeiramente as suas águas. Os pescadores solitários que acreditavam que o peixe abunda com a maré alta deixaram os seus postos na rocha e o seu lugar foi tomado por outros pescadores, que estavam convencidos de que o peixe abunda com a maré baixa.

Às três da tarde, o vento fez uma volta e soprou docemente da baía para terra, trazendo consigo todas as espécies de odores de maresia. Os remendões de redes nos terrenos baldios de Monterey deixaram de lado o trabalho e prepararam cigarros. Pelas ruas da cidade, senhoras gordas, em cujos olhos havia o cansaço e a sabedoria que se encontra tantas vezes nos olhos dos porcos, eram levadas, em empoeirados automóveis, para o chá e os "gin fizzes" do Hotel Del Monte. Na rua Alvarado, Hugo Machado, o alfaiate, deixou um letreiro à porta da sua tenda — "Voltarei dentro de cinco minutos" — e foi para casa passar o resto do dia. Os pinheiros se moviam vagarosa, voluptuosamente. As galinhas, numa centena de galinheiros, se queixavam, em voz plácida, da má sorte que lhes coubera.

Pilón e Pablo se sentaram sob uma roseira de Castela no pátio de Torrelli e tranqüilamente beberam vinho e deixaram que a tarde crescesse sobre eles tão gradualmente como crescem os cabelos.

— É bom que não levemos dois galões de vinho para Danny — disse Pilón. — Ele é um sujeito que não sabe se conter na bebida.

Pablo concordou.

— Parece estar de boa saúde — disse ele — mas é exatamente um desses que morrem todo o dia. Veja Rudolfo Kelling. Veja Angelina Vásquez.

O realismo de Pilón se elevou ligeiramente à superfície.

— Rudolfo caiu da pedreira de Pacific Grove — observou ele, numa branda repreensão. — Angelina comeu peixe podre. Mas — continuou, gentilmente — eu sei o que você quer dizer. E há muita gente que morre por abuso de vinho.

Toda a cidade de Monterey começou a fazer graduais e instintivos preparatórios contra a noite. A Sra. Gutiérrez pôs novo condimento no seu molho de "enchilada". Rubert Hogan, o vendedor de bebidas espirituosas, acrescentou água ao seu gim e pô-lo de lado para ser servido depois da meia-noite. E pôs um pouco de pimenta no seu uísque das primeiras horas da noite. No pavilhão de dança de El Passo, Bullet Rosendale abriu uma caixa de pretzels e os pratos das mesas de honra. A Palace Drug Company abriu os seus toldos de lona. Um pequeno grupo de homens, que haviam passado a tarde em frente da agência dos correios, cumprimentando os amigos, se movimentou para a estação para a chegada do Expresso Del Monte, vindo de San Francisco. As gaivotas alçaram vôo das fábricas de peixe enlatado e voaram para os rochedos do mar. Filas de pelicanos voavam sobre a água, à procura de pouso para a noite. Nos barcos de pesca, os italianos enrolaram as suas redes. A pequena Srta. Alma Álvarez, que estava nos seus 90 anos, levou o seu ramilhete cotidiano de gerânios cor-de-rosa para a Virgem, na parede exterior da igreja de San Carlos. Na vizinha e metodista aldeia de Pacific Grove, a W. C. T. U. se reuniu para tomar chá e discutir, enquanto ouvia uma senhora pequenina a descrever o vício e a prostituição em Monterey com energia e cor. Ela achava que uma comissão deve-

ria visitar esses antros para ver exatamente como eram realmente terríveis as condições reinantes. Haviam discutido muito a situação e necessitavam de novos fatos.

O sol continuou a andar para o ocidente e tomou um tom alaranjado. Sob a roseira do quintal de Torrelli, Pablo e Pilón deram cabo do primeiro galão de vinho. Torrelli saiu de casa e atravessou o quintal sem ver os seus antigos fregueses. Esperaram até que ele estivesse bem longe, no caminho de Monterey, e, em seguida, Pablo e Pilón entraram na casa e, com um perfeito conhecimento da sua arte, arranjaram o seu jantar com a Sra. Torrelli. Deram-lhe pancadinhas nas nádegas e a chamaram de "Patinha de Manteiga" e tomaram ligeiras e corteses liberdades com a sua pessoa e, finalmente, a deixaram, envaidecida e ligeiramente amarrotada.

Agora é noite em Monterey e as luzes brilham. As janelas estão suavemente iluminadas. O cinema de Monterey começou a dizer "Anjos do Inferno", "Anjos do Inferno", uma e várias vezes, com as suas luzes. Um pequeno mas decidido grupo de homens, que acreditavam que o peixe abunda à noite, tomou o seu lugar nas frias rochas à beira do mar. Uma ligeira névoa povoou as ruas e se pendurou das chaminés e um delicado cheiro de pinheiros a queimar encheu a atmosfera.

Pablo e Pilón voltaram para a roseira e se sentaram no chão, mas não estavam tão contentes como antes.

— Está frio aqui — disse Pilón, e tomou um gole de vinho para se aquecer.

— Devemos ir para a nossa casa — disse Pablo. — Lá está quente.

— Mas não há lenha para o fogão.

— Bem — disse Pablo —, se você levar o vinho, eu me encontrarei com você na esquina da rua.

E ele o fez, dentro de meia hora.

Pilón esperou pacientemente, pois sabia que há algumas coisas em que nem mesmo um amigo pode ajudar. Enquanto esperava, Pilón ficou de olho na rua, na direção que Torrelli tomara, pois Torrelli era um homem vigoroso, para quem não valiam as explicações, por mais cuidadosamente ponderadas ou lindamente pronunciadas. Ademais, Torrelli tinha, como o sabia Pilón, o

exagerado e quixotesco ideal dos italianos nas relações conjugais. Mas Pilón vigiou em vão. Nenhum Torrelli chegou brutalmente em casa. Pouco depois Pablo se reuniu a ele e Pilón notou, satisfeito e admirado, que o amigo trazia uma braçada de lenha de pinheiro da reserva de Torrelli.

Pablo não fez comentários sobre a sua recente aventura, até que chegassem em casa. Então, ele se fez eco das palavras de Danny:

— É interessante, aquela "Patinha de Manteiga".

Pilón sacudiu a cabeça na escuridão e falou com tranqüila filosofia:

— Só raramente se encontram todas as coisas num único mercado — vinho, comida, amor e lenha. Devemos lembrar-nos de Torrelli, Pablo, meu amigo. Precisamos dar-lhe um pequeno presente algum dia.

Pilón produziu um fogo bem firme no fogareiro. Os dois amigos puxaram as suas cadeiras para perto e mantiveram os cântaros ao calor do fogo, para aquecer um pouco o vinho. Esta noite a luz era sagrada, pois Pablo comprara uma vela para acender a São Francisco. Algo havia distraído a sua atenção, antes de que o sagrado plano se consumasse. Agora a pequena vela de sebo ardia lindamente, numa concha, e atirava as sombras de Pilón e de Pablo contra a parede e as fazia dançar.

— Onde terá ido Jesus Maria? — observou Pilón.

— Ele prometeu voltar há muito tempo — disse Pablo. — Não sei se é um sujeito de confiança ou não.

— Talvez tenha acontecido alguma coisa para o atrasar, Pablo. Jesus Maria, com aquela barba vermelha e aquele bom coração, está sempre em enrascadas com mulheres.

— Tem cérebro de gafanhoto — disse Pablo. — Canta, brinca, salta. Não tem nenhuma seriedade.

Não tinham muito tempo para esperar. Mal começavam o segundo cântaro de vinho quando Jesus Maria chegou, a cambalear. Ele se agarrou aos portais para não cair. A camisa estava rôta e o rosto sujo de sangue. Um dos olhos se mostrava arroxeado e terrível à bruxuleante luz da vela.

Pablo e Pilón correram para ele.

— Amigo! Ele está ferido. Caiu de um penhasco! Foi atropelado por um trem!

Não havia o mais ligeiro tom de sátira, mas Jesus Maria o tomou pela pior espécie de sátira. Ele os fulminou com o olho que ainda tinha alguma volição em assuntos dessa natureza.

— As mães de vocês eram vacas sem úberes — observou ele.

Eles recuaram, horrorizados com a vulgaridade da maldição.

— O nosso amigo não está bom da bola.

— Os ossos da sua cabeça se quebraram.

— Dê-lhe um pouco de vinho, Pablo.

Jesus Maria sentou-se preguiçosamente junto ao fogo e acariciou o seu cântaro de vinho, enquanto os amigos esperavam, pacientemente, por uma explicação da tragédia. Mas Jesus Maria parecia contente por deixar os amigos na ignorância da sua desventura. Embora Pilón pigarreasse várias vezes, e embora Pablo olhasse para Jesus Maria com olhos de simpatia e compreensão, Jesus Maria obstinadamente fitou o fogareiro, o vinho e a vela benta, até que, por fim, a sua reticência descortês levou Pilón a igual descortesia. Depois, não pôde compreender como pudera fazê-lo.

— Novamente os soldados? — perguntou ele.

— Sim — resmungou Jesus Maria. — Desta vez eles chegaram muito cedo.

— Devia haver uns vinte deles para amassarem você deste jeito — observou Pablo, a bem do espírito do amigo. — Todo mundo sabe que você é uma fera na luta.

E Jesus Maria pareceu um pouco mais feliz.

— Eram quatro — disse ele. — Arabella Gross também ajudou. Ela me bateu na cabeça com uma pedra.

Pilón sentiu uma onda de ressentimento tomar corpo dentro dele.

— Não lhe lembrarei — disse com severidade — como os seus amigos lhe advertiram contra essa fulana.

Imaginou se teria mesmo advertido Jesus Maria e pareceu se lembrar de que o fizera.

— Essas garotas baratas não valem nada, meu amigo — interveio Pablo. — Mas você lhe deu aquela coisa... ahn... o porta-seios?

Jesus Maria procurou nos bolsos e encontrou um porta-seios amarrotado, de raiom cor-de-rosa.

— Não houve oportunidade — disse ele. — Eu estava apenas chegando a esse ponto e, além disso, não tínhamos ido ainda para a floresta.

Pilón fungou o ar e sacudiu a cabeça, mas não sem certa tolerância triste:

— Você esteve bebendo uísque.

Jesus Maria concordou.

— De onde veio o uísque?

— Dos soldados — disse Jesus Maria. — Estava escondido num bueiro. Arabella sabia que o uísque estava ali e me disse. Mas os soldados nos viram com a garrafa.

A história estava gradualmente tomando forma. Pilón gostava disso. Uma história ficava estragada, se fosse contada rapidamente. A boa história está nas coisas semicontadas que devem ser completadas pela própria experiência do ouvinte. Ele tomou o porta-seios do colo de Jesus Maria, passou os dedos sobre ele e os seus olhos ficaram pequeninos. Mas, num momento, brilharam com uma luz de alegria.

— Já sei — gritou ele. — Daremos isto a Danny como um presente para a Sra. Morales.

Todo mundo, exceto Jesus Maria, aplaudiu a idéia. E ele se sentiu desesperadoramente esmagado pelo número. Pablo, com delicada compreensão da derrota, encheu o cântaro de Jesus Maria.

Depois de passado algum tempo, os três homens começaram a sorrir. Pilón contou uma história muito engraçada que acontecera ao pai. Os bons espíritos voltaram para a companhia. Cantaram. Jesus Maria dançou vertiginosamente para provar que não estava mal ferido. O vinho ia desaparecendo e desaparecendo na garrafa, mas, antes que desaparecesse por completo, os três amigos caíam de sono. Pilón e Pablo cambalearam para a cama e Jesus Maria se estirou confortavelmente no chão, ao lado do fogareiro.

O fogo morria. A casa estava povoada com o ressonar dos três amigos. No cômodo da frente, somente uma coisa se movia.

A vela benta lançava a sua pequena chama em ponta de lança para cima e para baixo, com incrível rapidez.

Mais tarde, esta pequena vela deu a Pilón e a Jesus Maria alguns problemas de ética em que pensar. Um simples cilindro de sebo com um pavio por dentro. Uma coisa assim, dirá você, responde a certas leis físicas — e a nenhuma outra. A sua conduta, pensará você, é regulada por certos princípios de calor e de combustão. Você acende o pavio; o sebo se funde e é atraído para o pavio; a vela queima certo número de horas, se apaga e é tudo. O incidente está terminado. Em pouco tempo a vela está esquecida e, depois, naturalmente, jamais existiu.

Terá você esquecido que esta vela era benta? Que, num momento de consciência, ou talvez de pura exaltação religiosa, foi destinada por Pablo para São Francisco? Este é o princípio que afasta o cilindro de sebo da jurisdição da física.

A vela atirava a sua lança de luz para o céu, como um artista que se consome para se fazer divino. A vela ficava cada vez menor. O vento caiu lá fora e achou caminho através das rachaduras da parede. A vela espalhava a chama para os lados. Uma folhinha, com o retrato de uma bela garota que sorria dentro da corola de uma rosa, se balançava a pequena distância da parede. Foi lambida pela língua de fogo. As chamas subiram pelo cordão de seda, avançando para o teto. Uma parte do papel que cobria a parede, já solta, pegou fogo e caiu, a arder, sobre um maço de jornais velhos.

No céu, santos e mártires olhavam com o rosto rígido sem perdão. A vela era benta. Pertencia a São Francisco. São Francisco terá uma grande vela em seu lugar, esta noite.

Se fosse possível julgar da profundidade do sono, poder-se-ia dizer, com justiça, que Pablo, cuja ação reprovável era o responsável pelo incêndio, dormia ainda mais pesadamente do que os seus dois amigos. Mas, como não há medida, pode-se dizer apenas que ele dormia muito e muito profundamente.

As chamas subiram pelas paredes e encontraram pequenos orifícios no telhado e por eles atravessaram para a noite. A casa ficou com o ruído do fogo a lavrar. Jesus Maria se voltou e começou, dormindo, a tirar o paletó. Então, uma faísca lhe caiu no

rosto. Ele se levantou com um grito e ficou aturdido com o incêndio ao redor de si.

— Pilón — gritou ele. — Pablo!

Correu para o outro quarto, puxou os amigos para fora da cama e para fora da casa. Pilón ainda segurava nos dedos o porta-seios cor-de-rosa.

Do lado de fora da casa em chamas, olharam pela porta aberta, iluminada pelo fogo. Podiam ver a garrafa sobre a mesa, ainda com duas boas polegadas de vinho.

Pilón adivinhou o selvagem e incipiente heroísmo de Jesus Maria.

— Não faça isso! — gritou ele. — Deve ser perdido no fogo, como um castigo por o havermos deixado.

O alarma das sirenas chegou aos seus ouvidos e, depois, o ruído dos caminhões a subir a colina, a toda velocidade, vindos do corpo de bombeiros de Monterey. Os grandes carros vermelhos se aproximavam e os seus faróis brincavam entre os troncos dos pinheiros.

Pilón se voltou apressadamente para Jesus Maria!

— Corra, vá dizer a Danny que a casa dele está ardendo! Corra depressa, Jesus Maria!

— Por que não vai você?

— Escute — disse Pilón. — Danny não sabe que você é um dos inquilinos da casa. Ele poderia ficar zangado comigo e com Pablo.

Jesus Maria entendeu esta lógica e correu para a casa de Danny. A casa estava às escuras.

— Danny! — gritou Jesus Maria. — Danny, a sua casa está em chamas!

Não houve resposta.

— Danny! — gritou ele, novamente.

Uma janela se abriu na casa da Sra. Morales, a vizinha, e a voz de Danny parecia irritada:

— Que diabo quer você?

— A outra casa está pegando fogo — a casa em que Pilón e Pablo moram!

Por um momento, Danny não respondeu, mas depois perguntou:

— Os bombeiros estão lá?

— Sim — gritou Jesus Maria.

Todo o céu estava iluminado agora. O estalar da madeira a arder podia até ser ouvido.

— Bem — disse Danny —, se os bombeiros nada podem fazer, que diabo Pilón espera que eu faça?

Jesus Maria ouviu o ruído da janela a se fechar, fez meia volta e caminhou na direção do incêndio. Era uma hora ruim para chamar Danny, ele sabia, mas, afinal, como se podia adivinhar? Se Danny perdesse o incêndio, poderia ficar zangado. Jesus Maria estava contente por lhe haver dado a notícia, de qualquer maneira. Agora a responsabilidade ficava com a Sra. Morales.

Era uma pequena casa, havia muitas correntes de ar, as paredes estavam perfeitamente secas. Talvez, desde que a velha Cidade Chinesa se incendiara, não tivesse havido um incêndio tão rápido e tão completo. Os bombeiros olharam para as paredes em chamas e depois começaram a molhar o mato, as árvores e as casas vizinhas. Em menos de uma hora a casa desapareceu por completo. Somente então as mangueiras entraram em ação sobre o montão de cinzas, para apagar o madeirame e as fagulhas.

Pilón, Pablo e Jesus Maria, ombro a ombro, presenciaram tudo. A metade da população de Monterey e toda a população de Tortilla Flat, exceto Danny e a Sra. Morales, se postaram, felizes, para apreciar o incêndio. Afinal, quando tudo acabou, quando apenas uma nuvem de vapor subia do montão de negros escombros, Pilón se afastou em silêncio.

— Aonde vai você — chamou Pablo.

— Vou para a floresta, dormir — disse Pilón. — Aconselho que vocês venham também. Será uma felicidade se Danny não nos vir por algum tempo.

Eles balançaram a cabeça gravemente e o seguiram para a floresta de pinheiros.

— É uma lição para nós — disse Pilón. — Com isto aprenderemos a jamais deixar vinho numa casa, durante a noite.

— Da próxima vez — disse Pablo, desconsoladamente — pô-lo-emos do lado de fora e alguém o roubará.

Bando de FDP KKKK

VI

De como três homens pecadores,
através da contrição,
alcançaram a paz.
De como os amigos de Danny
juraram camaradagem.

Quando o sol brilhou sobre os pinheiros e a terra estava quente e o orvalho da noite secava sobre as folhas dos gerânios, Danny saiu para a sua varanda para se sentar ao sol e matutar, no quente, sobre certos acontecimentos. Ele tirou fora os sapatos e esfregou os pós nos batentes da porta, batidos de sol. Saíra pela manhã para ver as cinzas negras e os restos do que fora a sua outra casa. Deixara-se levar por uma ligeira raiva convencional contra os amigos descuidados e lamentara, por um momento, a qualidade transitória da propriedade terrena, que torna a propriedade espiritual muito mais valiosa. Matutara sobre a ruína do seu "status" de homem que tinha uma casa para alugar. E, satisfeita e desaparecida toda esta necessária e decente emoção, ele finalmente atingiu a sua verdadeira emoção, a de alívio de, pelo menos, uma das suas obrigações.

— Se a casa ainda existisse, eu faria olho grosso no aluguel — pensou ele. — Os meus amigos esfriaram comigo porque me deviam dinheiro. Agora podemos ser novamente livres e felizes.

Mas Danny sabia que deveria ralhar um pouco com os amigos, ou eles o considerariam um tolo. Portanto, enquanto descansava na varanda, espantando as moscas, uma mão que transmitia

mais advertência do que ameaça às moscas, estudou as coisas que deveria dizer aos amigos antes de que lhes permitisse novamente a entrada no curral da sua afeição. Ele devia mostrar-lhes que não era um homem para ser tapeado. Mas suspirava por terminar com a história e ser mais uma vez o Danny de quem todos gostavam, o que todos procuravam quando tinham um galão de vinho ou um pedaço de carne. Como dono de duas casas, era considerado rico e perdera muita petisqueira.

Pilón, Pablo e Jesus Maria Corcorán dormiram muito tempo sob os pinheiros da floresta. Fora uma noite de terrível excitação — e eles estavam cansados. Mas, por fim, o sol lhes queimou o rosto com o ardor do meio-dia, as formigas passearam sobre os seus corpos e dois periquitos, a saltar por perto, os chamaram com todas as inflexões agudas de voz que conheciam.

O que deu cabo do seu sono, entretanto, foi um convescote do outro lado dos arbustos. O cheiro das iguarias chegou até Pilón, Pablo e Jesus Maria. Eles despertaram, sentaram e, depois, a enormidade da sua situação se revelou diante deles.

— Como começou o incêndio? — perguntou Pablo, num queixume.

Ninguém sabia.

— Talvez devêssemos ir a outra cidade por algum tempo — disse Jesus Maria. — Watsonville ou Salinas. São belas cidades.

Pilón tirou o porta-seios do bolso e correu os dedos pela sua rosada maciez. E o pôs contra o sol e olhou através dele.

— Isso apenas retardaria os problemas — decidiu ele. — Acho que seria melhor irmos a Danny e confessar a nossa falta, como três crianças com o papai. Assim ele nada poderá dizer, sem ficar triste ele próprio. E, ademais, não demos este presente para a Sra. Molares?

Os amigos balançaram a cabeça, concordando. Os olhos de Pilón atravessaram os cerrados arbustos até o lugar em que se realizava o convescote e, particularmente, até a grande cesta de onde vinha o penetrante odor de ovos estrelados. O nariz de Pilón aflou por algum tempo, como o de um coelho. Ele sorriu num tranqüilo devaneio.

— Vou dar uma volta, meus amigos. Dentro de pouco tempo encontrarei voces na pedreira. Não levem o cesto, se vocês ajudarem.

Eles vigiaram, tristemente, enquanto Pilón se afastava, através das árvores, numa direção em ângulo reto com o convescote e o cesto. Pablo e Jesus Maria não se surpreenderam, alguns minutos depois, ao ouvir um cão ladrar, um galo cocoricar, o fungar de um gato do mato, uma vasta gargalhada, um gritinho ligeiro e um pedido de socorro. Ms os folgazões do convescote ficaram surpreendidos e fascinados. Os dois homens e as duas mulheres deixaram para trás o seu cêsto e avançaram para esses sons versáteis.

Pablo e Jesus Maria obedeceram a Pilón. Não levaram o cesto, mas sempre, depois, os seus chapéus e as suas camisas ficaram manchados de ovo.

Mais ou menos às três da tarde, os três penitentes seguiram vagarosamente para a casa de Danny. Traziam os braços carregados com oferendas de reconciliação: laranjas, maçãs e bananas, frascos de azeitonas e de conservas, sanduíches de presunto, sanduíches de ovo, garrafas de soda, uma salada de batata em pacote impermeável e um exemplar do *Saturday Evening Post*.

Danny os viu chegar e se pôs de pé e tentou recordar as coisas que devia dizer. Eles se alinharam à sua frente e abaixaram a cabeça.

— Cães, filhos de cães! Ladrões da outra casa de gente decente! — gritou-lhes Danny. — Escória da praia!

Ele chamou as mães dos amigos de vacas e os pais de carneiros imundos.

Pilón abriu o saco que trazia e expôs os sanduíches de presunto. E Danny disse que não confiava mais nos amigos, que a sua fé não existia e que a sua amizade desaparecera. E depois ele começou a achar dificuldade em se lembrar, pois Pilón retirara dois ovos do saco. Mas Danny voltou à genealogia e criticou a virtude das mulheres e a potência dos homens.

Pilón retirou o porta-seios do bolso e o deixou dançar pendurado nos seus dedos.

Danny esqueceu tudo, então. Ele se sentou na varanda e os seus amigos se sentaram também e os embrulhos foram abertos. Comeram até se sentir mal. Foi uma hora mais tarde, quando se reclinaram à vontade na varanda, sem prestar atenção a mais nada além da digestão, que Danny perguntou incidentalmente, como se tratasse de coisa remota:

— Como começou o incêndio?

— Não sabemos — explicou Pilón. — Fomos dormir, e, depois, o fogo começou. Talvez tenhamos inimigos.

— Talvez — disse Pablo devotamente — o dedo de Deus ande metido nisso.

— Quem pode dizer o que faz com que o bom Deus haja da maneira por que Ele o faz? — acrescentou Jesus Maria.

Quando Pilón entregou o porta-seios e explicou que era um presente para a Sra. Morales, Danny se fez reticente. Olhou o porta-seios com certo ceticismo. Os amigos — pensou ele — estavam adulando a Sra. Morales.

— Não é mulher a quem se dêem presentes — disse ele, finalmente. — Muitas vezes ficamos agarrados às mulheres pelas meias de seda que lhes damos.

Não pôde explicar aos amigos a frieza que se produzira nas suas relações com a Sra. Morales desde que era dono de uma casa só, nem pôde, por gentileza para com a Sra. Morales, descrever a sua própria alegria com essa frieza.

— Vou guardar esta coisinha — disse ele. — Algum dia poderá ter utilidade para alguém.

Quando a noite chegou, eles entraram na casa e fizeram um fogo de lenha no fogareiro. Danny, como prova do seu perdão, trouxe um quartilho de vinho e compartilhou do fogo com os amigos.

Eles se acostumaram facilmente à nova vida.

— É muito mau que as galinhas todas da Sra. Morales tenham morrido — observou Pilón.

Mas mesmo nisto não havia barreiras à felicidade.

— Ela vai comprar duas dúzias na segunda-feira — disse Danny.

Pilón sorriu, satisfeito.

— As galinhas da Sra. Soto não eram boas — disse ele. — Eu disse à Sra. Soto que as bichinhas precisavam de cálcio, mas ela não me deu atenção.

Beberam o quartilho de vinho e isso foi o bastante para promover a doçura da camaradagem.

— É bom ter amigos — disse Danny. — O mundo seria muito chato, se não houvesse amigos com quem conversar e beber vinho.

— Ou comer sanduíches — ajuntou, rapidamente, Pilón.

Pablo não se libertara completamente do seu remorso, pois suspeitava do verdadeiro estado da política celestial que causara o incêndio da casa.

— Em todo o mundo há poucos amigos como você, Danny. Nem todos têm este consolo.

Antes de que Danny afundasse completamente sob as ondas dos amigos, fez uma advertência:

— Vocês não me abafem a cama — ordenou ele. — Isso é uma coisa que deve ser somente minha.

Embora nenhum deles o tivesse dito, todos quatro sabiam que iam viver na casa de Danny.

Pilón suspirou com prazer. Fora-se a inquietação do aluguel, fora-se a responsabilidade da dívida. Já não era um inquilino, mas um hóspede. Mentalmente, agradeceu aos fados o incêndio da outra casa.

— Seremos todos felizes aqui, Danny — disse ele. — À noite, nós nos sentaremos junto ao fogo e os nossos amigos nos virão visitar. E, às vezes, talvez tenhamos um copo de vinho para beber à saúde dos amigos.

Então Jesus Maria, num frenesi de gratidão, fez uma promessa temerária. Foi o vinho que a fez — o vinho, a noite do incêndio, os ovos estrelados. Sentiu que recebera grandes dádivas e desejou distribuir uma.

— Deve ser nosso encargo e nosso dever fazer com que sempre haja em casa comida para Danny — declamou ele. — O nosso amigo jamais deve passar fome.

Pilón e Pablo o olharam alarmados, mas a coisa estava dita — uma bela e generosa coisa. Nenhum homem podia, impune-

mente, destruí-la. Até mesmo Jesus Maria compreendeu, depois de fazê-la, a magnitude da sua declaração. Podiam apenas esperar que Danny a esquecesse.

— Se essa promessa fosse posta em vigor — matutou Pilón — seria pior do que o aluguel. Seria a escravidão.

— Nós o juramos, Danny! — disse ele.

Eles se sentaram em redor do fogareiro com lágrimas nos olhos, e o seu amor recíproco era quase insuportável.

Pablo limpou os olhos úmidos com as costas da mão e se fez eco da observação de Pilón.

— Seremos muito felizes vivendo aqui — disse ele.

VII

De como os amigos de Danny se tornaram uma força do bem, de como socorreram o pobre Pirata.

Muita gente via o Pirata todos os dias, alguns riam dele, alguns tinham pena, mas ninguém o conhecia muito bem, nem interferia na sua vida. Era um homem grande e largo, com uma tremenda barba negra e espessa. Usava um avental e uma camisa azul e não trazia chapéu. Na cidade, usava sapatos. Os olhos do Pirata se encolhiam quando defrontava qualquer pessoa adulta — o olhar secreto de um animal que se poria a correr se ousasse voltar as costas durante muito tempo. Por causa desta expressão, os "paisanos" de Monterey sabiam que a sua cabeça não crescera com o resto do seu corpo. Chamavam-no de Pirata por causa da barba. Todos os dias viam-no a empurrar o seu carrinho de mão pelas ruas até que vendia a sua carga de gravetos. E sempre, em matilha, aos seus calcanhares, andavam os seus cinco cães.

Enrique parecia um cão de caça, embora a sua cauda fosse peluda. Pajarito era de cor castanha e de pêlo espesso — e essas eram as únicas coisas que se podiam ver nele. Rudolph era um ção de quem os transeuntes diziam: "É um cão americano." Fluff era um Pug e Señor Alec Thompson parecia ser uma espécie de Airedale. Andavam em pelotão atrás do Pirata, muito respeitosos para com ele e muito solícitos com a sua felicidade. Quando ele

se sentava para descansar de empurrar o seu carrinho, todos eles tentavam sentar-lhe no colo para que ele lhes coçasse as orelhas.

Algumas pessoas haviam visto o Pirata, às primeiras horas da manhã, na rua Alvarado; algumas o tinham visto a cortar galhos secos; algumas sabiam que ele vendia estopa. Mas ninguém, exceto Pilón, sabia tudo o que o Pirata fazia. Pilón conhecia todo mundo e sabia todas as coisas acerca de todo o mundo.

O Pirata vivia num galinheiro deserto no quintal de uma casa deserta de Tortilla Flat. Teria achado presunçoso morar na casa. Os cães viviam em torno e em cima dele e o Pirata gostava disso, pois os seus cães o mantinham aquecido nas noites mais frias. Se tinha os pés frios, bastava-lhe apenas pôr a barriga do Señor Alec Thompson contra eles. O galinheiro era tão baixo que o Pirata precisava se pôr de quatro pés, para entrar.

Às primeiras horas da manhã, muito antes de raiar o sol, o Pirata saía do seu galinheiro e os cães o seguiam, arrepiando o pêlo e espirrando no ar frio. Então o grupo descia para Monterey e trabalhava ao longo de uma aléia. Quatro ou cinco restaurantes davam os fundos para essa aléia. O Pirata entrava em todos, visitando a cozinha do restaurante, quente, cheirando a comida. Os cozinheiros, resmungando, punham embrulhos de restos de comida nas suas mãos. Não sabiam porque o faziam.

Quando o Pirata terminava a ronda e tinha as mãos cheias de restos, subia novamente a colina até Munroe Street e entrava num terreno baldio e os cães, excitados, se agitavam em torno. Então ele abria os embrulhos e alimentava os cães. Para si mesmo retirava um pedaço de pão ou de carne de cada pacote, mas não escolhia para si o melhor. Os cães se sentavam ao redor, lambendo os beiços nervosamente, mudando de posição, enquanto esperavam a comida. Não lutavam para comer — e isso era uma coisa surpreendente. Os cães do Pirata jamais brigavam uns com os outros, mas se encanzinavam sobre qualquer outra coisa que, sobre quatro pés, vagasse pelas ruas de Monterey. Era uma beleza ver a alcatéia dos cinco empenhados na casa de "fox-terriers" e de cães da Pomerânia, como se fossem coelhos.

O dia raiava, quando a refeição chegava ao fim. O Pirata se sentava no chão e via o céu fazer-se azul com a manhã. Abaixo, via escunas demandando o mar, com o convés carregado de toros

de madeira. Ouvia o sino de bóia tocar docemente ao largo de China Point. Os cães se sentavam em torno dele e roíam os ossos. O Pirata parecia estar escutando o dia, mais do que vendo-o, pois, embora os seus olhos não se movessem, havia um ar de atenção nele. As suas grandes mãos se estendiam para os cães e os seus dedos trabalhavam meigamente por seus pêlos crespos. Depois de cerca de meia hora, o Pirata ia ao canto do terreno baldio, retirava a cobertura de panos de cima do seu carrinho de mão e desenterrava o seu machado do lugar em que o escondia todas as noites. Depois empurrava, colina acima, o seu carrinho, e entrava na floresta, até que encontrasse uma árvore morta, cheia de madeira seca. Ao meio-dia, tinha um belo carregamento de gravetos. E, então, sempre seguido pelos cães, andava pelas ruas até que vendesse a sua carga por 25 centavos.

Era possível observar tudo isto, mas o que fazia com o dinheiro ninguém sabia dizer. Não o gastava. À noite, protegido dos perigos pelos seus cães, ia para a floresta e escondia os 25 centavos do dia com centenas de outros. Em alguma parte, possuía grande soma de dinheiro.

Pilón, homem esperto, a quem não escapavam os detalhes da vida dos companheiros, e que ficava duplamente contente por descobrir os segredos que se aninhavam no cérebro dos seus conhecidos, descobriu o tesouro do Pirata por um processo lógico.

Pilón raciocinou assim:

— Todos os dias esse Pirata têm 25 centavos. Se recebe duas moedas de 10 e uma de 5 centavos, troca-as num boteco por uma moeda de 25 centavos. Não gasta dinheiro. Portanto, deve estar guardando o cobre.

Pilón tentou computar a quantidade do tesouro. Durante anos o Pirata vivera desta maneira: seis dias por semana cortava cavacos e, no domingo, ia à igreja. Conseguia roupas nas portas do fundo das casas, conseguia alimento nas portas do fundo dos restaurantes. Pilón se viu atrapalhado com os números por algum tempo, mas depois abandonou a tarefa.

— O Pirata — pensou ele — deve ter pelo menos cem dólares.

Durante muito tempo, Pilón havia considerado estas coisas. Mas foi somente depois da louca e entusiástica promessa de dar

comida a Danny que o pensamento do tesouro do Pirata teve alguma significação pessoal para Pilón.

Antes de entrar no assunto, Pilón submeteu o seu espírito a uma longa e ensurdecedora preparação. Ele se apiedou do Pirata.

— Pobre criatura! — disse para si mesmo. — Deus não lhe deu todo o cérebro que devia ter. Esse pobre Pirata não pode cuidar de si mesmo. Vive na imundície, num velho galinheiro. Ele se alimenta de restos que somente os seus cães deveriam comer. As suas roupas estão sujas e em farrapos. E, por não ter a cabeça boa, esconde o dinheiro.

Depois de haver lançado o alicerce da piedade, Pilón avançou para a sua solução.

"Não seria coisa meritória" — pensou ele — "fazer as coisas que ele não pode fazer? Comprar-lhe boas roupas, dar-lhe alimento digno de um ser humano?" "Mas — advertiu a si mesmo — "não tenho dinheiro para fazer essas coisas, embora estejam no meu coração. Como poderei realizar esse ato de caridade?"

Agora estava chegando a qualquer parte. Como o gato, que durante longas horas faz o cerco a um pardal. Pilón estava pronto para o salto.

"É isso!" — gritou o seu cérebro. — "É isso! O Pirata tem dinheiro, mas não tem cérebro para usá-lo. Eu tenho cérebro! Oferecerei o meu cérebro em seu benefício. Dar-lhe-ei de graça o meu espírito. Essa será a minha caridade para com esse pobre homem."

Foi essa uma das mais belas estruturas que Pilón já havia construído. A ânsia do artista, de mostrar a sua obra a um público, se pronunciou nele. "Contarei a Pablo" — pensou ele. Mas ficou a pensar se devia se arriscar a fazê-lo. Seria Pablo estritamente honesto? Não quereria ele desviar um pouco desse dinheiro para os seus próprios fins? Pilón decidiu não se arriscar.

É surpreendente notar que o ventre de todas as coisas negras e más é branco como neve. E é entristecedor descobrir como as partes ocultas dos anjos são cobertas de lepra. Honra e paz para Pilón, pois descobrira como revelar ao mundo o bem que havia em todas as coisas más. Nem era cego, como muitos santos o são, ao mal das boas coisas. Devemos admitir, com tristeza, que Pilón não tinha nem a estupidez, nem a retidão, nem o amor às recom-

pensas para se tornar um santo. Bastava-lhe fazer o bem e ser recompensado pelo fulgor da fraternidade humana.

Nessa mesma noite, ele fez uma visita ao galinheiro onde o Pirata vivia com os seus cães. Danny, Pablo e Jesus Maria, sentados ao redor do fogareiro, o viram sair e nada disseram, pois, pensaram com delicadeza, ou amor descera sobre Pilón ou ele sabia onde conseguir um pouco de vinho. Em qualquer dos casos, não era da sua conta, até que Pilón lhes falasse disso.

A noite caíra, mas Pilón trazia uma vela no bolso, pois podia ser uma boa coisa ver a expressão do rosto do Pirata enquanto conversavam. E Pilón trazia enrolado um grande pão de açúcar que Susie Francisco, que trabalhava numa padaria, lhe dera como retribuição por uma fórmula para conquistar o amor de Charlie Guzman. Charlie era um estafeta do telégrafo e andava de motocicleta. E Susie tinha um gorro de homem para pôr na cabeça, no caso de Charlie a convidar para um passeio. Pilón achava que o Pirata gostaria do pão de açúcar.

A noite estava muito escura. Pilón fez o seu caminho ao longo de uma rua estreita, ladeada por terrenos baldios e jardins abandonados e invadidos pelo mato.

O terrível cão de Gálvez veio rosnando do pátio de Gálvez e Pilón lhe fez cumprimentos numa voz doce. "Belo cão", "bonito cão" — duas mentiras evidentes. Mas impressionaram o cão, que se retirou para o quintal.

Pilón chegou, afinal, ao terreno baldio onde vivia o Pirata. E compreendeu que devia agir com cautela, pois os cães do Pirata, se suspeitassem maldade em alguém relativamente ao seu senhor, tinham a fama de se tornar verdadeiras fúrias.

Quando Pilón entrou no quintal, ouvia profundos e ameaçadores latidos vindos do galinheiro.

— Pirata! — chamou ele. — É o amigo Pilón, que vem conversar com você.

Houve silêncio. Os cães deixaram de rosnar.

— Pirata, é somente Pilón.

Uma voz profunda e sombria lhe respondeu.

— Vá embora. Estou dormindo. Os cães estão dormindo. Está escuro, Pilón. Vá dormir.

— Tenho uma vela no meu bolso — disse Pilón. — Fará uma luz tão límpida como a luz do dia nessa escura casa. Trouxe também um grande pão de açúcar para você.

Ligeira algazarra soou no galinheiro.

— Venha — disse o Pirata. — Direi aos cães que está tudo bem.

Enquanto avançava por entre o mato, Pilón podia ouvir o Pirata a conversar com os seus cães, explicando-lhes que era apenas Pilón, que lhes não faria mal algum. Pilón se inclinou diante da escura portinhola, acendeu um fósforo e chegou o lume à vela.

O Pirata estava sentado no chão imundo e os seus cães o rodeavam. Enrique rosnou e teve de ser novamente acalmado.

— Este não é tão bem comportado como os outros — disse o Pirata, a sorrir.

Os seus olhos eram os de uma criança divertida. Quando sorriu, os seus grandes e alvos dentes brilharam à luz da vela.

Pilón lhe entregou o embrulho.

— É um bom presente para você — disse ele.

O Pirata tomou o embrulho e o abriu e, depois, sorriu deleitado e retirou o pão de açúcar. Todos os cães se assanharam, e o olharam, e moveram os pés e lamberam os beiços. O Pirata partiu o pão em sete pedaços. Deu o primeiro a Pilón, que era seu hóspede.

— Enrique! — disse ele. — Fluff! Señor Alec Thompson!

Os cães recebiam o seu quinhão, enguliam-no e esperavam mais. Por fim, o Pirata comeu o seu pedaço e mostrou as mãos vazias aos cães.

— Não há mais, vocês estão vendo — disse ele.

Imediatamente os cães se sentaram em torno dele.

Pilón sentou-se no chão e pôs a vela à sua frente. O Pirata o interrogou com os olhos. Pilón se manteve tranqüilo, para deixar que muitas perguntas corressem pelo cérebro do Pirata. Afinal, ele disse:

— Você é um espeto para os amigos.

Os olhos do Pirata se encheram de espanto:

— Eu? Para os meus amigos? Que amigos?

Pilón adocicou a voz:

— Você tem muitos amigos que se inquietam por sua causa. Eles não vêm lhe visitar porque você é orgulhoso. Eles acham que o seu orgulho ficaria ferido se eles lhe vissem morando neste galinheiro, vestido com farrapos, comendo restos com os seus cães. Mas esses amigos se inquietam com o receio de que essa vida faça você ficar doente.

O Pirata seguia as suas palavras numa sôfrega surpresa e o seu cérebro tentava entender estas novas coisas que estava ouvindo. Não lhe ocorreu duvidar delas, pois Pilón as estava dizendo.

— Tenho todos esses amigos? — disse ele, a matutar. — E eu não o sabia. E eu sou um espeto para esses amigos. Eu não sabia, Pilón. Eu não lhes teria dado inquietações, se o soubesse.

Ele pigarreou para aliviar a emoção.

— Você vê, Pilón, os cães gostam disto aqui. E eu gosto disto por causa deles. Não pensei que fosse um espeto para os meus amigos.

Lágrimas brilhavam nos olhos do Pirata.

— Mesmo assim — disse Pilón —, a vida que você leva põe os seus amigos pouco à vontade.

O Pirata olhou para o chão e tentou pensar com clareza, mas, como sempre, quando tentava resolver um problema, o seu cérebro se confundia e nenhum auxílio lhe veio dele, mas somente um sentimento de desamparo. Olhou para os seus cães à procura de proteção, mas os cães estavam dormindo, pois nada tinham com isso. E depois ele olhou gravemente nos olhos de Pilón.

— Você deve me dizer o que fazer, Pilón. Eu não sabia dessas coisas.

Era muito fácil. Pilón estava um tanto envergonhado por ser uma coisa tão fácil. Hesitou, quase desistiu, mas depois notou que se zangaria consigo mesmo se o fizesse.

— Os seus amigos são pobres — disse ele. — Eles gostariam de ajudar você, mas não têm dinheiro. Se você tem dinheiro escondido, ponha o dinheiro pra fora. Compre algumas roupas. Coma alimentos que não sejam postos de lado por outras pessoas. Tire o dinheiro do esconderijo, Pirata.

Pilón olhava de perto o rosto do Pirata, enquanto falava. Viu que os seus olhos brilhavam a princípio com suspeita, depois

com teimosia. Num momento, Pilón soube duas coisas, com certeza: primeira, que o Pirata tinha dinheiro escondido; segunda, que não ia ser fácil pôr a mão sobre ele. Estava contente com este último fato. O Pirata se transformara num problema de tática, dos de que Pilón gostava.

Agora o Pirata estava olhando para ele novamente e, nos seus olhos, havia esperteza e, sobre isso, uma estudada ingenuidade.

— Não tenho dinheiro algum — disse ele.

— Mas todos os dias, meu amigo, você ganha 25 centavos com os gravetos e jamais vi você gastar um tostão.

Desta vez o cérebro do Pirata veio em seu socorro.

— Eu o dou a uma pobre velha — disse ele. — Não tenho dinheiro algum.

E, com o seu tom de voz, encerrou o assunto.

"Então devo usar de malícia" — pensou Pilón. E, assim, os dons, que nele eram tão agudos, foram chamados à ação. Ele se pôs de pé e levantou a vela.

— Eu queria apenas lhe dizer como os seus amigos se inquietam por sua causa — disse ele, terminante. — Se você não os quer auxiliar, nada posso fazer por você.

A doçura voltou aos olhos do Pirata.

— Diga-lhes que eu tenho saúde — pediu ele. — Diga-lhes que me venham ver. Não serei muito orgulhoso. Gostarei de vê-los em qualquer ocasião. Você lhes dirá isso, Pilón.

— Eu lhes direi — disse Pilón, amargamente. — Mas os seus amigos não ficarão contentes quando souberem que você nada fez para aliviar o seu espírito.

Pilón apagou a sua vela e se afastou na escuridão. Sabia que o Pirata jamais diria onde se encontrava o seu tesouro. O dinheiro devia ser encontrado por astúcia e tomado pela força e, depois, todas as coisas boas seriam dadas ao Pirata. Era o único caminho.

E Pilón se pôs a vigiar o Pirata. Seguiu-o na floresta, quando ia cortar gravetos. Ficava à espera, do lado de fora do galinheiro, durante a noite. Falava com ele, longa e seriamente, sem nada conseguir. O tesouro estava tão longe da descoberta como sempre estivera. Ou estava enterrado no galinheiro ou escondido nas profundas da floresta. E só era visitado à noite.

A longa e infrutífera vigília cansou a paciência de Pilón. Viu que precisava de auxílio e de conselho. E quem melhor, para isso, do que os seus camaradas, Danny, Pablo e Jesus Maria? Quem poderia ser mais astuto ou mais engenhoso? Quem poderia ser mais gentil com mais facilidade?

Pilón pôs os amigos a par do seu segredo. Mas, antes, ele os preparou, como se prepara a si mesmo: os bens do Pirata, o seu desamparo e, finalmente, a solução. Quando Pilón chegou à solução, os amigos foram tomados de um frenesi filantrópico. Aplaudiram-no. As suas faces brilhavam de bondade. Pablo achava que devia haver mais de cem dólares no tesouro.

Quando a sua alegria se resolveu em entusiasmo ativo, eles começaram a projetar planos

— Devemos vigiá-lo — interveio Pilón. — Parece que ele sai à noite, mas não se pode segui-lo de perto, porque os seus cães o defendem como verdadeiros diabos. Não é tão fácil assim.

— Você usou todos os argumentos? — perguntou Danny.

— Sim. Todos.

Afinal, foi Jesus Maria, esse homem humano, que encontrou a solução.

— É difícil, enquanto ele viver no galinheiro — disse ele. — Mas suponham que ele viva aqui, conosco? Ou o seu silêncio se partirá com a nossa gentileza ou será mais fácil saber quando ele sai à noite.

Os amigos pensaram muito sobre essa sugestão.

— Às vezes, as coisas que ele consegue nos restaurantes são quase boas — disse Pablo, pensativamente. — Eu o vi com um bife que só tinha um pedacinho de menos.

— Pode ser que sejam duzentos dólares — disse Pilón.

Danny fez uma objeção.

— Mas os cães... Ele vai trazer os cães para aqui.

— Mas os cães são bons — disse Pilón. — Eles obedecem cegamente ao Pirata. Você pode riscar uma linha num canto e dizer: "Mantenha os cães dentro desta linha." Ele o dirá aos cães e eles obedecerão.

— Vi o Pirata certa manhã. Ele trazia um pão quase pela metade, somente um pouquinho de nada molhado de café — disse Pablo.

A questão se resolveu por si mesma. A casa se transformou numa comissão e a comissão visitou o Pirata.

O galinheiro virou uma praça atulhada de gente, quando todos entraram. O Pirata tentou disfarçar a sua felicidade com um tom de voz indiferente:

— O tempo tem estado mau — disse ele, sociavelmente.

E:

— Vocês talvez não acreditem, mas eu achei um carrapato grande como um ovo de pombo no pescoço de Rudolph.

E falou mal da sua casa, como é da praxe.

— É muito pequena — disse ele. — Não é um lugar para se receber os amigos. Mas é quente e confortável, especialmente para os cães.

Depois, falou Pilón. Disse ao Pirata que a inquietação estava matando os seus amigos, mas, se ele quisesse morar com eles, todos poderiam dormir novamente com o espírito sossegado.

Foi um choque muito grande para o Pirata. Ele olhou para as mãos. Olhou para os cães, à procura de auxílio, mas os cães não corresponderam ao seu olhar. Afinal, limpou a felicidade dos olhos com as costas da mão e limpou a mão na barba negra e espessa.

— E os cães? — perguntou docemente. — Vocês querem os cães também? — São amigos dos cães?

Pilón concordou com a cabeça.

— Sim, os cães também. Haverá um canto exclusivamente para os cães.

O Pirata era muito orgulhoso e temia não se conduzir bem.

— Vão para casa. Amanhã eu irei.

Os amigos sabiam como ele se sentia. Engatinharam para fora e o deixaram a sós.

— Ele será feliz conosco — disse Jesus Maria.

— Pobre homem solitário! — acrescentou Danny. — Se eu soubesse, tê-lo-ia chamado há muito tempo, mesmo que ele não tivesse tesouro algum.

Uma chama de alegria queimava dentro de todos eles.

Acostumaram-se rapidamente com a sua nova amizade. Danny, com um pedaço de giz azul, riscou o segmento de um círculo, fechando um canto da sala de estar, e o destinou como o lugar em

que os cães deviam ficar, quando estivessem em casa. O Pirata dormia também nesse canto, com os cães.

A casa estava começando a ficar um tanto cheia, com cinco homens e cinco cães. Mas, desde o princípio, Danny e os seus amigos compreenderam que o seu convite feito ao Pirata fora inspirado pelo cansado e ansioso anjo que guardava os seus destinos e os protegia contra o mal.

Todas as manhãs, muito antes de que os amigos acordassem, o Pirata se levantava do seu canto e, seguido pelos seus cães, fazia a ronda dos restaurantes e dos cais. Era uma dessas pessoas por quem todo mundo sente bondade. Os seus embrulhos se fizeram maiores. Os "paisanos" recebiam a sua generosidade e encontravam uso para ela; peixe fresco, pastéis, bandas de pão dormido, carne que precisava apenas de um pouco de soda para ficar boa. Eles começaram realmente a viver.

E a sua aceitação dos presentes comovia o Pirata mais profundamente do que qualquer coisa que pudessem fazer por ele. Havia certa luz de devoção nos seus olhos, enquanto os via comer os alimentos que ele trouxera.

À noite, quando se sentavam em redor do fogareiro e discutiam os acontecimentos de Tordilla Flat com a voz cansada de deuses alimentados, os olhos do Pirata saltavam de boca para boca e os seus próprios lábios se moviam, sussurrando novamente as palavras que os amigos diziam. Os cães se comprimiam junto a ele, com ciúme.

Estes eram seus amigos — dizia para si mesmo, durante a noite, quando a casa estava escura, quando os cães se aconchegavam dele para se aquecer. Esses homens gostavam tanto dele que os inquietava vê-lo viver sozinho. O Pirata tinha de repetir estas coisas muitas vezes para si mesmo, pois eram surpreendentes, incríveis. O seu carrinho de mão ficava agora no quintal de Danny e todos os dias o Pirata apanhava os seus gravetos e os vendia. Mas tinha tanto receio de perder as palavras que os amigos diziam à noite e de não estar ali para absorver a sua quente camaradagem, que não visitava o seu tesouro havia já vários dias, para enterrar as suas novas moedas.

Os amigos eram gentis com ele. Tratavam-no com doce cortesia, mas sempre havia algum olho aberto sobre ele. Quando le-

vava o seu carrinho de mão para a floresta, um dos amigos andava ao seu lado e se sentava num cepo enquanto ele trabalhava. Quando ia ao valado, a última coisa que fazia à noite, Danny, Pablo, Pilón ou Jesus Maria o acompanhavam. E, à noite, devia agir com muita cautela para sair sem ter uma sombra sobre os seus calcanhares.

Durante uma semana, os amigos apenas vigiaram o Pirata. Mas, afinal, se sentiram cansados com a inatividade. Sabiam que uma ação direta estava fora de cogitação. E, assim, certa noite, a conveniência de esconder dinheiro se tornou assunto de bate-boca.

Pilón deu início à tertúlia:

— Eu tinha um tio, um usuário comum, que escondia o seu ouro na floresta. Certa vez, ele foi olhar o cobre. Neca. Alguém o havia encontrado e roubado. Era já velho, então, e todo o seu dinheiro desaparecera. Ele se enforcou.

Pilón notou, com alguma satisfação, a sombra de apreensão que desceu sobre o rosto do Pirata.

Danny a notou também e continuou:

— O "viejo", meu avô, o dono desta casa, também enterrava dinheiro. Não sei direito, mas ele era considerado um homem rico, de modo que devia ter trezentos ou quatrocentos dólares. O "viejo" cavou um grande buraco, pôs o dinheiro dentro, cobriu com terra de novo e depois espalhou uma porção de agulhas de pinheiro no solo, até achar que ninguém poderia pensar que alguma coisa fora feita ali. Mas, quando voltou para ver, o buraco estava aberto e o dinheiro tinha sumido.

Os lábios do Pirata acompanhavam as suas palavras. Uma sombra de terror descera sobre o seu rosto. Os seus dedos se meteram por entre os pêlos do pescoço de Señor Alec Thompson. Os amigos trocaram um olhar e deixaram de lado o assunto. Falaram da vida amorosa de Cornélia Ruiz.

À noite, o Pirata saiu de casa, os cães saíram-lhe atrás, e Pilón saiu atrás de todos. O Pirata andou apressadamente para a floresta, saltando, com pés firmes, cepos e arbustos. Pilón se esgueirou atrás dele. Mas, quando tinham percorrido pelo menos duas milhas, Pilón ficou enlaçado e preso num parreiral. Parou para descansar um momento e se desvencilhar. E, depois, notou

que todos os sons à sua frente haviam cessado. Esperou, escutou e investigou os arredores, mas o Pirata havia desaparecido.

Depois de duas horas, Pilón voltou para casa, vagarosa, cansadamente. O pirata já estava em casa, adormecido entre os seus cães. Os cães levantaram a cabeça quando Pilón entrou e Pilón achou que eles sorriam, satiricamente, dele, por um momento.

Na manhã seguinte, teve lugar uma conferência no valado.

— Não é possível segui-lo — informou Pilón. — Ele desapareceu. Vê no escuro. Conhece todas as árvores da floresta. Precisamos encontrar outra maneira.

— Talvez um não baste — sugeriu Pablo. — Se todos nós o seguíssemos, um de nós, pelo menos, não lhe perderia a pista.

— Voltaremos a conversar esta noite — disse Jesus Maria. — Pior. Uma senhora que eu conheço vai-me dar um pouco de vinho — acrescentou, modestamente. — Talvez, se o Pirata tiver um pouco de vinho na caveira, não desapareça tão facilmente.

A sessão foi suspensa.

A senhora de Jesus Maria lhe deu um galão de vinho. Que se pode comparar ao deleite do Pirata, nessa noite, quando um cântaro de vinho foi posto na sua mão, quando ele se sentou em companhia dos amigos e bebericou o seu vinho e escutou a palestra? Uma alegria semelhante poucas, raras vezes surgia na vida do Pirata. Desejou apertar essas queridas pessoas ao peito e dizer-lhes quanto as amava. Mas isso não era coisa que pudesse fazer, pois eles poderiam pensar que estava bêbedo. Desejou poder fazer alguma coisa importante para lhes mostrar o seu amor.

— Falamos, a noite passada, de esconder dinheiro — disse Pilón. — Hoje me lembrei de um primo, um homem esperto. Se alguém, no mundo, sabia esconder dinheiro em lugar onde ninguém jamais o encontrasse, era ele. Assim, pegou o seu cobre e o escondeu. Talvez vocês o tenham visto, esse pobre-diabo que anda pelo cais e pede cabeças de peixe para comer. É meu primo. Alguém roubou o seu dinheiro enterrado.

A inquietação se abateu novamente sobre o rosto do Pirata.

Casos sucediam a outros casos e, em todos, todas as espécies de males acompanhavam os passos daqueles que escondiam o seu dinheiro.

— É melhor ter o dinheiro por perto, gastar um pouco aqui e ali e dar algum aos amigos — concluiu Danny.

Haviam estado a vigiar de perto o Pirata, e, em meio ao caso pior, haviam notado que a inquietação desaparecia do seu rosto e um sorriso de alívio tomava o seu lugar. Agora ele bebericava o seu vinho e os seus olhos brilhavam de alegria.

Os amigos estavam desesperados. Todos os seus planos haviam falhado. Tinham o coração opresso. Depois de toda a sua bondade e de toda a sua caridade, acontecera isto. O Pirata havia, de alguma maneira, escapado ao bem que eles lhe pretendiam fazer. Eles terminaram de beber o vinho e foram tristemente para a cama.

Poucas coisas podiam acontecer, na noite, sem que Pilón as soubesse. Os seus ouvidos continuavam alerta, enquanto o resto do seu corpo dormia. Ouviu a saída furtiva do Pirata e dos seus cães. Pulou para acordar os amigos e, dentro de um momento, os quatro estavam seguindo o Pirata na direção da floresta. Estava muito escuro quando entraram na floresta de pinheiros. Os quatro amigos correram por entre as árvores embaraçando-se nos liames e nos parreirais. Mas, por muito tempo, podiam ouvir os passos do Pirata à frente. Eles o seguiram até o ponto a que Pilón chegara na véspera e, então, de repente, o silêncio, os sussurros da floresta e a leve brisa da noite. Investigaram as árvores e os arbustos, mas o Pirata desaparecera novamente.

Afinal, enregelados e desconsolados, se reuniram e voltaram, a arrastar as pernas, para Monterey. A madrugada raiou antes de que tivessem voltado. O sol já brilhava sobre a baía. A fumaça dos fogões matutinos se elevava em Monterey.

O Pirata apareceu na varanda para saudá-los. O seu rosto estava feliz. Eles passaram pelo amigo rabugentamente e entraram na sala de estar. Sobre a mesa havia um grande saco de lona.

O Pirata os acompanhou.

— Eu menti a você, Pilón — disse ele. — Eu lhe disse que não tinha dinheiro, porque estava com medo. Eu não conhecia os meus amigos, então. Vocês falaram sobre o roubo do dinheiro escondido e eu estou com medo novamente. Somente a noite passada arranjei um jeito a dar. O meu dinheiro estará em segurança

com os meus amigos. Ninguém o poderá roubar, se os meus amigos o guardarem para mim.

Os quatro homens o fitaram horrorizados.

— Leve o dinheiro novamente para a floresta. Esconda essa grana — disse Danny, selvagemente. — Não queremos tomar conta dele.

— Não — disse o Pirata. — Não estarei seguro, se o esconder. Mas ficarei feliz, sabendo que os meus amigos o guardam para mim. Talvez vocês não acreditem, mas nas duas últimas noites alguém me seguiu na floresta para roubar o meu dinheiro.

Terrível como era o golpe, Pilón, esse homem esperto, tentou escapar-lhe.

— Antes que esse dinheiro passe para as nossas mãos, talvez você queira algum — sugeriu ele, docemente.

O Pirata balanceou a cabeça.

— Não. Não posso fazer isso. Está prometido. Tenho quase mil moedas de 25 centavos. Quando eu tiver mil, comprarei um castiçal de ouro para São Francisco de Assis. Uma vez eu tive um belo cão e esse cão ficou doente. E eu prometi um castiçal de ouro de mil dias se o cão ficasse bom. E — ele acenou com as suas grandes mãos — o cão ficou bom.

— É um destes cães? — perguntou Pilón.

— Não — disse o Pirata. — Um caminhão passou por cima dele algum tempo depois.

De maneira que desapareciam todas as esperanças de desviar o dinheiro para outros fins, Danny e Pablo, morosamente, levantaram o pesado saco de moedas de prata, levaram-no para o outro quarto e puseram-no sob o travesseiro da cama de Danny. Dentro de algum tempo eles teriam certo prazer sabendo que o dinheiro estava sob o travesseiro, mas, agora, a sua derrota era amarga. Nada podiam fazer. A oportunidade viera — e desaparecera.

O Pirata estava de pé diante deles e havia lágrimas de felicidade nos seus olhos, pois havia demonstrado o seu amor pelos amigos.

— Pensar que, durante todos esses anos, eu vivi no galinheiro e não conheci nenhum prazer! — disse ele. — Mas agora, oh, agora sou muito feliz!

VIII

De como os amigos de Danny buscaram um tesouro místico na noite de Santo André. De como Pilón o encontrou e, mais tarde, de como um par de calças de sarja mudou de dono duas vezes.

Se tivesse sido um herói, o Portagee teria passado um tempo miserável no exército. O fato de ele ser Big Joe Portagee, com um decente treinamento na cadeia de Monterey, não somente o salvou da miséria do patriotismo contrariado, mas solidificou a sua convicção de que, como os dias de um homem são dedicados, metade ao sono, metade à vigília, assim também os anos de um homem se passam, com boa razão, metade na cadeia e metade fora dela. Enquanto durou a guerra, Joe Portagee passou consideràvelmente mais tempo na cadeia do que fora dela.

Na vida civil, somos punidos pelo que fazemos. Mas os códigos do exército acrescentam a isto um novo princípio — punem um homem pelas coisas que não faz. Joe Portagee jamais imaginara isto. Não limpava o seu fuzil, não se barbeava e, uma ou duas vezes, de licença, não voltou ao quartel. Conjuntamente com estas faltas, Big Joe era propenso a discutir quando lhe mandavam fazer alguma coisa.

Ordinariamente, passava a metade do tempo na cadeia. Em dois anos de exército, passou 18 meses no xadrez. E estava longe de estar satisfeito com a vida de prisão no exército. Na prisão de Monterey, estava acostumado a se pôr à vontade e a gozar

dos prazeres da palestra. No exército, encontrou apenas trabalho. Em Monterey, somente lhe faziam uma acusação — bebedeira e má conduta. As acusações que lhe fizeram no exército o assombraram de tal sorte que o efeito sobre o seu espírito provavelmente perduraria para todo o sempre.

Quando a guerra terminou e todos os soldados tiveram baixa, Big Joe ainda tinha uma sentença de seis meses para cumprir. A acusação era esta: "Estava bêbedo em serviço. Atacou um sargento com uma lata de querosene. Negou a sua identidade. (Não podia lembrar-se, de maneira que negou tudo.) Roubou dois galões de feijão cozido. Fugiu da prisão no cavalo do major".

Se o armistício já não tivesse sido assinado, Big Joe teria sido provavelmente fuzilado. Voltou para Monterey muito tempo depois de os outros veteranos chegarem e fruírem todas as doçuras da vitória.

Quando Big Joe saltou do trem, estava vestido com um sobretudo militar, uma túnica e um par de calças azuis de sarja.

A cidade não havia mudado muito, exceto quanto à proibição contra as bebidas alcoólicas, mas a proibição não havia mudado o bar de Torrelli. Joe trocou o sobretudo por um galão de vinho e saiu à procura dos amigos.

Não encontrou nenhum amigo verdadeiro nessa noite, mas em Monterey não lhe faltavam desses vis e falsos amigos que estão sempre prontos para levar um homem ao bordel. Joe, que não era um homem muito moral, não se sentia revoltado. Gostava do bordel.

Antes de que muitas horas se passassem, o vinho acabara e ele não tinha mais dinheiro. E, então, os falsos amigos tentaram expulsar Joe do bordel, mas ele não queria sair. Estava muito bem ali.

Quando tentaram expulsá-lo pela força, Big Joe, com um justo e terrível ressentimento, quebrou todos os móveis e todas as vidraças e pôs pequenas seminuas a gritar. E, depois, incendiou a casa. Não era prudente levar Joe à tentação. Ele não podia resistir.

Um policial, finalmente, se meteu no barulho e o prendeu. O Portagee suspirou com felicidade. Estava em casa novamente.

Depois de curto julgamento, em que foi sentenciado a 30 dias, Joe se deitou, luxuriosamente, na sua tarimba de couro, e dormiu pesadamente durante um décimo da sua sentença.

O Portagee gostava da cadeia de Monterey. Era um lugar onde se encontravam os conhecidos. Se ficasse ali muito tempo, todos os seus amigos entrariam e sairiam. O tempo correu célere. Ficou um pouco triste quando teve de sair, mas a sua tristeza foi temperada pelo conhecimento de que era muito fácil voltar novamente.

Gostaria de voltar ao bordel, mas não tinha dinheiro, nem vinho. Andou pelas ruas à procura dos amigos — Pilón, Danny e Pablo — mas não pôde encontrá-los. O sargento da polícia lhe disse que não os havia registrado havia muito tempo.

— Devem estar mortos — disse o Portagee.

Vagou tristemente até o bar de Torrelli, mas Torrelli não era amável com homens que não tinham dinheiro nem bens comerciais, e deu pouca importância a Big Joe. Mas Torrelli lhe disse que Danny herdara uma casa em Tortilla Flat e que todos os seus amigos viviam com ele.

A afeição e um desejo de ver os amigos alvoreceram na alma de Big Joe. À noite, ele se dirigiu a Tortilla Flat para encontrar Danny e Pilón. Era crepúsculo, quando subia a rua, e, em caminho, encontrou Pilón, que andava apressadamente.

— Ai, Pilón. Eu vinha mesmo para ver você.

— Alô, Joe Portagee! — Pilón falava de maneira brusca. — Onde esteve?

— No exército — disse Joe.

O espírito de Pilón não estava no encontro.

— Preciso ir.

— Vou com você — disse Joe.

Pilón parou, encarando-o.

— Não sabe que noite é esta? — perguntou ele.

— Não. Qual é?

— É a noite de Santo André.

Então o Portagee caiu em si. Nessa noite, todos os "paisanos" que não estavam na cadeia andavam sem descanso pela floresta. Nessa noite, todos os tesouros enterrados despendiam um clarão fosforescente através do chão. Havia muitos tesouros na floresta,

também. Monterey fora invadida muitas vezes em duzentos anos e, de cada vez, as coisas de valor haviam sido escondidas no seio da terra.

A noite estava clara. Pilón emergia da casca, como o fazia uma ou outra vez. Essa noite, era o idealista, o doador de presentes. Essa noite estava empenhado numa missão de bondade.

— Você pode vir comigo, Big Joe Portagee, mas, se eu encontrar algum tesouro, eu devo decidir o que fazer com ele. Se você não concorda, pode ir sozinho e procurar o seu tesouro.

A noite caiu, enquanto andavam na floresta. Os seus pés encontraram agulhas de pinheiro. Pilón notou que a noite estava perfeita. Uma névoa alta cobria o céu e, atrás dela, a lua brilhava, de maneira que a floresta estava como que envolvida em gaze. Não havia nenhum dos traços agudos da realidade. Os troncos das árvores não eram negras colunas de madeira, mas vagas sombras sem substância. Os enredos dos arbustos não tinham forma nem consistência sob a luz singular. Os fantasmas podiam andar livremente essa noite, sem medo da descrença dos homens, pois essa noite era assombrada e somente um homem insensível não o saberia.

Uma que outra vez, Pilón e Big Joe passavam por outros pesquisadores, que andavam sem descanso, ziguezagueando entre os pinheiros. Andavam de cabeça baixa, silenciosos, e passavam sem cumprimentar ninguém. Quem podia dizer se todos eles eram realmente seres vivos? Joe e Pilón sabiam que alguns eram sombras da gente antiga que enterrara os seus tesouros e que, na noite de Santo André, voltava à terra para tomar conta do seu ouro. Pilón trazia o medalhão do seu santo pendurado no pescoço, por fora da roupa, de modo que não temia os espíritos. Big Joe andava com os dedos fazendo o sinal-da-cruz. Embora pudessem estar assustados, sabiam que tinham proteção mais do que adequada para enfrentar a noite não terrena.

O vento se levantou enquanto andavam e empurrou a névoa através da lua pálida, como um pouco de água cinzenta. A névoa em movimento deu forma indecisa à floresta, de modo que todas as árvores caminhavam astutamente e os arbustos se moviam surdamente, como grandes gatos negros. As copas das árvores, com o vento, falavam bruscamente, contavam fortunas e prediziam

mortes. Pilón sabia que não era bom ouvir a conversa das árvores. Nenhum bem provinha do conhecimento do futuro. E, ademais, aquele sussurro era ímpio. Afastou a atenção dos seus ouvidos da conversa das árvores.

Ele começou a ziguezaguear através da floresta e Big Joe andou ao seu lado como um grande cão alerta. Homens silenciosos e solitários passavam por eles, sem cumprimentar. E os mortos passavam por eles sem ruído, sem cumprimentar.

A sirena de nevoeiro começou a funcionar no China Point, muito abaixo. E gemia o seu pesar por todos os bons navios que se haviam afundado no recife e por todos os outros que algum dia ali afundariam.

Pilón tremeu e sentiu frio, embora a noite estivesse quente. Sussurrou uma ave-maria sofregamente.

Passaram por um homem grisalho que caminhava de cabeça baixa e não os cumprimentou.

Uma hora se passou e ainda Pilón e Big Joe andavam tão sem descanso quanto os mortos que povoavam a noite.

De repente Pilón parou. A sua mão encontrou o braço de Big Joe.

— Está vendo? — sussurrou ele.

— Onde?

— Ali em frente.

— Sim... Acho que sim.

Parecia a Pilón que ele podia ver uma vaga coluna de luz azul a brilhar acima do solo, 10 jardas à frente.

— Big Joe — murmurou ele —, procure dois pauzinhos de três ou quatro pés de comprimento. Não quero sair daqui. Posso perdê-lo.

Ele ficou de pé, atento como um cão, enquanto Big Joe batia o mato para encontrar os pauzinhos. Pilón o ouviu quebrar dois pequenos galhos secos de um pinheiro. E ouviu estalidos, enquanto Big Joe quebrava os brotos dos paus. E Pilón ainda fitava a pálida e nebulosa luz. Era tão frágil que por vezes parecia desaparecer completamente. Por vezes, não tinha certeza de a haver visto, absolutamente. Não moveu os olhos quando Big Joe pôs os pauzinhos nas suas mãos. Pilón fez com eles uma cruz e avançou, tendo-a à sua frente. À medida que se aproximava, a luz parecia

afastar-se, mas ele vira de onde ela saíra — uma depressão perfeitamente redonda entre as agulhas de pinheiro.

Pilón descansou a cruz sobre a depressão e disse:

— Tudo o que está aqui é meu, por direito de descoberta. Afastai-vos, maus espíritos. Afastai-vos, espíritos dos homens que enterraram êste tesouro. *In nomen Patris et Filius et Espiritu Sancti!*

Ele deixou escapar um grande suspiro e se sentou no chão.

— Nós o encontramos, meu amigo, Big Joe! — exclamou ele. — Procurei por muitos anos e, agora, o encontrei!

— Vamos cavar — disse Big Joe.

Mas Pilón sacudiu a cabeça com impaciência.

— Quando todos os espíritos estão em liberdade? Quando até mesmo estar aqui é perigoso? Você é um tolo, Big Joe. Vamo-nos sentar aqui até que chegue a manhã. E, depois, marcaremos o lugar e amanhã à noite cavaremos. Ninguém mais pode ver a luz, pois a cobrimos com a cruz. Amanhã à noite não haverá perigo.

A noite parecia mais temível agora, quando se sentaram sob os pinheiros, mas a cruz irradiava um calor de santidade e de segurança, como uma pequena fogueira no solo. Como uma fogueira, entretanto, só lhes aquecia a parte da frente. As suas costas ficavam para as coisas frias e más que vagavam pela floresta.

Pilón se levantou e riscou uma grande circunferência em torno do lugar e se pôs do lado de dentro ao fechar a curva.

— Que nenhuma coisa má atravesse esta linha, em nome de Jesus Sacramentado! — cantarolou ele.

Depois se sentou novamente. Tanto ele quanto Big Joe se sentiram melhor. Podiam ouvir os passos abafados dos cansados e errantes fantasmas. Podiam ver as pequeninas luzes que partiam das formas transparentes, enquanto andavam. Mas a sua linha protetora era inexpugnável. Nada de mau, deste mundo ou de qualquer outro mundo, poderia passar para dentro do círculo.

— Que vai fazer com o dinheiro? — perguntou Big Joe.

Pilón olhou para ele com desprezo.

— Você nunca procurou um tesouro, Big Joe Portagee, pois não sabe como fazer. Não posso guardar esse tesouro para mim mesmo. Se eu o procurar para mim, o tesouro se enterrará cada vez mais, como um molusco na areia, e eu jamais o encontrarei.

Não, não é assim que se faz. Vou desencavar esse tesouro para Danny.

Todo o idealismo de Pilón surgiu então e ele contou a Big Joe como Danny era bom para os seus amigos.

— E nada fazemos por ele — disse Pilón. — Não pagamos aluguel. Às vezes ficamos bêbedos e quebramos os móveis. Lutamos com Danny quando nos zangamos com ele, e lhe dizemos palavrões. Oh, somos muito ruins, Big Joe! E todos nós, eu, Pablo, Jesus Maria e o Pirata, conversamos e planejamos. Estamos todos na floresta, esta noite, procurando tesouros. E o tesouro é para Danny. Ele é tão bom, Big Joe! Ele é tão gentil — e nós somos tão maus! Mas, se nós lhe levarmos um grande tesouro, ele ficará contente. É porque o meu coração está limpo de egoísmo que eu pude encontrar este tesouro.

— Você não vai guardar um pouco do cobre? — perguntou o incrédulo Big Joe. — Nem mesmo para um galão de vinho?

Pilón nada tinha do mau Pilón essa noite.

— Não! Nem uma lasquinha de ouro! Nem um vintém! É tudo para Danny!

Joe estava desapontado.

— Andei tanto e não terei nem mesmo um copo de vinho por isso — lamentou ele.

— Quando Danny receber o dinheiro — disse Pilón, delicadamente —, pode ser que ele compre um pouco de vinho. Naturalmente eu não sugerirei isso, pois este tesouro é de Danny. Mas penso que talvez ele compre um pouco de vinho. E, se você for bom para ele, poderá arranjar um copo de vinho.

Big Joe se sentiu confortado, pois conhecia Danny havia muito tempo. Achou que era possível que Danny comprasse uma grande quantidade de vinho.

A noite passou sobre eles. A lua se sumiu e deixou a floresta numa abafada escuridão. A sirena gritava e gritava. Durante toda a noite Pilón não teve lugar para ficar. Ele pregou um pouco para Big Joe, como os novos conversos gostam de fazer.

— Vale a pena ser bom e generoso — disse ele. — Não somente essas ações constroem uma casa de alegria no céu, mas há, também, uma rápida recompensa aqui na terra. Sente-se um doce calor no estômago, como de uma "enchilada". O Espírito

de Deus veste a gente com um capote tão fofo como pêlo de camelo. Nem sempre fui homem bom, Big Joe Portagee. Confesso-o francamente.

Big Joe o sabia muito bem.

— Tenho sido mau — continuou Pilón, em êxtase.

Estava-se deleitando completamente.

— Menti e roubei. Tenho sido um libertino. Cometi adultério e jurei o nome de Deus em vão.

— Eu também — disse Big Joe com felicidade.

— E qual foi o resultado, Big Joe Portagee? Tive sentimentos abjetos. Eu sabia que ia para o inferno. Mas agora vejo que o pecador nunca é tão mau que não possa ser perdoado. Embora eu ainda não me tenha confessado, sei que a mudança que se produziu em mim agrada ao Senhor, pois a Sua graça desceu sobre mim. Se você, também, mudar de vida, Big Joe, e deixar de beber, de lutar e de visitar as pequenas da casa de Dora Williams, você também poderá sentir-se como eu.

Mas Big Joe adormecera. Nunca ficava desperto muito tempo, quando não estava a andar.

A graça não foi tanta para Pilón quando não pôde falar dela a Big Joe, mas ele se sentou e montou guarda ao lugar do tesouro, enquanto o céu se acinzentava e a madrugada surgia atrás da névoa, viu os pinheiros tomarem forma e emergir da escuridão. O vento arrefeceu e os coelhos saíram de sob os arbustos e se puseram a saltar sobre as agulhas de pinheiro. Pilón tinha os olhos pesados, mas estava feliz.

Quando o dia surgiu, ele acordou Big Joe Portagee com o pé.

— É tempo de ir para a casa de Danny. O dia já raiou.

Pilón atirou fora a cruz, pois já não era necessária, e apagou a circunferência.

— Agora — disse ele — não devemos deixar sinais, mas devemos lembrar este lugar pelas árvores e pelas rochas.

— Por que não cavamos agora? — perguntou Big Joe.

— Todo mundo de Tortilla Flat viria nos ajudar — disse Pilón, sarcasticamente.

Olharam para os arredores, dizendo:

— Bem, há três árvores juntas à direita e duas à esquerda. Os arbustos estão daquele lado e aqui há uma rocha.

Afinal se afastaram do tesouro, tomando nota do caminho. Na casa de Danny, encontraram os amigos cansados.

— Você encontrou algum? — perguntaram eles.

— Não — disse Pilón rapidamente, para impedir a confissão de Joe.

— Bem... Pablo pensou ter visto a luz, mas ela desapareceu antes de que ele a alcançasse. E o Pirata viu o fantasma de uma velha, com o cão dele ao lado.

O Pirata sorriu.

— A velha me disse que o meu cão agora era feliz — disse ele.

— Eis Big Joe Portagee, de volta do exército! — anunciou Pilón.

— Vocês têm uma bela casa — disse o Portagee, deixando-se cair numa cadeira.

— Alô, Joe!

— Não me abafe a cama — disse Danny, pois sabia que Joe Portagee viera para ficar.

A maneira por que sentou na cadeira e cruzou as pernas anunciava permanência.

O Pirata saiu, apanhou o seu carrinho de mão e seguiu para a floresta a fim de cortar os seus gravetos. Mas os cinco homens ficaram deitados ao sol, que irrompera através da névoa, e, em pouco tempo, estavam adormecidos.

A tarde ia pelo meio, antes de que qualquer deles despertasse. Afinal, espicharam os braços, sentaram-se e olharam negligentemente para a baía, onde um escuro navio-tanque demandava o mar, vagarosamente. O Pirata deixara os embrulhos sobre a mesa e os amigos os abriram e retiraram a comida que o Pirata havia arranjado.

Big Joe desceu pelo caminho, em direção ao portão.

— Até mais tarde — disse ele para Pilón.

Pilón, ansiosamente, o acompanhou com os olhos até ver que Big Joe descia a colina para Monterey e não se dirigia para a floresta de pinheiros. Os quatro amigos se sentaram e sonhadoramente esperaram que a noite viesse.

À tardinha, Joe Portagee voltou. Ele e Pilón conferenciaram no quintal, longe dos ouvidos da casa.

— Tomaremos as ferramentas emprestadas à Sra. Morales — disse Pilón. — Há uma pá e um machado perto do seu galinheiro.

Quando a noite caiu completamente, eles iniciaram a marcha.

— Vamos ver umas pequenas amigas de Joe Portagee — explicou Pilón.

Os dois saltaram para o quintal da Sra. Morales e tomaram emprestadas as ferramentas. E, depois, de entre o mato ao lado da estrada, Big Joe retirou um galão de vinho.

— Você vendeu o tesouro! — gritou Pilón, ferozmente. — Você é um traidor, cão, filho de cão!

Big Joe o aquietou com firmeza.

— Não disse onde o tesouro estava — replicou ele, com dignidade. — Eu disse assim: "Eu encontrei um tesouro. Mas pertence a Danny. Quando Danny o tiver, tomarei emprestado um dólar e pagarei o vinho."

Pilón estava esmagado.

— E eles acreditaram e lhe deram o vinho? — perguntou.

— Bem... — Big Joe hesitou. — Deixei alguma coisa para provar que levaria o dólar.

Pilón se voltou como um relâmpago e o agarrou pelo pescoço.

— Que foi que você deixou?

— Somente um pequeno cobertor — gemeu Joe Portagee. — Somente um.

Pilón o sacudiu, mas Big Joe era tão pesado que Pilón conseguiu apenas sacudir-se a si mesmo.

— Diga que cobertor foi! — gritou ele. — Diga qual foi o cobertor que você roubou.

Big Joe tartamudeou:

— Somente um dos de Danny. Somente um. Ele tem dois. Apanhei apenas o mais fino. Não me machuque, Pilón. O outro era maior. Danny o terá de volta quando encontrarmos o tesouro.

Pilón o sacudiu e lhe arrumou pontapés com extrema pontaria.

— Porco! — disse ele. — Vaca imunda e ladrona! Você vai devolver esse cobertor ou eu lhe parto as costelas!

Big Joe tentou aplacar-lhe a fúria.

— Pensei em como estamos trabalhando para Danny — sussurrou ele. — Pensei: "Danny ficará tão contente! Poderá comprar uma centena de cobertores novos!"

— Fique quieto — disse Pilón. — Ou você traz de volta o cobertor, ou lhe darei com uma pedra.

Levantou a garrafa, desarrolhou-a e bebeu um pouco, para acalmar a sensibilidade alterada. Ademais, pôs a rolha novamente no lugar e se recusou a dar ao Portagee uma gota, sequer.

— Por causa deste roubo, você terá de cavar sozinho. Apanhe as ferramentas e venha comigo.

Big Joe choramingou como um bebê e obedeceu. Não podia lutar contra a honesta fúria de Pilón.

Tentaram, por muito tempo, encontrar o tesouro. Já era tarde quando Pilón apontou para três árvores em fila.

— Ali! — disse ele.

Procuraram até encontrar a depressão no solo. Havia um ligeiro luar para os ajudar, pois, essa noite, o céu não estava coberto pela névoa.

Como não era ele quem devia cavar, Pilón desenvolveu uma nova teoria para descobrir tesouros:

— Às vezes o dinheiro está em sacos — disse ele — e os sacos estão rotos. Se você cavar em linha reta para baixo, pode perder alguns.

Ele riscou um círculo generoso em torno do buraco.

— Agora, cave uma trincheira profunda em torno, porque depois estaremos em cima do tesouro.

— Você não vai cavar? — perguntou Big Joe.

Pilón se enfureceu.

— Sou um ladrão de cobertores? — exclamou ele. — Roubo eu a cama do meu amigo, que me dá asilo?

— Bem, eu não vou cavar sozinho — disse Big Joe.

Pilón apanhou um dos galhos de pinheiro que, na noite anterior, haviam servido para fazer a cruz. E avançou, terrível, na direção de Big Joe Portagee.

— Ladrão! — rosnou ele. — Porco imundo! Amigo infiel! Apanhe essa pá!

A coragem de Big Joe desapareceu e ele apanhou a pá. Se a consciência de Joe Portagee não fosse má ela poderia censurar

o outro. Mas o seu medo de Pilón, armado com uma causa justa e um galho de pinheiro, era grande.

Big Joe tinha horror à idéia de trabalhar com a pá. A linha de movimento da pá não tinha atrativos. O fim a alcançar — o de tomar imundície de um ponto e colocá-la noutro — era, para quem quer que tivesse uma visão larga, estúpido e improdutivo. Toda uma vida de trabalho com a pá nada podia, praticamente, realizar. A reação de Big Joe era um pouco mais simples do que isso. Não gostava da pá. Entrara no exército para lutar e nada mais fizera além de cavar.

Mas Pilón o vigiava e a trincheira se estendia ao redor do lugar em que se encontrava o tesouro. Não lhe adiantou protestar doença, fome ou fraqueza. Pilón era inexorável e o crime de Joe era atirado contra ele. Embora ele choramingasse, se queixasse, levantasse as mãos para mostrar como estavam feridas, Pilón o vigiava e o forçava a cavar.

A meia-noite chegou — e a trincheira tinha três pés de profundidade. Os galos de Monterey cocoricaram. A lua sumiu atrás das árvores. Afinal Pilón deu ordem para atacar o tesouro. As pazadas de lama chegavam agora vagarosamente. Big Joe estava exausto. Pouco antes de raiar o dia, a sua pá tocou em algo duro.

— Ai! — exclamou ele. — Encontramo-lo, Pilón.

O achado era grande e quadrado. Frenèticamente, cavaram no escuro, sem poder vê-lo.

— Cuidado! — aconselhava Pilón. — Não o estrague.

O dia chegou antes de que o trouxessem para fora. Pilón sentiu o metal e se inclinou, à luz cinzenta do dia, para ver. Era um quadrado de concreto de bom tamanho. No cimo estava uma placa redonda. Pilón soletrou as palavras que viu:

Serviço Geodésico dos Estados Unidos — 1915 — Elevação, 600 pés.

Pilón se sentou à borda do buraco e os seus ombros se curvaram, derrotados.

— Não há tesouro? — perguntou, chorosamente, Joe.

Pilón não lhe respondeu. O Portagee inspecionou a placa de cimento e a sua testa se encrespou, a matutar. Ele voltou para o entristecido Pilón:

— Talvez possamos tirar essa boa placa de metal e vendê-la.

Pilón saiu do seu grande abatimento.

— Johnny Pom-pom encontrou uma — disse ele, com uma tranqüilidade de grande desapontamento. — Johnny Pom-pom arrancou o metal e tentou vendê-lo. Está passando um ano na cadeia — continuou Pilón, tristemente. — Um ano na cadeia e dois mil dólares de multa.

Na sua dor, Pilón desejava apenas se afastar desse trágico lugar. Ele se levantou, procurou uma folha com que envolver a garrafa de vinho e começou a descer a colina.

Big Joe trotava atrás dele, solícito.

— Aonde vamos? — perguntou ele.

— Não sei — disse Pilón.

O dia estava claro quando chegaram à praia. Mas Pilón não parou nem mesmo ali. Marchou ao longo da areia dura, junto à água, até que Monterey estivesse muito para trás e somente as dunas de areia de Seaside e as maretas da baía estivessem ali para presenciar o seu pesar. Afinal ele se sentou na areia quente, com o sol a aquecê-lo. Big Joe se sentou ao seu lado e sentiu que, de certa maneira, era responsável pela dor silenciosa de Pilón.

Pilón retirou a garrafa de dentro da folha, desarrolhou-a e bebeu um bom trago e, como o pesar é a mãe da compaixão geral, passou o vinho de Joe ao incrédulo Joe.

— Como construímos planos! — exclamou Pilón. — Como os nossos sonhos nos levaram à decepção! Pensei que pudesse levar sacos de ouro para Danny. Eu podia ver a expressão do seu rosto. Ele ficaria surpreendido. Durante muito tempo não acreditaria nos seus olhos.

Tomou a garrafa das mãos de Joe Portagee e bebeu a bom beber.

— Tudo isso está acabado, desapareceu com a noite.

O sol estava aquecendo a praia, agora. A despeito do seu desapontamento, Pilón sentiu um consolo traidor a tomar conta dele, um impulso desonesto para descobrir alguns bons aspectos na situação.

Big Joe, na sua maneira tranqüila, estava bebendo mais do que devia, Pilón, indignado, lhe tomou a garrafa e bebeu uma e muitas vezes.

— Mas, afinal — disse ele, filosoficamente —, se tivéssemos encontrado dinheiro, talvez não fosse bom para Danny. Sempre foi homem pobre. A riqueza podia endoidecê-lo.

Big Joe balançou a cabeça, solenemente. O vinho desaparecia cada vez mais na garrafa.

— A felicidade é melhor do que a riqueza — disse Pilón. — Se tentarmos fazer Danny feliz, será melhor do que lhe darmos dinheiro.

Big Joe balançou a cabeça novamente e tirou os sapatos.

— Fazê-lo feliz. Isso sim.

Pilón se voltou tristemente para ele.

— Você é apenas um porco e não nasceu para viver entre os homens — disse ele, gentilmente. — Você, que roubou o cobertor de Danny, devia ser trancado num cercado, para comer cascas de batata.

Estavam cochilando ao calor do sol. As ondas ligeiras murmuravam ao longo da praia. Pilón tirou os sapatos.

— Saúde — disse Big Joe.

E eles escorropicharam o vinho até à última gota.

A praia se movia suavemente, saltando e caindo com um movimento semelhante ao de um maremoto.

— Você não é um mau sujeito — disse Pilón.

Mas Big Joe Portagee adormecera. Pilón tirou o paletó e o colocou sobre o rosto. Em pouco, também estava dormindo docemente.

O sol fez o seu caminho no céu. A maré varreu a praia e depois se retirou. Um pelotão de passarinhos inspecionou os homens adormecidos. Um vira-lata rosnou contra eles. Duas velhas senhoras, que apanhavam conchas da praia, viram os corpos e se apressaram com medo de que os homens acordassem apaixonados, as perseguissem e, criminosamente, as assaltassem. Era uma vergonha, concordaram elas, que a polícia nada fizesse para fiscalizar essas coisas.

— Estão bêbedos — disse uma delas.

E a outra fitou os homens adormecidos na praia.

— Bêbedos, sim — concordou.

Quando, afinal, o sol se escondeu atrás dos pinheiros da colina para lá de Monterey, Pilón despertou. Tinha a boca seca como alúmen, doía-lhe a cabeça e os membros estavam rígidos do contato com a areia. Big Joe continuava a roncar.

— Joe! — chamou Pilón.

Mas o Portagee estava longe. Pilón descansou sobre o cotovelo e fitou o mar. Um pouco de vinho seria bom para molhar a garganta — pensou ele. Virou a garrafa, mas não conseguiu nem uma gota para molhar a língua. Então procurou nos bolsos, na esperança de que, enquanto dormia, algum milagre se tivesse produzido. Mas nenhum milagre se produzira. Havia um canivete quebrado, pelo qual lhe haviam recusado um copo de vinho pelo menos vinte vezes. Havia um anzol enfiado numa rolha, um pedaço de pano sujo, um dente de cão e várias chaves que não serviam para nenhum dos lugares conhecidos de Pilón. Ao todo, nada havia que Torrelli pudesse considerar de valor, mesmo num momento de loucura.

Pilón olhou especulativamente para Big Joe.

— Pobre-diabo! — pensou ele. — Quando Joe Portagee acordar, vai sentir a língua seca, como eu. Ele ficaria contente se eu tivesse um pouco de vinho para lhe dar.

Ele empurrou Big Joe, rudemente, várias vezes. E, vendo que o Portagee apenas resmungava, e voltava a roncar, Pilón deu uma busca nos seus bolsos. Encontrou um botão de calças, de latão, um pequeno disco de metal que dizia "Boas comidas só na Hollandesa", quatro ou cinco fósforos sem cabeça e um pequeno pedaço de fumo para mascar.

Pilón voltou às suas inquietações. Não havia jeito, pois. Ele devia secar ali, na praia, enquanto a sua garganta exigia vinho veementemente.

Notou as calças de sarja que o Portagee usava e as examinou com os dedos.

— Boa fazenda — pensou. — Por que deveria este imundo Portagee usar uma fazenda, tão boa, quando todos os seus amigos usam zuarte?

Depois notou como as calças se ajustavam mal a Big Joe, como a braguilha estava apertada mesmo com dois botões por fechar e como a boca das calças ficava longe dos sapatos.

— Uma pessoa de tamanho decente seria feliz com estas calças.

Pilón se recordou do crime de Big Joe contra Danny e se transformou num anjo vingador. Como ousara este grande Portagee insultar Danny?

— Quando ele acordar, dar-lhe-ei uma surra.

Um Pilón mais sutil argumentou:

— Mas o seu crime foi roubo. Não seria melhor ensinar-lhe como a gente se sente depois de roubado? Que vale o castigo, se nada se aprende?

Era uma posição triunfante para Pilón. Se, com uma única ação, pudesse vingar Danny, exemplar Big Joe, dar uma lição de ética e conseguir um pouco de vinho, quem, no mundo, poderia criticá-lo?

Ele empurrou o Portagee vigorosamente e Big Joe se balançou como se fosse uma mosca. Pilón desajeitadamente lhe retirou as calças, enrolou-as e se afastou por entre as dunas de areia.

Torrelli estava fora, mas a Sra. Torrelli abriu a porta para Pilón. Ele estava misterioso de maneiras, mas afinal levantou as calças para que ela as inspecionasse.

Ela balançou a cabeça decisivamente.

— Mas escute — disse Pilón. — Você está vendo apenas os remendos e o sujo. Veja que bela fazenda. Pense, *señora*! Você limpou o sujo e passou a ferro as calças. Torrelli chega. Está silencioso, está aborrecido. E então você lhe traz estas belas calças. Veja como os olhos dele ficam límpidos! Veja como ele é feliz! Ele põe você no colo. Veja como ele olha para você, *señora*! Tanta felicidade não valerá um galão de vinho tinto?

— O fundo das calças está poído — disse ela.

Ele as manteve contra a luz.

— Pode ver através delas? Não! As calças estão em boas condições.

— Não — disse ela, com firmeza.

— Você está sendo cruel com o seu marido, *señora*. Está-lhe negando a felicidade. Eu não ficaria surpreendido se o visse correr

atrás de outras mulheres, que não sejam tão sem coração. Por um quartilho, então?

Finalmente a sua resistência arrefeceu e ela lhe deu o quartilho de vinho. Pilón o bebeu imediatamente.

— Você tenta diminuir o preço do prazer — advertiu ele. — Eu devia ter meio galão.

A Sra. Torrelli estava dura como pedra. Pilón não pôde conseguir nem mais uma gota. Ele se sentou a resmungar na cozinha.

— Judia, isso é o que ela é. Ela me explorou com as calças de Big Joe.

Pilón se lembrou, com tristeza, do amigo que ficara na praia. Que podia fazer? Se ele fosse para a cidade, seria preso. E que fizera esta sujeita para merecer as calças? Tentara comprar as calças do amigo de Pilón por um miserável quartilho de vinho. Pilón sentiu que se dissolvia em ódio contra ela.

— Vou dar uma volta — disse à Sra. Torrelli.

As calças estavam penduradas numa pequena alcova, ao lado da cozinha.

— Até logo — disse a Sra. Torrelli, por cima do ombro.

E seguiu para a sua pequena copa, para preparar o jantar.

No caminho, Pilón passou pela alcova e levou consigo, não somente as calças, mas também o cobertor de Danny.

Pilón voltou à praia, em direção ao lugar onde deixara Big Joe. Avistou uma fogueira a arder sobre a areia e, à medida que se aproximava, várias figuras pequenas e escuras passaram diante da chama. Já estava muito escuro e ele se guiou pelo fogo. Quando chegou perto, viu que era um convescote de escoteiras.

Por um momento não pôde ver Big Joe, mas afinal o descobriu, meio coberto da areia, sem voz, friorento e agoniado. Pilón marchou com firmeza para ele e lhe mostrou as calças.

— Pegue, Big Joe, e se dê por feliz por tê-las de novo.

Os dentes de Joe estavam a tatalar.

Quem roubou as minhas calças, Pilón! Estive deitado aqui durante horas e não posso sair por causa dessas garotas.

Pilón, complacente, se postou entre Big Joe e as pequenas, que corriam em redor da fogueira. O Portagee sacudiu a areia fina das pernas e vestiu as calças. Andaram lado a lado, ao longo da escura praia, na direção de Monterey, onde as luzes se pendura-

vam, colar sobre colar, contra a colina. As dunas de areia se agachavam ao longo da praia como cães fatigados, a descansar, e as ondas sussurravam brandamente. A noite estava fria e reservada e a sua quente vida se afastara, de modo que estava cheia de amargas advertências ao homem de que ele está só no mundo, e sozinho entre os seus irmãos, e de que não encontra conforto em parte alguma.

Pilón estava ainda resmungando e Joe Portagee sentiu a profundidade do seu sentimento. Afinal Pilón voltou a cabeça para o amigo.

— Com isto aprendemos que é grande tolice confiar numa mulher — disse ele.

— Alguma mulher carregou as minhas calças? — perguntou Big Joe, excitadamente. — Quem foi? Eu a amassarei de tanta porrada!

Mas Pilón balançou a cabeça tão tristemente como o velho Jeová, que, descansando no sétimo dia, viu que o seu mundo era muito enfadonho.

— Ela foi punida — disse Pilón. — Você pode dizer que ela se puniu a si mesma, — e essa é a melhor maneira de punir. Ela teve as tuas calças. Comprou-as com usura. E, agora, não as tem mais.

Estas coisas estavam além da compreensão de Big Joe. Eram mistérios que era melhor deixar de lado — e isso era o que Pilón queria. Big Joe disse humildemente:

— Obrigado por me trazer as calças de volta, Pilón.

Mas Pilón estava tão afundado na filosofia que até mesmo os agradecimentos não tinham valor.

— Não foi nada — disse ele. — No fim de contas, somente a lição que se aprende tem valor.

Deixaram a praia e passaram pela grande torre do gasômetro.

Big Joe Portagee sentia-se feliz por estar com Pilón.

"Aqui está um sujeito que se preocupa com os amigos" — pensou ele. "Mesmo quando o amigo dorme, ele está alerta para impedir que sofra algum mal."

E resolveu fazer alguma coisa por Pilón, em qualquer ocasião.

IX

De como Danny se embaraçou por causa de um aspirador de pó e de como os amigos de Danny o salvaram.

Dolores Engrácia Ramírez vivia em casa própria, no extremo superior de Tortilla Flat. Fazia serviços domésticos para algumas senhoras de Monterey e pertencia às Filhas do Oeste do Ouro. Esta "paisana" de rosto fino não era bonita, mas havia na sua figura certa voluptuosidade de movimento e, na sua voz, inflexões que alguns homens consideram indicativas. Os seus olhos podiam queimar atrás de uma névoa, com sonolenta paixão, que esses homens, para quem a carne é importante, consideram atrativa e convidativa.

Nos seus momentos bruscos não era desejável, mas uma amorosa combinação se produzia dentro dela muitas vezes, de modo que era chamada Sweets Ramírez em Tortilla Flat.

Era agradável vê-la, quando a besta que nela vivia estava à solta. Como se inclinava sobre o portão da frente! Como a sua voz se fazia sonolenta! Como as suas nádegas se moviam gentilmente, ora comprimindo-se contra a cerca, ora recuando como uma onda de verão na praia, ora comprimindo-se novamente contra a cerca! Quem, no mundo, seria capaz de pôr rouquidão mais significativa nas suas palavras:

— Ai, amigo! Aonde vai?

É verdade que, ordinariamente, a sua voz era áspera, a face dura e aguda como uma machadinha, o perfil irregular e as intenções egoístas. O outro eu mais amável surgia apenas uma ou duas vezes na semana e, ordinariamente, à noite.

Quando Sweets soube que Danny era herdeiro, ficou muito contente. Sonhou com ser a sua mulher, como o fizeram todas as outras fêmeas de Tortilla Flat. À noite, ela se debruçava no portão da frente, esperando que ele passasse e caísse na sua armadilha. Mas, durante muito tempo, a sua armadilha nada pilhou além de índios e "paisanos" pobres, que não eram donos de casas e cujas roupas por vezes eram escapas a melhores donos.

Sweets não estava contente. A sua casa subia a colina, para além da casa de Danny, numa direção que este não tomava muitas vezes. Sweets não podia sair a procurá-lo. Era uma senhora e a sua conduta era governada por estritas regras de conveniência. Se Danny passasse por lá, se conversassem, como velhos amigos que eram, se ele entrasse para tomar um copo de vinho, e, depois, se a natureza se mostrasse muito poderosa e a sua resistência feminina muito fraca, não haveria grave quebra de conveniência. Mas era impossível ficar agarrada a vida toda ao portão da frente.

Durante muitas noites, durante muitos meses, ela esperou em vão e aceitou todos os presentes que andavam em calças de zuarte. Mas há apenas um número limitado de caminhos em Tortilla Flat. Era inevitável que Danny, mais cedo ou mais tarde, passasse pela porta de Dolores Engrácia Ramírez. E isso aconteceu.

Em todo o tempo em que se conheciam, jamais houve uma ocasião em que fosse mais vantajosa para Sweets a sua passagem, pois nessa manhã mesma ele encontrara uma caixa de pregos de cobre, perdida pela Companhia Central de Abastecimento. Ele os havia julgado um achado, pois nenhum membro da Companhia estava por perto. Danny retirou os pregos de cobre da caixa e os meteu num saco. Depois, tomando emprestado o carrinho de mão do Pirata, e o Pirata para empurrá-lo, levou a sua carga para a Companhia de Abastecimento do Oeste, onde vendeu o cobre por três dólares. A caixa ele deu ao Pirata.

— Você pode guardar umas coisas aí — disse-lhe.

Isso tornou o Pirata muito feliz.

E agora Danny descia a colina, dirigindo-se com grande exatidão para o bar de Torrelli, com os três dólares no bolso.

A voz de Dolores soou tão asperamente doce como o zumbido de um besouro.

— Alô, amigo, aonde vai?

Danny parou. Uma revolução se operou nos seus planos.

— Como vai você, Sweets?

— Que diferença faz isso? Nenhum dos meus amigos quer saber de mim — disse ela, gaiatamente. E as suas nádegas se balançaram numa graciosa e circular ondulação.

— Que quer você dizer? — perguntou ele.

— Bem... O meu amigo Danny já veio me ver alguma vez?

— Estou aqui para ver você agora — disse ele, galante.

Ela abriu um pouco a porta.

— Não quer entrar para tomar um copo de vinho em nome da nossa amizade?

Danny entrou na casa.

— Que é que você esteve fazendo na floresta? — arrulhou ela.

Então ele cometeu um erro. Vangloriou-se da sua transação no alto da colina e se gabou dos seus três dólares.

— Naturalmente tenho vinho somente para encher dois dedais — disse ela.

Eles se sentaram na cozinha de Sweets e beberam um copo de vinho. Em pouco tempo Danny assaltava a virtude dela com verdadeira valentia e vigor. Para sua surpresa, encontrou uma resistência fora de proporção com o tamanho e reputação da dama. A besta da luxúria acordara dentro dele. Estava zangado. Somente quando se despedia viu o caminho livre.

A voz áspera lhe disse:

— Talvez você queira me ver esta noite, Danny.

Os olhos de Sweets nadaram numa névoa de sonolento convite.

— Temos vizinhos... — sugeriu ela, delicadamente.

Então ele compreendeu.

— Voltarei — prometeu.

A tarde ia pelo meio. Danny desceu a rua, dirigindo-se novamente para a casa de Torrelli. E a besta se transformara. De um selvagem lobo a uivar, virara um urso grande, pesadão e sentimental.

— Levarei vinho para a boa Sweets — pensou.

Em caminho, encontrou Pablo, com dois ramos de acácia na mão. Ele deu um a Danny e perguntou:

— Aonde vai?

— Não há tempo para a amizade — disse Danny, azedamente. — Vou comprar um pouco de vinho para uma senhora. Você pode vir comigo e tomar somente um copo. Estou cansado de comprar vinho para as mulheres e os meus amigos o beberem.

Pablo concordou em que essa prática era insuportável. Quanto a si, não desejava o vinho de Danny, mas apenas a sua companhia.

Foram ao bar de Torrelli. Tomaram um copo de vinho do galão comprado por Danny. Danny confessou que era tratar mal o amigo dar-lhe apenas um pequeno copo. Sobre o protesto apaixonado de Pablo, beberam outro copo.

As mulheres — pensou Danny — não devem beber muito vinho. Podem ficar estúpidas e, ademais, o vinho entorpece alguns dos sentidos que a gente gosta de encontrar alerta na mulher.

Beberam mais alguns copos. Meio galão de vinho era um presente formidável, especialmente porque Danny ia comprar outro presente. Mediram meio galão na garrafa e beberam o que restava. Depois Danny escondeu a garrafa sob folhas, num valado.

— Gostaria que viesse comigo comprar o presente, Pablo — disse ele.

Pablo sabia o motivo do convite. Metade era o desejo da companhia de Pablo e metade era o receio de deixar o vinho, com Pablo à vontade. Eles andaram com estudada dignidade e retidão, colina abaixo, para Monterey.

O Sr. Simon, na Companhia Simon de Capitalização, Jóias e Empréstimos, os recebeu na sua loja. O nome da loja definia os limites extremos das mercadorias que a companhia vendia, pois havia saxofones, rádios, fuzis, facas, caniços de pesca e moedas antigas no balcão, tudo de segunda mão, mas tudo realmente melhor do que novo porque já estava bem "amansado".

— Deseja ver alguma coisa? — perguntou o Sr. Simon.

— Sim — disse Danny.

O proprietário cantarolou uma lista possível e de repente parou em meio a uma palavra, pois viu que Danny estava olhando para um grande aspirador de poeira, de alumínio. O saco da poeira era de quadrados azuis e amarelos. O fio elétrico era longo, negro, lustroso. O Sr. Simon avançou para o objeto, passou-lhe a mão para limpá-lo, postou-se à sua frente e o admirou.

— Um aspirador de pó? — perguntou ele.

— Quanto?

— Esse? Catorze dólares.

Não era tanto o preço quanto um esforço para descobrir quanto Danny possuía. E Danny o desejava, pois era grande e brilhante. Nenhuma mulher em Tortilla Flat possuía um. Ele depositou os seus dois dólares no balcão e esperou, enquanto se produzia a tormenta, — a fúria, a raiva, a tristeza, a pobreza, a ruína, a tagarelagem. O polimento foi invocado, a cor do saco trazida à baila. E no fim Danny saiu levando o aspirador.

Muitas vezes, como passatempo, à tarde, Sweets trazia para fora o aspirador e o recostava contra uma cadeira. Enquanto as amigas olhavam, ela o empurrava para frente e para trás, para mostrar com que facilidade trabalhava. E fazia ruídos com a boca para imitar um motor.

— Meu amigo é um homem rico — dizia ela. — Acho que muito breve haverá fios elétricos nesta casa e, então, zip, zip, zip, a casa estará limpa!

As amigas tentavam diminuir o presente, dizendo:

— É uma pena que você não possa trabalhar com essa máquina.

Ou:

— Sempre achei que uma vassoura e um apanhador de lixo dão melhor resultado.

Mas a sua inveja nada podia fazer contra o aspirador. Com a sua posse Sweets se elevou ao cume da escala social de Tortilla Flat. Os que não se lembravam do seu nome se referiam a ela como "a tal que tem a máquina de varrer". Muitas vezes, quando os seus inimigos passavam pela casa, Sweets podia ser vista, através da janela, a empurrar o aspirador para a frente e para trás,

enquanto um zumbido partia da sua garganta. Realmente, depois de varrer a casa todos os dias, ela se punha a empurrar o aspirador, com a teoria de que, naturalmente, limparia melhor com eletricidade, mas não se podem ter todas as coisas.

Ela excitou a inveja em muitas casas. As suas maneiras se tornaram dignas e graciosas e o seu queixo se mantinha para o alto, como convém a uma pessoa que possui uma máquina de varrer. Até na conversação incluiu a máquina.

— Ramón passou lá por casa esta manhã, enquanto eu estava trabalhando com o aspirador.

Ou:

— Louise Meater cortou a mão esta manhã, menos de três horas depois de eu trabalhar com a máquina de varrer.

Mas, na sua elevação, não se esqueceu de Danny. A sua voz se tingia de emoção quando ele estava por perto. Ela se balouçava como um pinheiro ao vento. E ele passava todas as noites na casa de Sweets.

A princípio os amigos ignoraram a sua ausência, pois todo homem tem direito a esses pequenos casos. Mas, à medida que as semanas passavam, e à medida que uma vida doméstica violenta começou a fazer Danny ficar negligente e pálido, os amigos se convenceram de que a gratidão de Sweets pela máquina de varrer não convinha aos melhores interesses físicos de Danny. Eles estavam ciumentos de uma situação que por tanto tempo absorvia a atenção do amigo.

Pilón, Pablo e Jesus Maria Corcorán, cada qual por sua vez, assaltaram o ninho das suas afeições, durante a sua ausência. Mas Sweets, embora sensível aos galanteios, permanecia fiel ao homem que a elevara a uma posição tão encantadora. Tentou conservar a amizade deles para futuras necessidades, pois sabia como a fortuna é volúvel. Mas, obstinadamente, se recusou a dividir com os amigos de Danny o que estava dedicado, por enquanto, a Danny.

Então, os amigos, em desespero, organizaram um grupo, dedicado à sua destruição.

É possível que Danny, no fundo da alma, estivesse começando a se cansar da afeição de Sweets e dos deveres de assiduidade

que isso exigia. Se essa alteração estava se processando, ele não o admitia consigo mesmo.

Às três horas da tarde de certo dia, Pilón, Pablo e Jesus Maria, vagamente acompanhados por Big Joe Portagee, voltaram, triunfantes, de 18 horas de estrênuo esforço. A sua campanha chamara à ação e levara ao limite a lógica impiedosa de Pilón, a artística ingenuidade de Pablo e a bondade e humanidade de Jesus Maria Corcorán. A contribuição de Bib Joe fora nula.

Mas, agora como quatro caçadores, voltavam da caça mais felizes, porque a sua vitória fora difícil. E, em Monterey, um pobre e perplexo italiano chegou, gradualmente, à convicção de que fora roubado.

Pilón trazia um galão de vinho escondido numa folha de árvore. Eles tocaram alegremente para a casa de Danny e Pilón pôs a garrafa sobre a mesa.

Danny, desperto de um sono profundo, sorriu tranqüilamente, se levantou da cama e distribuiu os cântaros. Despejou o vinho nos cântaros. Os quatro amigos se deixavam cair nas cadeiras, pois o seu dia fora exaustivo.

Beberam tranqüilamente durante o fim da tarde, esse tempo de curioso intervalo. Quase todo mundo, em Tortilla Flat, pára, então, e considera as coisas que aconteceram no dia que passou e pensa nas possibilidades da noite. Há muitas coisas para discutir, à tarde.

— Cornélia Ruiz arranjou outro homem esta manhã — comentou Pilón. — É careca. Chama-se Kilpatrick. Cornélia diz que o outro homem não voltou para casa três noites a semana passada. Ela não gosta disso.

— Cornélia é mulher que muda de opinião muito rapidamente — disse Danny.

Pensou, complacentemente, no seu sólido estabelecimento, construído sobre a rocha do aspirador.

— O pai de Cornélia era pior — disse Pablo. — Não podia falar a verdade. Uma vez ele me tomou emprestado um dolar. Já falei com Cornélia sobre isso e ela nada diz.

— São do mesmo sangue. Tal o rebento, tal o cão — disse Pilón, virtuosamente.

Danny encheu novamente os cântaros. O galão de vinho estava acabado. Ele o olhou com pesar.

Jesus Maria, esse amante das humanidades, falou tranqüilamente:

— Vi Susie Francisco, Pilón. Ela me disse que a receita deu bom resultado. Já foi passear com Charlie Guzman, na motocicleta, três vezes. Nas duas primeiras vezes em que lhe deu a mezinha amorosa, ele ficou doente. Pensou que não fosse boa. Mas agora Susie diz que você pode buscar uns pães de vez em quando.

— Que havia na poção? — perguntou Pablo.

Pilón se tornou reticente:

— Não posso dizer tudo. Acho que deve ter sido o carvalho venenoso que pôs Charlie Guzman doente.

O galão de vinho desaparecera muito depressa. Todos os seis amigos estavam cônscios de uma sede tão aguda que se tornava dolorosa. Pilón olhou para os amigos com olhos maliciosos, e eles lhe devolveram o olhar. A conspirata estava pronta.

Pilón pigarreou:

— Que é que você fez, Danny, para toda a cidade estar a rir de você?

Danny pareceu inquieto:

— Que é que você quer dizer?

Pilón sorriu levemente:

— Muita gente diz que você comprou uma máquina de varrer para certa senhora e que essa máquina não funcionará enquanto a casa não tiver eletricidade. Os fios elétricos custam muito dinheiro. Muita gente acha isso muito engraçado.

Danny se sentia mal.

— Essa senhora gosta da máquina de varrer — disse ele, na defensiva.

— Por que não? — concordou Pablo. — Ela disse a algumas pessoas que você ia pôr eletricidade na casa, para a máquina funcionar.

Danny pareceu mais perturbado:

— Ela disse isso?

— Assim me disseram.

— Bem... — disse Danny. — Não vou ligar eletricidade nenhuma.

— Se eu não achasse graça, ficaria danado da vida por ver debicarem assim do meu amigo — observou Pilón.

— Que fará você, quando ela lhe pedir os fios elétricos? — perguntou Jesus Maria.

— Eu direi que não — disse Danny.

Pilón riu.

— Desejaria estar por lá nessa ocasião. Não é coisa simples dizer "não" a essa senhora.

Danny sentiu que os amigos se estavam voltando contra ele.

— Que devo fazer? — perguntou, desamparado.

Pilón considerou gravemente o assunto, com o auxílio do seu agudo realismo.

— Se essa senhora não tivesse a máquina de varrer, não desejaria a eletricidade — disse ele.

— Portanto, — continuou Pilón, — a coisa a fazer é afastar a máquina de varrer.

Os amigos balançaram a cabeça, concordando.

— Oh, ela não me deixaria fazê-lo! — protestou Danny.

— Então poderemos ajudar você — disse Pilón. — Eu tomarei a máquina e, em recompensa, você pode dar a essa senhora, de presente, um galão de vinho. Ela nem mesmo saberá para onde a máquina foi.

— Algum vizinho verá você apanhá-la.

— Oh, não! — disse Pilón. — Fique aqui, Danny, que eu trarei a máquina.

Danny suspirou, aliviado, pois o problema ia ser resolvido pelos seus bons amigos.

Poucas coisas aconteciam em Tortilla Flat que Pilón não soubesse. O seu espírito tomava pequenas e agudas notas de tudo o que os seus olhos viam ou os seus ouvidos ouviam. Ele sabia que Sweets ia à loja às 4,30, todas as tardes. Ele dependia deste hábito quase invariável para pôr o seu plano em execução.

— É melhor que você nada saiba sobre isso — disse ele a Danny.

No quintal, Pilón tinha um saco de aniagem de prontidão. Com sua faca ele cortou um generoso ramo da roseira e o enfiou dentro do saco.

Na casa de Sweets viu que ela estava ausente, como esperava e desejava.

— É realmente a máquina de Danny — disse para si mesmo.

Foi obra de um momento entrar na casa, pôr a máquina de varrer no saco e arranjar o ramo de roseira, artisticamente, na bôca do saco.

Quando saía do quintal, encontrou Sweets. Pilón lhe tirou o chapéu, polidamente.

— Parei um momento para passar o tempo — disse ele.

— Você não quer ficar, Pilón?

— Não. Tenho que fazer em Monterey. Já é tarde.

— Aonde vai você com essa roseira?

— Há um sujeito em Monterey que quer comprá-la. Uma roseira muito bonita. Veja como é forte.

— Venha me ver uma hora destas, Pilón.

Não ouviu gritos de raiva enquanto descia, levemente, a rua.

"Talvez não se lembre da máquina por algum tempo" — pensou ele.

A metade do problema estava resolvido, mas faltava a outra metade.

— Que fará Danny com esta máquina de varrer? — perguntou para si mesmo. — Se ficar com ele, Sweets saberá. Posso jogá-la fora? Não, pois tem valor. O que há a fazer é me libertar da máquina e embolsar o seu valor.

Agora, todo o problema estava resolvido. Pilón desceu a colina, dirigindo-se para a casa de Torrelli.

Era um grande e brilhante aspirador. E, quando Pilón subiu novamente a colina, tinha um galão de vinho em cada mão.

Os amigos o receberam em silêncio quando ele entrou na casa de Danny. Ele pôs uma das garrafas sobre a mesa e a outra no chão.

— Trouxe um presente para você dar a essa senhora — disse ele a Danny. — E aqui temos um pouco de vinho para nós.

Eles se chegaram alegremente, pois a sua sede era como um incêndio a lavrar. Quando o primeiro galão terminou, Pilón levantou o copo à luz da vela e olhou através dele.

— As coisas que acontecem não têm importância — disse ele. — Mas, de tudo o que acontece, há uma lição a tomar. Com

isto aprendemos que um presente, especialmente para uma senhora, não deve ter qualidades que requeiram novos presentes de grande valor, pois podem excitar a cobiça.

O primeiro galão se fora. Os amigos olharam para Danny a fim de ver como se sentia. Ele estivera muito quieto, mas agora via que os amigos estavam esperando por ele.

— Essa senhora era interessante — disse ele, judiciosamente. — Essa senhora tinha uma natureza muito simpática. Mas que o diabo a leve! Já estou chato de tudo isso!

Avançou para a segunda garrafa e a desarrolhou.

O Pirata, sentado no canto entre os seus cães, sorriu para si mesmo e sussurrou, excitado: "Que o diabo a leve! Já estou chato de tudo isso!" Essa frase — pensou o Pirata — era muito bonita.

Estavam ainda no meio da segunda garrafa, pois haviam cantado apenas duas canções, quando o jovem Johnny Pom-pom entrou.

— Eu estava na casa de Torrelli — disse Johnny. — Oh, esse Torrelli está maluco! Está berrando! Está batendo na mesa com os punhos!

Os amigos o olharam com ligeiro interesse.

— Alguma coisa aconteceu. É provável que Torrelli o mereça.

— Muitas vezes ele tem recusado aos seus bons fregueses um copo de vinho.

— Que aconteceu com Torrelli? — perguntou Pablo.

Johnny Pom-pom aceitou um cântaro de vinho.

— Torrelli diz que comprou uma máquina de varrer na mão de Pilón e que, quando a ligou à eletricidade, a máquina não funcionou. Então ele olhou para dentro da máquina e viu que não tinha motor. Ele diz que matará Pilón.

Pilón pareceu chocado.

— Não sabia que a máquina era assim — disse ele. — Mas eu disse que Torrelli merecia o que acontecera. A máquina valia três ou quatro galões de vinho, mas o Sr. Torrelli não quis dar mais de dois.

Danny ainda sentia gratidão para com Pilón. Ele estalou os lábios sobre o vinho.

— Esse vinho de Torrelli está cada vez pior — disse ele. — Quando melhor, era lavagem que os porcos rejeitam, mas recentemente está tão mau que Charlie Marsh não seria capaz de bebê-lo.

Todos eles se sentiram um tanto vingados de Torrelli.

— Penso — disse Danny — que devemos comprar o nosso vinho noutro lugar, se Torrelli não melhorar.

X

De como os amigos confortaram um cabo e, em recompensa, receberam uma lição de ética paternal.

Jesus Maria Corcorán era um caminho para as humanidades. Tentava aliviar o sofrimento, procurava consolar o pesar, participava da felicidade. Nem rude nem arrebatado vivia Jesus Maria. O seu coração estava livre para o uso de quem quer que tivesse uso para ele. Os seus recursos e o seu engenho estavam à disposição de quem quer que os tivesse menos do que Jesus Maria.

Foi ele quem carregou José de la Nariz durante quatro milhas, quando a perna de José se partiu. Quando a Sra. Palochico perdeu a sua cabra de estimação, a boa cabra que dava leite e dava queijo, foi Jesus Maria que seguiu o rastro da cabra até Big Joe Portagee e deteve a matança e fez Big Joe devolver o animal. Foi Jesus Maria quem certa vez retirou Charlie Marsh de um valo em que ele se espojava na sua própria imundície, uma ação que requeria não só um bom coração, mas estômago.

Juntamente com a sua capacidade de fazer o bem, Jesus Maria tinha o dom de entrar em contato com situações em que era necessário fazer o bem.

Tal era a sua reputação que, certa vez, Pilón dissera:

— Se esse Jesus Maria tivesse entrado para a Igreja, Monterey teria um santo para o calendário.

De alguma profunda algibeira da sua alma, Jesus Maria retirava bondade, que se renovava com a retirada.

Era costume de Jesus Maria ir ao correio todos os dias, primeiro porque podia ver muita gente conhecida e, segundo, porque, sob a ventania, na esquina do correio, podia olhar as pernas de muitas garotas. Não se deve supor que, neste último interesse, houvesse qualquer vulgaridade. Seria o mesmo que criticar um homem que vai a galerias de arte ou a concertos. Jesus Maria gostava de olhar pernas de garotas.

Certo dia, em que se postara no correio durante duas horas com pequeno sucesso, pôde testemunhar uma cena dolorosa. Um policial vinha pela calçada conduzindo um rapaz de cerca de 16 anos, que trazia nos braços um bebê, enrolado num pedaço de cobertor cinzento.

O policial estava dizendo:

— Não me importa, se não posso entender o que você diz. Você não pode ficar sentado o dia todo na calçada. Darei um jeito em você.

E o rapaz, em espanhol, com uma inflexão peculiar, dizia:

— Mas, *señor*, não fiz nada de mais. Por que me prende?

O policial viu Jesus Maria.

— Olá, "paisano"! — chamou ele. — Que é que este "cholo" está dizendo?

Jesus Maria se aproximou e falou com o rapaz:

O rapaz, aliviado, falou como um dilúvio:

— Posso lhe ser útil em alguma coisa?

— Vim aqui para trabalhar. Uns mexicanos disseram que haveria trabalho aqui — e não há trabalho algum. Eu estava sentado, descansando, quando este homem chegou e me encanou.

Jesus Maria balançou a cabeça e se voltou para o policial:

— Ele cometeu algum crime?

— Não, mas está sentado na calçada, na rua Alvarado, há cerca de três horas.

— Ele é um amigo meu — disse Jesus Maria. — Tomarei conta dele.

— Bem, afaste-o da calçada, então.

Jesus Maria e o seu novo amigo subiram a colina.

— Vou levar você para a casa onde moro. Lá você encontrará alguma coisa para comer. De quem é esse bebê?

— É meu — disse o rapaz. — Sou cabo e ele é meu filho. Está doente agora, mas, quando crescer será um general.

— De que é que ele está doente, *señor* cabo?

— Não sei. Sei apenas que está doente.

Ele mostrou o rosto da criança, que realmente parecia muito doente.

A simpatia de Jesus Maria aumentou.

— A casa onde eu moro é de propriedade do meu amigo Danny. Ele é um bom homem, *señor* cabo. É um sujeito para quem se pode apelar, quando se está em dificuldades. Escute, vamos lá e Danny nos dará abrigo. Minha amiga, a Sra. Palochico, tem uma cabra. Arranjaremos um pouco de leite para o bebê.

O rosto do cabo, pela primeira vez, mostrou um sorriso de alegria.

— É bom ter amigos — disse ele. — Em Torreón eu tinha muitos amigos que iriam até pedir esmolas para me ajudar.

Ele se gabou um pouco para Jesus Maria:

— Tenho amigos ricos, mas naturalmente eles não sabem das minhas necessidades.

Pilón abriu o portão do quintal de Danny e eles entraram juntos. Danny, Pablo e Big Joe estavam sentados na sala-de-estar, esperando o milagre diário da comida. Jesus Maria empurrou o rapaz para a sala.

— Aqui está um jovem soldado, um cabo — explicou ele. — Tem um bebê consigo e o bebê está doente.

Os amigos se levantaram, alacremente. O cabo retirou o cobertor do rosto da criança.

— Ele está doente, sim — disse Danny. — Talvez devêssemos chamar um médico.

Mas o soldado sacudiu a cabeça.

— Nada de médicos. Não gosto dos médicos. Esta criança não chora e não quer comer. Talvez depois de descansar, fique boa.

Nesse momento Pilón entrou e inspecionou o bebê.

— Esta criança está doente — disse ele.

Pilón, imediatamente, assumiu a direção da casa. Mandou Jesus Maria à casa da Sra. Palochico arranjar leite de cabra e mandou Big Joe e Pablo arranjar um caixote de maçãs, fazer uma cama de folhas secas e cobri-la com uma pele de carneiro. Danny ofereceu a cama, mas não foi aceita. O cabo ficou de pé na sala de estar, sorrindo gentilmente para aquela boa gente. Afinal a criança foi deitada no caixote, mas os seus olhos não tinham expressão e não quis beber o leite.

O Pirata entrou, trazendo um embrulho de cavalas. Os amigos cozinharam os peixes e jantaram. O bebê não quis nem mesmo um pedacinho de cavala. Uma ou outra vez, cada qual dos amigos se levantava da mesa e ia espiar a criança. Quando o jantar terminou, eles se sentaram em torno do fogareiro e se prepararam para uma noite tranqüila.

O cabo estivera silencioso, sem dar sinal de vida. Os amigos estavam um tanto ofendidos com isso, mas sabiam que o cabo lhes falaria no momento oportuno. Pilón, para quem o conhecimento era como ouro a minerar, fez algumas tentativas para romper a reticência do cabo.

— Nem sempre se vê um jovem soldado com um bebê — sugeriu ele, delicadamente.

O cabo careteou, com orgulho.

Pablo acrescentou:

— Esta criança foi provavelmente achada no jardim do amor. E esta é a melhor espécie de bebês, pois têm dentro de si somente boas coisas.

— Nós também fomos soldados — disse Danny. — Quando morrermos, iremos para a sepultura numa carreta de artilharia e um pelotão dará uma salva de tiros.

Esperavam para ver se o cabo melhoraria de atitude, com a oportunidade que lhe haviam oferecido. Mas o cabo disse:

— Vocês têm sido muito bons para mim. São tão bons e tão gentis como os meus amigos de Torreón seriam. Este é o meu filho, o filho da minha mulher.

— E onde está a sua mulher? — perguntou Pilón.

O cabo perdeu o seu sorriso.

— Está no México — informou.

Depois ele se tornou vivaz novamente:

— Encontrei um homem que me disse uma coisa curiosa. Ele disse que podemos fazer das crianças o que quisermos. Disse: "Diga à criança, muitas vezes, o que você deseja que ela faça e, quando crescer, ela o fará". Toda hora estou dizendo a este menino: "Você será general". Vocês acham que ele será um general?

Os amigos balançaram a cabeça, polidamente.

— Pode ser — disse Pilón. — Mas eu não sabia desse método.

— Eu digo vinte vezes por dia: "Manuel, você será general algum dia. Terá grandes dragonas e um talabarte. Terá uma espada de ouro. Montará um cavalo palamino. Que vida para você, Manuel!" O homem disse que certamente ele será general, se eu o disser.

Danny se levantou e se aproximou do caixote de maçãs.

— Você será general — disse ele à criança. — Quando você crescer, será um grande general.

Os outros se apinharam em volta para ver se a fórmula tivera algum resultado.

O Pirata sussurou "Você será general" e ficou a matutar se o mesmo método daria resultado com um cão.

— Esta criança está doente — disse Danny. — Devemos mantê-la no quente.

Voltaram para as suas cadeiras.

— A sua mulher está no México... — sugeriu Pilón.

O cabo enrugou a testa e pensou por algum tempo, antes de sorrir com todos os dentes:

— Vou lhes dizer. Não é coisa que se conte a estranhos, mas vocês são amigos. Eu estava destacado em Chihuahua, e, como era diligente, andava limpo e lubrificava o meu fuzil, me fizeram cabo. E depois me casei com uma bela pequena. Não direi que não fosse por causa das divisas que ela se casou comigo. Mas era muito bela e muito jovem. Os seus olhos eram claros, tinha belos dentes brancos e o cabelo era longo e brilhante. Pouco depois este garoto nascia.

— Isso é bom — disse Danny. — Gostaria de ser você. Não há nada tão bom como um filho.

— Sim — disse o cabo. — Eu estava contente. E fomos batizá-lo. Eu estava de talabarte, embora os livros do exército não

o mencionem. E quando saímos da igreja, um capitão com dragonas, talabarte e uma espada de prata viu minha mulher. Em breve minha mulher me abandonava. Então eu fui procurar o capitão e lhe disse: "Me dê a minha mulher", e ele disse: "Você não dá valor à sua vida, para falar dessa maneira com seu superior".

O cabo sacudiu as mãos e levantou os ombros, numa impotente resignação.

— Oh, que bandido! — exclamou Jesus Maria.

— Você reuniu os amigos — antecipou Pablo. — E matou o tal capitão.

O cabo parecia retraído.

— Não. Não havia nada a fazer. Na primeira noite, alguém me deu um tiro pela janela. No segundo dia, uma peça de campanha se deslocou por acaso e o obus passou tão perto de mim que me atirou no chão. Então eu deixei a cidade e trouxe o bebê comigo.

Havia ferocidade no rosto dos amigos e os seus olhos estavam perigosos. O Pirata, no seu canto, resmungou e todos os cães rosnaram.

— Deveríamos estar por lá — exclamou Pilón. — Nós teríamos feito esse capitão desejar não haver nascido. Meu avô sofreu nas mãos de um sacerdote e ele amarrou esse sacerdote, nu, num poste do curral, e levou um bezerrinho novo consigo. Oh, sempre há jeito!

— Eu era somente um cabo — disse o rapaz. — Tive de fugir. — Lágrimas de vergonha brilhavam nos seus olhos. — Um cabo não tem apoio quando tem um capitão contra ele. E eu fugi, com o Manuel. Em Fresno encontrei esse homem sábio e ele me disse que eu podia fazer do Manuel o que eu quisesse. Digo a esta criança vinte vezes por dia: "Você será general. Você terá dragonas e carregará uma espada de ouro".

Ali estava um drama que fazia com que as experiências de Cornélia Ruiz parecessem desinteressantes e vãs. Ali estava uma situação que exigia a ação dos amigos. Mas a cena era tão remota que a ação era impossível. Olharam, em êxtase, para o cabo. Era tão jovem para ter vivido tal aventura!

— Eu desejaria — disse Danny, perversamente, — que estivéssemos agora em Torreón. Pilón arquitetaria um plano de ação para nós. É uma pena que não possamos ir até lá.

Big Joe Portagee conservava-se desperto — um tributo ao fascínio da história do cabo. Ele se debruçou sobre o caixote de maçãs e disse:

— Você será general.

Depois:

— Vejam! A criança está-se movendo!

Os amigos se apinharam em torno. O espasmo já havia começado. Os seus pequenos pés se abaixavam e se levantavam e as mãos se apertavam, desamparadamente. E, depois, a criança se espichou na caminha, a tremer.

— Um médico! — gritou Danny. — Precisamos de um médico!

Mas ele e todos os outros sabiam que não valia a pena. A morte quando se aproxima usa um capote inconfundível. Enquanto eles observavam, a criança enrijeceu o corpo e a luta terminou. A boca descaiu para um lado. A criança estava morta. Danny, respeitosamente, cobriu o caixote de maçãs com um pedaço de cobertor. O cabo se manteve em pé, olhando fixamente para a frente, tão chocado que não podia falar nem pensar.

Jesus Maria pôs a mão no seu ombro e o levou para uma cadeira.

— Você é muito jovem — disse ele. — Terá muitos outros filhos.

O cabo gemeu.

— Agora ele está morto. Agora ele jamais será um general com talabarte e espada.

Havia lágrimas nos olhos dos amigos. No canto, todos os cães uivavam lamentosamente. O Pirata enterrou a sua grande cabeça no pêlo do Señor Alec Thompson.

Em tom brando, quase uma bênção, Pilón disse:

— Agora você mesmo deve matar o capitão. Nós honramos você pelo seu nobre plano de vingança. Mas isso acabou e você mesmo deve tirar a sua vingança. E nós ajudaremos, se pudermos.

O cabo voltou para ele dois olhos estúpidos.

— Vingança? — perguntou ele. — Matar o capitão? Que quer você dizer?

— Bem, o seu plano era claro — disse Pilón. — Essa criança iria crescer e iria ser um general. E, com o tempo, encontraria esse capitão e o mataria aos poucos. Era um bom plano. A longa espera — e depois o golpe. Nós, os seus amigos, honramos você por isso.

O cabo estava olhando, espantado, para Pilón.

— Que é isso? — perguntou ele. — Nada tenho a ver com esse capitão. Ele é o capitão.

Os amigos avançaram para ele.

— Então, que significava o plano de fazer da criança um general? — gritou Pilón. — Por quê?

O cabo ficou um tanto embaraçado.

— É dever de todo pai fazer o bem do seu filho. Eu queria que Manuel tivesse uma vida melhor do que a minha.

— É tudo? — gritou Danny.

— Bem, — disse o cabo. — Minha mulher era bonita, mas não era nenhuma puta. Era uma boa mulher e esse capitão a tomou. Tinha pequenas dragonas, pequeno talabarte e a sua espada era apenas cor de prata. — O cabo sacudiu as mãos. — Imaginem, se esse capitão, com as pequenas dragonas e o pequeno talabarte, pôde tomar a minha mulher, que é que um general, com um grande talabarte e uma espada de ouro, não poderia tomar?

Houve um longo silêncio, enquanto Danny, Pilón, Pablo, Jesus Maria, o Pirata e Big Joe Portagee digeriam esse princípio. E, quando o digeriram, esperaram que Danny falasse.

— É de lamentar — disse Danny, afinal, — que tão poucos pais tenham no coração o bem-estar dos seus filhos. Agora, que o garoto morreu, estamos mais pesarosos do que nunca, porque, com tal pai, que vida feliz perdeu!

Todos os amigos balançaram a cabeça solenemente.

— Que vai você fazer agora? — perguntou Jesus Maria, o descobridor.

— Vou voltar ao México — respondeu o cabo. — Sou um soldado de coração. Se eu tiver sempre limpo o meu fuzil, talvez algum dia me façam oficial. Quem sabe?

Os seis amigos olharam, entusiasmados, para o cabo. Estavam orgulhosos de haver conhecido um homem dessa marca.

XI

De como, sob as mais adversas circunstâncias, o amor visitou Big Joe Portagee.

Para Big Joe Portagee amar era fazer alguma coisa. E esta é a história de um dos seus casos de amor.

Havia chovido em Monterey e, durante todo o dia, a água pingava dos altos pinheiros. Os "paisanos" de Tortilla Flat não puseram a cabeça para fora das suas casas, mas, de todas as chaminés, uma coluna azul de fumaça de pinheiro a queimar-se balouçava, de maneira que o ar estava limpo, fresco e perfumado.

Às cinco da tarde, a chuva parou por alguns momentos e Big Joe Portagee, que estivera debaixo de um bote a remo, na praia, a maior parte do dia, saiu e começou a subir a colina para a casa de Danny. Estava com frio e com fome.

Quando ele chegou ao extremo de Tortilla Flat, os céus se abriram e a chuva caiu. Num instante Big Joe estava molhado até os ossos. Ele correu à casa mais próxima para escapar à chuva. Essa casa era habitada por Tia Ignácia.

Essa senhora tinha cerca de 45 anos e era uma viúva bem conservada, que obtinha algum sucesso. Ordinariamente era taciturna e rude, pois havia nas suas veias mais sangue índio do que se considerava decente em Tortilla Flat.

Quando Big Joe entrou, ela acabara de abrir um galão de vinho tinto e estava-se preparando para encher um copo à saúde do seu estômago. A sua tentativa de esconder a garrafa sob uma cadeira não obteve êxito. Big Joe parou no umbral, pingando água no chão.

— Venha se esquentar — disse Tia Ignácia.

Big Joe, olhando para a garrafa, entrou na sala. A chuva rugia no teto. Tia Ignácia atiçou o fogo no fogareiro.

— Não quer um copo de vinho?

— Sim — disse Big Joe.

Antes de terminar o primeiro copo, os olhos de Big Joe se haviam novamente pregado na garrafa. Bebeu três copos de vinho, antes de consentir em dizer uma palavra e antes de que o olhar de lobo desertasse dos seus olhos.

Tia Ignácia já considerava perdida a sua garrafa de vinho. Bebeu com ele, como único meio de preservar um pouco do vinho para seu próprio uso. Foi somente quando o quarto copo de vinho estava nas suas mãos que Big Joe descansou e começou a se sentir bem.

— Este vinho não é de Torrelli — disse ele.

— Não. Eu o arranjei com uma senhora italiana minha amiga.

Ela encheu novamente os copos.

A noite chegou. Tia Ignácia acendeu um candeeiro de querosene e pôs mais lenha no fogão. "Enquanto durar o vinho, ele ficará" — ruminou ela. Os seus olhos se demoraram na enorme figura de Big Joe Portagee, avaliando-o. Um ligeiro calor se produziu no seu peito.

— Você esteve trabalhando na chuva, pobre homem — disse ela. — Tire o paletó para secar.

Big Joe raramente mentia, pois a sua mente não trabalhava muito depressa.

— Estive na praia, embaixo de um bote, a dormir — disse ele.

— Mas você está muito molhado, amigo.

Ela o inspecionou à espera de correspondência para a sua bondade, mas o rosto de Big Joe nada revelou além de satisfação

por estar longe da chuva e bebendo vinho. Ele pôs o copo para a frente, para que ela o enchesse novamente. Não tendo comido durante todo o dia, o vinho estava exercendo efeito profundo sobre ele.

Tia Ignácia voltou à carga.

— Não é bom ficar com a roupa molhada no corpo. Você poderá ficar resfriado. Vamos, deixe eu lhe ajudar a tirar o paletó.

Big Joe se endireitou confortavelmente na sua cadeira.

— Estou bem — disse ele, obstinadamente.

Tia Ignácia bebeu outro copo de vinho. O fogo produziu um som forte para replicar confortadoramente à pancadaria da água sobre o telhado.

Big Joe absolutamente não fez qualquer movimento amável ou galante, nem mesmo para reconhecer a presença da dona da casa. Bebia o seu vinho em grandes goles. Sorria estupidamente para o fogão. Balançava-se um pouco na cadeira.

A raiva e o desespero vibraram no coração de Tia Ignácia. "Este porco!" — pensou ela. — "Este grande e sujo animal! Seria melhor para mim se eu tivesse abrigado da chuva uma boa vaca. Qualquer outro homem diria uma palavra amável, pelo menos."

Big Joe adiantou novamente o copo, para que ela o enchesse.

Tia Ignácia se esforçou, heroicamente.

— Numa casinha como esta, no quente, há felicidade numa noite assim — disse ela. — Quando a chuva está caindo e a lenha queima docemente no fogão, a gente se sente amável. Você não se sente bem disposto?

— Claro — disse Big Joe.

— Talvez a luz esteja muito em cima dos seus olhos — disse ela, modestamente. — Posso apagar a luz?

— A luz não me está incomodando — disse Big Joe. — Se você quer economizar o querosene, pode apagá-la.

Ela apagou a luz e a sala ficou envolvida na escuridão. Então ela voltou para a sua cadeira e esperou que a galanteria dele despertasse. Podia ouvir o suave balanço da sua cadeira. Uma ligeira

luz partia das rachaduras do fogão e fazia ressaltar o contorno dos móveis. O quarto estava quase iluminado com o calor do fogo. Tia Ignácia ouviu a sua cadeira parar de balançar e se preparou para repeli-lo. Mas nada aconteceu.

— Pensar — disse ela — que você poderia estar fora desta casa, tremendo de frio em qualquer parte ou deitado na areia, debaixo de um bote! Mas não. Você está sentado numa boa cadeira, bebendo bom vinho, na companhia de uma senhora que é sua amiga.

Não houve resposta de Big Joe. Tia Ignácia não podia nem vê-lo nem ouvi-lo. Ela bebeu o vinho do seu copo e lançou virtude aos ventos.

— Minha amiga Cornélia Ruiz me disse que alguns dos seus melhores amigos lhe vieram da chuva e do frio. Ela os confortou e eles se fizeram bons amigos.

O som de um pequeno choque veio da direção de Big Joe. Ela compreendeu que ele havia deixado cair o seu copo, mas nenhum movimento se seguiu ao choque.

"Talvez ele esteja doente" — matutou ela. — "Talvez esteja fingindo."

Ela se levantou, acendeu um fósforo e o chegou ao pavio do candeeiro. E depois se voltou para o seu hóspede.

Big Joe dormia, como uma montanha. Os pés estavam postos no chão, a cabeça lhe caíra para trás e a sua boca estava completamente aberta. Enquanto ela olhava, surpreendida e chocada, um tremendo ressonar partiu da sua boca. Big Joe simplesmente não podia estar à vontade sem dormir.

Houve um momento de indecisão, antes que Tia Ignácia pudesse pôr em ordem todas as suas emoções. Ela herdara muito sangue de índio. Não gritou. Não, tremendo de raiva, ela foi ao canto onde guardava a lenha, escolheu uma acha, sopesou-a, pô-la de lado e apanhou outra. E, então, voltou, vagarosamente, para junto de Big Joe Portagee. O primeiro golpe o atingiu no ombro e o atirou fora da cadeira.

— Porco! — gritava Tia Ignácia. — Grande carniça imunda! Volte para a lama!

Joe rolava pelo chão. A segunda pancada deixou marcas de lama no fundo das suas calças. Big Joe estava-se levantando rapidamente agora.

— Ei! — disse ele. — Que houve? Que está fazendo?

— Eu lhe mostrarei — gritou ela.

Tia Ignácia abriu a porta e voltou sobre ele. Big Joe tropeçava sob a pancadaria. A acha de lenha o castigava nas costas, nos ombros, na cabeça. Ele correu pela porta fora, protegendo a cabeça com as mãos.

— Não faça isso — pediu ele. — Não faça isso. Que foi que houve?

A fúria o seguiu como uma vespa, até o jardim, até a rua suja de lama. A sua raiva era terrível. Seguia-o pela rua, ainda a bater nele.

— Eh! — gritava ele. — Não faça isso!

Ele se segurou e a manteve segura, enquanto os braços dela lutavam violentamente para se libertar, para continuar a pancadaria.

— Oh, grande porco imundo! — gritava ela. — Oh, vaca!

Ele não podia deixá-la à solta, pois apanharia mais. Manteve-a apertada contra si. E, enquanto esteve assim, o amor chegou para Big Joe Portagee. Cantava na sua cabeça, rumorejava através do seu corpo como um regato, sacudia-o como uma tempestade tropical sacode uma floresta de palmeiras. Ele a manteve apertada por um momento, até que a sua raiva amainasse.

À noite, em Monterey, um policial patrulha as ruas numa motocicleta, para que as coisas boas não se tornem más. Jake Lake estava agora de serviço, com o seu impermeável a luzir como basalto. Sentia-se infeliz e pouco à vontade. Não era tão mau nas ruas pavimentadas, mas parte do seu caminho era através das ruas enlameadas de Tortilla Flat. E a lama se espalhava, amarela e espessa. A sua pequena lanterna soltava ligeiros clarões. O motor trabalhava com esforço.

De repente, Jake Lake deu um grito de surpresa e parou a sua máquina.

— Papagaio! Que diabo é isso aí?

Big Joe virou a cabeça:

— Oh, é você, Jake? Bem, já que você nos vai encanar de qualquer maneira, não poderia esperar um minuto, Jake?

O policial pôs o motor a funcionar.

— Saiam da rua — disse ele. — Alguém pode vir por aí e atropelar vocês.

O motor trabalhou na lama e o facho de luz da sua lanterna desapareceu na esquina. A chuva caía, brandamente, entre as árvores de Tortilla Flat.

XII

De como os amigos de Danny
ajudaram o Pirata a cumprir uma promessa
e de como, em recompensa,
os cães do Pirata tiveram uma
visão sagrada.

Todas as tardes o Pirata empurrava o seu carrinho de mão, vazio, colina acima, para o quintal da casa de Danny. Encostava-o à cerca e cobria-o com um saco. Depois, enterrava o seu machado no solo, pois, como todo mundo sabe, o aço fica mais forte sob a terra. Por fim, entrava na casa, punha para fora uma bolsa de couro que pendia do seu pescoço por um cordel, retirava os 25 centavos do dia e os entregava a Danny. Então Danny, o Pirata e qualquer outro dos amigos que acontecesse estar em casa marchavam solenemente para o quarto de dormir, subindo na cama que atravancava o quarto. Enquanto os "paisanos" olhavam, Danny alcançava o travesseiro, tirava para fora o saco de aniagem e depositava a nova moeda. Essa prática se vinha realizando havia muito tempo.

O saco do dinheiro se havia tornado o centro simbólico da amizade, o ponto de confiança em torno do qual a fraternidade girava. Estavam orgulhosos do dinheiro, orgulhosos de jamais haverem bolido no dinheiro. Em torno da guarda do dinheiro do Pirata se havia produzido uma estrutura de respeito e não uma ligeira complacência. É uma bela coisa para um homem, merecer a confiança de alguém. Este dinheiro havia muito que deixara de ser moeda corrente para os amigos. É verdade que, por algum

tempo, eles sonharam com quanto vinho se podia comprar com ele, mas depois perderam a concepção do dinheiro como moeda de curso legal. O tesouro estava destinado a um castiçal de ouro e esse castiçal era propriedade de São Francisco de Assis. É muito pior defraudar um santo do que tomar liberdades com a lei.

Certa noite, por esse rápido e eficiente telégrafo que ninguém entende, chegou a notícia de que um "cutter" guarda-costa se batera contra os rochedos próximos de Carmel. Big Joe Portagee estava fora, a negócios, mas Danny, Pablo, Pilón, Jesus Maria, o Pirata e os seus cães alegremente se dirigiram para o recife, pois se havia alguma coisa de que gostassem, era de recolher artigos utilizáveis na praia. Eles acharam que se tratava da coisa mais excitante do mundo. Embora chegassem um pouco tarde, conseguiram recuperar o tempo perdido. Durante toda a noite os amigos esquadrinharam a praia e acumularam boa quantidade de "salvados", uma lata de manteiga de 5 libras, várias caixas de víveres em lata, um manual de navegação Bowditch, duas latas de ervilhas, um barril de água de um escaler e uma metralhadora. Quando o dia chegou, estavam montando guarda ao material achado.

Aceitaram cinco dólares, por tudo, de um dos espectadores, pois estava fora de discussão levar todas essas coisas pesadas, por seis milhas de colinas íngremes, para Tortilla Flat.

Como não tivesse trabalhado durante o dia, o Pirata recebeu 25 centavos de Danny e os colocou na sua bolsa de couro. Depois eles se fizeram de marcha, cansados, mas com uma quente e espectante felicidade, em linha reta, sobre as colinas, para Monterey.

Era de tarde, quando chegaram à casa de Danny. O Pirata, ritualmente, abriu a bolsa de couro e deu os 25 centavos a Danny. Toda a turma se apinhou no outro quarto. Danny chegou ao seu travesseiro — e a sua mão voltou vazia. Ele puxou o travesseiro, puxou as cobertas e, depois, se voltou vagarosamente para os amigos — os seus olhos se haviam tornado ferozes como os de um tigre. Olhou os amigos no rosto, um por um, e em cada rosto viu horror e indignação, que não podiam ser simulados.

— Bem... disse ele. — Bem...

O Pirata começou a chorar. Danny pôs o braço sobre o seu ombro.

— Não chore, amigo — disse ele selvagemente. — Você terá o seu dinheiro de volta.

Os "paisanos" saíram, silenciosamente, do quarto. Danny saiu para o quintal e encontrou um pesado galho de pinheiro, de três pés de comprimento, e o manejou, por experiência. Pablo foi à cozinha e voltou trazendo um antigo abridor de latas de gume cego. Jesus Maria tirou, de sob a casa, o cabo quebrado de uma picareta. O Pirata os olhava, alarmado. Todos voltaram para a casa e se sentaram tranqüilamente.

O Pirata apontou colina abaixo.

— Ele? — perguntou.

Danny balançou a cabeça, vagarosamente. Os seus olhos estavam velados e terríveis. O queixo se espichava para a frente e, sentado na cadeira, todo o seu corpo se movia ligeiramente, como o de uma cascavel no momento de dar o bote.

O Pirata marchou para o quintal e desenterrou o seu machado.

Por muito tempo ficaram sentados, dentro de casa. Não diziam uma palavra, mas uma onda de furor fluía e refluía no quarto. A casa estava como uma rocha quando o rastilho está queimando e a chama se aproxima da dinamite.

A tarde morria. O sol desaparecia atrás da colina. Todo Tortilla Flat parecia quieto e expectante.

Eles ouviram os passos dele na rua e as suas mãos se crisparam nas armas. Joe Portagee andou, cambaleando, para a varanda e para a porta da frente. Tinha um galão de vinho na mão. Os seus olhos se moveram, com dificuldade, de rosto para rosto, mas os amigos estavam imóveis, sem olhar diretamente para ele.

— Alô — disse Danny.

— Alô — disse Big Joe.

Ele se levantou e espichou o corpo, preguiçosamente. Não olhou para Big Joe, não caminhou diretamente para ele, mas em ângulo, como se fosse passar além. Quando se julgou em posição, atacou com a rapidez de uma cobra no bote. O galho de pinheiro atingiu Big Joe no alto da cabeça e Big Joe desmoronou, completamente desacordado.

Danny, pensativamente, tirou um pedaço de couro cru do bolso e amarrou os punhos do Portagee.

— Tragam água — disse ele.

Pablo atirou um balde d'água na cara do Portagee. Este moveu a cabeça, espichou o pescoço como uma galinha e, depois, abriu os olhos e olhou, assombrado, para os amigos. Eles não lhe deram uma palavra. Danny mediu a distância cuidadosamente, como um jogador de golfe, e o seu galho de pinheiro se abateu sobre o ombro de Big Joe. Depois os amigos completaram o trabalho, de maneira fria e metódica. Jesus Maria ficou com as pernas, Danny com os ombros e o peito. Big Joe urrava e rolava pelo chão. Eles lhe cobriram o corpo, do pescoço para baixo, de pancada. Cada golpe encontrava novo espaço e o enchia. Os gritos de Joe eram de ensurdecer. O Pirata ficou de lado, sem saber que fazer, segurando o machado.

Afinal, quando toda a parte da frente do corpo de Joe era uma única contusão, eles pararam. Pablo se ajoelhou junto à cabeça de Big Joe com o seu abridor de latas. Pilón tirou os sapatos do Portagee e apanhou novamente o seu galho de pinheiro.

Então Big Joe berrou de medo.

— Está enterrado perto da porta da frente — gritava ele. — Pelo amor de Deus, não me matem! Danny e Pilón saíram pela porta da frente e em poucos minutos voltaram, trazendo o saco de aniagem.

— Quanto você tirou? — perguntou Danny.

Não havia inflexão alguma na sua voz.

— Somente quatro, por Deus! Somente quatro! Eu trabalharei e os devolverei!

Danny se inclinou, pegou-o pelos ombros e o virou sobre o rosto. Então os amigos caíram sobre as suas costas com a mesma precisão terrível. Os gritos se tornaram mais fracos, mas o trabalho só parou quando Big Joe ficou inconsciente. Então Pilón lhe rasgou as calças de zuarte e expôs a carne do traseiro do Portagee. Com o abridor de latas ele cortou a pele tão profundamente que um pouco de sangue começou a escorrer de cada talho. Pablo lhe trouxe sal e o ajudou a esfregá-lo sobre o traseiro. Afinal, Danny atirou um cobertor sobre o homem inconsciente.

— Acho que ele agora será honesto — disse Danny.

— Devemos contar o dinheiro — observou Pilón. — Há muito tempo que o não contamos.

Eles abriram o galão de vinho de Big Joe e encheram os cântaros, pois estavam cansados do trabalho e esgotados de emoção.

Depois contaram as moedas de 25 centavos em pilhas de dez, e, excitados, contaram de novo.

— Pirata! — exclamou Danny. — Há sete a mais de mil! Chegou a sua hora! Chegou o dia de você comprar o castiçal para São Francisco!

O dia fora muito cheio para o Pirata. Ele seguiu para o seu canto com os seus cães, arriou a cabeça sobre Fluff e rompeu em soluços histéricos. Os cães se moveram pouco à vontade, levantaram as orelhas e empurraram a cabeça do Pirata com os seus focinhos, mas Fluff, sensível à honra da escolha, ficou quieto, a esfregar o focinho no pescoço do Pirata.

Danny pôs todo o dinheiro no saco e o colocou novamente sob o travesseiro.

Big Joe voltou a si e gemeu, pois o sal estava agindo no seu traseiro. Os "paisanos" não lhe deram atenção, até que, afinal, Jesus Maria, essa presa da generosidade, desamarrou os punhos de Big Joe e lhe deu um cântaro de vinho.

— Até mesmo os inimigos do nosso Salvador deram-lhe certo conforto — desculpou-se ele.

Esta ação fez terminar o castigo. Os amigos se reuniram, ternamente, em torno de Big Joe. Eles o estiraram na cama de Danny e lavaram o sal das suas feridas. Puseram-lhe panos molhados na cabeça e mantiveram o seu cântaro cheio de vinho, Big Joe gemia, cada vez que o tocavam. A sua moral provavelmente não fora atingida, mas seria certo profetizar que nunca mais ele roubaria os "paisanos" da casa de Danny.

A histeria do Pirata terminara. Ele bebeu o seu vinho e o seu rosto brilhou de prazer, enquanto escutava Danny a fazer planos:

— Se levarmos todo este dinheiro para a cidade, para o banco, eles pensarão que o roubamos de algum caça-níqueis. Devemos levar o dinheiro ao padre Ramón e lhe contar a história. Depois ele comprará o castiçal de ouro e o abençoará e o Pirata irá à igreja. Talvez o padre Ramón diga uma palavra sobre ele no domingo. O Pirata deve ir lá para ouvir.

Pilón olhou com desprazer para as vestes imundas e rotas do Pirata.

— Amanhã, — disse ele, austeramente, — você deve pegar o dinheiro a mais e comprar roupas decentes. Para o comum este seu traje pode estar bem, mas, numa ocasião como essa, você não pode ir à igreja como um rato de comua. Isso não ficará bem para os seus amigos.

O Pirata se voltou para Pilón.

— Eu o farei, amanhã — prometeu ele.

Na manhã seguinte, fiel à sua promessa, o Pirata desceu a Monterey. Escolheu cuidadosamente e discutiu os preços com uma astúcia que parecia invalidar o fato de que nada havia comprado durante mais de dois anos. Voltou para a casa de Danny em triunfo, trazendo um grande lenço de seda verde e vermelho e um largo cinturão profusamente coberto de enfeites de vidro colorido. Os amigos admiraram os objetos por ele comprados.

— Mas que é que você vai vestir? — perguntou Danny, em desespero. — Dois dedos estão para fora dos seus sapatos, no lugar onde você faz uns buracos para aliviar os calos. Você tem apenas um avental roto e não tem chapéu.

— Teremos de lhe emprestar alguma coisa — disse Jesus Maria. — Tenho um paletó e um colete. Pilón tem o belo chapéu do pai. Você, Danny, tem uma camisa e Big Joe tem belas calças azuis.

— Mas então não poderemos ir — protestou Pilón.

— O castiçal não é nosso — disse Jesus Maria. — O Padre Ramón não vai dizer nenhuma palavra bonita sobre nós.

Nessa tarde, eles comboiaram o tesouro para a casa do padre. Ele escutou a história do cão doente e os seus olhos se adoçaram.

— ... e então, padre, — dizia o Pirata, — o cãozinho ficou com o focinho seco e os seus olhos estavam como o vidro das garrafas retiradas do mar. E ele gemia, porque estava ferido por dentro. E depois, padre, eu prometi o castiçal de ouro de mil dias a São Francisco. Ele é realmente o meu padroeiro, padre. E depois houve o milagre! O cão sacudiu a cauda três vezes e logo começou a melhorar. Foi um milagre de São Francisco padre, não foi?

O sacerdote balançou a cabeça gravemente.

— Sim — disse ele. — Foi um milagre do nosso bom São Francisco. Eu comprarei o castiçal para você.

O Pirata ficou muito contente, pois não é pouca coisa ter a prece respondida com um verdadeiro milagre. Se isso fosse propalado, o Pirata subiria de cotação em Tortilla Flat. Os amigos já olhavam para ele com novo respeito. Não o achavam mais inteligente do que antes, mas sabiam agora que o seu fraco engenho era auxiliado por todos os poderes do céu e por todas as forças dos santos.

Voltaram para a casa de Danny e os cães marcharam atrás deles. O Pirata se sentia levado num fluido dourado de beatitude. Ligeiros calafrios e febres de prazer se revezavam através do seu corpo. Os "paisanos" estavam contentes por haver guardado o seu dinheiro, pois alcançavam certa santidade com esse ato. Pilón sentiu alívio por não ter roubado o dinheiro em primeiro lugar. Que coisas terríveis não teriam acontecido, se tivesse tomado dinheiro pertencente a um santo! Todos os amigos se sentiam subjugados como se estivessem numa igreja.

Os cinco dólares de resto queimavam no bolso de Danny, mas agora sabia o que fazer com eles. Ele e Pilón foram ao mercado e compraram sete libras de carne, uma réstia de cebolas, pão e um grande cartucho de açúcar. Pablo e Jesus Maria foram à casa de Torrelli buscar dois galões de vinho — e não beberam nem uma gota no caminho de casa.

Nessa noite, quando acenderam o fogareiro e duas velas se consumiam sobre a mesa, os amigos se deram um festim. Foi uma festa em honra do Pirata. Ele se comportava com grande dignidade. Sorria, quando, entretanto, devia estar de aspecto grave. Mas não se podia controlar.

Depois de terem comido valentemente, se sentaram e bebericaram o seu vinho nos cântaros. E chamaram o Pirata de "o nosso bom amigo".

Jesus Maria perguntou:

— Como se sentiu você, quando a coisa aconteceu? Quando você prometeu o castiçal e o cão começou a ficar bom, como se sentiu você? Teve alguma visão sagrada?

O Pirata tentou lembrar-se.

— Acho que não... Talvez tenha visto... Talvez tenha visto São Francisco no ar. Ele estava brilhando como o sol...

— Não gosta de se lembrar disso? — perguntou Pilón.

— Sim... Acho que me lembro... São Francisco olhava para mim... e sorria, como o santo bom que é. Depois eu vi que o milagre estava feito. Ele disse: "Sê bom para os cães, homem sujo".

— Ele disse isso?

— Bem... Eu estava sujo e ele não é um santo de mentiras.

— Acho que você não se lembra de nada — disse Pablo.

O Pirata estava bêbedo de felicidade com a honra e a atenção que lhe dispensavam.

— Minha avó viu a Santa Virgem — disse Jesus Maria. — Ela estava para morrer e eu mesmo a ouvi gritar. Ela disse: "Oh! Estou vendo a Mãe de Deus! Oh! Minha querida Maria, cheia de graça!"

— Alguns têm o dom de ver coisas — disse Danny. — Meu pai não era homem muito bom, mas por vezes via santos e por vezes via coisas ruins. Dependia de ele estar bom ou mau quando as via. Teve outras visões, Pirata?

— Não — disse o Pirata. — Eu teria medo se visse mais outras.

A festa foi muito decente, durante muito tempo. Os amigos sabiam que não estavam sós essa noite. Através das janelas, das paredes e do telhado, podiam sentir os olhos dos santos pregados neles.

— No domingo o seu castiçal estará na igreja — disse Pilón. — Não poderemos ir, pois você terá de usar as nossas roupas. Não digo que o padre Ramón mencione o seu nome, mas talvez diga alguma coisa sobre o castiçal. Você deve procurar guardar o que ele disser, Pirata, para depois nos contar.

Depois Pilón se fez austero.

— Hoje, meu amiguinho, os cães estavam todos na casa do padre Ramón. Estava direito hoje, mas você deve se lembrar de não levar os cães para a igreja, no domingo. Não é conveniente que os cães entrem na igreja. Deixe os cães em casa.

O pirata pareceu desapontado.

— Eles querem ir — exclamou ele. — Como posso deixá-los? Onde posso deixá-los?

Pablo estava chocado.

— Em toda essa história, você se conduziu muito bem, pequeno Pirata. Logo no fim é que você deseja cometer um sacrilégio?

— Não — disse o Pirata humildemente.

— Então, deixe os cães aqui. Nós tomaremos conta deles. Será um sacrilégio levá-los à igreja.

Era curioso ver como estavam sóbrios nessa noite. Passaram-se três horas antes de que cantassem uma canção obscena. E já era muito tarde quando os seus pensamentos se voltaram para as mulheres. E, quando os seus espíritos se voltaram para a luta, estavam muito sonolentos para lutar. Esta noite era um grande marco na vida dos amigos.

Na manhã de domingo, os preparativos foram violentos. Eles deram um banho no Pirata e lhe inspecionaram as orelhas e as narinas. Big Joe, envolvido num cobertor, viu o Pirata vestir as suas calças de sarja azul. Pilón trouxe o chapéu do pai. Persuadiram o Pirata a não usar o seu cinturão enfeitado por fora do paletó e lhe mostraram como manter o paletó aberto, de modo que os vidrilhos brilhassem de vez em quando. Os sapatos foram o ponto mais difícil. Big Joe tinha os únicos sapatos bastante grandes para o Pirata, mas os seus sapatos estavam ainda em pior estado do que os do Pirata. A dificuldade estava nos buracos abertos para o bem-estar dos calos e por onde os dedos surgiam. Pilón resolveu, finalmente, o problema, com um pouco de fuligem retirada do interior do fogareiro. Bem espalhada sobre a pele, a fuligem tornava difícil ver os buracos dos calos.

Afinal, o Pirata estava pronto — o chapéu do pai de Pilón caído de banda, a camisa de Danny, as calças de Big Joe, o grande lenço em torno do pescoço e, em intervalos, o brilho do cinturão. Ele andou para que os amigos inspecionassem, com olho crítico.

— Ande direito, Pirata.

— Não arraste os calcanhares.

— Deixe de mexer no lenço.

— Quem vir você pensará que você não está acostumado com boas roupas.

Afinal o Pirata se voltou para os amigos.

— Se os cães pudessem vir comigo... — lamentou-se ele. — Eu lhes diria que não entrassem na igreja.

Mas os "paisanos" estavam firmes.

— Não — disse Danny. — Eles poderiam entrar, de um jeito ou de outro. Tomaremos conta deles aqui.

— Eles não gostarão — disse o Pirata, desamparado. — Talvez se sintam solitários.

Voltou-se para os cães.

— Vocês devem ficar aqui — disse ele. — Não seria bom que vocês entrassem na igreja. Fiquem com os meus amigos até que eu volte.

E depois ele se esgueirou e fechou a porta atrás de si. Instantaneamente, um clamor selvagem, de latidos e uivos, se produziu na casa. Somente a sua fé no julgamento dos amigos impediu que o Pirata se enternecesse.

Enquanto descia a rua, sentia-se nu e desprotegido sem os seus cães. Era como se tivesse perdido um dos sentidos. Estava assustado por estar sozinho. Todos podiam atacá-lo. Mas andou bravamente para a frente, através da cidade, para a igreja de San Carlos.

Agora, antes de iniciados os serviços religiosos, as portas de mola estavam abertas. O Pirata molhou os dedos na água benta da fonte de mármore, fez o sinal da cruz, ajoelhou-se diante da Virgem, passou para a nave, fez a oração diante do altar e se sentou. A longa nave estava escura, mas o altar estava profusamente iluminado por velas. E, diante das imagens laterais, lâmpadas votivas estavam acesas. O velho e doce incenso perfumava a igreja.

Por algum tempo o Pirata ficou a olhar o altar, mas estava muito longe, era muito sagrado para pensar muito sobre ele, muito distante de um pobre homem. Os seus olhos procuraram alguma coisa mais quente, alguma coisa que o não assustasse. E, em frente à imagem de São Francisco, estava um belo castiçal de ouro e, sobre ele, queimava uma grande vela.

O Pirata suspirou, excitado. E, embora entrasse gente e as portas de mola se fechassem e os serviços religiosos começassem, o Pirata não pôde deixar de olhar para o santo e para o castiçal.

Era tão bonito! Não podia acreditar que ele, o Pirata, o tivesse dado. Olhou para o rosto do santo para ver se o santo gostava do castiçal. Estava certo de que a imagem sorria uma ou outra vez, o sorriso que vai e volta, o sorriso dos que pensam em coisas agradáveis.

Afinal, teve início o sermão.

— Há uma novidade na igreja — disse o padre Ramón. — Uma das ovelhas da igreja ofereceu um castiçal à glória de São Francisco.

Contou, então, a história do cão, contou-a secamente de propósito. Os seus olhos inspecionaram o rosto dos paroquianos, até que viu ligeiros sorrisos nos seus lábios.

— Não é coisa para rir — disse ele. — São Francisco amava os animais, tanto que pregou para eles.

Então Padre Ramón contou a história do lobo mau de Gubbio, a história das rolas selvagens, a história das cotovias. O Pirata o ouvia maravilhado.

Subitamente, um som ensurdecedor veio dos lados da porta. Latidos e arranhões. As portas se abriram brutalmente e por ela entraram Fluff, Rudolph, Enrique, Pajarito e Señor Alec Thompson.

Eles levantaram os focinhos e depois avançaram, como um pelotão, para o Pirata. Subiram por ele, com ligeiros latidos e gemidos. Apinharam-se sobre o Pirata.

O sacerdote parou de falar e olhou, austeramente, para baixo. O Pirata, agoniado, olhava para trás, à espera de auxílio. Fora tudo em vão. O sacrilégio estava cometido.

Depois padre Ramón riu — e a congregação riu.

— Leve os cães para fora — disse ele. — Que eles esperem até que tenhamos acabado.

O Pirata, com gestos embaraçados de desculpa, conduziu os cães para fora.

— Não está direito — dizia ele para os cães. — Estou zangado com vocês. Oh, estou envergonhado de vocês.

Os cães se curvaram para a terra e gemiam de fazer pena.

— Eu sei o que vocês fizeram — continuou o Pirata. — Vocês morderam os meus amigos, vocês quebraram uma vidraça,

vocês vieram. Agora fiquem aqui e esperem, cães malvados, cães sacrílegos!

Ele os deixou pesarosos e arrependidos e voltou para a igreja. Os paroquianos, ainda a rir, se voltaram e o olharam, até que ele se sentou no seu lugar e tentou apagar a sua presença.

— Não fique envergonhado — disse o padre Ramón. — Não é pecado ser amado pelos cães, nem é pecado amá-los. Lembre-se de como São Francisco amava os animais.

E contou mais histórias do bom santo.

O embaraço deixou o Pirata. Os seus lábios se moveram.

— Oh! — pensava ele. Se os cães pudessem ouvir isto! Eles ficariam contentes, se soubessem disto tudo!

Quando o sermão terminou, ainda tinha nos ouvidos as histórias. Automaticamente, o Pirata acompanhou o ritual, mas não ouviu os serviços da missa. E, quando tudo acabou, ele correu para a porta. Foi o primeiro a sair. Os cães, ainda tristes e desconfiados, se reuniram em torno dele.

— Venham — disse ele. — Tenho coisas para dizer a vocês.

Ele começou a trotar, colina acima, para a floresta de pinheiros, e os cães galoparam e saltaram em redor dele. Afinal, chegou ao abrigo das árvores, mas continuou a andar, até que encontrou uma longa aléia entre os pinheiros, onde os galhos se encontravam lá no alto e onde os troncos das árvores eram muito próximos uns dos outros. Por um momento o Pirata olhou, desanimado, em torno.

— Eu quero que seja parecido — disse ele. — Se vocês pudessem estar na igreja e ouvir o que o padre disse!

Ele colocou uma grande pedra sobre uma outra.

— Aqui é a imagem — disse ele aos cães.

Enfiou um pequeno galho no chão.

— Aqui está o castiçal, com uma vela acesa.

Havia penumbra na clareira e o ar estava adoçado com o cheiro da resina dos pinheiros. As árvores sussurravam levemente ao sopro da brisa. O Pirata disse, autoritariamente:

— Agora, Enrique, você se senta aqui. E você, Rudolph, aqui. Fluff fica aqui, por ser o menor. Pajarito, grande velhaco, sente aqui e fique quieto. Señor Alec Thompson, você não pode se deitar.

Assim ele os acomodou em duas filas, dois à frente e três atrás.

— Vou contar a vocês como foi — disse ele. — Vocês estão perdoados de entrar na igreja. O padre Ramón disse que, desta vez, não era sacrilégio. Agora, atenção, porque tenho coisas para dizer.

Os cães permaneceram nos seus lugares e lhe prestaram atenção. Señor Alec Thompson balançava a sua cauda, até que o Pirata se voltasse para ele.

— Aqui não é lugar para isso — disse o Pirata. — São Francisco não se importaria, mas eu não gosto que você balance o rabo enquanto está escutando. Bem, vou falar a vocês de São Francisco.

Neste dia, a sua memória estava inspirada. O sol encontrava interstícios na folhagem e desenhava brilhantes padrões no tapete de agulhas de pinheiro. Os cães escutavam pacientemente, com os olhos presos aos lábios do Pirata. Ele lhes disse tudo o que o sacerdote dissera, contou-lhes todas as histórias, referiu-lhes todas as suas observações, com todas as palavras em seu lugar.

Quando terminou, olhou para os cães solenemente:

— São Francisco fez tudo isso.

As árvores pararam o seu murmúrio. A floresta estava silenciosa e encantada.

Subitamente, houve um ligeiro ruído atrás do Pirata. Todos os cães se voltaram na direção do som. O Pirata temia voltar a cabeça.

Um longo momento passou.

E, depois, o momento terminou. Os cães abaixaram os olhos. O topo das árvores voltou novamente à vida e as manchas de sol se movimentaram, alarmadoramente, no chão.

O Pirata estava tão feliz que o coração lhe doia.

— Vocês o viram? — gritava ele. — Era São Francisco? Oh! Vocês devem ser muito bons, para terem uma visão!

Os cães saltaram das suas posições, ao ouvi-lo, abriram a boca e moveram a cauda, alegres.

XIII

De como os amigos de Danny
se lançaram em
auxílio de uma aflita senhora.

A Sra. Teresina Cortez, os seus oito filhos e a sua velha mãe moravam numa casinha de aspecto agradável à beira do grande barranco que delimita a fronteira meridional de Tortilla Flat. Teresina era uma boa figura de mulher feita, já se aproximando dos 30 anos. A mãe, velha, seca, sem dentes, relíquia de uma geração passada, tinha quase 50. Havia muito tempo que ninguém mais se lembrava de que o seu nome era Angélica.

Durante a semana, havia trabalho para as mãos da "vieja", pois era seu dever alimentar, punir, acariciar, vestir e fazer dormir sete das oito crianças. Teresina estava ocupada com o oitavo e com certos preparativos para o nono.

No domingo, entretanto, a "vieja", num vestido de cetim mais velho do que ela mesma, com um chapéu de palha esquisito e durável, sobre o qual se entrelaçavam duas cerejas, mandava os deveres para o diabo e seguia firmemente para a igreja, onde se sentava tão imóvel quanto os santos nos seus altares. Uma vez por mês, à tarde, se confessava. Seria interessante saber quais os peçados que confessava e onde encontrava tempo para cometê-los, pois, na casa de Teresina, havia engatinhadores, arrastadores, tropeçadores, gritadores, matadores de gatos, caidores de árvores, e cada qual dessas acusações podia ser considerada pecado em cada duas horas.

É alguma maravilha que a "vieja" tivesse uma alma remota e nervos de aço? Qualquer outra espécie de nervos sairia, a gritar, do seu corpo, como pequenos foguetes do ar.

Teresina era uma mulher ligeiramente embaraçada, no que concerne ao seu espírito. O seu corpo era uma perfeita retorta para a destilação de crianças. O primeiro bebê, concebido quando tinha 14 anos, constituíra um choque para ela — tanto que o teve no campo de futebol, à noite, o enrolou em jornais e o deixou para ser encontrado pelo vigia noturno. Isto é um segredo. Mesmo agora Teresina poderia passar um mau bocado, se o caso fosse conhecido.

Quando chegou aos 16 anos, o Sr. Alfred Cortez casou com ela, lhe deu o seu nome e dois dos alicerces da sua família, Alfredo e Ernie. O Sr. Cortez lhe deu esse nome com prazer. Ele o estava usando apenas temporariamente. O seu nome, antes de chegar a Monterey e depois de deixar a cidade, era Gugliemo. Ele foi embora depois do nascimento de Ernie. Talvez previsse que o casamento com Teresina não lhe garantiria uma vida tranqüila.

A regularidade com que se fazia mãe sempre surpreendeu Teresina. Acontecia, por vezes, que não podia lembrar quem era o pai do bebê a nascer e, ocasionalmente, quase se convencia de que não era necessário ter amantes. Numa ocasião em que esteve de quarentena como veículo de difteria, concebeu do mesmo modo. Entretanto, quando uma questão se tornava muito complicada para o seu espírito, ela geralmente depunha o problema nas mãos da Mãe de Jesus, que, como sabia, tinha maior conhecimento, mais interesse e mais tempo para essas coisas do que ela.

Teresina se confessava muitas vezes. Era o desespero do padre Ramón. Realmente, ela notara que, embora os seus joelhos, as suas mãos e os seus lábios se penitenciassem por um velho pecado, os seus olhos modestos e provocadores, brilhando sob as pestanas descidas, plantavam os alicerces de um nôvo pecado.

Durante o tempo em que contei estas coisas, a nona criança de Teresina nasceu e, por enquanto, ela não tinha compromissos. A "vieja" recebeu outra incumbência. Alfredo iniciava o terceiro ano do curso primário, Ernie iniciava o segundo e Panchito ia à escola pela primeira vez.

Mais ou menos nesse tempo, na Califórnia, era de estilo, entre as enfermeiras, visitar as classes e catequizar as crianças sobre detalhes íntimos da vida doméstica. Na escola, Alfredo foi chamado ao gabinete do diretor, pois se pensava que fosse magro de mais.

A enfermeira visitante, traquejada em psicologia infantil, disse ternamente:

— Freddie, você come bastante?

— Claro — disse Alfredo.

— Bem... Agora me diga qual é o seu almoço, de manhã.

— Torta e feijão — disse Alfredo.

A enfermeira balançou a cabeça, desanimadamente, para o diretor.

— E que é que você come, quando vai para casa ao meio-dia?

— Eu não vou para casa.

— Você não come ao meio-dia?

— Claro. Trago alguns feijões dentro de uma torta.

Os olhos da enfermeira estavam alarmados, mas ela se conteve.

— E à noite que é que você come?

— Torta e feijão.

Toda a sua psicologia desapareceu.

— Quer dizer que você come sòmente torta e feijão?

— Alfredo estava surpreendido.

— Jesus Cristo! — disse ele. — Queria mais alguma coisa?

No devido tempo, o médico da escola ouviu o horrorizado relatório da enfermeira. Certo dia ele foi à casa de Teresina, para resolver a questão. Enquanto atravessava o quintal, os engatinhadores, os arrastadores e os tropeçadores estavam gritando uma terrível sinfonia. O médico parou à porta aberta da cozinha. Com os seus próprios olhos ele viu a "vieja" ir ao fogão, meter uma grande colher numa panela e semear o chão com feijões quentes. Instantaneamente o ruído cessou. Engatinhadores, arrastadores e tropeçadores começavam a trabalhar, industriosa e silenciosamente, movimentando-se de feijão para feijão, parando apenas para comê-los. A "vieja" voltou para a sua cadeira, para alguns momentos de paz. Sob a cama, sob as cadeiras, sob o fogão, as crianças se arrastavam, com a obstinação de pequenos besouros.

O médico ficou ali duas horas, pois o seu interesse científico fora espicaçado. Ele se afastou a sacudir a cabeça.

Ele balançava a cabeça, incredulamente, enquanto fazia o seu relatório.

— Fiz-lhes todos os exames que conheço — disse ele. — Dentes, pele, sangue, esqueleto, olhos, coordenação. Senhores, essas crianças estão vivendo sobre o que constitui um veneno de ação lenta — e estão assim desde o nascimento. Senhores, eu vos digo que jamais vi crianças mais saudáveis na minha vida!

A emoção o venceu.

— Os próprios animais! — exclamou. — Jamais vi dentes iguais na minha vida! Jamais vi dentes iguais!

Vocês quererão saber onde e como Teresina arranjava comida para a sua família. Quando o debulhador de feijão passa, a gente vê, no lugar em que ele parou, grandes montes de restolho de feijão. Se você estirar um cobertor sobre o solo e, numa tarde de ventania, atirar o restolho de feijão no ar, sobre o cobertor, você compreenderá que os debulhadores não são infalíveis. Numa tarde de trabalho, você pode apanhar vinte libras, ou mais, de feijão.

No outono, a "vieja" e as crianças que podiam andar seguiam para o campo e joeiravam o restolho. Os proprietários de terra não se importavam, pois ela não causava prejuízo. Era um ano mau, quando a "vieja" apanhava trezentas ou quatrocentas libras de feijão.

Quando se têm quatrocentas libras de feijão em casa, não se precisa temer a fome. Outras coisas, guloseimas como açúcar, tomates, pimenta, café, peixe ou carne, podem vir por vezes miraculosamente, através da intercessão da Virgem, por vezes através de indústria e de esperteza. Mas os feijões estão em casa e você está em segurança. Os feijões são um telhado sobre o seu estômago. Os feijões são uma capa confortável contra o frio econômico.

Somente uma coisa podia ameaçar a vida e a felicidade da família da Sra. Teresina Cortez — o fracasso da colheita do feijão.

Quando os feijões estão maduros, os pequenos ramos são puxados e reunidos em montes, para secar, antes da ação dos debulhadores. Então chega a ocasião de orar para que não chova. Quando os pequenos montes de feijão estão alinhados em montes,

amarelos contra os campos escuros, você verá os agricultores olhando para o céu, receando todas as nuvens que surgem no horizonte, pois, se a chuva cai, os montes de feijão devem ser postos a secar novamente. E, se nova chuva cai antes de que esteja seco, o feijão deve ser posto novamente a secar. Se uma terceira chuva cai, o feijão começa a mangrar e a apodrecer — e a colheita está perdida.

Quando os feijões estavam secando, era costume da "vieja" acender uma vela à Virgem.

No ano de que estou falando, os feijões estavam amontoados e a vela foi acesa. Na casa de Teresina, os sacos de aniagem estavam de prontidão.

As máquinas de debulhar foram lubrificadas e experimentadas.

Caiu uma chuva.

Pessoas de fora correram para os campos e viraram os montículos de feijão. A "vieja" acendeu outra vela.

Caiu nova chuva.

Então a "vieja" comprou duas velas, com uma pequena moeda de ouro que guardara por muitos anos. Os lavradores voltaram novamente os feijões para o sol. E, depois, caiu um aguaceiro formidável. Nem um único feijão foi aproveitado em todo o município de Monterey. Os montículos úmidos foram enterrados pelos arados.

Oh, então a tristeza penetrou na casa da Sra. Teresina Cortez. O fio da vida se partira — o pequeno telhado estava destruído. Essa eterna verdade — o feijão — desaparecera. À noite, as crianças gritavam, aterrorizadas, à aproximação da fome. Nada lhes haviam dito, mas sabiam tudo. A "vieja" ia à igreja, como sempre, mas os seus lábios se contraíam num esgar, quando olhava para a Virgem.

— Você gostou das minhas velas — pensava ela. — Sim. Você gosta de velas, mas não se lembra de nós.

E, rabugentamente, transferiu a sua devoção para Santa Clara. Contou a Santa Clara a injustiça cometida. Permitiu-se mesmo pensamentos maliciosos acerca do nascimento da Virgem.

— Você sabe, às vezes Teresina tampouco pode se lembrar... — disse ela a Santa Clara, manhosamente.

Já se disse que Jesus Maria Corcorán era um homem de grande coração. Tinha, também, esse dom, que alguns humanitários possuem, de ser inevitavelmente levado às esferas onde o seu instinto era necessário. Quantas vezes não se encontrara com jovens senhoras, quando estas necessitavam de conforto! Era irresistivelmente atraído para qualquer dor, para qualquer pesar. Havia muitos meses que não ia à casa de Teresina. Se não há atração mística entre a dor e o humanitarismo, como pôde acontecer que ele a fosse visitar exatamente no dia em que os últimos feijões da colheita do ano anterior haviam sido postos na panela?

Ele se sentou na cozinha de Teresina, afastando brandamente as crianças dos seus joelhos. E olhou para Teresina com olhos polidos e dolorosos, enquanto ela lhe falava da calamidade. Ele a olhou, fascinado, quando Teresina pôs o saco de feijão pelo avesso para mostrar que nem um feijão restava. E balançou a cabeça, com simpatia, quando ela apontou as crianças, que em breve estariam nos ossos, que em breve morreriam de fome.

Depois a "vieja" contou, amargamente, como fora enganada pela Virgem. Mas, quanto a este ponto, Jesus Maria não mostrou simpatia alguma.

— Que sabe você, velha? — disse ele, austeramente. — Talvez a Santa Virgem tenha negócios a resolver em outra parte.

— Mas eu acendi quatro velas — insistiu a velha, ásperamente.

Jesus Maria a olhou com frieza.

— Que são quatro velas para Ela? — disse ele. — Vi uma igreja onde a Virgem tem centenas de velas. Ela não anda seca por velas.

Mas o seu espírito estava voltado para os problemas de Teresina. Nessa noite, ele falou, comiseradamente, com os amigos, na casa de Danny. Do seu grande coração retirou uma vibrante oratória, uma apaixonada defesa das criancinhas que não tinham feijão. E era tão eloqüente o seu discurso que o fogo do seu coração se comunicou ao coração dos amigos. Eles se levantaram. Os seus olhos luziam.

— As crianças não devem morrer de fome — exclamaram eles. — Teremos de dar um jeito nisso.

— Vivemos no luxo — disse Pilón.

— Devemos dar-lhes alguma coisa — concordou Danny. — E, se eles precisam de uma casa, poderão viver aqui.

— Começaremos amanhã — exclamou Pablo. — Nada mais de preguiça! Vamos trabalhar! Há muita coisa a fazer!

Jesus Maria sentiu a satisfação de um chefe diante dos seus adeptos.

Não estavam falando em vão. Apanharam peixe. Fizeram incursão na horta do hotel Del Monte. Foi um divertimento glorioso. O roubo privado do estigma do roubo, o crime altruisticamente cometido... Que há de mais belo do que isso?

O Pirata aumentou o preço dos gravetos para 30 centavos e bateu à porta de três novos restaurantes, todas as manhãs. Big Joe roubou a cabra da Sra. Palochico muitas e muitas vezes — e de todas as vezes a cabra voltava para casa.

O alimento começou a se acumular na casa de Teresina. Montes de alface "sobravam" no pórtico e postas de cavala, já podres, enchiam de estranho odor as adjacências. E a flama da caridade continuava a brilhar na alma dos amigos.

Se você pudesse ver o livro de queixas da polícia de Monterey, notaria que, durante esse tempo, houve uma onda de crimes de menor importância em Monterey. O "tintureiro" corria daqui para ali. Aqui uma galinha fora roubada, ali todo um lote de abóboras. A Companhia Paladini noticiou a perda de duas caixas de cem libras de ostras em conserva.

A casa de Teresina estava ficando atulhada. A cozinha se enchia. O pórtico dos fundos fora tomado pelas verduras. Um cheiro parecido ao de uma tulha impregnava Tortilla Flat. Sem respirar, os amigos se lançavam ao furto e conversavam e planejavam, longamente, com Teresina.

A princípio Teresina ficou louca de alegria com tanta comida e o seu coração foi sensível à gentileza. Depois de uma semana, já não estava tão alegre. O bebê estava sofrendo de cólicas, Ernie tinha desarranjos intestinais, o rosto de Alfredo avermelhava. Os engatinhadores e os arrastadores choravam a todo momento. Teresina ficava escabreada de dizer aos amigos o que lhes devia dizer. Foram-lhe precisos vários dias para reunir coragem. E, durante esse tempo, à sua casa chegaram 50 libras de aipo e um cesto de

melões. Afinal, teve de falar com eles. Os vizinhos estavam começando a olhar para ela com as sobrancelhas carregadas.

Teresina chamou todos os amigos de Danny para a sua cozinha e os informou da questão, modesta e cuidadosamente, para não ferir os seus sentimentos.

— Verduras e frutas não são boas para as crianças — explicou ela. — Leite provoca constipação num bebê, depois de desmamado.

Teresina apontou para as crianças, vermelhas e irritáveis. Estavam todas doentes. Não se estavam alimentando direito.

— Qual é o alimento bom? — perguntou Pilón.

— Feijão — disse ela. — Com o feijão a gente pode estar certa de que as crianças nada sofrerão.

Os amigos se afastaram, silenciosos. Pretendiam estar desanimados, mas sabiam que o fogo do primeiro entusiasmo havia muitos dias que se apagara.

Na casa de Danny, eles se reuniram em conferência.

Isto não pode ser contado em certos círculos, pois a acusação pode ser séria.

Muito depois da meia-noite, quatro formas escuras, cujos nomes se não devem mencionar, se movimentaram como sombras através da cidade. Quatro formas indistintas saltaram para a plataforma da Companhia dos Armazéns do Oeste. O vigia disse, depois, que ouviu ruídos, investigou, mas nada viu. Ele não pôde dizer como a coisa se fizera — como a fechadura fora quebrada e a porta forçada. Somente quatro homens sabem que o vigia estava profundamente adormecido — e, certamente, jamais o revelarão.

Pouco depois as quatro sombras deixaram os armazéns, curvadas sob tremendas cargas. Suspiros e resmungos partiam dessas sombras.

Às três da manhã, Teresina despertou, ouvindo abrir-se a porta dos fundos.

— Quem está aí? — gritou ela.

Não houve resposta, mas Teresina ouviu quatro grandes baques, que abalaram a casa. Ela acendeu uma vela e seguiu para a cozinha, de pés descalços. E, ali, contra a parede, estavam quatro sacos de cem libras de feijão.

Teresina correu para dentro e acordou a "vieja".

— Um milagre! — gritou ela. — Venha ver na cozinha!

A "vieja" olhou, envergonhada, os quatro sacos cheios.

— Oh, miserável e imunda pecadora que eu sou! — gemeu a "vieja". — Oh, Mãe Santíssima, tenha piedade de uma velha maluca! Todos os meses você terá uma vela enquanto eu viver!

Na casa de Danny, quatro amigos estavam envolvidos, felizes, nos seus cobertores. Que travesseiro melhor se pode ter, do que uma consciência tranqüila? Eles dormiram profundamente até de tarde, pois o seu trabalho estava feito.

E Teresina descobriu, por um método que sabia infalível, que estava grávida. E enquanto punha um pouco de feijão na panela, ficou a imaginar, ociosamente, qual dos amigos de Danny era responsável por isso.

XIV

Da boa vida na casa de Danny,
do presente de um porco,
da dor de Tall Bob e do amor
contrariado do "viejo" Ravanno.

Os "paisanos" de Tortilla Flat não usavam relógio, nem de parede nem de bolso. Uma ou outra vez, algum dos amigos adquiria um relógio de algum modo extraordinário, mas guardava-o apenas o tempo bastante para barganhá-lo por alguma coisa que realmente desejasse. Os relógios tinham boa reputação na casa de Danny, mas somente como de troca. Para fins práticos, havia o grande relógio dourado do sol. Era melhor do que um relógio — e mais seguro, pois não havia meio de o vender a Torrelli.

No verão, quando os ponteiros do relógio apontam para as sete, é uma bela ocasião para levantar, mas, no inverno, o tempo não tem qualquer valor. Como o sol é melhor! Quando o sol passa pelo topo dos pinheiros e bate sobre a varanda da frente, seja verão ou inverno, essa é a ocasião sensata para levantar. É uma ocasião em que as mãos não tremem de frio, nem o estômago dói de vazio.

O Pirata e os seus cães dormiam na sala de estar, tranqüilos e quentes no seu canto. Pilón, Pablo, Jesus Maria, Danny e Big Joe Portagee dormiam no quarto. Apesar de toda a sua bondade e de toda a sua generosidade, Danny jamais permitiu que a sua cama fosse ocupada por ninguém mais além dele mesmo. Big Joe o tentou duas vezes e foi castigado com um galho de pinheiro na sola dos pés, de maneira que até mesmo ele aprendeu a qualidade inviolável da cama de Danny.

Os amigos dormiam no chão — e a sua "cama" era incomum. Pablo tinha três peles de carneiro estendidas umas sobre as outras. Jesus Maria enfiava os braços pelas mangas de um velho sobretudo e as pernas através das mangas de outro. Pilón se enrolava numa longa tira de tapete. Na maior parte do tempo, Big Joe simplesmente se encolhia como um cão e dormia vestido. Big Joe, que não tinha capacidade de guardar nenhum objeto por muito tempo, tinha um gênio bem desenvolvido para barganhar tudo o que chegasse às suas mãos por um pouco de vinho. Assim dormiam eles, ruidosamente às vezes, mas sempre confortavelmente. Numa noite fria, Big Joe tentou tomar emprestado um cão para os seus pés, mas só arranjou mordeduras, pois os cães do Pirata não eram objetos de empréstimo.

Não havia cortinas a cobrir as janelas, mas a generosa Natureza havia escurecido as vidraças com teias de aranha, poeira e pingos de chuva.

— Seria bom limpar essas vidraças com água e sabão — disse Danny, certa vez.

O espírito agudo de Pilón saltou para o problema com energia, mas o problema era muito fácil para ele. Não requeria uma quota decente dos seus poderes.

— Entraria mais luz — disse ele. — Não gastaríamos tanto tempo lá fora, ao ar livre, se houvesse luz aqui dentro. E, à noite, quando o ar é venenoso, não temos necessidade de luz.

Danny se retirou do campo, pois, se uma ligeira menção trazia uma refutação tão clara e tão rápida do seu projeto, que lógica esmagadora não traria a sua insistência? A janela continuou como estava. E, à medida que o tempo passava, à medida que moscas e moscas iam alimentar a família da aranha com o seu sangue e deixavam o seu corpo seco nas teias, contra o vidro, à medida que a poeira aderia à poeira, o quarto de dormir se envolvia numa agradável escuridão, que tornava possível dormir a uma luz crepuscular mesmo ao meio-dia.

Os amigos dormiam pacificamente. Mas, quando o sol batia na janela, pela manhã, e, não podendo entrar, transformava a poeira em prata e brilhava na iridescência das moscas azul-garrafa, então os amigos despertavam, espichavam o corpo e procuravam

os sapatos. Sabiam que a varanda da frente estava quentinha quando o sol batia na janela.

Não despertavam rapidamente, nem pulavam da cama, nem comoviam o seu organismo com movimentos súbitos. Não, eles despertavam da soneca tão suavemente como uma bolha de sabão se desprende do canudo. Marchavam para o valado, ainda semi-acordados. Gradualmente, iam despertando. Acendiam fogo e faziam um pouco de chá e o bebiam nos cântaros e, afinal, se sentavam ao sol, na varanda da frente. As moscas, incendiadas pelo sol, faziam halos em torno das suas cabeças. A vida tomava forma em torno deles — a forma do ontem e do amanhã.

A discussão começava vagarosamente, pois cada homem entesourava o pouco de sono que ainda possuía. Desse tempo até a tarde, a camaradagem intelectual surgia. Então eram levantados os telhados, as casas eram penetradas, os motivos inspecionados, as aventuras recontadas. Ordinariamente, os seus pensamentos iam, em primeiro lugar, para Cornélia Ruiz, pois era raro o dia ou a noite em que Cornélia não tivesse alguma curiosa e interessante aventura. E era uma aventura incomum, da qual não se podia tirar nenhuma lição moral.

O sol brilhava nas agulhas de pinheiro. A terra cheirava. A roseira de Castela perfumava o mundo com as suas flores. Este era um dos melhores tempos para os amigos de Danny. A luta pela existência era remota. Sentavam-se a julgar os seus semelhantes, julgando não por moral, mas por interesse. Qualquer deles que tivesse uma boa coisa para contar guardava-a para contá-la nessa ocasião. As grandes borboletas brunas voavam para a rosa, pousavam nas flores e moviam as asas vagarosamente, como se sugassem mel à força de asas.

— Vi Albert Rasmussen — disse Danny. — Ele vinha da casa de Cornélia. Essa Cornélia tem cada uma! Todos os dias tem alguma trapalhada.

— É a sua maneira de viver — disse Pablo. — Não gosto de falar, mas por vezes penso que Cornélia é um tanto viva demais. Somente duas coisas acontecem a Cornélia — amor e luta.

— Bem... — disse Pilón. — Que é que você quer?

— Nunca está em paz — disse, tristemente, Jesus Maria.

— Ela não deseja paz — disse Pilón. — Dê paz a Cornélia — e ela morrerá. Amor e luta. Você disse bem, Pablo. Amor e luta — e um pouco de vinho. Assim somos sempre jovens, sempre felizes. Que aconteceu a Cornélia ontem?

Danny olhou em triunfo para Pilón. Era coisa incomum, Pilón não saber de tudo o que acontecera. E agora Danny podia saber, pelo olhar interessado e espectante de Pilón, que ele não sabia.

— Vocês todos conhecem Cornélia — começou ele. — Às vezes os homens levam presentes para Cornélia, uma galinha, um coelho, um repolho. Pequenas coisas, de que ela gosta. Bem... Ontem, Emílio Murietta levou a Cornélia um porquinho, um belo porquinho. Emílio encontrou o porco no valado. A porca deu em cima dele, mas Emílio correu e chegou à casa de Cornélia com o porquinho. Esse Emílio é um grande conversador. Ele disse para Cornélia: "Não há nada melhor de se ter do que um porco. Ele come tudo. É um animalzinho bom. Você chega a gostar desse porquinho. Mas, depois, o porco cresce e o seu caráter muda. Esse porco se torna imundo e malcriado, de modo que você já não o ama. Depois, certo dia, o porco lhe morde e você fica zangada. E você mata o porco e come".

Os amigos balançaram a cabeça gravemente e Pilón disse:

— De certa maneira, Emílio não é estúpido. Veja quanta satisfação deu com esse porco — afeição, amor, vingança e alimento. Vou conversar com Emílio uma hora destas.

Mas os amigos notaram que Pilón estava com ciúme da lógica do rival.

— Adiante com o tal do porco — disse Pablo.

— Bem... — disse Danny. — Cornélia recebeu o porquinho e foi boa para Emílio. Ela disse que, quando chegasse a ocasião, e estivesse zangada com o porco, Emílio receberia uma parte para comer. Então, Emílio foi embora. Cornélia preparou uma caixa para o porco dormir, perto do fogareiro. Algumas senhoras vieram vê-la, depois, e Cornélia deixou que elas carregassem e mimassem o porco. Depois de algum tempo, Sweets Ramírez pisou na cauda do porco. Oh! O porquinho grunhiu como um apito de vapor. A porta da frente estava aberta. A porca-mãe voltou para buscar o seu filhote. Todas as mesas e todos os pratos

foram quebrados. Todas as cadeiras também. E a porca mordeu Sweets Ramírez e arrancou a saia de Cornélia e, depois, quando essas senhoras se trancaram na cozinha, a porca foi embora, levando o filhote. Agora, Cornélia está furiosa. Ela diz que vai amassar Emílio.

— É isso — disse Pablo. — A vida é assim, e não como a gente supõe. Foi assim também, quando Tall Bob Smoke quis se matar.

Os amigos voltaram o rosto, interessados, para Pablo.

— Vocês conhecem Bob Smoke — começou Pablo. — Ele se parece com um vaqueiro — pernas compridas, corpo delgado, — mas não sabe montar muito bem. No rodeio, muitas vezes beija o pó. Ora, esse Bob tem a mania de ser a admiração dos outros. Quando há uma parada, ele gosta de carregar a bandeira. Quando há uma luta, quer ser o árbitro. Sim, é um homem que deseja ser um grande homem e ter gente a vê-lo, a admirá-lo. E talvez vocês não saibam que ele gosta de ser querido, também. Pobre infeliz, ele é um homem que nasceu para o ridículo. Algumas pessoas têm pena dele, mas a maioria ri somente. E o riso apunhala esse Tall Bob Smoke. Talvez vocês se lembrem de quando ele carregou a bandeira, na parada. Bob estava imponente, num grande cavalo branco. Pois diante do lugar em que se encontravam os juízes, o grande cavalo estupidamente falseou o pé. Bob voou pela cabeça do cavalo e a bandeira atravessou o ar como uma lança e se enfiou no chão, com a ponta para baixo. É "peso" dele. Toda vez que tenta ser um grande homem, alguma coisa acontece e todo mundo ri. Vocês se lembram de quando ele era mata-cachorro e tentou, durante toda a tarde, laçar um cão. Todo o pessoal da cidade veio ver. Ele atirava o laço, o cão se abaixava, o laço passava adiante e o cão saltava fora. Todo mundo ria. Bob ficou tão envergonhado que pensou: "Vou-me matar. Essa gente ficará com remorsos de haver rido". E depois ele pensou: "Mas eu morrerei. Não poderei saber como ficaram tristes". Então fez o seguinte plano: "Eu esperarei até ver que alguém vem para o meu quarto. Apontarei a pistola para a minha cabeça. Então esse amigo discutirá comigo. Ele me fará prometer que não me suicidarei. E essa gente ficará triste por me haver quase levado ao suicídio". Foi assim que ele pensou. Tocou para a sua casinha e todos os que passavam por ele pergun-

tavam: "Laçou o cão, Bob?" Ele estava muito triste quando chegou em casa. Apanhou uma pistola, carregou-a e, depois, se sentou à espera de alguém. Planejava como seria e praticava com a pistola. O amigo diria: "Eh, que é que você vai fazer? Não se mate, meu amigo!" Então Bob diria que não desejava mais viver, porque todo mundo era tão impiedoso! Pensou nisso muitas e muitas vezes, mas ninguém surgiu. No dia seguinte ele esperou, mas ninguém veio. Mas, na noite seguinte, veio Charlie Meeler. Bob o ouviu a andar na varanda e apontou a pistola para a cabeça. E a levantou, para dar uma aparência maior. "Agora ele discutirá comigo e eu deixarei que ele me persuada" — pensava Bob. Charlie Meeler abriu a porta. Viu Bob a segurar a pistola, apontando-a para a cabeça. Mas não gritou. Não, Charlie Meeler saltou e agarrou a pistola, a pistola disparou e arrancou a ponta do nariz de Bob. E, depois, todos riram ainda mais. Houve até notícias no jornal. Toda a cidade ria. Vocês todos já viram o nariz de Bob, com o pedaço de menos. O povo ria, mas era um riso duro e a gente se sentia mal, rindo. E, desde então, deixaram Tall Bob levar a bandeira em todas as paradas. E a cidade lhe comprou um laço para apanhar cães. Mas ele não é feliz, com um nariz daqueles.

Pablo ficou silencioso, apanhou um galho na varanda e bateu com ele na perna.

— Estou-me lembrando do nariz dele, antigamente, — disse Danny. — Não é mau sujeito, esse Bob. O Pirata pode dizê-lo a vocês, quando voltar. Às vezes o Pirata põe todos os seus cães no carro de Bob e então o povo pensa que Bob os apanhou e diz: "Há uma carrocinha para vocês". Não é fácil agarrar cães, quando o nosso emprego é agarrar cães.

Jesus Maria estivera matutando, com a cabeça encostada à parede.

— É pior ser ridiculizado do que ser sovado — observou ele. — Old Thomas, o trapeiro, foi ridiculizado até na sepultura. E depois o povo ficou triste por haver rido dele. E há outra espécie de riso, também. Essa história de Tall Bob é engraçada, mas, quando a gente abre a boca para rir, qualquer coisa nos comprime o coração. Soube da história do velho Ravanno, que se enforcou o ano passado. É uma história interessante, mas não para rir.

— Ouvi alguma coisa sobre isso, — disse Pilón, — mas não conheço a história.

— Bem — disse Jesus Maria. — Vou contar a história e vocês verão se podem rir. Quando eu era menino, joguei com Petey Ravanno. Um garoto ligeiro, esse Petey, mas sempre em trapalhadas. Tinha dois irmãos e quatro irmãs e mais o pai, o velho Petey. Toda essa família se foi. Um irmão está em San Quentin, o outro foi morto por um jardineiro japonês por ter roubado uma carroça de melancias. E as pequenas... — bem, nós sabemos como são essas pequenas, — foram embora. Susy está na casa de Old Jenny, em Salinas, agora. Ficaram somente Petey e o velho. Petey cresceu e estava sempre em trapalhadas. Foi para um reformatório por algum tempo, mas depois voltou. Todos os sábados se embebedava e, de todas às vezes, ia para a cadeia, até segunda-feira. O pai era um homem muito amável. Embebedava-se todas as semanas, com Petey. Quase sempre estavam juntos na cadeia. O velho Ravanno se sentia solitário, quando Petey não estava com ele. Ele gostava de Petey. O que Petey fizesse o velho fazia, embora tivesse sessenta anos. Talvez vocês se lembrem de Gracie Montez. Não era uma boa pequena. Quando estava nos doze anos, a esquadra veio a Monterey e Gracie teve o seu primeiro filho com essa idade. Era bonita, sim, e a sua língua era afiada. Sempre parecia correr dos homens e os homens corriam atrás dela. E às vezes a apanhavam. Mas não se podia chegar perto dela. Essa Gracie parecia ter algo de bonito que não dava a ninguém, alguma coisa no fundo dos olhos que dizia: "Se eu realmente quisesse, eu seria diferente de qualquer mulher que você tenha conhecido". Sei disso porque eu também corri atrás de Gracie. E Petey correu atrás dela. Mas Petey era diferente.

Jesus Maria olhou, com agudeza, nos olhos dos amigos, para salientar este ponto.

— Petey queria tanto o que Gracie tinha — continuou Jesus Maria — que começou a emagrecer e os seus olhos ficaram arregalados e doloridos como os olhos de uma pessoa que fuma maconha. Petey não podia comer — e ficou doente. O velho Ravanno foi conversar com Gracie. "Se você não for boazinha com Petey, ele morrerá" — disse ele. Mas ela só fez rir. Não era uma boa pequena. E então a irmã menor, Tônia, entrou no quarto. Tônia

tinha catorze anos. O velho olhou para ela e perdeu a respiração. Tônia se parecia com Gracie, com essa mesma coisa engraçada que guardava distância dos homens. O velho Ravanno não se pôde conter. "Venha cá pequena" — disse ele. Mas Tônia não era uma menina. Sabia tudo. Ela riu e saiu do quarto. O velho Ravanno voltou então para casa. "Alguma coisa aconteceu a você, pai" — disse Petey. "Não, Petey, disse o velho, — estou somente inquieto porque você não 'apanha' a Gracie, para ficar bom novamente". Tinham o sangue quente, todos esses Ravannos! E depois, que é que vocês pensam? Petey foi secar lulas para Chin Kee e fez presentes a Gracie, grandes garrafas de Água Flórida, ligas e fitas. Pagou um retrato dela, a cores. Gracie recebia todos os presentes e corria dele e ria. Vocês devem ter ouvido o riso dela. Dava vontade de se bater nela e de mimá-la ao mesmo tempo. Dava vontade de cortá-la e apanhar a coisa que trazia dentro de si. Eu sei como era. Eu corri atrás dela e Petey também me contou. Mas Petey estava maluco. Não podia dormir. Ele me disse: "Se essa Gracie se casar comigo na igreja, ela não tentará mais fugir, porque estará casada e será um pecado fugir". Ele fez o pedido. Ela riu com o seu riso que fazia a gente querer bater nela. Oh! Petey estava maluco! Ele foi para casa, passou uma corda pela ripa, trepou num caixão, passou o laço pelo pescoço e depois deu um pontapé no caixão. Bem, o pai de Petey chegou então. Cortou a corda e chamou o médico. Mas passaram duas horas antes de que Petey abrisse os olhos e passaram quatro dias antes de que pudesse falar.

Jesus Maria fez uma pausa. Viu, com orgulho, que os amigos se estavam inclinando para a frente, para ouvir melhor.

— A coisa foi assim — disse ele.

— Mas Gracie Montez casou com Petey Ravanno — gritou Pilón, excitado. — Eu a conheço. É uma boa mulher. Não perde missa e uma vez por mês vai se confessar.

— Isso é agora — concordou Jesus Maria. — O velho Ravanno estava aborrecido. Ele correu à casa de Gracie e gritou: "Você matou o meu rapaz com a sua tolice. Ele tentou se matar por sua causa, galinha polaca". Gracie ficou com medo, mas ficou contente, também, pois não são muitas as mulheres que podem levar um homem a tanto. Ela foi ver Petey, que estava de cama, com o pescoço torcido. Depois de algum tempo, estavam casados.

A coisa saiu também da maneira por que Petey a imaginara. Quando a igreja lhe disse que fosse uma boa esposa, ela se fez uma boa esposa. Não riu mais para os homens. E não correu mais, para que eles lhe dessem caça. Petey continuou a secar lulas e em breve Chin Kee o deixou esvaziar as caixas de lulas. E não muito depois ele era o mordomo da seção de lulas. Vocês vêem, aí está uma boa história. Seria uma história para ser contada por um sacerdote, se terminasse aqui.

— Oh, sim — disse Pilón, gravemente. — Há coisas a aprender nessa história.

Os amigos balançaram a cabeça, pois gostavam de histórias com algum sentido.

— Conheci uma pequena no Texas que era assim mesmo — disse Danny. — Mas essa não mudou. Nós a chamávamos a esposa do segundo pelotão: Sra. Segundo Pelotão.

Pablo levantou a mão.

— A história ainda não terminou — disse ele. — Jesus Maria, conte o resto.

— Sim, há mais. E a história não é tão boa, para o fim. Havia o "viejo", com mais de 60. E Petey e Gracie foram viver em outra casa. O "viejo" Ravanno se sentia solitário, pois vivera sempre com Petey. Não sabia que fazer do tempo. Ficava sentado, com um olhar triste, até que um dia viu Tônia novamente. Tônia estava com 15 anos e era ainda mais bonita do que Gracie. A metade dos soldados do presídio a seguia por toda parte, como cães. Bem, o que acontecera com Petey, aconteceu com o velho. O seu desejo lhe deu dores por todo o corpo. Não podia comer nem dormir. As suas faces se encovavam e os seus olhos estavam fixos como os de um fumador de maconha. Ele levava confeitos para Tônia e ela arrancava os confeitos da sua mão e ria dele. Ele dizia: "Venha cá, queridinha, sou seu amigo". Ela ria novamente. Então o "viejo" contou a coisa a Petey. E Petey riu também. "Velho idiota — disse Petey. — Você já teve muitas mulheres na vida. Deixe os bebês em paz". Mas não adiantou. O velho Ravanno ficou doente de desejo. Têm o sangue quente, esses Ravannos! Ele se escondia no mato e espiava a sua passagem. O coração doía-lhe no peito. Precisava de dinheiro para comprar presentes, por isso arranjou um emprego na garagem Standard. Ele aplanava o

cascalho e regava as flores nessa garagem. Punha água nos radiadores e limpava os pára-brisas. Com os centavos que conseguia, comprava presentes para Tônia, balas, fitas, vestidos. Pagou uma fotografia de Tônia em cores. Ela apenas ria mais e o "viejo" estava quase maluco. Ele pensou: "Se o casamento na igreja fez de Gracie uma boa mulher, eu farei de Tônia uma boa mulher também". Ele a pediu em casamento. Então ela riu mais do que nunca. Ela sacudiu as saias, diante dele, para aborrecê-lo. Oh, era uma diaba, essa Tônia!

— Ele era um idiota — disse Pilón. — Os velhos não devem andar atrás de bebês. Devem sentar-se ao sol.

Jesus Maria continuou, irritado.

— Esses Ravannos são diferentes — disse ele. — Têm o sangue quente.

— Bem, não foi coisa decente — disse Pilón. — Foi uma vergonha para Petey.

Pablo se voltou para ele:

— Deixe Jesus Maria continuar. A história é dele, Pilón, não sua. De outra vez nós escutaremos você.

Jesus Maria olhou, com gratidão, para Pablo:

— Eu estava dizendo... O "viejo" não pôde agüentar mais. Mas não era um homem para inventar nada. Não era como Pilón. Não podia pensar em nada de novo. O "viejo" Ravanno pensou assim: "Gracie se casou com Petey porque ele se enforcou. Eu vou-me enforcar — e talvez Tônia se case comigo". E, depois, pensou: "Se ninguém me encontrar a tempo, eu morrerei. Alguém deve me ver". Vocês sabem, naquela garagem, há um depósito de ferramentas. Às primeiras horas da manhã, o "viejo" descia, abria o depósito de ferramentas, aplanava o cascalho e regava as flores, antes que a garagem abrisse. Os outros homens vinham trabalhar às 8 da manhã. Assim, certa manhã, o "viejo" foi ao depósito de ferramentas e preparou a corda. Depois esperou até que fossem 8 horas. Viu os homens vindo. Pôs o laço em torno do pescoço e deu um pontapé no banco onde subira. E, justamente quando o fez, a porta do depósito se fechou com estrondo.

Um largo sorriso se desenhou no rosto dos amigos. Às vezes, pensaram eles, a vida tinha muito humor.

— Os homens não sentiram logo a falta dele — continuou Jesus Maria. — Eles disseram: "Esse velho está provavelmente bêbedo". Só uma hora depois é que eles abriram a porta do depósito.

Jesus Maria olhou em torno.

O sorriso ainda estava no rosto dos amigos, mas um sorriso diferente.

— Vocês vêem — disse Jesus Maria. — É engraçado, mas dói também.

— Que disse Tônia? — perguntou Pilón. — Tomou uma lição e mudou de vida?

— Não. Não tomou. Petey lhe contou o caso — e ela riu. Petey riu também. Mas estava envergonhado. Tônia disse: "Que velho idiota ele era!" E Tônia olhou para Petey com aquele olhar todo seu. Então Petey disse: "É bom ter uma irmãzinha como você. Uma noite destas vou passear na floresta com você". Então Tônia riu novamente e correu um pouco. E disse: "Você acha que eu sou tão bonita quanto Gracie?" E Petey a seguiu até dentro de casa.

Pilón lamentou:

— Não é uma boa história. Há muitos sentidos e muitas lições nessa história. Algumas dessas lições são opostas. Não é história para se guardar na cabeça. Não prova nada.

— Eu gostei — disse Pablo. — Gostei porque não tinha nenhum significado visível e, entretanto, parece significar alguma coisa que não sei o que é.

Era já meio-dia e o sol estava quente.

— Não sei o que o Pirata trará para comermos — disse Danny.

— Estão pescando cavala na baía — observou Pablo.

Os olhos de Pilón se iluminaram.

— Tenho um plano — disse ele. — Quando eu era garoto, vivíamos junto da estrada de ferro. Todos os dias, quando o trem partia, eu e meus irmãos atirávamos pedras na máquina e o foguista nos atirava bagos de carvão. Às vezes arranjávamos um balde cheio de carvão e o levávamos para mamãe. Ora, pensei que podíamos levar pedras para o molhe. Quando os botes se

aproximassem, nós diríamos palavrões, atiraríamos pedras. Que podem os pescadores nos fazer? Podem nos atirar os remos ou as redes? Não. Somente atirar cavalas.

Danny se levantou alegremente.

— Eis aí um plano! — exclamou ele. — Como este Pilón é nosso amigo! Que poderíamos fazer sem o nosso Pilón? Venham, eu sei onde há um grande monte de pedras.

— Gosto de cavala mais do que de qualquer outro peixe — disse Pablo.

XV

De como Danny, de tanto matutar,
ficou maluco. De como o diabo,
sob a forma de Torrelli,
assaltou a casa de Danny.

Há certa imutabilidade em Monterey. Quase todos os dias, pela manhã, o sol brilha nas janelas do lado oeste das ruas. Todos os dias os ônibus vermelhos vão e vêm entre Monterey e Pacific Grove. Todos os dias as fábricas de conserva exalam fedor de peixe. Todas as tardes o vento sopra da baía e balança os pinheiros nas colinas. Os pescadores se sentam nas rochas, segurando os caniços, e os seus rostos revelam paciência e cinismo.

Em Tortilla Flat, acima de Monterey, a rotina é imutável, também, pois há apenas um dado número de aventuras que Cornélia Ruiz pode ter com a sua procissão vagarosamente mutável de namorados. Sabe-se que ela voltou a se unir a um homem havia muito posto de lado.

Na casa de Danny, havia ainda menos alteração. Os amigos tinham afundado numa rotina que teria sido monótona para qualquer pessoa, menos um "paisano", — manhã alta, sentar-se ao sol e pensar no que o Pirata poderia trazer. — O Pirata ainda apanhava gravetos e os vendia nas ruas de Monterey, mas agora comprava comida com os 25 centavos que ganhava todos os dias. Ocasionalmente, os amigos arranjavam um pouco de vinho — e havia cantos e luta.

O tempo é mais complexo perto do mar do que em qualquer outro lugar, pois, além do ciclo do sol e do ciclo das estações, as ondas batem nas rochas a passagem do tempo e as marés enchem e vazam como uma grande clepsidra.

Danny começou a sentir o bater do tempo. Olhava para os amigos e via como os dias eram iguais com eles. Quando se levantava da cama, à noite, e passava sobre os "paisanos" adormecidos, ficava aborrecido por vê-los ali. Gradualmente, ao se sentar na varanda da frente, ao sol, Danny começou a sonhar com os dias da sua liberdade. Dormia nas florestas, no verão, e na quente palha dos celeiros quando o frio do inverno se abatia sobre ele. O peso da propriedade não estava sobre os seus ombros. Lembrava-se de que o nome de Danny era um nome de tempestade. Oh, as lutas! As fugas através da floresta, com uma galinha "enrustida" sob o braço! Os esconderijos no valado, quando um marido ultrajado se rebatia de raiva! Tempestade e violência, doce violência! Quando Danny pensava no velho tempo perdido, podia notar novamente como era boa a comida roubada — e desejava novamente esse velho tempo. Desde que a herança o elevara, não havia lutado muitas vezes. Estivera bêbedo, mas não aventurosamente bêbedo. Sempre o peso da casa estava sobre os seus ombros, sempre a responsabilidade para com os amigos.

Danny começou a definhar na varanda, de maneira que os amigos viram que ele estava doente.

— Um chá de erva-doce será bom — sugeriu Pilón. — Se você se deitar, Danny, nós botaremos pedras quentes nos seus pés.

Não era cuidado o que Danny desejava, era liberdade. Durante um mês ele matutou, fitou o solo, olhou com olhos estúpidos para os ubíquos amigos e empurrou a pontapés os cães do Pirata, enxotando-os do seu caminho.

Afinal, ele se abandonou ao seu desejo. Uma noite, foi-se embora. Correu para a floresta de pinheiros e desapareceu.

Quando, pela manhã, os amigos despertaram e não o encontraram, Pilón disse:

— Deve ser alguma garota. Ele está apaixonado.

Deixaram o coisa nesse pé, visto que todo homem tem o direito de amar. Os amigos continuaram a viver como haviam

vivido. Mas, quando uma semana se passou sem sinais de Danny, eles começaram a se inquietar. Como um só homem, foram todos para a floresta à sua procura.

— O amor é belo — disse Pilón. — Não podemos condenar um homem por acompanhar uma pequena, mas uma semana é uma semana. Deve ser uma pequena bem viva, para que Danny fique fora de casa uma semana.

Pablo disse:

— Um pouco de amor é como um pouco de vinho. Demais, a gente fica doente. Talvez Danny já esteja doente. Talvez essa pequena seja muito viva.

Jesus Maria estava inquieto, também:

— Não é do Danny que conhecemos, o estar fora tanto tempo. Alguma coisa ruim aconteceu.

O Pirata levou os seus cães para a floresta. Os amigos aconselharam os cães:

— Encontrem Danny. Talvez ele esteja doente. Talvez esteja morto, o bom Danny que deixou que vocês dormissem na sua casa.

O Pirata sussurrou para eles:

— Encontrem o nosso amigo, cães ingratos e maus.

Os cães, entretanto, moveram as caudas alegremente e deram em cima de um coelho, desaparecendo atrás dele.

Os "paisanos" passaram todo o dia na floresta, chamando o nome de Danny, procurando-o em lugares que eles mesmos poderiam escolher para dormir, os grandes vazios entre as raízes das árvores, os espessos leitos de agulhas de pinheiros, cercados de arbustos. Sabiam onde um homem poderia dormir, mas não encontraram sinais de Danny.

— Talvez ele esteja louco — sugeriu Pilón. — Alguma preocupação secreta lhe pode ter transtornado o juízo.

À noite, voltaram para a casa de Danny, abriram a porta e entraram. Instantaneamente, ficaram alerta. Um ladrão havia realizado o seu trabalho. Os cobertores de Danny tinham desaparecido. Toda a comida fora roubada. Faltavam duas panelas.

Pilón se voltou rapidamente para Big Joe Portagee, mas depois balançou a cabeça:

— Não, você estava conosco. Não foi você quem fez isto.

— Foi Danny — disse Pablo, excitadamente. — Certamente está maluco. Está correndo pela floresta como um animal.

Grande inquietação se abateu sobre a casa de Danny.

— Devemos encontrá-lo — afirmavam os amigos uns para os outros. — Alguma coisa má pode acontecer ao nosso amigo, com a sua loucura. Devemos procurá-lo no mundo todo, até encontrá-lo.

Puseram de lado a preguiça. Todos os dias procuravam por ele — e começaram a ouvir curiosos boatos.

— Sim, Danny esteve aqui a noite passada. Esse bêbedo! Esse ladrão! Veja, Danny derrubou o "viejo" com uma estaca e roubou uma garrafa de zurrapa. Que espécie de amigos são esses, que deixam o amigo fazer tais coisas?

— Sim, vimos Danny. Ele estava com os olhos fechados e cantava: "Vinde para a floresta, pequenas, e nós dançaremos". Mas não quisemos ir. Estávamos com medo. Esse Danny não parece estar muito certo da bola.

No cais, encontraram novos e maiores sinais do amigo.

— Ele esteve aqui — disseram os pescadores. — Queria lutar com todo mundo. Benito quebrou um remo na cabeça de Danny. Depois, Danny quebrou algumas vidraças e um policial o meteu no xadrez.

Eles continuaram na pista do amigo extraviado.

— McNear o trouxe aqui a noite passada — disse o sargento. — Mas ele fugiu antes do dia raiar, ninguém sabe como. Quando o pegarmos, ele vai mofar aqui uns seis meses.

Os amigos estavam cansados da caça. Voltaram para casa e, para seu horror, notaram que o novo saco de batatas, que Pilón encontrara nessa manhã mesma, desaparecera.

— Isto é demais — exclamou Pilón. — Danny está maluco e está em perigo. Alguma coisa terrível acontecerá a ele, se o não salvarmos.

— Procuraremos — disse Jesus Maria.

— Procuraremos atrás de todas as árvores e de todos os telheiros — garantiu Pablo.

— Debaixo dos botes, na praia — sugeriu Big Joe.

— Os cães ajudarão — disse o Pirata.

Pilón balançou a cabeça.

— Não é esse o caminho. Todas as vezes, chegamos a um lugar depois de Danny ter ido embora. Devemos esperar em algum lugar aonde ele deva ir. Devemos agir como homens espertos e não como imbecis.

— Mas onde irá ele?

Todos eles foram iluminados ao mesmo tempo.

— À casa de Torrelli! Mais cedo ou mais tarde, Danny irá à casa de Torrelli. Devemos ir lá para apanhá-lo, para protegê-lo na loucura que se apoderou dele.

— Sim — concordaram eles. — Devemos salvar Danny.

Todos juntos, visitaram Torrelli, que não os quis deixar entrar.

— Vocês me perguntam se eu vi Danny? — disse ele, através da porta. — Danny trouxe três cobertores e duas panelas e eu lhe dei um galão de vinho. Que é que o diabo fez, então? Insultou minha mulher e me pôs nomes feios. Espancou o meu filho, deu pontapés no meu cão. Roubou a minha rede que estava no pórtico. — Torrelli ofegava de emoção. — Dei em cima dele para reaver a minha rede e, quando voltei, ele estava com a minha mulher. Sedutor, ladrão, bêbedo! Esse é o amigo de vocês! Eu mesmo darei um jeito de ele bater com os costados na penitenciária!

Os olhos dos amigos fuzilavam.

— Oh, corso de uma figa! — disse Pilón, serenamente. — Você está falando do nosso amigo. Danny não está com a cabeça boa.

Torrelli passou o ferrolho na porta. Ouviram o ferrolho correr, mas Pilón continuou a falar através da madeira.

— Oh, judeu! — disse ele. — Se você fosse um pouco mais camarada com o seu vinho, essas coisas não aconteceriam. Veja se não enxovalha o nosso amigo com essa língua de sapo. Veja se o trata com brandura, pois os seus amigos são muitos. Nós viraremos o seu estômago pelo avesso, se você não for gentil com ele.

Torrelli não fez qualquer ruído do lado de dentro da casa, mas tremia de medo e de raiva com a ferocidade do tom de voz de Pilón. Sentiu um alívio quando ouviu os passos dos amigos que se afastavam.

Nessa noite, depois que os amigos se deitaram, ouviram passos furtivos na cozinha. Sabiam que era Danny, mas ele fugiu antes que pudessem apanhá-lo. Vagaram à sua procura, na escuridão, chamando desconsoladamente:

— Venha, Danny, querido amigo. Precisamos de você.

Não houve resposta, mas uma pedrada atingiu Big Joe no estômago e o atirou de bruços no chão. Oh! Como os amigos ficaram desanimados e como o seu coração pesava!

Danny está correndo para a morte — disseram eles, tristemente. — O nosso amigo está em dificuldades e não podemos ajudá-lo.

Era difícil ficar em casa, pois Danny tinha roubado quase tudo que nela havia. Uma cadeira fora parar na casa de um contrabandista de bebidas. Toda a comida desaparecera e, certa vez, quando procuravam Danny na floresta, ele roubou o fogareiro, mas, como era pesado, o abandonou no valado. Não havia dinheiro, pois Danny roubara o carrinho de mão do Pirata e o trocara, no bar de Joe Ortiz, por uma garrafa de uísque. Toda a paz desaparecera da casa de Danny e havia apenas inquietação e tristeza.

— Onde está a nossa felicidade? — lamentava Pablo. — Nós devemos ter cometido algum pecado. É um castigo. Devemos confessar-nos.

Não mais discutiram a parada marital de Cornélia Ruiz. Haviam desaparecido as moralidades, haviam-se perdido as humanidades. Verdadeiramente, a boa vida estava em ruínas. E, na desolação, chegavam os boatos.

— Danny por pouco não cometeu um rapto a noite passada.

— Danny andou ordenhando a cabra da Sra. Palochico.

— Danny teve uma briga com alguns soldados na noite de anteontem.

Tristes como estavam com a sua queda moral, os amigos não tinham inveja da boa vida que Danny estava levando.

— Se você está maluco, será castigado — disse Pilón. — Estejam certos disso. Danny está pecando de um modo que, pecado por pecado, bate todos os recordes que conheço. Oh, que penitências terá de fazer, quando quiser ser decente de novo! Em algumas semanas, Danny acumulou mais pecados do que o velho Ruiz em toda a vida.

Nessa noite, Danny, não perturbado pelos cães amigos, entrou em casa tão silenciosamente como uma sombra sob as luzes da rua e, de brincadeira roubou os sapatos de Pilón. Pela manhã, não passou muito tempo antes de que Pilón compreendesse o que acontecera. Ele seguiu com firmeza para a varanda, sentou-se ao sol e olhou para os seus pés.

— Agora ele foi muito longe — disse Pilón. — Pregou-nos peças — e nós tivemos paciência. Mas agora ele se volta para o crime. Este não é o Danny que conhecemos. É outro homem, um homem mau. Devemos capturar esse homem mau.

Pablo olhou complacentemente para os seus sapatos.

— Talvez seja somente uma peça, também — sugeriu ele.

— Não — disse Pilón, severamente. — Isto é crime. Não eram bons sapatos, mas é um crime contra a amizade levá-los. E essa é a pior espécie de crime. Se Danny rouba os sapatos dos seus amigos, não se deterá em qualquer espécie de crime.

Os amigos balançaram a cabeça, concordando.

— Sim, devemos apanhá-lo — disse o Jesus Maria das humanidades. — Sabemos que ele está doente. Nós o prenderemos à cama e tentaremos curar a sua moléstia. Devemos tentar afastar do seu cérebro a escuridão.

— Bem... — disse Pablo. — Antes de apanhá-lo, devemos lembrar-nos de pôr os sapatos debaixo do travesseiro, na hora de dormir.

A casa estava em estado de sítio. Em torno dela Danny estava agindo — e se divertindo à maravilha.

Raramente a face de Torrelli mostrava outras emoções além de suspeita e de ódio. Na sua qualidade de contrabandista de bebidas, e no trato com o povo de Tortilla Flat, essas duas emoções eram muitas vezes chamadas ao seu coração — e a sua marca estava escrita na sua face. Ademais, Torrelli nunca visitava ninguém. Tinha apenas de ficar em casa, para que todos os visitassem. Conseqüentemente, quando Torrelli se dirigiu, estrada acima, para a casa de Danny, pela manhã, o rosto a brilhar com um sorriso de prazer e de antegozo, as crianças correram para dentro dos quintais e lhe puseram a língua, através dos paus da cerca; os cães acariciaram o estômago com a cauda e fugiram com olhares receo-

sos para trás; os homens que o encontravam saíam do caminho e cerravam os punhos, como para repelir um louco.

Aquela manhã, a névoa cobria o céu. O sol, depois de várias escaramuças sem resultado, abandonou a luta e se retirou para trás das nuvens cinzentas. Os pinheiros pingavam uma poeira de orvalho no chão. E, no rosto das poucas pessoas que andavam pelas ruas, o dia se refletia em sombrios olhares e pele cinzenta. Não havia cumprimentos afetuosos. Nada havia desse humano idealismo que brandamente espera que este dia seja melhor do que todos os outros dias.

O velho Roca, vendo Torrelli a sorrir, foi para casa e disse à mulher:

— Esse cara acaba de matar e de comer os filhos. Você verá!

Torrelli estava feliz, pois no seu bolso havia um papel dobrado e precioso. Os seus dedos passeavam, uma e muitas vezes, pelo paletó, apertando-o, até que um ligeiro estalido garantisse a Torrelli que o papel ainda ali estava. Enquanto andava na manhã enevoada, ia murmurando para si mesmo:

— Ninho de cobras! Eu acabarei com a pestilência desses amigos de Danny. Não mais darei vinho por mercadorias — para que as mercadorias me sejam roubadas novamente. Cada homem, sozinho, não é tão mau, mas o ninho deles! Madona, veja como eu os porei na rua! Sapos, piolhos, moscas varejeiras! Quando eles estiverem dormindo novamente na floresta, não se orgulharão tanto. Quero que eles saibam que Torrelli triunfou. Eles pensaram que me enganavam, para roubar os móveis da minha casa e destruir a virtude da minha mulher! Eles verão que Torrelli, o grande sofredor, pode devolver o golpe. Oh, sim, eles verão!

Assim murmurava ele enquanto andava — e os seus dedos faziam estalar o papel que trazia no bolso. As árvores pingavam gotas pesarosas na poeira. As gaivotas descreviam círculos no ar, piando tragicamente. Torrelli se locomovia, como o inexorável Destino, para a casa de Danny.

Na casa de Danny, havia tristeza. Os amigos não se podiam sentar na varanda, à luz do sol, pois não havia luz do sol. Ninguém pôde descobrir um motivo melhor para tristeza. Haviam trazido

do valado o fogareiro roubado e o montaram de novo. Eles se dispunham novamente ao redor do fogão e Johnny Pom-pom, que os viera visitar, dava as notícias que trazia.

— Tito Ralph não é mais carcereiro na prisão da cidade — disse ele. — Não, esta manhã o juiz de paz o demitiu.

— Eu gostava de Tito Ralph — disse Pilón. — Quando um sujeito estava na cadeia, Tito Ralph lhe trazia um pouco de vinho. E ele sabia mais histórias do que cem homens juntos. Por que foi que ele perdeu o emprego, Johnny Pom-pom?

— Foi por isso que eu vim aqui, Tito Ralph, vocês sabem, esteve muitas vezes na cadeia e era um bom preso. Sabia como dirigir uma prisão. Depois de algum tempo, sabia mais sobre prisão do que qualquer outra pessoa. Então Daddy Marks, o velho carcereiro, morreu, e Tito Ralph tomou o seu lugar. Nunca houve um carcereiro tão bom como Tito Ralph. Fazia tudo muito bem. Mas tem um pequeno defeito. Quando bebe vinho, esquece que é o carcereiro. Ele foge — e têm de apanhá-lo.

Os amigos balançaram a cabeça.

— Eu sei — disse Pilón. — Soube também que ele é difícil de ser apanhado. Ele se esconde.

— Sim — continuou Johnny Pom-pom. — A não ser isso, ele é o melhor carcereiro que já tivemos. Bem, foi isto que eu vim contar. A noite passada, Danny tinha vinho para dez homens — e o bebeu. Depois ele desenhou coisas nas janelas, Ele estava cheio da grana — comprou ovos para atirar num chinês. E um dos ovos não pegou no chinês, pegou num policial. Danny foi encanado. Mas estava cheio da grana. Mandou Tito Ralph buscar um pouco de vinho — e depois mais vinho. Havia quatro homens na cadeia. Todos beberam do vinho. E, afinal, o defeito de Tito Ralph se manifestou. Ele fugiu e todos os outros fugiram com ele. Encontraram Tito Ralph esta manhã e lhe disseram que não podia ser mais o carcereiro. Ele ficou tão triste que partiu uma vidraça e agora está novamente na cadeia.

— Mas Danny? — gritou Pilón. — Cadê Danny?

— Oh, Danny... — disse Johnny Pom-pom. — Ele fugiu também. Não o apanharam.

Os amigos suspiraram, desanimados.

— Danny está ficando mau — disse Pilón, sério. — Ele não chegará a bom fim. Estou pensando onde teria conseguido o dinheiro.

Foi nesse momento que o triunfante Torrelli abriu o portão e avançou para a porta. Os cães do Pirata se puseram de pé, nervosamente, e se movimentaram para a porta, a rosnar. Os amigos o olhavam e se interrogavam mutuamente com os olhos. Big Joe apanhou o cabo de picareta que tão recentemente fora utilizado contra as suas costas. O passo pesado e confiante de Torrelli soou na varanda. A porta se abriu e nela surgiu Torrelli, a sorrir. Não brigou com eles. Não, ele se aproximou delicadamente, como um gato. Bateu-lhes gentilmente no ombro, como um gato a brincar com uma barata.

— Ah, meus amigos! — disse ele, suavemente, ante os seus olhares de alarma. — Meus caros amigos e bons fregueses! Meu coração está despedaçado, por ser eu o portador de más notícias àqueles a quem amo!

Pilón, saltou:

— É Danny! Está doente? Está ferido? Diga.

Torrelli balançou a cabeça, afetadamente.

— Não, meus amigos, não é Danny. O meu coração sangra, mas devo dizer-lhes que vocês não podem mais viver nesta casa.

Os seus olhos brilharam, ao ver a surpresa que as suas palavras haviam produzido. Todas as bocas estavam abertas, todos os olhos imóveis e vazios.

— Isso é tolice — exclamou Pilón. — Por que não podemos viver mais aqui?

A mão de Torrelli se levantou amorosamente até o bolso de dentro e os dedos dele retiraram o papel e o abanaram no ar.

— Imaginem a minha dor — continuava Torrelli. — Danny não é mais o dono desta casa.

— Quê? — exclamaram eles. — Que é que você quer dizer? Por que Danny não é mais o dono desta casa? Fale, corso de uma figa!

Torrelli riu — uma coisa tão terrível que os "paisanos" se afastaram dele.

— Porque — disse ele — esta casa me pertence. Danny foi-me procurar e me vendeu a casa por 25 dólares, a noite passada.

Diabolicamente, ficou a espiar os pensamentos que se revelavam no rosto dos amigos.

— É mentira! — diziam os rostos dos amigos. — Danny não faria uma coisa dessas!

E, depois:

— Mas Danny tem feito muitas coisas ruins ultimamente. Tem-nos roubado. Talvez tenha vendido a casa sem nos consultar.

— É mentira! — exclamou Pilón. — É uma mentira imunda e indecente!

Torrelli continuou a sorrir e abanar com o papel.

— Aqui está a prova — disse ele. — Aqui está o papel que Danny assinou. É o que nós, os comerciantes, chamamos um recibo.

Pablo avançou para ele furiosamente:

— Você o embebedou. Ele não sabia o que estava fazendo.

Torrelli desdobrou um pouco o papel.

— A lei não se interessará por isso — disse ele. — E, sim, meus amiguinhos, é meu terrível dever dizer-lhes que vocês devem deixar a minha casa. Já tenho planos para ela.

O seu rosto perdeu o sorriso, então, e toda a crueldade voltou:

— Se vocês não tiverem saído até o meio-dia, chamarei um policial.

Pilón se movimentou suavemente para ele. Oh, cuidado, Torrelli, quando Pilón avançar sorrindo para você! Fuja, esconda-se em algum quarto de ferro e mande soldar a porta!

— Não entendo essas coisas — disse Pilón, com doçura. — Naturalmente, estou triste por ver que Danny fez uma coisa destas.

Torrelli riu novamente.

Nunca tive uma casa para vender — continuou Pilón. — Danny assinou esse papel, não foi?

— Sim. — Torrelli o imitou. — Danny assinou este papel. Foi isso.

Pilón continuou, estupidamente:

— É isso que prova que você é o dono desta casa?

— Sim, idiota. É este papel que o prova.

Pilón pareceu embaraçado:

— Eu pensava que você devesse levá-lo à cidade, para registrá-lo.

Torrelli riu, com desprezo. Oh, cuidado, Torrelli! Não vê você como essas cobras estão-se movendo? Jesus Maria está diante da porta da frente. Pablo está à porta da cozinha. Veja o punho de Big Joe a agarrar o cabo da picareta.

— Vocês não entendem de comércio, idiotas! — disse Torrelli. — Quando eu sair daqui, irei com este papel à cidade e...

A coisa aconteceu tão rapidamente que as últimas palavras lhe morreram na garganta. Os seus pés voaram no ar. Ele caiu fragorosamente no chão, tentando agarrar o ar com as mãos polpudas. Ouviu a portinhola do fogão se fechar.

— Ladrões! — gritou ele.

O sangue se lhe acumulava no pescoço e subia-lhe ao rosto.

— Ladrões! Me dêem o meu papel!

Pilón, de pé diante dele, o olhava, divertido.

— Papel? — perguntou, polidamente. — Que papel é esse, de que você fala tão apaixonadamente?

— O meu título de propriedade. Oh, vou chamar a polícia!

— Não me lembro de papel nenhum — disse Pilón. — Pablo, você sabe de que papel ele está falando?

— Papel? — disse Pablo. — Papel de jornal ou papel de embrulho?

Pilón continuou:

— Johnny Pom-pom?

— Talvez ele esteja sonhando — disse Johnny Pom-pom.

— Jesus Maria, sabe de algum papel?

— Acho que ele está bêbedo — disse Jesus Maria, numa voz escandalizada. — É muito cedo para estar bêbedo.

— Joe Portagee

— Eu não estava aqui — insistiu Big Joe. — Estou chegando agora.

— Pirata?

— Ele não tinha nenhum papel. — O Pirata se dirigiu aos seus cães. — Tinha?

Pilón se voltou para o apoplético Torrelli:

— Você está enganado, meu amigo. É possível que estejamos enganados, mas você mesmo pode ver que nenhum de nós viu o tal papel. Você me condenará se eu pensar que talvez não

houvesse papel algum? Talvez você precise de ir para a cama, descansar um pouco.

Torrelli estava muito atordoado para gritar. Eles o viraram de lado e o ajudaram a passar a porta e o puseram rapidamente a caminho, afundando na desgraça da sua derrota.

E, depois, eles olharam para o céu e se alegraram, pois o sol lutara novamente e desta vez conseguira abrir caminho por entre a névoa. Os amigos não voltaram para casa. Sentaram-se, prazerosamente, no pórtico da frente.

— Vinte e cinco dólares — disse Pilón. — Que teria ele feito com o cobre?

O sol, depois de vencer a sua primeira escaramuça, repeliu a névoa do céu. As lajes da varanda se aqueceram e as moscas zumbiam na luz. O cansaço descera sobre os amigos.

— Foi uma coisa feia — disse Pablo, com ar cansado. — Danny não devia fazer dessas coisas.

— Compraremos todo o nosso vinho na casa de Torrelli, para que o seu prejuízo não seja muito grande — disse Jesus Maria.

Um passarinho saltitou sobre os galhos da roseira e agitou a cauda. As novas galinhas da Sra. Morales cantaram um hino ao sol. Os cães, à frente da casa, coçavam e mordiam a cauda, atentamente.

Com o som de passos vindos da estrada, os amigos olharam e depois se levantaram com sorrisos de boas-vindas. Danny e Tito Ralph passaram o portão, cada qual trazendo dois grandes embrulhos. Jesus Maria embarafustou casa adentro e trouxe de volta os cântaros. Os amigos notaram que Danny parecia um pouco cansado quando arriou as garrafas de vinho na varanda.

— É duro subir a colina — disse Danny.

— Tito Ralph! — exclamou Johnny Pom-pom. — Soube que você estava na cadeia!

— Fugi de novo — disse Tito Ralph, com voz apagada. — Ainda tenho as chaves.

Os cântaros se encheram e um grande suspiro se escapou do peito dos homens, — um suspiro de alívio por tudo haver terminado.

Pilón bebeu um longo trago.

— Danny, — disse ele, — esse porco do Torrelli chegou aqui esta manhã, com mentiras. Trazia um papel e disse que você o assinou.

Danny o olhou, abalado.

— Onde está esse papel? — perguntou ele.

— Bem — continuou Pilón. — Sabíamos que era mentira, por isso queimamos o papel. Você não o assinou, assinou?

— Não — disse Danny.

E ele esgotou o vinho do seu cântaro.

— Seria bom ter alguma coisa para comer — observou Jesus Maria.

— Eu me esqueci — disse Danny, sorrindo com docura. — Num desses embrulhos, trouxe três galinhas e pão.

Tão grande eram o prazer e o alívio de Pilón, que ele se levantou e fez um pequeno discurso.

— Onde haverá um amigo como o nosso amigo? — declamou ele. — Ele nos resguarda do frio na sua casa. Ele divide conosco a sua comida e o seu vinho. Oh, o bom homem, o caro amigo!

Danny estava embaraçado e olhava para o chão.

— Não é nada — murmurou ele. — Não há mérito nenhum.

Mas a alegria de Pilón era tão grande que abrangia o mundo — mesmo as coisas ruins do mundo.

Ele disse:

— Devemos fazer alguma coisa por Torrelli, algum dia.

XVI

Da tristeza de Danny.
De como, com sacrifício,
os amigos de Danny deram uma festa.
Do passamento de Danny.

Quando Danny voltou para a sua casa e para os seus amigos, depois do seu "amok", não sentia a consciência intranqüila, mas estava muito cansado. Os rudes dedos da violenta experiência haviam-se apertado sobre a sua alma. Ele começou a viver negligentemente, levantando-se apenas da cama para se sentar na varanda, sob a roseira de Castela, levantando-se da varanda apenas para comer, levantando-se da mesa somente para ir para a cama. A palestra flutuava em torno e ele escutava, mas sem interesse. Cornélia Ruiz teve rápida e soberba série de maridos — e nenhuma emoção isso despertava em Danny. Quando Big Joe se deitou certa noite na sua cama, Danny estava tão apático que Pilón e Pablo tiveram de bater por ele, em Big Joe. Quando Sammy Rasper, comemorando atrasadamente o Novo Ano com um revólver e um galão de vinho, matou uma vaca e foi metido na cadeia, Danny não pôde nem mesmo ser trazido a uma discussão sobre a ética do caso, embora os argumentos estivessem a saltar em torno dele, embora o seu julgamento fosse apaixonadamente pedido pelos amigos.

Depois de algum tempo, os amigos começaram a se inquietar com Danny.

— Ele está mudado — disse Pilón. — Ele está velho.

Jesus Maria sugeriu:

— Este Danny pintou o bom tempo da vida em apenas três semanas. Está doente de prazer.

Em vão os amigos tentaram retirá-lo da caverna da sua apatia. Pela manhã, na varanda, contavam as histórias mais engraçadas que sabiam. Contavam os detalhes da vida amorosa de Tortilla Flat de maneira tão penetrante que poderia ter interesse para alunos de dissecção. Pilón revirava o Flat à cata de notícias e trazia para casa motivos de interesse para Danny.

— Você não está de boa saúde — insistia Jesus Maria, em vão. — Há algum amargo segredo no seu coração.

— Não — dizia Danny.

Os amigos notaram que ele deixava que as moscas passeassem pelos seus pés muito tempo e que, quando as enxotava, não havia energia no seu gesto. Gradualmente, o espírito à vontade, o riso pronto desapareceram da casa e se enfurnaram no escuro poço da quietude de Danny.

Oh, era uma pena ver o Danny que lutara por causas perdidas — ou por quaisquer outras causas: o Danny que podia beber, copo por copo, com qualquer homem do mundo; o Danny que respondia ao apelo do amor como um tigre que desperta. Agora, ele se sentava na varanda, à luz do sol, com os joelhos encostados ao peito, os braços por cima dos joelhos, as mãos a balançar, a cabeça caída para a frente como sob um pesado e negro pensamento. Os seus olhos não eram animados pela luz do desejo ou do desgosto, da alegria ou da dor.

Pobre Danny, como a vida te deixou! Tu te sentas aí como o primeiro homem antes de que o mundo crescesse em torno dele e como o último homem depois que o mundo se desfez. Mas vê, Danny! Não estás só. Os teus amigos foram afetados pelo teu estado. Olham-te de soslaio. Eles olham, como cães expectantes, o primeiro movimento de despertar do seu senhor. Uma palavra alegre partida de ti, Danny, um olhar alegre — e eles ladrarão e morderão as suas caudas. A tua vida não é sòmente tua, Danny, pois governa outras vidas. Vê como os teus amigos sofrem! Volta à vida, Danny, para que os teus amigos possam viver novamente!

Isto, com efeito, embora não com tão belas palavras, foi o que Pilón disse. Pilón ofereceu um cântaro de vinho a Danny.

— Venha — disse ele. — Saia da casca.

Danny tomou o cântaro e o esgotou. E, depois, se sentou e tentou encontrar novamente o seu Nirvana emocional.

— Você se feriu em algum lugar? — perguntou Pilón.

— Não — disse Danny.

Pilón encheu novamente o seu cântaro de vinho e prestou atenção ao seu rosto, enquanto o vinho desaparecia. Os olhos perderam o brilho fosco. Em qualquer parte, nas profundezas da alma, o velho Danny volveu à vida por um momento. Ele matou uma mosca com um golpe de mão que teria feito justiça a um senhor.

Vagarosamente, um sorriso se espalhou pela face de Pilón. E, mais tarde, ele reuniu todos os amigos, Pablo, Jesus Maria, Big Joe, o Pirata, Johnny Pom-pom e Tito Ralph.

Pilón os levou para o valado, atrás da casa.

— Eu dei a Danny o que restava do vinho e isso lhe fez bem. O que Danny precisa é de muito vinho e, talvez, uma festa. Onde poderemos arranjar vinho?

Os seus espíritos remexeram as possibilidades de Monterey como ratos em celeiro, mas não eram ratos. Estes amigos eram levados por um altruísmo mais puro do que muitos homens podem conceber. Eles amavam Danny.

Jesus Maria disse, finalmente:

— Chin Kee está secando lulas.

Os seus espíritos se alertaram, se voltaram com curiosidade e examinaram a proposta, recuaram novamente, fungaram. Passaram-se muitos momentos antes de que as suas imaginações, chocadas, se acostumassem à coisa.

— Mas, afinal de contas, por que não? — discutiam, silenciosamente. — Um dia não será mau — somente um dia.

O rosto dos amigos mostrava o progresso da batalha e como estavam derrotando os seus receios, no interesse do bem-estar de Danny.

— Nós o faremos — disse Pilón. — Amanhã nós desceremos todos e trabalharemos nas lulas. Amanhã à noite daremos uma festa para Danny.

Quando Danny acordou na manhã seguinte, a casa estava deserta. Ele se levantou da cama e olhou os cômodos silenciosos.

Mas Danny não era homem para matutar por muito tempo. Pôs de lado, como problema e, depois, como pensamento. Dirigiu-se para a varanda da frente e, negligentemente, se sentou.

Estás-te prevenindo, Danny? Receias a sorte que se encaminha para ti? Não haverá mais prazeres? Não. Danny se afundava em si mesmo como durante toda a semana que passara.

Não acontecia o mesmo com Tortilla Flat. Logo cedo o boato correu:

— Os amigos de Danny estão trabalhando nas lulas de Chin Kee.

Era um portento, como a derrubada do governo — ou do sistema solar. Falava-se nas ruas, a notícia era transmitida, através das cercas, as senhoras que estavam exatamente se apressando para passá-la adiante.

— Todos os amigos de Danny estão trabalhando nas lulas.

A manhã estava eletrificada com as notícias. Devia haver algum motivo, algum segredo. As mães deram instruções aos filhos e os mandaram, a correr, para a venda de lulas de Chin Kee. Jovens matronas esperavam, ansiosamente, atrás das cortinas, por notícias mais novas. E as notícias chegavam.

— Pablo feriu a mão com uma faca de limpar lula.

— Chin Kee deu pontapés nos cães do Pirata.

Correrias.

— Os cães estão de volta.

— Pilón parece zangado.

Outras notícias menores foram deixadas de lado. Durante meses, nada tão excitante havia acontecido. Durante toda uma manhã, ninguém falou de Cornélia Ruiz. Somente ao meio-dia a notícia verdadeira se espalhou, mas então se espalhou com incrível rapidez.

— Vão dar uma grande festa para Danny.

— Todo mundo vai.

Começaram a partir instruções da venda de lulas. A Sra. Morales tirou a poeira do seu fonógrafo e escolheu os discos mais vibrantes. Algumas faíscas brilharam — e Tortilla Flat era pólvora. Sete amigos, em verdade, a dar uma festa para Danny! Era como dizer que Danny tinha apenas sete amigos! A Sra. Soto desceu para o seu galinheiro com uma faca de cozinha na mão. A

Sra. Palochico derramou um saco de açúcar na sua maior panela para fazer doces. Uma delegação de moças foi à loja Woolworth, em Monterey, e comprou todo o estoque de papel de seda. Guitarras e acordeões eram experimentados em todo Tortilla Flat.

Notícias! Mais notícias vindas da venda de lulas. Eles vão dar a festa. Estão firmes. Terão pelo menos 14 dólares. Arranjem 14 galões de vinho.

Torrelli estava esmagado com a atividade da sua casa. Todo mundo queria comprar um galão de vinho para levar à casa de Danny. O próprio Torrelli, levado pela fúria do movimento, disse à mulher:

— Talvez vamos à casa de Danny. Levarei alguns galões de vinho para os meus amigos.

À medida que a tarde passava, ondas de excitação se sucediam no Flat. Vestidos jamais usados em toda a vida eram desenterrados das malas e postos a arejar. Xales que as traças haviam desprezado durante duzentos anos pendiam das cordas, nas varandas, exsudando o odor das bolas de naftalina.

E Danny? Ele continuava sentado, como um homem semimorto. Movia-se apenas quando o sol mudava de posição. Se notou que todos os habitantes de Tortilla Flat passaram pela sua porta essa tarde, não o demonstrou. Pobre Danny! Pelo menos duas dúzias de pares de olhos o escrutaram, de passagem. Mais ou menos às quatro da tarde, ele se levantou, espichou os músculos e saiu do quintal, na direção de Monterey.

Mal o deixaram desaparecer na estrada. Oh, os enfeites de papel de seda, amarelos, vermelhos, verdes! Oh, as velas raspadas, as raspas de cera atiradas no chão! Oh, as loucas crianças, que deslizavam sobre a cera!

Apareceu comida. Bacias de arroz, panelas de galinha, coisas de deixar água no bico! E vinho, galões e galões de vinho. Martínez desenterrou, de sob uma pilha de estrume, uma caixa de uísque de batata e o levou para a casa de Danny.

Às 5,30 os amigos subiram a colina, cansados e sujos de sangue, mas triunfantes. Assim devia estar a Guarda de Ouro, ao voltar a Paris depois de Austerlitz. Viram a casa, brilhando de cores. Riram — e o seu cansaço desapareceu. Estavam tão felizes que lágrimas lhes assomaram aos olhos.

Mama Chipo entrou no quintal, seguida pelos seus dois filhos, que traziam uma bacia de salsa pura nas mãos. Paulito, o folgazão, abanava o fogo sob uma grande panela de feijão e de "chili". Cantavam-se canções, as mulheres gritavam, as crianças excitadas faziam uma barulheira infernal.

Um carro cheio de policiais apreensivos chegou de Monterey

— Oh, é apenas uma festa. Claro, tomaremos um copo de vinho. Não matem ninguém.

Onde está Danny? Solitário como a fumaça numa noite clara e fria, ele vagueia por Monterey dentro da noite. Vai ao correio, à estação, à rua Alvarado, ao cais onde a água negra se lamenta por entre os molhes. Que há contigo, Danny? Que é que te faz triste? Danny não sabe. Há uma dor no seu coração, como o adeus de uma mulher querida, há uma vaga tristeza no seu peito, como o desespero do outono. Passou pelos restaurantes a cujas portas gostava de parar, aspirando o ar, mas nenhum apetite despertou nele. Passou pelo grande estabelecimento de Madame Zuca e não fez gestos obscenos para as pequenas que se encontravam à janela. Voltou para o cais. Inclinou-se sobre a grade e olhou para a água profunda. Sabes tu, Danny, que o vinho da tua vida se está derramando nos cântaros dos deuses? Vês a procissão dos teus dias na água oleosa que se agita entre os molhes? Ele ficou imóvel, fitando a água.

Começaram a se inquietar por sua causa, quando começou a escurecer. Os amigos deixaram a festa e marcharam, colina abaixo, para Monterey. Eles perguntavam:

— Você viu Danny?

— Vi, sim, Danny passou por aqui há uma hora. Ele estava andando devagar.

Pilón e Pablo caçavam-no juntos. Encontraram a pista do amigo e, afinal, o viram, no fim do escuro molhe. Estava sob um dos pequenos faróis do cais. Correram para ele.

Pablo não o mencionou então, mas, depois, era seu costume quando se falava de Danny, descrever o que vira, quando ele e Pilón marcharam para o cais, ao encontro de Danny.

— Lá estava ele — dizia Pablo. — Pude apenas vê-lo, inclinando-se sobre a grade. Olhei para ele e vi alguma coisa mais. A princípio parecia uma nuvem negra no ar, sobre a cabeça de

Danny. E, depois, vi que era um grande pássaro preto, grande como um homem. Ele se pendurava do ar como um gavião sobre a toca de um coelho. Eu fiz o sinal da cruz e rezei duas ave-marias. O pássaro desaparecera, quando chegamos junto de Danny.

Pilón não tinha visto o pássaro. Ademais, Pilón não se lembrava de Pablo haver feito o sinal da cruz e rezado a ave-maria. Mas jamais se meteu na história, pois a história era de Pablo.

Eles andaram rapidamente na direção de Danny. As lajes do cais ecoavam surdamente sob os seus pés. Danny não se voltou. Eles o pegaram pelos braços e o voltaram de frente.

— Danny! Que há com você?

— Nada. Estou bem.

— Está doente, Danny?

— Não.

— Então, por que é que você tem estado tão triste?

— Não sei — disse Danny. — Estou assim. Não quero fazer nada.

— Talvez um médico pudesse fazer alguma coisa, Danny.

— Eu já disse que não estou doente.

— Então veja — exclamou Pilón. — Estamos dando uma festa para você na sua casa. Todo mundo de Tortilla Flat está por lá e há música, vinho, galinha. Há talvez vinte ou trinta galões de vinho. E bonitos enfeites de papel. Você não quer vir?

Danny respirou profundamente. Por um momento ele se voltou para a água negra e profunda. Talvez tenha sussurrado aos deuses uma promessa — ou um desafio. Ele voltou-se novamente para os amigos. Os seus olhos estavam febris.

— Claro que sim. Vamos depressa. Estou com sede. Há muitas pequenas?

— Muitas. Todas as pequenas.

— Vamos embora. Depressa.

Ele foi na frente, subindo a colina a correr. Muito antes de chegarem já podiam ouvir a doçura da música através dos pinheiros, as vozes excitadas e felizes. Os três chegaram numa carreira louca. Danny levantou a cabeça e uivou como um lobo das planícies. Os copos de vinho se levantaram em sua honra. Ele tomou um gole de cada.

Aquilo é que era uma festa! Depois, sempre que alguém falava de uma festa com entusiasmo, alguém certamente diria, com reverência:

— Você esteve na festa em casa de Danny?

E, a menos que o interlocutor fosse um ádvena, ali estivera. Aquilo é que era festa! Ninguém jamais tentou dar uma festa melhor. Isso era uma coisa impossível de pensar, pois, dentro de dois dias, a festa de Danny ficou fora de comparação com quaisquer outras festas. Que homem saiu, nessa noite, sem algum talho ou arranhão glorioso? Nunca houve tanta luta. Lutas, não entre dois homens, mas batalhas que se travavam entre grupos compactos de homens, cada qual lutando por si mesmo.

Oh, o riso das mulheres! Oh, os gritinhos de protestos vindos do valado! Padre Ramón ficou absolutamente surpreendido e incrédulo com as confissões, na semana seguinte. Toda a alma feliz de Tortilla Flat se libertou das restrições e se elevou no ar, como uma unidade em êxtase. Dançaram tão pesadamente que o soalho cedeu num canto. Os acordeões eram vibrados tão alto que depois ficaram inutilizados, como cavalos empanturrados de forragem.

E Danny... Assim como a festa não tinha comparação, Danny desafiava emulação como dono de festa. No futuro, os olhos olhariam, zombeteiramente, para o tagarela que dissesse:

— Vocês me viram? Vocês me viram pedir aquela espiga para dançar? Vocês nos viram rodar e rodar, como gatos, pela sala?

Alguma voz, com a convicção de haver conhecido o limite das possibilidades, perguntaria, tranqüilamente:

— Você viu Danny na noite da festa?

Um dia, algum historiador escreverá uma fria e seca história da Festa. Ele pode referir-se ao momento em que Danny desafiou e atacou todos os convidados, homens, mulheres e crianças, com um pé de mesa, e pode concluir:

"Um organismo à morte é — como muitas vezes se observa — capaz de extraordinária resistência e força".

Referindo-se à sobre-humana atividade de Danny nessa noite. esse mesmo historiador pode escrever, sem que a mão lhe trema:

"Quando qualquer organismo vivo é atacado, toda a sua função parece dirigir-se no sentido da reprodução."

Mas eu digo, e o povo de Tortilla Flat dirá — "Ao diabo, vocês todos!" Ninguém fez contas e, depois, naturalmente, nenhuma senhora admitirá, de boa vontade, que tenha sido ignorada, de maneira que a proeza de Danny pode estar um tanto exagerada. Um décimo dessa proeza seria exagero para qualquer pessoa no mundo.

Aonde quer que Danny fosse, magnífica loucura se produzia. Afirma-se, apaixonadamente, em Tortilla Flat, que Danny, sozinho, bebeu três galões de vinho. Devemos lembrar, entretanto, que Danny agora é um deus. Em alguns anos talvez já se fale em trinta galões. Em vinte anos, pode ser que todos se lembrem de que as nuvens flamejaram e escreveram DANNY em letras enormes; que a lua pingou sangue; que o lobo do mundo uivou profeticamente, nas montanhas da Via Látea.

Gradualmente, alguns, cuja construção era menos firme do que a de Danny, começaram a entristecer, a cambalear, a perder o pé. Os que resistiam gritavam ainda mais, lutavam com mais valor, dançavam com mais fúria. Em Monterey, os motores dos carros de incêndio estavam funcionando e os bombeiros, com os seus chapéus vermelhos e os seus capotes, estavam sentados, silenciosos, à espera.

A noite passava rapidamente e Danny vociferava por entre os convidados.

O que aconteceu é atestado por muitas testemunhas, homens e mulheres. E, embora o seu valor como testemunhas seja por vezes contestado, sob a alegação de que beberam trinta galões de vinho e uma caixa de uísque de batata, essa gente está certa quanto aos pontos principais. Foram precisas algumas semanas para conseguir a história completa — um dizia uma coisa, outro dizia outra. Mas, gradualmente, o relato se esclareceu na forma razoável que tem agora e terá sempre.

Danny — diz o povo de Tortilla Flat — estava a mudar rapidamente de forma. Tornava-se enorme e terrível. Os seus olhos brilhavam como os faróis de um automóvel. Havia alguma coisa de aterrorizante em torno dele. Ali estava ele, no quarto da sua própria casa. Tinha o pé de mesa na mão direita — e até mesmo o pé de mesa aumentara de tamanho. Danny desafiou o mundo.

— Quem quer lutar? — gritou ele. — Não haverá ninguém no mundo que não tenha medo?

Todos estavam com medo. O pé de mesa, vivo e vigoroso, se tornara um terror para todos. Danny o sacudia para a frente e para trás. Os acordeões pararam. A dança se interrompeu. A sala ficou gelada e o silêncio parecia rugir no ar como um oceano.

— Ninguém? — gritou Danny novamente. — Estou sozinho no mundo? Ninguém lutará comigo?

Os homens se encolheram ante os seus olhos terríveis e acompanharam, fascinados, o movimento do pé de mesa no ar. E ninguém respondeu ao desafio.

Danny levantou o corpo. Diz-se que à sua cabeça pouco faltava para bater no teto.

— Então sairei à procura daquele que lutará. Eu encontrarei o inimigo digno de Danny!

Ele marchou a grandes passos para a porta, vacilando um tanto. Os convidados, tomados de pavor, abriram caminho. Danny se curvou para atravessar a porta. Os convidados se conservaram quietos, a escutar.

Do lado de fora da casa, ouviram o rugido do seu desafio. Ouviram o pé de mesa assobiar como um meteoro no ar. Ouviram os seus passos pelo quintal. E, depois, atrás da casa, no valado, ouviram um desafio em resposta, tão terrível e tão gelado que as suas espinhas murcharam como folhas de mastruço sob a geada. Mesmo agora, quando se fala do Adversário de Danny, os homens abaixam a voz e olham furtivamente em torno de si. Ouviram o arremesso de Danny ao campo da luta. Ouviram ainda o seu último grito de desafio e, depois, um fragor. E, por fim, o silêncio.

Os convidados esperaram um longo momento, prendendo a respiração, receando que o ar saído dos seus pulmões pudesse prejudicar qualquer som. Mas escutaram em vão. A noite estava silenciosa e a cinzenta madrugada vinha-se aproximando.

Pilón rompeu o silêncio.

— Houve alguma coisa — disse ele.

E foi Pilón quem primeiro atravessou a porta para a noite. Homem bravo, nenhum terror o podia deter! Os convidados o seguiram. Chegaram aos fundos da casa, onde os passos de Danny haviam soado, mas não viram Danny. Chegaram ao extremo do

valado, onde um difícil caminho em ziguezague levava ao fundo desse antigo curso dágua, em que nenhum regato fluíra durante muitas gerações. Os convidados viram Pilón meter-se pelo caminho abaixo. Seguiram-no, vagarosamente. E encontraram Pilón no fundo do valado, inclinado sôbre Danny, esmagado e retorcido. Caíra de quarenta pés de altura. Pilón acendeu um fósforo.

— Acho que ele está vivo — gritou. — Vão buscar um médico. Chamem o padre Ramón.

Os convidados se dispersaram. Dentro de quinze minutos, quatro médicos foram despertados e retirados da cama por frenéticos "paisanos". Não lhes foi permitida essa vagarosidade com que os médicos gostam de mostrar que não são escravos das emoções. Não! Foram empurrados e tiveram as suas caixas de instrumentos metidas nas mãos por "paisanos" incapazes de dizer o que queriam. Padre Ramón, arrancado da cama, subiu a colina a se vestir, sem saber se se tratava de um diabo para esconjurar, uma criança a batizar antes de morrer ou um linchamento para assistir. Entrementes, Pilón, Pablo e Jesus Maria carregavam Danny e o deitaram na cama. Acenderam velas em torno dele. Danny respirava pesadamente.

Primeiro, chegaram os médicos. Olharam com suspeita uns para os outros, considerando a questão da procedência. Mas esse momento de atraso produziu olhares ameaçadores nos convidados. Estavam já no trabalho quando o padre Ramón chegou.

Não entrarei no quarto com o padre Ramón, pois Pilón, Pablo, Jesus Maria, Big Joe, Johnny Pom-pom, Tito Ralph, o Pirata e os seus cães lá estavam — e eles eram a família de Danny. A porta estava, e está fechada, pois, afinal de contas, os homens têm orgulho e algumas coisas não devem ser reveladas.

Mas, no grande cômodo, entupido com o povo de Tortilla Flat, havia tensão e um silêncio expectante. Médicos e sacerdotes criaram um meio sutil, de comunicação. Quando o padre Ramón saiu do quarto o seu rosto não mudara, mas, ao vê-lo, as mulheres irromperam num choro alto e terrível. Os homens descansaram ora num, ora noutro pé, como cavalos no estábulo, e, depois, saíram para a madrugada. E a porta do quarto continuou fechada.

XVII

De como os pesarosos
amigos de Danny desafiaram as convenções.
De como o talismã foi queimado.
De como cada qual dos amigos
partiu sozinho.

A morte é um assunto pessoal, que desperta pesar, desespero, fervor ou uma calorosa filosofia. Os funerais, por outro lado, são funções sociais. Imagine-se uma pessoa ir a um enterro sem primeiro lavar o automóvel. Imagine-se uma pessoa ficar de pé ao lado de uma sepultura sem estar vestida com o melhor terno preto e calçada com sapatos bem lustrados. Imagine-se uma pessoa mandar flores para um defunto sem cartão para provar que essa pessoa fez o que devia. Em nenhuma instituição social o ritual codificado é mais rígido do que nos funerais. Imagine-se a indignação, se o ministro do Senhor alterasse o seu sermão. Considere-se o choque, se, na vigília do morto, só se usasse essas terríveis e torturantes cadeiras amarelas de assento duro. Não, morrendo, um homem pode ser amado, odiado, lamentado, ou fazer falta. Mas, uma vez morto, ele se torna o principal ornamento de uma complicada e formal comemoração social.

Danny estava morto, havia dois dias que estava morto. E já deixara de ser Danny. Embora o rosto das pessoas estivesse decente e pesarosamente velado de tristeza, havia excitação nos seus corações. O governo prometera um enterro militar para todos os ex-soldados que o desejassem. Danny fora o primeiro, em Tortilla Flat, a seguir para a linha de frente, e Tortilla Flat estava pronta

a tirar a prova as promessas do governo. A notícia já chegara ao Presídio e o corpo de Danny já fora embalsamado às custas do governo. Já um caixão fora recentemente pintado e estava à espera, na carreta de artilharia, com uma nova bandeira desdobrada sobre a tampa. Já a ordem do dia para a sexta-feira estava escrita:

> "Das 10 às 11 da manhã, funeral. Escolta, Esquadrão A, 11º de Cavalaria, Banda de Música e Pelotão de Atiradores do 11º de Cavalaria."

Estas coisas não eram de molde a fazer com que todas as mulheres de Tortilla Flat descessem a fazer compras no National Dollar Store de Monterey? Durante o dia, crianças de nariz sujo corriam as ruas de Monterey pedindo flores nos jardins para o funeral de Danny. E, à noite as mesmas crianças visitavam os mesmos jardins para aumentar os seus ramilhetes.

Na festa, haviam sido usados os melhores vestidos e roupas. Durante os dois dias de intervalo, essas roupas tiveram de ser lavadas, remendadas e passadas a ferro. A atividade era frenética. A excitação era decentemente intensa.

Na noite do segundo dia, os amigos se reuniram na casa de Danny. O choque e o vinho haviam passado e agora eles estavam tomados de horror, pois, em todo Tortilla Flat eles, que mais amavam Danny, que mais haviam recebido das suas mãos, eles, os "paisanos", eram os únicos que não podiam assistir ao funeral do amigo. Entre dores de cabeça haviam-se tornado cônscios dessa esmagadora tragédia, mas somente essa noite a situação se tornara tão concreta que devia ser enfrentada. Ordinariamente as suas roupas eram indizíveis. A festa envelhecera de muitos anos as suas camisas e as suas calças. Onde estava o joelho de calça sem rasgão? Onde estava a camisa que não estivesse em tiras? Se alguma outra pessoa tivesse morrido, poderiam tomar roupas emprestadas. Mas não havia ninguém no Tortilla Flat que não estivesse para usar as suas boas roupas no funeral. Somente Cocky Riordan não ia, mas Cocky estava de quarentena por causa de varíola, e o mesmo acontecia com as suas roupas. Poderiam pedir ou roubar dinheiro para comprar um terno, mas era simplesmente impossível arranjar dinheiro para seis ternos.

Você poderá dizer: não amavam eles bastante a Danny, para ir ao seu enterro em farrapos? Iria você em trapos, se os seus vizinhos fossem luxuosamente vestidos? O desrespeito a Danny não seria maior se fossem em farrapos do que se não fossem de maneira alguma?

O desespero que se abatia sobre o seu coração era incalculável. Maldisseram da sorte. Pela porta da frente, podiam ver Gálvez a se exibir. Gálvez comprara um novo terno para o funeral e o vestia com 24 horas de antecedência. Os amigos se postavam de queixo na mão, esmagados pela sua má sorte. Todas as possibilidades haviam sido discutidas.

Pilón, uma vez na vida, desceu ao absurdo.

— Devemos sair esta noite e roubar um terno para cada um — sugeriu ele.

Sabia que era uma estupidez, pois cada terno estaria sobre uma cadeira, ao lado da cama, essa noite. Seria a morte o roubo de um terno.

— O Exército de Salvação às vezes dá ternos — disse Jesus Maria.

— Estive lá — disse Pablo. — Eles têm quatorze vestidos desta vez, mas nenhum terno para homem.

Por todos os lados, a sorte estava contra eles. Tito Ralph entrou com o seu novo lenço verde para fora do bolso do paletó, mas a hostilidade com que foi recebido fê-lo sair do quarto com desculpas.

— Se tivéssemos uma semana, poderíamos secar lulas — disse Pilón, heroicamente. — O funeral é amanhã. Devemos olhar esta coisa de frente. Naturalmente podemos ir ao funeral.

— Como? — interrogaram os amigos.

— Podemos ir pelo passeio, enquanto a banda de música e o povo vão pela rua. Há somente grama em torno da cerca do cemitério. Podemos ficar na grama e ver tudo.

Os amigos olharam para Pilón, satisfeitos. Sabiam como o seu agudo engenho estivera a sondar as possibilidades. Mas era apenas metade, menos de metade, ver o funeral. Serem vistos no funeral era a metade mais importante. Isso era o melhor que podiam fazer.

— Com isto aprendemos uma lição — disse Pilón. — Devemos ter sempre um bom terno à mão. Nunca se pode saber o que vai acontecer.

Deixaram nesse pé o assunto, mas sentiram que haviam fracassado. Durante a noite vagaram pela cidade. Então, qual o jardim que não foi privado das suas mais belas flores? Pela manhã, a cova que devia receber o corpo de Danny estava quase escondida sob um montão das mais belas flores dos melhores jardins de Monterey.

Nem sempre a Natureza arranja os seus efeitos com bom gosto. Realmente, choveu antes de Waterloo e 40 pés de neve se acumularam no caminho do Donner Party. Mas a sexta-feira se revelou um belo dia. O sol se levantou como se fosse dia de convescote. As gaivotas voaram, através da sorridente baía, para as fábricas de sardinha em conserva. Os pescadores tomaram os seus lugares nas rachas, com a maré vazante. A Palace Drug Company arriou as suas cortinas de lona para proteger as vermelhas garrafas de aguardente das vitrinas contra a ação química do sol. O Sr. Machado, o alfaiate, pôs um letreiro na janela — "Voltarei dentro de dez minutos" — e foi para casa, vestir-se para o funeral. Três redes foram retiradas da água, pejadas de sardinhas. Louie Duarte pintava o seu bote e lhe mudava o nome, de "Lolita" para "Os Três Primos". Jake Lake, o policial, multou um carro vindo de Del Monte, depois relaxou a multa e comprou um charuto.

É um enigma. Como pode a vida continuar o seu curso estúpido num dia como este? Como pode Mamie Jackson lavar o passeio em frente à sua casa? Como pode George W. Merk escrever a sua quarta e violenta carta à companhia de águas? Como pode Charlie Marsh estar tão imundamente bêbedo como sempre? É um sacrilégio. É um ultraje.

Os amigos de Danny despertaram tristemente e se levantaram do chão. A cama de Danny estava vazia. Era como a ordenança de um oficial que segue o seu senhor até o túmulo. Nem mesmo Big Joe Portagee lançara olhares cobiçosos sobre a cama de Danny. O sol brilhava entusiasticamente através da vidraça e desenhava sombras delicadas com as teias de aranha, no chão.

— Danny gostava de manhã como esta — disse Pilón.

Depois da sua viagem até o valado, os amigos se sentaram na varanda da frente e celebraram a memória do amigo. Lealmente, lembraram e proclamaram as virtudes de Danny. Lealmente, esqueceram os seus defeitos.

— E forte! — disse Pablo. — Ele era forte como um cavalo! Podia levantar uma saca de trigo.

Contou pequenas histórias de Danny, da sua bondade, da sua coragem, da sua piedade.

Em breve chegou o momento de ir para a igreja, de andar pela rua nos seus trajes esfarrapados. Sentiam-se envergonhados quando pessoas mais felizes entravam na igreja, lindamente vestidas, prodigamente perfumadas com Água Flórida. Os amigos podiam ouvir a música e os cantos religiosos. Da posição que ocupavam, viram a cavalaria chegar, a banda de música com os tambores cobertos de luto, o pelotão de atiradores, a carreta puxada por três parelhas de cavalos e um cavalariano montado sobre o cavalo do lado esquerdo de cada parelha. O passo pesaroso dos cavalos no asfalto trouxe o desespero para o coração dos amigos. Intranqüilos, viram o capacete ser colocado sobre o caixão, por cima da bandeira que o cobria. O oficial soprou o seu apito, levantou a mão e apontou para a frente. O esquadrão se movimentou, o pelotão de atiradores arriou os seus fuzis. Os tambores iniciaram o seu ritmo vagaroso, de cortar o coração. A banda tocou uma marcha fúnebre. O caixão se pôs em movimento. O povo marchava majestosamente atrás, os homens eretos e austeros, as mulheres elegantemente suspendendo as saias pelo caminho aberto pela cavalaria. Todo mundo estava ali, — Cornélia Ruiz, a Sra. Morales, Gálvez, Torrelli e a sua gorda mulher, a Sra. Palochico, Tito Ralph, o traidor, Sweets Ramírez, o Sr. Machado, — todos os que valiam alguma coisa em Tortilla Flat, e todos os demais, estavam ali.

É alguma coisa de mais que os amigos não pudessem agüentar a vergonha e a miséria? Por algum tempo eles se esgueiraram pelos caminhos laterais, cheios de heroísmo.

Jesus Maria foi o primeiro a correr. Ele soluçava de vergonha, pois o pai fora um rico e respeitado lutador. Jesus Maria abaixou a cabeça e correu, os outros amigos o seguiram e os cães saltaram atrás deles.

Antes de que a procissão estivesse à vista, os amigos de Danny estavam postados entre o mato alto que cercava o cemitério. A cerimônia foi curta, militar. O caixão foi abaixado para a cova, os fuzis dispararam, os tambores rufaram e Enrique, Fluff, Pajarito, Rudolph e Señor Alec Thompson arriaram a cabeça para trás e uivaram. O Pirata se orgulhou dos seus cães!

A cerimônia terminou em pouco tempo e os amigos se afastaram apressadamente, para que ninguém os visse.

Tinham de passar pela casa deserta de Torrelli, de qualquer maneira, no caminho de casa. Pilón entrou na casa por uma janela e trouxe dois galões de vinho. E depois eles demandaram vagarosamente, a quieta casa de Danny. Cerimoniosamente, encheram os cântaros e beberam vinho.

— Danny gostava de vinho — disseram eles. — Danny era feliz quando tinha um pouco de vinho.

A tarde passou e veio a noite. Cada homem, enquanto bebericava o seu vinho, remexia no passado. Às sete horas, Tito Ralph, envergonhado, trouxe uma caixa de charutos. Os amigos acenderam os charutos e abriram o segundo galão de vinho. Pablo ensaiou algumas notas de canção "Tuli Pan", para ver se a voz estava boa.

— Cornélia Ruiz estava sozinha hoje — disse Pilón, matutando.

— Talvez fosse bom cantar algumas canções tristes — disse Jesus Maria.

— Mas Danny não gostava de canções tristes — insistiu Pablo. — Ele gostava de canções alegres, sobre mulheres interessantes.

Todos eles balançaram a cabeça gravemente:

— Sim, Danny gostava muito de mulheres.

Pablo ensaiou o segundo verso de "Tuli Pan", Pilón auxiliou um pouco e os outros entraram na canção já no fim.

Quando a canção terminou, Pilón soltou uma baforada de fumo do seu charuto, mas em vão, pois o charuto se apagara.

— Tito Ralph, — disse ele, — por que você não traz a sua guitarra, para a gente poder cantar melhor?

Pilón acendeu o charuto e atirou o fósforo para o lado.

O pequeno pau de fósforo, aceso, caiu sobre um jornal velho que se encontrava junto à parede. Todos os homens saltaram para apagá-lo, mas todos os homens tiveram de repente um pensamento celeste e recuaram. Olharam-se nos olhos e sorriram o sorriso dos desesperançados. Num sonho, viram a chama estremecer e quase morrer e voltar à vida novamente. Viram-na florescer sobre o jornal. Assim falam os deuses nas pequenas coisas. E os homens continuaram a sorrir enquanto o jornal queimava e a madeira seca era envolvida pelo fogo.

Assim devia ser, ó sábios amigos de Danny. O laço que vos mantinha unidos se partira. O ímã que vos atraía perdera a sua virtude. Algum estranho seria o dono da casa, algum ignoto parente de Danny. É melhor que este símbolo da sagrada amizade, esta boa casa de festas e de lutas, de amor e de conforto, morra como Danny morreu, num último e glorioso assalto contra os deuses.

Eles sorriam. E a chama trepava, como uma cobra, para o teto, irrompia pelo telhado e rugia no ar. Só então os amigos se levantaram das cadeiras e saíram, como sonâmbulos, para a rua.

Pilón, que aproveitava todas as lições, levou consigo o que restava do vinho.

As sirenas gritavam em Monterey. Os caminhões dos bombeiros subiram a colina a toda velocidade. Os holofotes brincavam por entre os pinheiros. Quando os homens do fogo chegaram a casa era uma grande massa de chamas. As mangueiras umedeceram as árvores e os arbustos, para impedir que as chamas se espalhassem.

Entre o povo de Tortilla Flat, os amigos de Danny ficaram a apreciar o incêndio, até que, afinal, a casa fosse um montão de cinzas negras e fumegantes. Então os carros dos bombeiros desceram novamente a colina, de volta.

O povo de Tortilla Flat se fundiu na escuridão. Os amigos de Danny ainda se postavam a olhar as ruínas. Olharam estranhamente uns para os outros e, depois, para a casa incendiada. E, depois de algum tempo, se voltaram e se afastaram vagarosamente, cada qual numa direção.

BIBLIOGRAFIA

1929. CUP OF GOLD (A Copa de Ouro).
Novela.
Nova Iorque, Mac Bride.

1932. THE PASTURES OF HEAVEN (As Pastagens do Céu).
Romance.
Nova Iorque, Brewer, Warren e Putnam.

1933. TO A GOD UNKNOWN.
Romance.
Nova Iorque, Ballou.

Tradução brasileira:

AO DEUS DESCONHECIDO.
Tradução de Nair Bisony Massa, revista por José Reis.
São Paulo, Ibrasa, 1960.

1935. TORTILLA FLAT.
Romance.
Nova Iorque, Covici-Friede.

Tradução brasileira:

BOÊMIOS ERRANTES.
Tradução de Édison Carneiro.
Rio de Janeiro, Casa Editora Vecchi Ltda., 1942.
(É este o texto reproduzido na presente edição.)

1936. IN DUBIOUS BATTLE.
Romance.
Nova Iorque, Covici-Friede.

Tradução brasileira:

LUTA INCERTA.
Tradução de Gustavo Nonnenberg.
São Paulo, Editora Flama Ltda., 1944.

1937. OF MICE AND MEN.
Romance.
Nova Iorque, Covici-Friede.

Tradução brasileira:

RATOS E HOMENS.
Tradução de Érico Veríssimo.
Porto Alegre, Livraria do Globo, 1940.

1938. THE LONG VALLEY (O Grande Vale).
Novelas.
Nova Iorque, Viking Press.

THEIR BLOOD IS STRONG (O Sangue deles é Forte).
Artigos de jornal.
São Francisco, Simon J. Lubin Society of California.

1939. THE GRAPES OF WRATH.
Romance.
Nova Iorque, Viking Press.

Tradução brasileira:

AS VINHAS DA IRA.
Tradução de Ernesto Vinhaes e Herbert Caro.
Porto Alegre, Livraria do Globo, 1940.

1941. THE FORGOTTEN VILLAGE (A Aldeia Esquecida).
Cenário do filme de Kline e Hackensmid.
Nova Iorque, Viking Press.

SEA OF CORTEZ (O Mar de Cortez).
Em colaboração com F. F. Ricketts.
Nova Iorque, Viking Press.

1942. THE MOON IS DOWN.
Romance.
Nova Iorque, Viking Press.

Tradução brasileira:

NOITE SEM LUA.
Tradução de Monteiro Lobato.
São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1943.

BOMBS AWAY (Larguem as Bombas).
Ensaio.
Nova Iorque, Viking Press.

1945. CANNERY ROW.
Novela.
Nova Iorque, Viking Press.

Tradução brasileira:

CARAVANA DE DESTINOS.
Tradução de Sylvia Mendes Cajado.
São Paulo, Editora Universitária Ltda., 1945.

Tradução portuguesa:

BAIRRO DA LATA.
Tradução de Luiza Maria de Eça Leal.
Lisboa, Editora Ulisséia Ltda., s.d.

THE RED PONEY (O Pônei Vermelho).
Com "The Long Valley". Ilustrações de Wesley Dennis.
Nova Iorque, Viking Press; Toronto, MacMillan.

1947. THE PEARL.
Com ilustrações de José Clemente Orozco.
Nova Iorque, Viking Press.

Tradução brasileira:

A PÉROLA.
Tradução de José Geraldo Vieira.
Rio de Janeiro, Editora A Noite, 1948.

THE WAYWARD BUS.
Romance.
Nova Iorque, Viking Press.

Tradução brasileira:

O DESTINO VIAJA DE ÔNIBUS.
Tradução de Geraldo Erhardt Santos.
São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1948.

O DESTINO VIAJA DE ÔNIBUS.
Tradução de Frederico Branco.
São Paulo, Ibrasa, 1961.

1948. A RUSSIAN JOURNAL (Diário Russo).
Com ilustrações de R. Capa.
Nova Iorque, New York Herald tribune syndicate.

1950. BURNING BRIGHT (Fogo Brilhante).
Peça sob forma de história.
Nova Iorque, Viking Press.

1952. EAST OF EDEN.
Romance.
Nova Iorque, Viking Press.

Tradução brasileira:
A LESTE DO ÉDEN.
Tradução de José Geraldo Vieira.
São Paulo, Editora Mérito, 1954.

1954. SWEET THURSDAY.
Romance.
Nova Iorque, Viking Press.

Tradução brasileira:
DOCE QUINTA-FEIRA.
Tradução de Avelino Correia.
São Paulo, 1957.

1957. THE SHORT REIGN OF PIPPIN IV (O Breve Reinado de Pipin IV).
Invenção
Nova Iorque, Viking Press.

1958. ONCE THERE WAS A WAR (Era uma Vez uma Guerra).
Artigos de jornal.
Nova Iorque, Viking Press.

1961. THE WINTER OF OUR DISCONTENT.
Romance.
Nova Iorque, Viking Press.

Tradução brasileira:

O INVERNO DA NOSSA DESESPERANÇA.
Tradução de Breno da Silveira.
Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963.

1962. TRAVELS WITH CHARLEY IN SEARCH OF AMERICA (Viagens com Charley em Busca da América).
Ensaio.
Nova Iorque, Viking Press.

ÍNDICE

Kjell Strömberg

"Pequena história da atribuição do Prêmio Nobel a John Steinbeck 7

Anders Österling

Discurso de recepção 17

Brom Weber

Vida e obra de John Steinbeck 23

John Steinbeck

Boêmios Errantes 47

BIBLIOGRAFIA 225

BOÊMIOS ERRANTES
de
JOHN STEINBECK

*

Faz parte da
BIBLIOTECA DOS PRÊMIOS NOBEL DE LITERATURA
ideada pelas EDIÇÕES ROMBALDI, de Paris,
patrocinada pela
ACADEMIA SUECA
e pela
FUNDAÇÃO NOBEL

*

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

CRISTOBAL DE ACEVEDO
(concepção e direção literária)

GÉRARD ANGIOLINI
(direção artística)

PAULO RÓNAI
(adaptação e supervisão)

*

FONTANAROSA
(ilustrações)

MICHEL CAUVET
(retrato do autor e ornatos tipográficos)

*

Impresso por
COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
Indústrias de Papel